

**A produção oleira na Lisboa dos séculos XVI e XVII:
Um forno cerâmico no Largo das Olarias (Mouraria)**

(versão corrigida e melhorada após defesa pública)

Nuno Miguel Amaral de Paula

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Abril, 2019

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica de Professor Doutor André Pinto de Sousa Dias Teixeira.

*Aos meus pais,
por todos os vossos sacrifícios*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao meu orientador científico, o Professor Doutor André Teixeira, que a pouco mais de dois anos, quando precisei de ajuda na escolha de tema, depois de ser forçado por motivos diversos a alterar a escolha inicial, sugeriu encetar pelo caminho que hoje termino parcialmente, com a elaboração desta dissertação. Ao longo deste processo, mais demorado do que ambos gostaríamos, tenho de agradecer pela paciência e apoio dado, e pelas palavras de motivação que me foi transmitindo.

Seguidamente agradeço, a outra figura central que me guiou durante todo o processo de elaboração desta tese, a arqueóloga e investigadora do CHAM, Joana Bento Torres, por todas as longas horas que esta perdeu a ajudar-me. Durante todo o processo científico, esta tratou de me lembrar dos trabalhos a serem feitos e, infelizmente, de corrigir os múltiplos erros presentes nos desenhos técnicos, e sem dúvida, a ter a paciência comigo que nem eu próprio teria capacidade.

Faço questão de agradecer aos professores doutores Rodrigo Banha da Silva e José Carlos Quaresma, ambos que, em múltiplas fases desta dissertação me cederam o seu vasto conhecimento científico, e ambos tendo se mostrado sempre disponíveis a ajudar.

Gostaria de agradecer também à responsável pela intervenção arqueológica no Largo da Olarias e Travessa do Jordão, a investigadora Anabela Castro, por toda a informação e ajuda que me foi concedendo, e pelos momentos que foi dispensando da sua vida ocupada.

Parte das longas horas de trabalho que esta dissertação necessitou, foram passados na boa companhia dos vários colegas de licenciatura e mestrado de arqueologia, em especial alunos de licenciatura, muitos dos quais serão agora alunos de mestrado. A todos que me ajudaram no decorrer do processo de colagem e marcação do espólio a ser inventariado, muito obrigado.

À minha família, gostaria de agradecer aos meus pais e avós, à minha irmã e cunhado pelo carinho e apoio que sempre deram, sempre perguntando como corriam os trabalhos. Aos meus pais, tenho de agradecer por tudo o que sacrificaram para que eu pudesse ter a educação que sempre me prometeram e espero no futuro poder retribuir.

Falando de família, tenho de agradecer aquela que tive o privilégio de escolher, aos meus amigos de longa data, João Jardim, Yukissa Simão e André Fernandes. A todos vocês obrigado pela força e apoio que foram cedendo, e peço desculpa por todas os dias, tardes e noites que não vos pude acompanhar.

Terminando, tenho de agradecer à minha companheira de a já alguns anos, à Beatriz apenas posso agradecer pela imensa paciência que demonstrou ao longo destes anos de dissertação e pela ajuda que me foi dando durante os trabalhos de preparação e conclusão desta dissertação. Nos dias mais complicados, motivou-me a concluir todo este processo e por isso, tenho de agradecer.

**A PRODUÇÃO OLEIRA NA LISBOA DOS SÉCULOS XVI E XVII:
UM FORNO CERÂMICO NO LARGO DAS OLARIAS
(MOURARIA)**

**POTTERY PRODUCTION IN LISBON DURING THE XVI AND
XVII CENTURIES: A POTTERY KILN IN LARGO DAS OLARIAS
(MOURARIA)**

NUNO MIGUEL AMARAL DE PAULA

RESUMO

A intervenção arqueológica realizada em 2016 no Largo das Olarias revelou a presença de uma oficina composta por quatro fornos de cerâmica. Com a escavação destes fornos foi exumada uma vasta coleção de materiais, principalmente descartado. Esta dissertação incidiu num destes fornos, no Setor I, Sondagem 11, nomeadamente no estudo do respetivo espólio.

A aferição cronológica e tipológica desta coleção, juntamente com sua identificação funcional, permite tirar conclusões sobre as tipologias em uso na cidade de Lisboa em época moderna.

Deste modo, a presente dissertação tem como principal objetivo apresentar os resultados obtidos pelo estudo dos materiais arqueológicos e das evidências estruturais, em conjunto com a análise da bibliografia relevante, tanto aquela de vertente arqueológica como historiográfica, procurando fornecer um contributo apropriado para o conhecimento da Mouraria de Lisboa nos séculos XVI e XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Idade Moderna; Olaria; Mouraria; Cerâmica.

ABSTRACT

The archaeological intervention in Largo das Olarias that occurred in 2016 revealed the presence of a workshop composed of four ceramic kilns. With the excavation of these kilns a vast material collection was exhumed, composed mainly of rejected material. For this dissertation, the focus is on one of the kilns, namely the one in Sector I, Survey 11, and the study of its material collection.

The materials exhumed permit the study of its chronology and typology, as well as the functionality of its pieces, letting us infer about the main typologies in use in the city of Lisbon during the modern era.

This way, the main objective of this dissertation is to present the results obtained during the study of the material and structural evidence in conjunction with the analysis of the relevant bibliography, both that of the archaeological and historiographic aspects, in order to provide an appropriate contribution to the current knowledge of the Mouraria of Lisbon during the XVI and XVII centuries.

KEY-WORDS: Modern Age; Pottery; Mouraria; Ceramics

ÍNDICE

1. Introdução	12
2. Metodologia.....	15
3. O sítio arqueológico	18
3.1. A intervenção arqueológica	18
3.2. Estruturas e estratigrafia	20
3.3. O forno [1131]	24
3.4. As estruturas de produção oleira.....	28
4. Os materiais arqueológicos	35
4.1 Os fabricos.....	35
4.2 As formas.....	43
4.2.1 As cerâmicas de barro vermelho não vidradas.....	43
4.2.2 As cerâmicas de barro claro não vidradas	72
4.2.3 As cerâmicas de barro vermelho vidradas	78
4.2.4 As cerâmicas de barro claro vidradas	80
4.2.5 A cerâmica esmaltada/ as faianças.....	81
4.3. Contextualização do material cerâmico do forno [1131]	82
5. A produção oleira na Mouraria de Época Moderna	98
5.1. A produção do Forno [1131]	98
5.2 O forno [1131] e a produção cerâmica no Largo das Olarias n.ºs 19 a 23 e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15.....	106
5.3. A produção oleira na Mouraria em época Moderna	109
6. Considerações finais	118
BIBLIOGRAFIA	122
ANEXOS	133

I.	Apêndice A: Plantas de Lisboa.....	133
II.	Apêndice B: Plantas da intervenção arqueológica no Largo das Olarias	137
III.	Apêndice C: Registo fotográfico da intervenção arqueológica do Largo das Olarias	146
IV.	Apêndice D: Tabelas.....	152
V.	Apêndice E: Gráficos e tabelas sobre o estudo material.....	158
VI.	Apêndice F: Catálogo Material.....	170
VII.	Apêndice G : Tabelas das variantes e paralelos cronológicos detetados	256

LISTA DE ABREVIATURAS

AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses

CHAM – Centro de Humanidades

CML – Câmara Municipal de Lisboa

LOL16 – Largo das Olarias n.ºs 19 a 23 e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15, Campanha de 2016

MNI – Máximo Número de Indivíduos

PDM – Plano Diretor Municipal

SE11 – Sector 11

SDI – Sondagem I

U.E – Unidade Estratigráfica

1. Introdução

A presente dissertação consiste no estudo das estruturas ligadas à produção cerâmica encontradas na oficina cerâmica do Largo das Olarias n.ºs 19 a 23 e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15, descobertas no decorrer de um acompanhamento arqueológico realizado em 2016, com foco especial no único forno totalmente escavado, o forno [1131], e no estudo da coleção material dele exumada. Justifica-se o estudo deste sítio pela presença de uma olaria de período moderno, dotada de múltiplos fornos, em pleno bairro da Mouraria, em Lisboa, local historicamente associado à produção cerâmica da cidade.

Este estudo resulta da cooperação entre a equipa responsável pelo trabalho prospeção e escavação arqueológica realizada no sítio do Largo das Olarias, liderada por Anabela de Castro, membros do grupo de investigação de Arqueologia Moderna e Expansão Portuguesa, do Centro de Humanidades (CHAM) nomeadamente André Teixeira, Elisabete Conceição e Joana Bento Torres e eu próprio como aluno do mestrado em Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL).

No decorrer deste trabalho houve sempre a preocupação em contextualizar os resultados obtidos pelo estudo material com objetivo principal da dissertação, o de contribuir para o alargamento do conhecimento histórico e arqueológico sobre a Mouraria de Lisboa e a sua produção oleira em período moderno. A dimensão do espólio, bem como a descoberta de um contexto de oficina de época moderna em plena Mouraria permitiu dar continuidade aos trabalhos que se têm vindo a desenvolver e publicar sobre a ocupação deste mesmo bairro e continuar a redescobrir os traços produtivos deste recanto de Lisboa.

Assim o objetivo principal desta dissertação foi procurar contribuir para o conhecimento da Mouraria de Lisboa, com foco na produção cerâmica local. Para este fim foi necessário desenvolver uma série de tarefas, nomeadamente proceder ao estudo da informação obtida pelos trabalhos de escavação e prospeção realizados no âmbito de projetos de acompanhamento arqueológico no Largo das Olarias n.ºs 19 a 23 e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15, bem como estudar a coleção material recolhida num dos fornos deste sítio.

No decorrer deste processo foi necessário integrar as conclusões retiradas ao longo da investigação no quadro do universo de publicações sobre Lisboa em época moderna,

nomeadamente as suas produções oleiras, mantendo sempre o foco em locais dentro dos limites modernos da Mouraria lisboeta. Acima de tudo, procurou-se aprofundar o conhecimento que dispomos sobre uma atividade que surge na historiografia e bibliografia científica relevante como ocupação de boa parte dos habitantes deste histórico bairro, desde a conquista cristã da cidade até aos finais do século XVIII.

Durante a realização dos trabalhos de estudo material e pesquisa bibliográfica deparamo-nos com entraves ao seu desenvolvimento. Passando um dos objetivos pelo estudo de evidências materiais, cedo foi necessário lidar com a realidade do estado de conservação do espólio recolhido no decorrer da intervenção arqueológica no forno [1131]. Embora tenha sido possível efetuar um grande número de colagens, parte do material estudado resumia-se a fragmentos extremamente reduzidos, inviabilizando uma classificação apropriada. Para além destes, sendo o sítio em estudo uma olaria, parte significativa do material, e em alguns casos grupos formais inteiros, era composto por material cerâmico em mau estado, altamente disforme e instável, com evidências de dano causado no decorrer do processo de cozedura ou sem qualquer tipo de revestimento, notoriamente em peças de biscoito de faiança. Estes fatores limitaram por vezes, o processo de estudo destes indivíduos, tanto na sua caracterização e classificação apropriada, como na procura de paralelos. Além disso, se o acervo material exumado do forno apresentou alguns entraves para o seu estudo, o forno em si, enquanto estrutura produtiva, mostrou ser bastante singular, nomeadamente a sua morfologia, pouco comum entre a historiografia sobre a produção cerâmica em Portugal durante a época moderna. Por fim, um fator limitante ao desenvolvimento do estudo e à melhor compreensão da composição da olaria e das suas estruturas foi uma falta de acesso ao relatório de escavação, tendo, no entanto, boa parte da informação relevante sido graciosamente facultada pela arqueóloga responsável, Anabela Castro.

A presente dissertação encontra-se estruturada de forma a facilitar a compreensão dos dados relevantes da escavação arqueológica e seu acervo material, mantendo sempre a intenção de enquadrar esta informação com a contextualização histórica, de forma sequencial.

Deste modo, o texto principia com a explicação da metodologia utilizada no decorrer da elaboração da presente dissertação de mestrado, com foco nos métodos empregues no estudo do espólio, na seleção e tratamento de peças ilustrativas da coleção e do respetivo enquadramento dentro de publicações relevantes sobre o assunto.

Seguidamente é feita a apresentação do sítio arqueológico do Largo das Olarias n.ºs 19 a 23 e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15, a história do local e as campanhas de prospeção e a informação recolhida no decorrer da campanha de 2016. Tomando como foco desta dissertação apenas um dos fornos, neste caso o único que foi totalmente escavado a nível de unidades estratigráficas, será feita uma descrição da forma, tipologia e método de construção desta estrutura, procurando expor paralelos com estruturas semelhantes na zona de Lisboa, não ignorando possíveis paralelos encontrados noutras regiões da Península Ibérica. Posteriormente é feita a apresentação da sucessão estratigráfica dentro e fora do forno, atendendo às características dentro de cada unidade estratigráfica, sendo naturalmente esta apenas aplicável ao sector I, onde o forno [1131] se enquadra.

Feita esta parte é exposto o conjunto dos materiais retirados deste forno, primeiro sobre vista geral da coleção e, posteriormente, passando o foco a incidir sobre um conjunto seletivo de peças vistas como representativas das principais formas da coleção. Nesta secção da tese a repartição inicial do espólio é feita inicialmente com base na cor do barro das cerâmicas em estudo, ao mesmo tempo havendo separação do material não vidrado do material vidrado. Dentro destes grupos preliminares são feitas novas repartições de acordo primeiro, com as suas formas e seguidamente pelos subgrupos, denotando a presença de variantes dentro de cada forma, onde estas sejam aplicáveis.

Terminada a exposição dos resultados do estudo material, procura-se contextualizar esta informação dentro do tema em foco, a produção cerâmica na Mouraria lisboeta de época moderna e a influência deste bairro nas produções da cidade, bem como os seus antecedentes e na evolução da atividade oleira nesta área da cidade. Para tal o capítulo que se segue constitui uma ponte de ligação entre a informação material e os estudos bibliográficos sobre o contexto em estudo, por um lado incidindo sobre produções lisboetas de cerâmica em época moderna, por outro na evolução do bairro da Mouraria de Lisboa.

Por fim, procurar-se-á tirar conclusões relativas a conjugação da informação acima descrita, tanto a informação referente a bibliografia estudada, os resultados obtidos através do estudo dos materiais, de forma a poder elucidar as questões propostas no início da dissertação, e, assim, contribuir para o conhecimento sobre a Mouraria de Lisboa e o seu papel durante a Idade Moderna enquanto local de produção oleira.

2. Metodologia

O estudo do forno [1131] do Largo das Olarias 19 a 23 e Travessa do Jordão 1 a 15, bem como do espólio cerâmico recolhido, requer uma compreensão adequada do contexto histórico-arqueológico em que a Mouraria de Lisboa se enquadra. Tendo em conta os objetivos e questões metodológicas a que esta dissertação procura dar resposta, o foco recaiu no estudo do material cerâmico exumado do forno em si, na sua contextualização, no estudo das tipologias e respetivas variantes presentes, bem como o seu papel no estabelecimento de uma cronologia para o forno de onde provêm.

Este estudo necessitou, em primeiro lugar, da análise dos dados da intervenção arqueológica, realizada no Largo das Olarias 19 a 23 e Travessa do Jordão 1 a 15 em 2016, na qual se fez um levantamento de estruturas ligadas à produção oleira, bem como o seu espólio. O tratamento e respetiva vectorização das plantas e alçadas, nomeadamente do Sector I, Sondagem 11, permitiu estabelecer a sequência estratigráfica dentro do forno a ser estudado, possibilitando aferir o seu uso, bem como a sua morfologia estrutural.

O estudo do espólio exumado tornou necessário adaptar metodologias existentes à realidade presente nesta coleção e no contexto da qual foram retiradas, em especial devido às especificidades do Largo das Olarias, como centro de produção oleira. Inicialmente foi necessário expor os 4105 fragmentos exumados do forno [1131], procedendo-se à sua marcação. Para a marcação das peças/fragmentos optou-se pelo seguinte sistema: local da intervenção arqueológica (Largo das Olarias – LOL), ano da campanha (2016), seguido pela identificação da sondagem de origem (sondagem 11 – SD11) e do sector de origem (sector I – SEI), depois indicando a unidade estratigráfica de origem ([inserindo o número entre dois parênteses retos]) e, por fim, o número do fragmento (sequencialmente começando pelo número 001, tendo cada unidade estratigráfica uma sequência numérica independente das restantes). Deste modo uma sequência de registo material seguiria o seguinte exemplo – LOL16SD11SEI [1108] – 001. Seguindo ainda a mesma linha de pensamento, para os fragmentos no qual se verificou colagem entre outras peças ou fragmentos individuais de unidades estratigráficas diferentes, foram registadas com o mesmo método aplicado para a numeração inicial, seguido por um segundo registo separado (denominado pelo 2º número de inventário e limitado apenas ao trabalho em Excel) com a informação da unidade estratigráfica de origem para cada fragmento ([novamente números entre

parênteses retos]), seguidos pelo número de fragmento. Assim, à semelhança do acima referido, a sequência de registo material para indivíduos com fragmentos de u.es de origem diferente seguiria o seguinte exemplo – LOL16SD11SEI [1108] – 001 [1107] - 001.

Partiu-se depois para a procura de colagens, primeiro entre espólio da mesma unidade estratigráfica, posteriormente com fragmentos de todas as u.es. Depois de se ter efetuado a colagem de uma série de peças, que apresentavam consideráveis fraturas, procedeu-se à recolha de informação relativa à caracterização tipológica e tecnológica. Deste modo, seguida marcação a peça seria identificada quanto à secção da peça que representaria, seja por exemplo bordo, bojo ou perfil, ao mesmo tempo sendo identificada a tipologia do fragmento. Feita a análise referente à pasta, foi contabilizado o número de fragmentos por registo, tendo sempre em conta as colagens, evitando a repetição de fragmentos para casos em que já se tinha feito uma contagem prévia. Para peças com várias colagens entre unidades estratigráficas diferentes, foi selecionada um registo principal, este ficando com o número total de fragmentos da peça (incluindo de u.es diferentes), e os registos das colagens associadas ficando com o seu número de fragmentos no registo reduzido a zero (0), servindo ao mesmo tempo como forma de diferenciar peças com colagens intra-u.es. Naturalmente que todos os fragmentos mantinham o seu registo individual, incluindo descrições aplicáveis apenas ao fragmento em si independentemente de possíveis colagens intra-u.es. Posteriormente, foi feito o registo do tratamento e revestimento das superfícies internas e externas de cada fragmento, sendo certas com características específicas, como por exemplo a presença de escorrimento de vidro, remetidas para as Observações. Importa referir que no decorrer da presente dissertação são empregues dois termos “fragmentos” e “indivíduos/peças” alternadamente, sendo importante esclarecer que por “fragmentos” refere-se aqui os fragmentos no total e enquanto unidades individuais, enquanto “indivíduos/peças” é utilizado ao falar dos fragmentos já colados e associados a uma forma ou peça em si.

Terminado o processo de análise dos fragmentos foi, numa fase posterior, feita uma seleção com foco nas peças e respetivas variantes predominantes, ou aquelas que apresentavam indivíduos bem preservados, tentando cobrir um maior número possível de formas e variantes possível. Juntamente com esta seleção foi feito o desenho técnico dos indivíduos escolhidos, passando para uma digitalização e vectorização, dos desenhos em papel, bem como o seu registo fotográfico.

Do ponto de vista dos grupos de fabrico deparamo-nos com seis grupos distintos: cerâmicas de barro vermelho não vidradas, cerâmicas de barro vermelho vidradas, cerâmicas de barro claro não vidradas, cerâmicas de barro claro vidradas, cerâmica esmaltada/faiança e porcelana.

Dentro dos grupos de fabrico foram criadas divisões com base na tipologia formal, obedecendo a qualificação material feita no decorrer do trabalho de tratamento prévio, uma separação feita com base nas características formais de cada peça. Para as formas que o requeriam, foram ainda feitas subdivisões individuais que atentavam à presença de detalhes e características variáveis, como é o caso dos alguidares, púcaros, pratos e tigelas. Posteriormente procurou-se encontrar paralelos para cada forma e variante reconhecida nesta coleção, com foco em coleções exumadas dentro dos limites da cidade de Lisboa, com atenção à área em redor da Mouraria, e pelo restante território português.

Terminado o estudo do espólio, o cerne do trabalho consistiu na contextualização deste espólio tendo em conta os fatores individualizantes da Mouraria de Lisboa e da sua forte ligação à produção oleira lisboeta.

A análise dos dados obtidos da referida intervenção arqueológica e da sua compreensão neste trabalho necessitou uma abordagem inspirada em estudos de intervenções realizadas em contextos semelhantes, neste caso com foco em locais com espólio ligado à produção oleira ou em contextos de lixeira, sendo dada mais relevância aos espaços inseridos dentro dos limites da Mouraria de Lisboa. Para este caso recorreu-se ao universo publicado, por exemplo os estudos incidentes sobre materiais do Quarteirão dos Lagares (Nunes e Filipe, 2012), Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso *et al*, 2017), Rua de Buenos Aires nº10 (Batalha *et al*, 2012), Rua do Benfornoso 168/186 (Marques *et al*, 2012), Mata da Machada (Torres, 1990; Coelho e Teixeira, 2015) e Santo António da Charneca (Barros *et al*, 2012).

Importa ainda sublinhar o papel do artigo de Anabela de Castro, produzido em colaboração com eu próprio e os já referidos membros do grupo de Arqueologia Moderna do CHAM (Castro *et al*, 2017) que apoiou grande parte do trabalho material, visto incluir não só informação sobre o sítio arqueológico em estudo, como também parte do espólio em foco na presente dissertação. Servindo de capítulo introdutório para o trabalho aqui apresentado este vai para além das questões ligadas ao espólio, servindo de ponto de

partida para o estudo sobre a estrutura do forno [1131] e sugerindo logo paralelos construtivos, a partir dos quais procurou-se expandir na presente dissertação.

Importa referir o estudo de obras relacionadas com a análise de fornos oleiros, de cronologias variadas, neste caso servindo de exemplo as já referidas obra de Cláudio Torres (Torres, 1990) e a obra sobre a olaria localizada na Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso *et al*, 2017) para o território português, tendo sido consultada o estudo sobre o forno de San Agustín, Múrcia (Blanco e Séiquer,1992), para outro exemplar de época moderna, na Península Ibérica.

A presença notória de material em biscoito de faiança, contraposta com a cronologia do forno [1131] e da oficina oleira em si, levou à consulta de material ligado à produção de faiança em Portugal, como a dissertação de doutoramento de Luís Sebastian (2010).

À semelhança do que se verificou com espólio em faiança, ou ligado à produção de faiança, foi necessário aprofundar a nossa abordagem sobre as cerâmicas vidradas, tanto de origem nacional, como as importações mais presentes em época moderna em território português, seguindo trabalhos relativos ao material desta variedade exumado na Praça da Figueira (Barradas e Silva, 2017), no sítio do Hospital Real de Todos-os-Santos (Bargão, 2015) e no sítio da Mata da Machada (Torres, 1990).

A variedade utilitária do espólio estudado levou à necessidade de recorrer a publicações que abordassem com algum detalhe a evolução e origem da nomenclatura relativa as tipologias, como a dissertação de doutoramento de Isabel Maria Fernandes (2012, Vol. I, p. 188-202 e p.273-369).

3. O sítio arqueológico

3.1.A intervenção arqueológica

Os trabalhos arqueológicos no sítio do Largo das Olarias nº 19 a 23 e Travessa do Jordão nº 1 a 15 (Apêndice A, Planta 3) enquadraram-se num projeto de alterações dos edifícios, solicitado pela Engenheira Honorina Silvestre do grupo Libertas e pela empresa imobiliária Sustentoasis, S.A. A nível de informação administrativa, a intervenção localiza-se na freguesia de Santa Maria Maior, área de nível II do Plano Diretor Municipal, com as coordenadas geográficas: 30°43'0.5''N; 9° 08'00.6''O.

O início do trabalho de campo decorreu, numa primeira etapa, de 27 de janeiro a 26 de março de 2015. Nesta fase inicial os trabalhos limitaram-se à realização de oito sondagens de diagnóstico, com intuito de avaliar o potencial arqueológico do local, tendo em conta as potenciais condicionantes. Estas sondagens iniciais foram implantadas no interior do edifício e no jardim tardoz, nas áreas de construção do elevador, da piscina, das valas de reforço da fachada e onde se planeava a construção de uma cave/ parque subterrâneo de estacionamento, este abandonado posteriormente por motivos não ligados à arqueologia. Esta primeira fase do projeto resultou ainda no acompanhamento da escavação de sete sapatas paralelas à fachada dos edifícios localizados na Travessa do Jordão, com dimensões de 1 metro de largura por 1 metro de comprimento, a uma profundidade de aproximadamente 1,20 metros. O trabalho de escavação foi dirigido por Anabela Castro, com a participação das antropólogas Sónia Ferro e Joana Inocêncio (Castro *et al*, 2017, p.1731).

A segunda fase dos trabalhos, iniciada já no decorrer da obra, foi retomada com a escavação arqueológica do sítio, decorrendo entre fevereiro de 2016 a junho de 2017. Foi feita primeiro a escavação mecânica dos níveis contemporâneos até cerca de 0,50 metros de profundidade, passando posteriormente à escavação manual, sendo removida e ao mesmo tempo registada e classificada cada unidade estratigráfica, individualmente, seguindo a ordem inversa à ordem de deposição. Durante esta fase de trabalho seguiu-se as noções de escavação em “*open-area*”, com base na metodologia de Phillip A. Barker e Edward C. Harris e adaptadas à realidade do contexto.

A área intervencionada totalizou em 881,555 metros quadrados, cobrindo toda a área do edificado e jardins correspondentes (Apêndice B, Figura 1), tendo a profundidade escavada oscilado entre os 0,60 metros e os 4 metros (Castro *et al*, 2017, p.1732).

A realidade arqueológica mais expressiva aqui identificada corresponde ao momento de abandono e inutilização de estruturas ligadas a produção oleira, nomeadamente as suas estruturas de combustão, mas também ao despejo de peças cerâmicas rejeitadas no decorrer do processo de fabrico. De modo a facilitar o trabalho de escavação manual efetuou-se uma repartição do espaço intervencionado em quatro contextos, denominados sectores, cobrindo na sua totalidade uma área de 6,50 metros por 6 metros. Estes limites obedeciam não só a morfologia de cada forno, mas também os respetivos muros de suporte, nos casos onde estes existiam. Importa referir que sob esta oficina ficou registada a existência de uma necrópole da Baixa Idade Média,

possivelmente ligada à mouraria de época pós reconquista, indicando uma completa dessacralização do local.

Os quatro sectores (Apêndice B, Figura 2) correspondem deste modo ao Sector I, localizado a Sudeste e abrangendo os fornos [1131] e [1306], o Sector II, localizado a Nordeste e consistindo no forno [1162], o Sector III, a Sudoeste não tendo sido registado nenhum testemunho de produção oleira, e o Sector IV, onde se escavou o forno [1167]. Dos quatro fornos escavados, o mais antigo seria o forno [1306], sendo que foi bastante afetado pelo alicerce do edifício, que se sobrepunha à estrutura a Este, mas também pelo corredor de acesso ao forno [1131], destes quatro fornos apenas o [1131] foi escavado na sua totalidade, tendo os restantes sido escavados apenas até à cota de afetação da obra (Castro *et al*, 2017, p. 1732). Continuando, o forno [1162] deveria ser posterior ao forno [1131], tendo sido preenchido com produções cerâmicas não vidradas e faiança, em chacota e já vidrada, juntamente com um numisma de D. João III (Castro *et al*, 2017, p. 1734). Por fim, o forno [1167] é considerado o mais recente das quatro estruturas produtivas, sendo esta afirmação apoiada pela presença de grandes quantidades de objetos de faiança ligados à produção de cerâmicas falhadas na sua câmara de combustão, nomeadamente peças coladas ou com vidrado derretido e escorrido (Castro *et al*, 2017, p. 1734-1735).

3.2. Estruturas e estratigrafia

Assim, o forno [1306] foi encontrado em más condições, afetado pelo alicerce do edifício que se sobrepunha a Este, e pelo corredor de acesso ao forno [1131], a Sul, correspondendo às u.es [1302], [1303] e [1304]. Apresenta uma planta circular, preservando-se 0,96 metros por 1,40 metros, de construção com recurso a argilas, tijolos e cerâmica doméstica não-vidrada de barro vermelho. As suas paredes tinham cerca de 0,20 metros de largura, tendo sido encontradas fortes marcas de fogo nas zonas próximo da câmara de combustão, resultante das elevadas temperaturas a que teriam sido expostas. Nas paredes do forno verificou-se a presença de negativos do arranque dos arcos que sustentavam a grelha, esta encimada pela câmara de cozedura. Na secção de forno melhor conservada o forno tinha cerca de 1,30 metros de altura e grelha de 0,50 metros de espessura tendo sido ainda escavado 0,60 metros da câmara de combustão, ficando registados níveis de aterro, argilo-arenosos, medianamente compactos, compostos por cerâmica de construção, pontualmente cerâmica doméstica não-vidrada e chacota de faiança (Castro *et al*, 2017, p.1732).

A utilização deste forno terá cessado pela construção do [1131], localizado a Oeste, tendo o corredor de acesso do [1131] sido construído de forma a sobrepor-se à câmara do [1306], levando naturalmente à sua destruição (Castro *et al*, 2017, p.1732-1733). Curiosamente este forno [1131] aparenta ter alguma unidade com outro forno [1162], a Norte (Apêndice C, Figura 1), tanto estruturalmente como em termos de disposição, sendo ambos de acesso virado a Este e limitados pelos muros [1019] e [1231], servindo estes de reforço estrutural no decorrer do processo contínuo de aquecimento arrefecimento endémico à produção oleira (Castro *et al*, 2017, p.1733). Estes muros são, no entanto, de construção prévia aos dois fornos, comprovado pela presença no seu interior de um revestimento com reboco, incompatível com a função acima descrita, havendo uma possível associação ao momento de abandono do forno [1306], acima descrito, com o reaproveitamento dos muros [1019] e [1231] enquanto reforço estrutural no decorrer da construção dos fornos [1131] e [1162] (Castro *et al*, 2017, p.1733).

Como já foi referido, o forno no qual se centra esta dissertação foi identificado no decorrer da intervenção arqueológica como u.e [1131], do sector I, sondagem 11. Encontrava-se delimitado a Sul pela estrutura do edifício existente e a Oeste apoiando-se em um muro de reforço (Castro *et al*, 2017, p.1733). Este forno terá, juntamente com o forno [1162], sido construído para substituir o forno mais antigo da oficina do Largo das Olarias, acima indicado como sendo o [1306]. À semelhança do que se verificou para os restantes fornos do Largo das Olarias, na sua construção fez-se uso de tijolos, a mistura de argila cozida e fragmentos de cerâmica doméstica e de caixas refratárias. Na sua totalidade contava com 2,30 metros de altura preservada, 2 metros de comprimento e 1,60 metros de largura. A sua câmara de combustão apresentava uma altura de 1,70 metros, e da câmara de cozedura apenas conservou-se 0,30 metros, estando ambas separadas por uma grelha de 0,30 metros de altura (Castro *et al*, 2017, p.1733).

Das suas duas câmaras, a de combustão encontrava-se preservada na sua totalidade, e a de cozedura foi descoberta com apenas o seu arranque preservado. O acesso à câmara de combustão seria feito através de um corredor orientado Oeste-Este (Apêndice C, Figura 4), sendo feito pelo lado Este da mesma. A grelha responsável pela separação das câmaras, de construção em tijolos e argila, foi descoberta totalmente abatida, estando inculcada nas paredes do forno em fiadas arqueadas (Castro *et al*, 2017, p.1733). Adossado à parede externa norte do forno, ficou registado o que restava do apoio do arranque de um dos arcos de sustentação da grelha. A nível estratigráfico, as camadas que

cobriam a grelha eram constituídas por elementos muito grosseiros, provenientes da destruição da câmara de cozedura e provavelmente da cobertura. Já as unidades sob a grelha eram heterogêneas, com coloração que oscilava entre o esverdeado e o castanho, contendo cerâmica de construção e alguns carvões (Apêndice B, Figura 3). As unidades mais recentes eram mais homogêneas, de grão mais fino e com muito carvões, com espólio composto por cerâmica de barro vermelho e de barro claro não vidrado e raramente cerâmica esmaltada (Castro *et al*, 2017, p.1733).

A parede interior do forno [1131] foi alvo de uma remodelação (Apêndice C, Figura 6), comprovada pela presença de um revestimento cerâmico composto por argilas verdes e cerâmicas vidradas fragmentadas, estas quase na sua totalidade fragmentos de alguidares, que se estudarão adiante no capítulo sobre os materiais (Castro *et al*, 2017, p.1733). Por debaixo desta camada de fragmentos foi escavada uma espessa camada de vidrado (Apêndice C, Figura 5), que cobria as paredes do forno, constituídas por tijolo e argila cozida.

O forno [1162] foi encontrado circunscrito por dois muros de reforço, já descritos acima, a Norte e a Oeste, tendo uma planta circular e corredor de acesso de orientação Oeste-Este, bastante afetado pelo alicerce do atual edifício. Semelhante aos outros, a sua estrutura era composta por tijolos e uma mistura de argila cozida com fragmentos de cerâmica doméstica não-vidrada e caixas refratárias. As paredes deste forno tinham uma espessura de 0,26 metros, sendo que 0,05 metros junto à câmara de combustão apresentavam uma coloração mais avermelhada, resultante das altas temperaturas a que terá sido exposto. As paredes deste forno encontravam-se muito queimadas, destacando-se uma fina camada de argila, de cerca de 0,01m, potencialmente um revestimento com base em argila líquida (CASTRO *et al*, 2017, p. 1733). As dimensões máximas da câmara de cozedura eram de 2,60 metros de comprimento por 2,30 metro de largura, tendo a câmara de combustão 2 metros de comprimento por 1,50 metros de largura. Destas, a de cozedura conservava ainda 0,90 metros de altura, tendo a segunda apenas sido escavada parcialmente, aproximadamente 0,50 metros. A separar estas foi encontrada a grelha (Apêndice C, Figura 2), intacta e incrustada nas paredes, com 0,54 metros de espessura, formada por arcos quebrados fabricados em tijolo, suportando ainda uma camada compacta de argila misturada com cerâmica doméstica e de construção não-vidrada. Da grelha deste forno contabilizou-se 14 orifícios de forma circular ou subcircular (Apêndice C, Figura 2), destes oitos com cerca de 0,20 metros de diâmetro junto à parede da câmara

de cozedura e seis ao centro com cerca de 0,10 de diâmetro (CASTRO *et al*, 2017, p. 1733-1734).

O forno mais recentemente descoberto no Largo das Olarias foi o [1167]. Embora se encontre encostado ao forno [1162], descrito acima, não é provável que tenham laborado ao mesmo tempo, dado as elevadas temperaturas de cozedura que ambos atingiriam durante a cozedura. Assume-se que tenha sido construído com intuito de substituir os fornos [1162] e [1131]. É contemporâneo do muro [1171] localizado a Sul, de espessura de 0,30 metros, que acompanhava a sua parede e corredor de acesso. O muro [1019], a Este, pelo contrário, seria anterior à sua construção, comprovado pelo encaixe desta estrutura na construção do forno [1171], com o intuito que este servisse de reforço à estrutura do forno, semelhante ao que se verificou com os muros [1019] e [1231] (CASTRO *et al*, 2017, p.1734). Este forno foi encontrado bastante afetado a Norte e a Oeste por duas construções posteriores, as paredes [1084] e [1150], ligadas ao conjunto edificado que se sobrepunha às estruturas arqueológicas já mencionadas. Novamente verifica-se uma estrutura construída com base no uso de tijolo, argilas cozidas e cerâmica doméstica não-vidrada e fragmentos de caixas refratárias, tendo de espessura de paredes aproximadamente 0,30 metros, e ainda a presença de argila muito avermelhada, devido à exposição próxima a altas temperaturas (CASTRO *et al*, 2017, p.1734). A estrutura deste forno foi detetada primariamente ao nível da grelha, esta inculcada nas paredes do forno, com 2,60 metros de comprimento e 2,20 metros de largura. Era constituída por três fiadas de tijolos (Apêndice C, Figura 3), formando arcos no sentido Norte-Sul. Na grelha foram contabilizados 13 agulheiros de múltiplas formas, alguns destes encontrados com um mecanismo rudimentar de controlo térmico com base na colocação de tijolos em cutelo sob os orifícios (CASTRO *et al*, 2017, p.1734). A câmara de cozedura foi encontrada em avançado estado de destruição, conservando-se cerca de 0,15 metros de altura na secção melhor preservada. Na câmara de combustão foi escavado um total de 0,80 metros abaixo da grelha, tendo as paredes desta sido encontradas com bastantes vestígios de queimado.

O corredor de acesso possuía 1,49 metros de largura máxima, tendo sido conservados apenas 0,60 metros do seu comprimento e 1,40 metros de altura. O acesso à câmara de combustão era feito pelo lado Oeste, este bastante afetado. Esta estrutura era de construção semelhante aos fornos, com recurso a tijolos, argila cozida e cerâmica doméstica não-vidrada, tendo o interior das suas paredes sido rebocadas por argamassa

de cal (CASTRO *et al*, 2017, p.1734). As inclinações na secção superior das paredes sugerem uma cobertura em abobada.

O enchimento deste forno, sob a grelha, era constituído por uma coleção material composta por peças não vidradas de barro vermelho e chacota de faiança, maioritariamente intactas e um preenchimento da câmara de combustão com camadas argilo-arenosas, pouco compactas, com inclusões de picos de carvão e cerâmica de construção rubefacta. (CASTRO *et al*, 2017, p.1734).

Foi descoberta ainda outra estrutura no interior desta oficina, a Oeste do forno [1167], um poço construído com pedras calcárias e argamassas, não tendo sendo averiguada uma cronologia para este, nem uma relação direta com o contexto de produção, embora fosse comum a presença de um poço nas oficinas oleiras. Escavou-se apenas 1 metro de profundidade, sendo o interior desta estrutura enchido por depósitos do século XIX, com bastante cerâmica de construção, associada potencialmente à demolição que decorreu na empreitada recente no Largo das Olarias (CASTRO *et al*, 2017, p.1735).

3.3. O forno [1131]

As unidades estratigráficas registadas no forno [1131] incluem a estrutura do forno e arcos do corredor de acesso a este, o derrube da sua grelha e interface, bem como sedimentos e argilas, reflexo do processo de abandono e enchimento dos fornos posteriormente à desativação da oficina (Apêndice B, Figura 4).

O primeiro momento reconhecido é da estrutura do forno, identificado por [1131], de construção em tijolos com mistura de argila cozida e fragmentos de cerâmica doméstica e de caixas refratárias. Encontrava-se delimitado a sul pela estrutura do edifício existente e a Oeste apoiando-se em um muro de reforço (Castro *et al*, 2017, p.1733). As suas paredes apresentavam cerca de 0,20 metros de espessura, sendo que o cerne mais próximo da superfície interior apresentava uma coloração muito avermelhada, tomando uma tonalidade mais rosada à medida que se afastava deste. Nas paredes da estrutura era visível uma camada de vidro escorrido. O acesso seria efetuado por debaixo de uma outra estrutura em arco, virada para Este. Esta estrutura contava com 2,30 metros de altura preservada, 2 metros de comprimento e 1,60 metros de largura. Já a sua câmara de combustão apresentava uma altura de 1,70 metros, e da câmara de cozedura apenas

conservou-se 0,30 metros, estando ambas separadas por uma grelha de 0,30 metros de altura (Castro *et al.*, 2017, p.1733).

Correspondendo ao fundo do forno [1131], a u.e [1130] consiste em parte do substrato geológico exposto, coberto pela u.e [1128] e estando encostado à [1129]. Consequentemente, encontrava-se bastante queimado, dada as temperaturas altas a que esteve exposto no decorrer do funcionamento do forno [1131] (Castro *et al.*, 2017, p.1733).

Revestindo a estrutura do forno [1131] encontrava-se a parede que o rodeava, denominada por [1129]. Apresentava vidrado escorrido e fragmentos de cerâmica vidrada partida incrustados, ligado a um “remendo” feito ao forno prévio ao seu abandono. Esta alteração na parede do forno não teve uso, indicado pela falta de marcas de fogo nas peças de cerâmica removidas da parede, sendo possivelmente o motivo para a inutilização e enchimento do forno (Castro *et al.*, 2017, p.1733). Por debaixo desta camada de fragmentos foi escavada uma espessa camada de vidrado (Apêndice C, Figura 5), que cobria as paredes do forno, constituídas por tijolo e argila cozida.

Preenchendo a base do forno [1130], o depósito [1128] consistia num depósito de tonalidades avermelhadas variadas, de composição argilo-arenosa heterogénea, de compactação mediana e grão médio. Presente nesta camada estavam ainda picos de carvão, nódulos de argila verde e avermelhada, bem como espólio limitado a material de construção cerâmico rubefacto.

Cobrindo a unidade [1128], a [1127] consistia num sedimento de coloração castanho-escuro, cor devido à presença extensiva de carvões. Pouco compacto e heterogéneo, de composição areno-argilosa e de grão médio, este depósito continha cerâmica de construção, fragmentos de cerâmica de barro vermelho vidrada, nódulos de argila e bastante fauna mamalógica e malacológica, cerâmica de barro vermelho não vidrada e cerâmica de barro claro não vidrada.

Sobrepondo-se à [1127], o depósito [1126] era uma camada de cor castanha, arenosa, solta, de grão medio e homogéneo. O espólio recolhido nesta camada era composto principalmente por cerâmica de barro vermelho não vidrada e cerâmica de barro claro não vidrada.

Cobrindo a camada anterior, a [1125] era um depósito castanho, heterogéneo de grão médio e pouco compacto. A sua composição é areno-argilosa com bastante mistura

de cerâmica de construção e de vidro ligado ao derrube do forno. Desta camada removeu-se cerâmica de barro vermelho não vidrada, cerâmica de barro claro não vidrada e cerâmica esmaltada/ faiança.

Os depósitos [1124] e [1123] cobriam o [1125], sendo equivalentes um ao outro. Caracterizavam-se por terem tonalidade castanha esverdeada e composição argilo-arenosa, medianamente compacta e homogénea de grão fino/médio. No decorrer da sua escavação notou-se a presença de inclusões de nódulos de argila verde, bastantes picos de carvão, cerâmica de construção e fragmentos de estuques brancos. O espólio recolhido nestas duas camadas era composto principalmente por cerâmica de barro vermelho não vidrada, cerâmica de barro claro não vidrada e cerâmica de barro vermelho vidrada.

Cobrimo este sedimento estava o depósito [1122], de cor castanha ligeiramente esverdeada, de composição heterogénea areno-argilosa e de grão fino/médio solto. No depósito detetou-se a presença de inclusões de nódulos de argila e raros picos de carvão. O espólio recolhido era composto por cerâmica de barro vermelho não vidrada, cerâmica de barro claro não vidrada, cerâmica esmaltada/faiança e ainda fragmentos de cerâmica de construção, juntamente a pequenos fragmentos de rebocos estucados e vidrados, novamente pertencentes ao revestimento da parede [1129].

O depósito [1121] cobria o anterior, incluindo cerâmica de construção, bem como fragmentos de tijolo refratário e tijoleiras, materiais ligados ao colapso dos vários elementos constituintes do forno, estando ainda presentes elementos de escória. Estes fragmentos de escória apresentavam-se rubefactos, conferindo à camada uma coloração vermelha viva, misturada com sedimento castanho, solto e argilo-arenoso de grão médio e heterogéneo, com a presença de nódulos de argila e estuque branco. O espólio exumado era composto por cerâmica de barro vermelho não vidrada, cerâmica de barro claro não vidrada, cerâmica de barro vermelho vidrada e cerâmica esmaltada/faiança.

Acima de [1121] estava a [1109], que também cobriria [1122] (Apêndice B, Figura 6). Tratando-se de um depósito sedimentar de diversas tonalidades, avermelhadas acastanhadas, devido à presença de argilas e de cerâmica de construção muito rubefacta. Bastante heterogéneo e de grão grosseiro pouco compacto, este estrato continha nódulos de cal de dimensões reduzidas e médias, alguns carvões, pedras e ainda derrubes das paredes do revestimento do forno. Era ainda abundante a presença de cerâmica de construção, estuque branco e rebocos amarelados. O espólio exumado era constituído por

múltiplos fragmentos de cerâmica de barro vermelho não vidrada, cerâmica de barro vermelho vidrada, cerâmica esmaltada/faiança, porcelana e escória.

Cobrimo a unidade [1109], a camada [1108] era composta por sedimento castanho avermelhado com abundantes nódulos de argila cozida e alguns carvões de compactação média. De grão médio e arenoso, desta unidade foram exumadas peças de cerâmica de barro vermelho não vidrada, cerâmica de barro claro não vidrada, cerâmica esmaltada/faiança, fauna mamalógica e fragmentos de chumbo.

Acima da unidade estratigráfica anterior, as u.es [1117], [1118], [1119] e [1120] correspondiam a materiais ligados ao abatimento da estrutura da grelha e sendo equivalentes uma a outra (Apêndice B, Figura 7). São compostas por fragmentos de tijolo refratários e tijoleiras, dando uma tonalidade avermelhada e argilosa à camada e incluíam ainda elementos de escória. Já a grelha responsável pela separação das câmaras, de construção em tijolos e argila, foi descoberta totalmente abatida, estando inculcada nas paredes do forno em fiadas arqueadas (Castro *et al*, 2017, p.1733). Adossado à parede externa norte do forno, ficou registado o que restava do apoio do arranque de um dos arcos de sustentação da grelha.

A camada [1107] cobria a unidade [1108] sendo composto por sedimento castanho esverdeado, arenoso e com mistura de nódulos argilosos, estando ligado à remobilização do substrato geológico, registando-se ainda a presença de carvões e bastante cascalho. O espólio exumado desta camada era composto por cerâmica de barro vermelho não vidrada cerâmica de barro claro não vidrada, cerâmica esmaltada/faiança, ferro, fauna mamalógica e um numisma de D. Sebastião (1557 a 1578).

A u.e [1105] é coberta pela u.e [1103], sendo um depósito composto por mistura tijoleira, pedras calcárias e escória. Não é possível comentar sobre a sua composição sedimentar, dada a falta de informação disponível sem o relatório de escavação.

A unidade [1104] cobria a [1107], sendo composta por sedimento vermelho, bastante argiloso, por vezes em bloco, de grão grosseiro e heterogéneo. O espólio recolhido resume-se a cerâmica de barro vermelho não vidrada e cerâmica de barro claro não vidrada.

O depósito [1103] cobria as u.es [1104], [1105] e [1108] e sendo equivalente à [1107], sendo um depósito de sedimento castanho e arenoargiloso, pouco compacto e heterogéneo de grão médio (Apêndice B, Figura 8). Continha grandes quantidades de

cerâmica de construção, telha e tijolo, revolvidos, mas bem compactados. Espólio exumado composto por cerâmica de barro vermelho não vidrada, cerâmica de barro claro não vidrada, líticos e ainda um alfinete em cobre.

As u.es denominadas [1302] e [1304] correspondem a estruturas que se encontravam cobertas pela [1105] e consistiam no vão de entrada do corredor de acesso ao forno (Castro *et al*, 2017, p.1733). Esta estrutura era constituída por dois arcos de descarga em tijoleira sobre o qual se desenvolveu um aparelho de alvenaria de pedras calcárias de pequenas e medias dimensões, agregadas por argamassa de tom amarelo claro (Apêndice B, Figura 5). Importa referir que esta estrutura foi afetada pelo alicerce do edifício (Castro *et al*, 2017, p.1733). O primeiro arco [1304] (Apêndice C, Figura 7), constituído por tijolo e argila de coloração bege-alaranjado, apresentava uma dimensão de 1,10 metros de largura, ficando apenas escavados 0,60 metros de altura e daria acesso a um segundo, de maiores dimensões, adossado à entrada do forno, constituído por tijolos, pedras de dimensões reduzidas e argamassa, com um alinhamento de pedras na sua parte superior (Castro *et al*, 2017, p.1733). Já o segundo arco [1302] teria uma altura de 1,80 metros de altura por 1,30 metros de largura. As duas entradas encontravam-se a 0,20 metros de distância uma da outra, ficando registada ainda a presença de uma camada argilosa de cor esverdeada, muito compacta e plástica a fazer a ligação entre ambas (Castro *et al*, 2017, p.1733).

O depósito [1102] cobre a anterior, não sendo possível abordar a sua composição sedimentar, dada a falta de informação relativa a esta unidade estratigráfica. Desta unidade retirou-se material incluindo cerâmica de barro vermelho não vidrada, cerâmica de barro claro não vidrada, cerâmica de barro vermelho vidrada, cerâmica de barro claro vidrada e porcelana.

3.4. As estruturas de produção oleira

A nível construtivo o forno [1131] enquadra-se na tradição oleira presente no Mediterrâneo desde a Antiguidade Tardia, perdurada na Península Ibérica pelos séculos de domínio muçulmano. A utilização de fornos de matriz circular, como no caso do Largo das Olarias é assim predominante no nosso país (Castro *et al*, 2017, p.1735), em detrimento dos fornos de matriz quadrangular, de introdução mais tardia, do século XVI, sendo estes principalmente ligados às influências dos fornos italianos; frequentemente a sua introdução em território nacional relaciona-se com um ponto de viragem no fabrico

de faiança (Sebastian, 2010, p. 292). As características físicas destes fornos, nomeadamente a sua verticalidade e composição bicameral, permitia a produção de peças vidradas e não vidradas, tanto em ambiente oxidante ou redutor, sendo o controlo dos gases feito através da manipulação dos agulheiros (Conessa, 2009, p.238-240).

À semelhança destes fornos foram descobertos em Lisboa estruturas de dimensões mais reduzidas fora da Mouraria, nomeadamente na zona da Baixa Lisboaeta, na Rua dos Correiros, mas de cronologia islâmica, bem como no Largo das Alcaçarias e na Encosta de Santana. Destes últimos não se possui cronologias para período de laboração, mas sim de abandono, rondando ambos a segunda metade do século XII ou inícios do século XIII (Castro *et al*, 2017, p.1735).

Totalizando cinco fornos, a estrutura descoberta no NARC-BCP era caracterizada por uma dupla câmara, de orientação Este-Oeste construído em adobe com inclusões pontuais de elementos pétreos. A câmara inferior apresentava cerca de 0,7 metros de paredes conservadas e dimensão de 1,1 metros por 0,73 metros. Foi possível ainda detetar a presença de um corredor de acesso à câmara, situado a Oeste, com 1,90 metros de comprimento e 0,45 metros de largura. A câmara possuía pilares de sustentação de grelha, alguns destes ainda visíveis e estaria dotada ainda de agulheiros integrantes da grelha. Possuía uma cronologia entre século XI e 1ª metade do século XII (Bugalhão *et al*, 2009, p.115).

No caso da intervenção do Mandarin Chinês foram detetados quatro fornos oleiros, dos quais um (Forno 1) apresentava câmara dupla, de orientação Oeste-Este. Conservava-se apenas o nível da câmara inferior, construída em tijolos de adobe, com cerca de 0,4 metros de paredes conservadas, com dimensão de 1 metro por 1,15 metros. Possuía corredor de acesso conservado, situado a Este, não tendo sido escavado integralmente. A câmara possuía dois pilares de sustentação de grelha e a estrutura do forno em si esta integrada na estrutura do edifício (Bugalhão *et al*, 2009, p.115).

Os restantes fornos foram encontrados integrados no edifício, à semelhança do anterior, também construídos em adobe, mas de dimensões reduzidas e tipologia diferente. Estes fornos (Fornos 2, 3 e 4) eram pequenos fornos de barras, de câmara única e planta circular, com orientação Oeste-Este (Bugalhão *et al*, 2009, p.115). É sugerido pelo grupo de investigação deste local, que os fornos de barras 3 e 4 possuem cronologia mais antiga, remontando ao século XI, tendo sido desativados para a construção dos

fornos 1 e 2, podendo este processo ter ocorrido em simultâneo ou faseado. O abandono do Forno 1 sugere ter ocorrido de forma abrupta na 1ª metade do século XII, possivelmente durante o cerco e captura cristã de Lisboa (Bugalhão *et al*, 2009, p.116).

O espólio retirado e estudado indica que nestas olarias se produziria dois tipos de cerâmica, uma gama de cerâmica de barro vermelho não vidrada presente em ambos sítios intervencionados, com ou sem pintura branca e, outra variedade de cerâmica vidrada, presente apenas no sítio do MC (Bugalhão *et al*, 2009, p.116). Se o contexto do NARC-BCP indica uma semelhança na técnica construtiva de forno, tanto formal como na utilização de dupla câmara, o contexto do MC sugere uma semelhante organização do espaço oleiro com o que se verifica no Largo das Olarias, tanto pelo número de fornos, como na planta construtiva destes fornos, todos de planta circular. Outro fator de semelhança incide no abandono do forno mais recente, o Forno 1, este sendo forno bicameral e de planta circular, reforçando a ideia de que para o período prévio à conquista cristã de Lisboa, no século XII, já haveria indícios da utilização desta tipologia de forno pelos artesões lisboetas. Facto importante quando refletimos sobre a ocupação do bairro da Mouraria a partir do mesmo século pelos agora derrotados muçulmanos.

A menos de um quilómetro de distância do Largo das Olarias, a intervenção arqueológica no antigo Palácio da Anunciada, na Rua das Portas de Santo Antão, veio a revelar três fornos de cerâmica, de cronologia entre os séculos XV e XVI, ligados à produção de formas de pão de açúcar, ladrilhos e cerâmicas domésticas foscas (Cardoso *et al*, 2017, p.1715). O estudo deste material indica um período de laboração relativamente curto, tendo as estruturas de produção cerâmica sido reaproveitadas para o despejo local ou enquanto lixeira da comunidade local (Cardoso *et al*, 2017, p.1716). A nível estrutural, as camadas inferiores destes fornos encontravam-se bem conservadas, nomeadamente as suas câmaras de combustão e corredor de acesso até à fornalha. Já o nível superior foi afetado pela construção da estrutura do palácio.

Dos três fornos, o Forno 1 apresentava maior dimensão, sendo escavado no geológico, e com 2,54 metros de comprimento por cerca de 1,20 metros de largura de dimensões máximas (Cardoso *et al*, 2017, p.1716). A altura deste forno estima-se ter sido de 2,10 metros, sendo o acesso a este feito pelo lado Norte. A planta era praticamente ovalada (Cardoso *et al*, 2017, p.1716). Os restantes dois fornos da Rua das Portas de Santo Antão apresentavam uma planta em “8” horizontal, estando a câmara de combustão ao

mesmo nível que a de cozimento, separadas por uma estrutura em tijolo, formando uma espécie de porta.

Para a intervenção na Rua das Portas de Santo Antão, o único forno com semelhanças ao [1131] do Largo das Olarias é o Forno 1, de planta circular/ligeiramente ovalada, partilhando da verticalidade, fundo escavado no geológico e potencialmente, da composição bicameral, evidenciada pela presença de restos de uma grelha. A nível de dimensões o [1131] do Largo das Olarias apresenta uma altura maior, com 2,30 metros de altura preservada (Castro *et al*, 2017, p.1733) comparativamente com os 2,10 metros estimados do Forno 1. Pelo contrário, o Forno 1 apresenta maior comprimento com os seus 2,54 metros enquanto o [1131] contava com 2 metros. Já em largura a situação invertia, tendo o [1131] maior largura com 1,60 metros contra os 1,20 metros de largura do Forno 1 (Cardoso *et al*, 2017, p.1716).

Fora dos limites do bairro da Mouraria, ainda próximo de Lisboa, no entanto, encontramos evidências de fornos com período de laboração aproximado ao do forno [1131] do Largo das Olarias. Um destes incide no forno cerâmico da Mata da Machada, tendo laborado desde pelo menos a primeira metade do século XV (Castro *et al*, 2017, p. 1735). Partilha com o forno [1131] do Largo das Olarias as características construtivas, nomeadamente câmara dupla e o uso de grelha suportada por arcos em tijolo (Castro *et al*, 2017, p.1733), tendo entanto uma matriz quadrangular e dimensões consideravelmente maiores, ligada à produção de larga escala de material cerâmico, tanto doméstico como não doméstico. No total este forno contava com 20 a 25 metros cúbicos na câmara de enforamento, e os seus arcos de suporte teriam menos de um metro de altura (Torres, 1987, p.132). Possivelmente associado ao seu carácter de produção em grande escala, este forno foi construído com recurso a dois pilares de alvenaria de cal de cada lado da boca, sendo estes encimados por um arco abatido quebrado de tijolo cozido e argamassa (Torres, 1987, p.133). A boca do forno é encimada por um arco semelhante, mas de menor abertura. Foi ainda utilizado tijolo cozido na construção dos quatro arcos de meio ponto e a grelha do forno. As paredes envolventes, tanto na câmara de combustão como na câmara de cozedura, foram construídas com recuso a blocos de barro cru, encostados às paredes de saibro, sendo estes cozidos ao longo das primeiras fornadas. Embora não relacionado diretamente com o forno [1131], à semelhança do que se verificou no forno [1167] do Largo das Olarias (Castro *et al*, 2017, p.1734), o forno da Mata da Machada

utilizou um número variado de tijolos para controlo térmico dentro da câmara de cozedura (Torres, 1987, p.133).

Já o previamente referido exemplo do forno descoberto na Praça de San Agustín, em Múrcia, apresenta cronologias do século XVII (Blanco e Séiquer, 1992, p.149). Este forno foi construído em adobe, estando repartido em dois corpos, um de forma trapezoidal, aproximadamente retangular e outra de forma circular. O corpo trapezoidal corresponde à câmara de combustão, estando coberta por uma abóbada. Esta câmara de combustão apresenta 3,10 metros de comprimento, e a sua largura atinge os 2,26 metros de largura máxima e os 1,60 metros de largura mínima junto à porta de acesso, esta por sua vez com 1,10 metros de largura. O acesso a esta porta seria feito através de uma rampa descendente. O segundo corpo corresponde à câmara de cozedura, que deveria estar coberta por uma cúpula, mas não tendo sido encontrados restos de um “teto” (Blanco e Séiquer, 1992, p.149), e teria 1,30 metros de altura, dos quais 0,60 metros se encontravam abaixo do limiar da porta. A câmara que fazia a ligação entre os dois corpos possuía planta circular, com diâmetro de 4,10 metros e era dotada de quatro arcos paralelos, três deles com 0,45 metros de altura (Blanco e Séiquer, 1992, p.149). Já a nível de paralelos, os anteriormente referidos arcos que suportavam a grelha partilham com o forno [1131] um possível esquema construtivo pelo que se pode observar das estruturas sobreviventes no Largo das Olarias (Castro *et al*, 2017, p.1733). Outro ponto de semelhança coincide na estrutura de canal horizontal terminado em cúpula, semelhante ao que se verifica neste forno de San Agustín (Castro *et al*, 2017, p.1733; Blanco e Séiquer, 1992, p.149)

Tomando como exceção o Forno 1 da Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso *et al*, 2017, p.1715), o forno [1131] apresenta mais semelhanças com evidências do século XII, de tradição muçulmana, que os restantes fornos até ao momento descobertos em Lisboa e arredores de cronologias semelhantes. Não será improvável que a metodologia construtiva deste forno tenha sido influenciada pela tradição local, neste caso resultado da história das olarias da Mouraria lisboeta, não obstante a adoção de alterações ditas modernas, exemplificado pela utilização de uma grelha suportada por arcos.

Na sua obra, L. Sebastian refere as palavras de Armando Vieira, este escrevendo sobre a alteração do tipo de forno utilizado em Lisboa de época moderna, que até então estas estruturas mantiveram-se relativamente inalteradas, «...continuavam sendo do tipo «moiro»...», passando nesta altura a sofrer modificações, nomeadamente a nível da sua forma, de modo a possibilitar a cozedura de pastas mais duras e ainda permitindo ainda

«a fusão de vidrados com mais altas percentagens de estanho.»(Sebastian, 2010, p.287). É feita ainda uma referência ao termo aplicado a estas unidades produtivas, denominados de fornos de louça de Veneza havendo em Lisboa pelo menos 28 destes fornos oleiros (Sebastian, 2010, p.287). Esta afirmação dá algum reforço à ideia de que para locais como a Mouraria, e pelo menos para o Largo das Olarias, durante os primeiros séculos de produção de cerâmica de vidro estanífero, o que se verificou foi uma adaptação das estruturas preexistentes ou até certo ponto uma fusão entre o estilo construtivo de herança muçulmana com as necessidades técnicas dos séculos XVI e XVII.

Contando então, as características dos fornos ditos modernos, a única divergência construtiva dos fornos do Largo das Olarias aparenta ser a nível formal. Luís Sebastian refere as características de um forno de influência itálica como sendo estruturas de grande dimensão, de forma regular e quadrangular, ou retangular, de tiragem vertical direta e dotado de grelha (Sebastian, 2010, p. 287). Um fator que poderia justificar a adoção desta nova tipologia de forno de época moderna é a capacidade de atingirem as temperaturas necessárias para a produção de cerâmica de vidro estanífero, neste caso os 900 – 1000°C (Sebastian, 2010, p. 289). No entanto, os fornos de cúpula de tradição romana e islâmica, já teriam capacidade de atingir estas temperaturas altas necessárias (Sebastian, 2010, p. 289). O próprio forno de tradição islâmica peninsular, de cúpula permanente, já atingiria também estas temperaturas, como indica Daniel Rhodes (Rhodes, 1977, p.37). Assim, é difícil comprovar a ideia de que o surgimento e adoção dos fornos de estilo italiano se tenha devido a sua maior potência térmica, não obstante a sua eventual influência na produção de faiança em território nacional. Luís Sebastian escreve precisamente sobre este assunto, admitindo que esta «adaptação, talvez gradual, de uma tipologia de forno pré-existente, correntemente aplicado na indústria de cerâmica de construção e olaria comum, a um novo tipo de produção...» (Sebastian, 2010, p.289-290).

Perante este cenário resta apenas afirmar o que realmente já aludimos. O forno [1131] do sítio do Largo das Olarias apresenta uma tipologia construtiva de forno tradicionalmente muçulmano ibérico, esta mantendo-se relativamente inalterada na sua base desde pelo menos o século XII, no que refere à sua utilização em Lisboa, não obstante uma eventual adoção e inclusão progressiva das novas técnicas construtivas empregues nos fornos de tradição italiana que a partir do século XVI passou a existir em Portugal. Além deste possível conservadorismo ligado à herança tecnológica de época medieval, podemos referir possíveis limitações no espaço construtivo, ligado ao aspeto

de uma indústria oleira de menor dimensão, de produções de menor escala e de oficinas oleiras implantadas em espaços mais reduzidos presente, frequentemente partilhando com espaços habitacionais, no arrabalde novo da mouraria, de época moderna (Castro *et al*, 2017, p. 1733).

4. Os materiais arqueológicos

Antes de dar início à apresentação das formas detetadas no decorrer do estudo material, relativo ao espólio exumado no Largo das Olarias, campanha de 2016, importa abordar algumas das principais tipologias encontradas, referindo ainda o seu uso no decorrer da Idade Moderna.

Sendo a coleção apresentada composta na sua totalidade por material cerâmico, procurou-se definir as tipologias de acordo com paralelos contemporâneos, baseados na terminologia aplicada a outros trabalhos de estudo material publicados (Fernandes, 2012, VOL. I, p.280-350; Bugalhão e Coelho, 2017, p.106-145).

4.1 Os fabricos

O espólio exumado no decorrer da intervenção arqueológica no Largo das Olarias, que seguidamente figura no estudo material, consiste na sua totalidade ao material recuperado das diversas unidades estratigráficas escavadas do forno [1131]. Na sua totalidade, o acervo que se segue compõe as várias formas reconhecidas no decorrer deste estudo, bem como de seis fabricos. No total foram identificados 2987 indivíduos de cerâmica, compostos por um total de 4105 fragmentos de dimensões variadas.

Do total de 2987 indivíduos, 63% ou 1883 indivíduos, e 50% de todos os fragmentos da coleção, ou 2053 fragmentos, foram classificados como Forma Indeterminada, correspondendo a fragmentos/indivíduos demasiado danificados ou de dimensões extremamente reduzidas que não permitiram identificar a sua forma. Para além deste, os grupos Forma Indeterminada Aberta, com 6% dos indivíduos, ou 185 indivíduos, e 6% de todos os fragmentos, ou 232 fragmentos, e Forma Indeterminada Fechada, com 3% dos indivíduos, ou 86 indivíduos, e 3% de todos os fragmentos, ou 104 fragmentos, correspondem a peças cuja forma foi possível identificar, mas não uma forma adequada. O restante corresponde a peças e fragmentos cuja forma foi identificada, englobando no seu total 28% de todos os indivíduos, ou 829 indivíduos, e 41% de todos os fragmentos, ou 1702 fragmentos, do espólio analisado.

Referindo as cozeduras das pastas de todas as peças e fragmentos, verificou-se que 2761 peças e 3693 fragmentos, 92% de todas as peças e 90% de todos os fragmentos, apresentam pastas cozidas em ambientes oxidantes. Para as pastas de ambiente redutor

oxidante contabilizaram-se 210 peças e 394 fragmentos, correspondendo a 7% de todas as peças e aproximadamente 9% de todos os fragmentos. Já as peças de pastas de ambiente redutor apresentam apenas 16 peças e 18 fragmentos, 1% de todas as peças e menos de 1% de todos os fragmentos.

Passando agora a abordar os seis grupos fabrico (Apêndice E, Tabela 1), e conseqüentemente apenas as peças de forma determinada, estes incluem cerâmicas de barro vermelho não vidradas, cerâmicas de barro vermelho vidradas, cerâmica de barro claro não vidradas, cerâmicas de barro claro vidradas, cerâmicas esmaltadas ou faianças e por fim porcelanas. Como os próprios nomes indicam, o primeiro fator de diferenciação para cada grupo de fabrico são as pastas empregues na produção de cada peça, nomeadamente barro vermelho ou barro claro seguido pela presença ou não de vidrados e esmaltes na peça. O último grupo, o da porcelana engloba como o nome indica apenas peças desta produção específica.

Quanto à cozedura das pastas, verificou-se que a maioria (Apêndice E, Gráfico 1), correspondendo aqui 87% ou 719 peças e 86% ou 1462 fragmentos, de todas as pastas de peças com forma identificada, apresentam cozeduras em ambientes oxidantes. Para as de cozedura em ambiente redutor oxidante, estas incluem 12% ou 101 peças, e 14% ou 229 fragmentos de todas as peças de forma identificada. As pastas cozidas em ambiente redutor contabilizam apenas 1% de todas as peças e fragmentos de forma identificada, correspondendo a 9 peças e 11 fragmentos.

Antes de se efetuar a análise da distribuição de peças e fragmentos, de modo a facilitar a compreensão da informação relativa às pastas foi feito um agrupamento das várias designações de tonalidade utilizadas no decorrer do trabalho de inventário. Para tal foram criados no total vinte grupos, de acordo com a tonalidade da pasta identificada. De modo a simplificar a apresentação dos dados, agrupou-se onde apropriado os vários tons de cores que partilhassem a mesma designação, por exemplo o Grupo IV inclui todas pastas estudadas que foram designadas por Amarelo Avermelhado, de acordo com o Munsell Soil Color Chart. A organização destes grupos segue por ordem dos grupos com maior número de peças e fragmentos ao menor. Deste modo os grupos de tons de pasta são:

- I- **Cinzento Rosado**, inclui Cinzento Rosado 2.5 YR 6/2 e Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. No total engloba 2204 peças, 2838 fragmentos.

- II- **Vermelho Claro**, inclui Vermelho Claro 10 R 6/6, Vermelho Claro 10 R 6/8, Vermelho Claro 10 R 7/8, Vermelho Claro 2.5 YR 5/6, Vermelho Claro 2.5 YR 6/6, Vermelho Claro 2.5 YR 6/8, Vermelho Claro 2.5 YR 7/8. No total englobam 160 peças, 216 fragmentos.
- III- **Vermelho**, inclui Vermelho 10 R 5/6, Vermelho 2.5 YR 5/6 e Vermelho 2.5 YR 5/8. No total englobam 80 peças, 138 fragmentos.
- IV- **Amarelo Avermelhado**, inclui Amarelo Avermelhado 5 YR 6/6, Amarelo Avermelhado 5 YR 6/8, Amarelo Avermelhado 5 YR 7/6, Amarelo Avermelhado 5 YR 7/8, Amarelo Avermelhado 7.5 YR 6/6 e Amarelo Avermelhado 7.5 YR 8/6. No total englobam 65 peças, 121 fragmentos.
- V- **Amarelo Pálido**, inclui Amarelo Pálido 2.5 Y 8/2. No total englobam 64 peças, 87 fragmentos.
- VI- **Castanho Avermelhado**, inclui Castanho Avermelhado 2.5 YR 4/3, Castanho Avermelhado 5 YR 4/3, Castanho Avermelhado 5 YR 5/4, Castanho Avermelhado Claro 2.5 YR 6/4, Castanho Avermelhado Claro 5 YR 6/4 e Castanho Avermelhado Escuro 2.5 YR 3/4. No total englobam 62 peças, 176 fragmentos.
- VII- **Cinzeno Claro**, inclui Cinzeno Claro 10 YR 7/1, Cinzeno Claro 2.5 YR 6/1, Cinzeno Claro 2.5 YR 7/0, Cinzeno Claro 5 YR 7/1 e Cinzeno Claro 7.5 YR 7/1. Engloba 46 peças, 125 fragmentos.
- VIII- **Rosa**, inclui Rosa 2.5 YR 7/4, Rosa 2.5 YR 8/4, Rosa 5 YR 7/4, Rosa 5 YR 8/4, Rosa 7.5 YR 7/4 e Rosa 7.5 YR 8/4. Engloba 24 peças, 82 fragmentos.
- IX- **Cinzeno**, inclui Cinzeno 10 YR 5/1, Cinzeno 2.5 Y 6/1, Cinzeno 7.5 R 7/0 e Cinzeno 7.5 YR 5/1. No total engloba 18 peças, 28 fragmentos.
- X- **Castanho Muito Pálido**, inclui Castanho Muito Pálido 10 YR 8/3. No total engloba 11 peças, 13 fragmentos.
- XI- **Cinzeno Avermelhado**, inclui Cinzeno Avermelhado 2.5 YR 5/1, Cinzeno Avermelhado Claro 2.5 YR 7/1 e Cinzeno Avermelhado Escuro 2.5 YR 4/1. Engloba 9 peças, 11 fragmentos.
- XII- **Castanho Acinzentado**, inclui Castanho Acinzentado 2.5 Y 5/2. Engloba 9 peças, 14 fragmentos.
- XIII- **Branco Rosado**, inclui Branco Rosado 2.5 YR 8/2 e Branco Rosado 5 YR 8/2. Engloba 8 peças, 8 fragmentos.

- XIV- **Cinzeno Escuro**, inclui Cinzeno Escuro 10 YR 4/1. Engloba 6 peças, 8 fragmentos.
- XV- **Vermelho Acastanhado**, inclui Vermelho Acastanhado 2.5 YR 4/4. Engloba 4 peças, 5 fragmentos.
- XVI- **Vermelho Pálido**, inclui Vermelho Pálido 10 R 6/3, Vermelho Pálido 2.5 YR 6/2 e Vermelho Pálido 7.5 YR 6/4. Engloba 4 peças, 17 fragmentos.
- XVII- **Branco**, inclui Branco GLEY 8/N. Engloba 2 peças, 2 fragmentos.
- XVIII- **Castanho**, inclui Castanho 7.5 YR 5/4. Engloba 2 peças, 2 fragmentos.
- XIX- **Castanho Claro**, inclui Castanho Claro 7.5 YR 6/4. Engloba 1 peça, 1 fragmento.
- XX- **Vermelho Amarelado**, inclui Vermelho Amarelado 2.5 YR 5/6. Engloba 1 peça, 6 fragmentos.

A nível de cozeduras, para as formas do grupo de fabrico de cerâmica de barro vermelho não vidrada 61% de todas as peças e 65% de todos os fragmentos, correspondendo a 508 peças e 1104 fragmentos, apresentam cozedura em ambiente oxidante. Em ambiente redutor oxidante figuram 12% de todas as peças e 13% de todos os fragmentos, contabilizando 100 peças e 228 fragmentos. Apenas 1% de todas as peças e fragmentos deste grupo de fabrico apresentam cozedura em ambiente redutor, correspondendo a 8 peças e 10 fragmentos (Apêndice E, Gráfico 1). Falando agora das formas do grupo de fabrico de **cerâmica de barro vermelho não vidrada**, começamos pelos alguidares.

Dentro deste grupo de fabrico, é a forma que possui o maior número de peças e fragmentos, contando com 139 peças e 257 fragmentos. A nível dos alguidares, predominam aqui as pastas oxidantes do grupo I, com 53 peças (96 fragmentos), seguido por pastas do grupo III com 43 peças (55 fragmentos). Em reduzida quantidade verificou-se a presença de peças com pastas do grupo IV, com duas peças (2 fragmentos) e do grupo VI, com 4 peças (9 fragmentos). Duas pastas surgem ainda em reduzida quantidade tendo cada uma peça (1 fragmento), o grupo II e o grupo XVI. Para as pastas redutoras oxidantes, predomina o grupo VII, com 26 peças (82 fragmentos), seguido pelo grupo I, com 11 peças (13 fragmentos). O grupo das bilhas é na sua totalidade composto por peças cozidas em ambiente oxidante, tendo 2 peças (51 fragmentos) que por sua vez pertencem ao grupo I de pastas. As caçoilas representam um dos maiores grupos formais, com 85

peças (140 fragmentos). A nível de pastas, a maioria pertence ao grupo das peças de cozedura em ambiente oxidante, com 76 peças (130 fragmentos), das quais 60 peças (96 fragmentos) pertencem às pastas do grupo I, 7 peças (13 fragmentos) ao grupo IV, 6 peças (6 fragmentos) ao grupo II, 2 peças (10 fragmentos) ao grupo VIII e 1 peça (5 fragmentos) ao grupo VI. Outras pertencem ao grupo das pastas em ambiente redutor oxidante tendo 8 peças (9 fragmentos) no total. Estas repartem-se em pastas do grupo I, com 5 peças (6 fragmentos), do grupo XI, com 2 peças (2 fragmentos) e do grupo VI, com 1 peça (1 fragmento). De pastas redutoras apenas 1 peça (1 fragmento), pertence ao grupo XIV. As candeias pertencem estritamente ao grupo de cerâmicas de pastas em ambiente oxidante, tendo sido encontradas 4 peças (5 fragmentos) desta forma. Destas, 2 peças (2 fragmentos) pertencem ao grupo IV, 1 peça (1 fragmento) ao grupo I e 1 peça (1 fragmento) ao grupo III.

O cântaro, representado por 44 peças (173 fragmentos), na sua maioria com pastas oxidantes, 33 peças (138 fragmentos). Destas, 25 peças (126 fragmentos) possuem pastas do grupo I, 6 peças (8 fragmentos) do grupo II, 1 peça (2 fragmentos) do grupo IV e 1 peça (2 fragmentos) do grupo VI. Quanto aos cântaros de pastas cozidas em ambiente redutor oxidante, a maioria pertence ao grupo I, com 9 peças (30 fragmentos), seguido por 1 peça (4 fragmentos) do grupo IX e 1 peça (1 fragmento) do grupo XI. O especeiro possui no total 7 peças (14 fragmentos), maioritariamente de cozedura oxidante, correspondendo a 5 peças (11 fragmentos). Destas, 2 peças (5 fragmentos) pertencem ao grupo I, 2 peças (5 fragmentos) ao grupo IV e 1 peça (1 fragmento) ao grupo II. Quanto às peças cozidas em ambiente redutor oxidante, todas pertencem ao grupo I, contando aqui com 2 peças (3 fragmentos). O fogareiro possui no total 8 peças (26 fragmentos), das quais 5 peças (12 fragmentos) possuem pastas oxidantes. Destas, 3 (10 fragmentos) pertencem ao grupo III, 1 peça (1 fragmento) ao grupo II e outra peça (1 fragmento) ao grupo I. As peças de pasta redutor oxidante desta forma, neste caso 3 peças (14 fragmentos), pertencem maioritariamente ao grupo VII, 2 peças (12 fragmentos) e 1 peça (2 fragmentos) ao grupo IX. A forma possui no total 26 peças (29 fragmentos), dos quais 19 peças (21 fragmentos) pertencem ao grupo de pastas oxidantes. A maioria, 9 peças (10 fragmentos) possui pastas do grupo I, seguido pelo grupo II, com 8 peças (8 fragmentos). O restante reparte-se em pastas do grupo VI, 1 peça (2 fragmentos) e do grupo XII, 1 peça (1 fragmento). A nível de pastas de ambiente redutor oxidante, a maioria possui pastas do grupo IX, 3 peças (4 fragmentos), seguido pelo grupo I, 2 peças (2 fragmentos). As

restantes peças pertencem ao grupo XIV, 1 peça (1 fragmento) e ao grupo VII, também 1 peça (1 fragmento).

A infusa possui apenas 2 peças (14 fragmentos), ambas de cozedura oxidante, sendo 1 peça (13 fragmentos) do grupo VI e 1 peça (1 fragmento) do grupo III. A jarra possui no total 4 peças (11 fragmentos), na sua maioria pertencentes ao grupo das pastas oxidantes. Destas 3 peças (10 fragmentos), 2 peças (6 fragmentos) são do grupo II e 1 peça (4 fragmentos) do grupo I. A restante peça (1 fragmento) pertence ao grupo I, sendo esta de ambiente redutor oxidante. O mealheiro possui no total 3 peças (9 fragmentos), todas de pasta cozida em ambiente oxidante e pertencentes ao grupo I. As panelas possuem 38 peças (105 fragmentos), maioritariamente de pastas cozidas em ambiente oxidante. Destas 25 peças (82 fragmentos), 12 peças (48 fragmentos) pertencem ao grupo I, 5 peças (24 fragmentos) ao grupo III, e 5 peças (5 fragmentos) ao grupo II. As restantes pertencem ao grupo VI, com 3 peças (5 fragmentos). Uma parte significativa possui pastas de ambiente redutor oxidante, no total 12 peças (22 fragmentos), todas pertencendo ao grupo I. Apenas 1 peça (1 fragmento) possui pasta cozida em ambiente redutor, do grupo IX. Os pesos de tear possuem 9 peças (9 fragmentos), a maioria de pastas cozidas em ambiente oxidante. Destas, 6 peças (6 fragmentos), 2 peças (2 fragmentos) pertencem ao grupo VI e 4 peças (4 fragmentos) ao grupo I. Apenas 1 peça (1 fragmento) apresenta pasta redutora oxidante, pertencendo ao grupo I. Verificou-se ainda a existência de 2 peças (2 fragmentos) com pastas redutoras, pertencentes ao grupo IX. Os potes encontram-se representados por 4 peças (14 fragmentos), maioritariamente de pastas oxidantes. Destas, 3 peças (13 fragmentos) pertencem ao grupo I e apenas 1 peça (1 fragmento) desta forma pertence ao grupo de peças cozidas em ambiente redutor oxidante, do grupo I. Os pratos possuem 5 peças (7 fragmentos), maioritariamente de pastas oxidantes, 4 peças (6 fragmentos) todas do grupo I. A única peça (1 fragmento) de pasta redutor oxidante, pertence ao grupo I.

Os púcaros possuem 98 peças (210 fragmentos), sendo dos grupos formais melhor representados em toda a coleção. Destes, a maioria possui pastas cozidas em ambiente oxidante, 94 peças (199 fragmentos). Um elevado número destas, 59 peças (96 fragmentos), pertence ao grupo I, tendo ainda 17 peças (64 fragmentos) do grupo VI, 8 peças (19 fragmentos) do grupo II, 6 peças (16 fragmentos) do grupo IV e finalmente 2 peças (2 fragmentos) do grupo VIII e grupo III. Quanto as pastas redutoras oxidantes, no

total 4 peças (4 fragmentos), das quais 3 peças (3 fragmentos) pertencem ao grupo I e 1 peça (1 fragmento) ao grupo VII.

As tampas são na sua totalidade formas cozidas em ambiente oxidante, pertencendo ao grupo I e contabilizando 5 peças (6 fragmentos). Os testos possuem 89 peças (184 fragmentos), dos quais 73 peças (151 fragmentos) possuem pastas oxidantes. Dentro deste grupo, a maioria, 29 peças (53 fragmentos), pertencem ao grupo I das pastas oxidantes. As restantes, 18 peças (28 fragmentos) pertencem ao grupo II, 17 peças (46 fragmentos) ao grupo IV, 7 peças (16 fragmentos) ao grupo VI e 2 peças (8 fragmentos) ao grupo VIII. A nível das peças de pasta redutora oxidante, no total 12 peças (27 fragmentos), 6 peças (14 fragmentos) pertencem ao grupo VII das pastas redutoras, 4 peças (11 fragmentos) ao grupo I e 2 peças (2 fragmentos) ao grupo XI. As restantes peças, 4 peças (6 fragmentos), de pastas cozidas em ambiente redutor, pertencem ao grupo XIV. As tigelas possuem 43 peças (76 fragmentos), na sua totalidade pastas oxidantes. A grande maioria, 32 peças (46 fragmentos), pertence ao grupo I, seguido por 4 peças (22 fragmentos) do grupo VI, 4 peças (5 fragmentos) do grupo IV e 3 peças (3 fragmentos) do grupo II.

Passando ao grupo de fabrico da **cerâmica de barro vermelho vidrada**, este conta com 33 peças e 64 fragmentos. Na sua grande maioria, correspondendo a 4% peças de todas as peças e a 4% de todos os fragmentos apresentam pastas cozidas em ambiente oxidante, que por sua vez equivalem a 32 peças e 63 fragmentos. A peça e fragmento restante, neste caso uma peça e 1 fragmento apresentam pasta cozida em ambiente redutor, equivalendo a menos de 1% de todas as peças e fragmentos.

Começando pelos alguidares, 10 peças (21 fragmentos), correspondendo a peças apenas de ambiente oxidante. A maioria, 4 peças (10 fragmentos) enquadram-se no grupo III, 2 peças (4 fragmentos) enquadram-se no grupo VI ou no grupo I, 2 peças (2 fragmentos). Uma peça (4 fragmentos) pertence ao grupo IV e outra peça (1 fragmento) ao grupo XVI. O bispote compõe o grupo com maior número de peças dentro deste grupo de fabrico, com 19 peças (39 fragmentos), todos de pasta oxidante e maioritariamente, 18 peças (38 fragmentos), enquadram-se no grupo I exceto 1 peça (1 fragmento), esta do grupo II. Os púcaros possuem 2 peças (2 fragmentos) neste grupo de fabrico, todos de pastas oxidantes, do grupo I. As tigelas apenas possuem 1 peça (1 fragmento), de pasta oxidante e pertencente ao grupo II.

Passando para o grupo de fabrico da **cerâmica de barro claro não vidrada**, este com 131 peças (202 fragmentos). Quanto às pastas deste grupo verificou-se que 16% de todas as peças e 12% de todos os fragmentos, correspondendo a 130 peças e 201 fragmentos apresentam pastas cozidas ambiente oxidante. Apenas 1 peça e 1 fragmento, foi cozida em ambiente redutor oxidante, correspondendo a menos de 1% de todas as peças e fragmentos.

Começando pelos boiões, esta forma possui 2 peças (2 fragmentos), ambos cozidos em ambiente oxidante, mas 1 peça (1 fragmento) pertencendo ao grupo V e outra peça ao grupo II. As caixas refratárias possuem 22 peças (32 fragmentos), todos de pastas oxidantes. Destas, 8 peças (9 fragmentos) pertencem ao grupo V, 7 peças (9 fragmentos) ao grupo X e 7 peças (14 fragmentos) ao grupo I. O grupo dos copos é composto por 2 peças (2 fragmentos), do qual 1 peça (1 fragmento) possui pasta oxidante, do grupo I e 1 peça (1 fragmento) possui pasta redutora oxidante, do grupo VII. O grupo dos pratos é composto por 77 peças (132 fragmentos), todas de pastas oxidantes. Predominam peças do grupo I, 52 peças (79 fragmentos), seguido de peças do grupo II com 12 peças (20 fragmentos). As restantes repartem-se em peças do grupo VIII, 6 peças (11 fragmentos), grupo V, 5 peças (12 fragmentos) e do grupo VI, 2 peças (9 fragmentos). O grupo das tigelas é composto por 21 peças (27 fragmentos), todas de pastas oxidantes. Grande parte pertence a pastas do grupo I, 13 peças (14 fragmentos), seguido por peças do grupo II, 4 peças (9 fragmentos). As restantes peças pertencem ao grupo V, 2 peças (2 fragmentos), grupo VI, 1 peça (1 fragmento) e grupo XIII, 1 peça (1 fragmento). O grupo das trempes é composto por 7 peças (7 fragmentos), todas de pastas oxidantes. A maior parte, 5 peças (5 fragmentos), pertence ao grupo I, sendo 1 peça (1 fragmento) parte do grupo V e 1 peça (1 fragmento) do grupo X.

Passando ao grupo de fabrico da **cerâmica de barro claro vidrada**, este possui um reduzido número de peças, apenas 6 peças (44 fragmentos), todas de pastas oxidantes e correspondendo a 1% de todas as peças e 3% de todos os fragmentos. Detetou-se a presença de 6 alguidares (44 fragmento), dos quais 5 peças (43 fragmentos) pertencem ao grupo VIII e 1 peça (1 fragmento) ao grupo XIII.

O grupo de fabrico das **cerâmicas esmaltadas/faianças** inclui ainda um considerável número de peças, 41 peças (48 fragmentos), todos de pastas oxidantes e correspondendo a 5% de todas as peças e 3% de todos os fragmentos. Destas, 28 peças (32 fragmentos) pertencem a pratos, dos quais 16 peças (17 fragmentos), pertencem ao

grupo I e 12 peças (15 fragmentos) ao grupo V. As tigelas compõem a outra forma presente no grupo das faianças, possuindo 11 peças (12 fragmentos). Destas, 8 peças (9 fragmentos) pertencem ao grupo I e 3 peças (3 fragmentos) ao grupo V e ainda um azulejo, 2 peças (4 fragmentos), do grupo V.

A porcelana possui uma representação extremamente reduzida no espólio estudado, apenas 2 peças (2 fragmentos), todas oxidantes e equivalendo em ambos os casos menos de 1% de todas as peças e fragmentos. Ambas as peças e fragmentos pertencem ao grupo XVII.

4.2 As formas

4.2.1 As cerâmicas de barro vermelho não vidradas

i. Alguidar

Termo em época moderna aplicado a peças cerâmicas, vidradas ou não, caracterizadas pela sua forma troncocônica invertida, dotada de base de menor diâmetro que o do bordo e sendo mais largas que altas. O bordo desta forma era geralmente de forma arredondada, de modo a facilitar o seu manuseamento. A origem do termo será do árabe “*al-guidar / guidár*”, significando escudela grande (Fernandes, 2012, Vol. I, p.293). Forma extremamente versátil, sendo empregue tanto na cozinha como em outras áreas, como higiene pessoal e no contexto hospitalar, ou ainda, devido à sua dimensão, utilizado na exposição de mercadoria alimentar para venda. Este último é comprovado pelo uso de alguidares na venda do peixe na cidade de Évora no decorrer dos séculos XIV e XV (Fernandes, 2012, Vol. I, p.293). Já a produção de exemplares desta forma feitos a partir de barro vermelho e decorados com vidrado verde é comprovada documentalmente para Lisboa desde o século XVI, através do “Regimento dos Oleiros” de 1572, que faz alusão à produção destes com «o que se quer examinar de louça vidrada verde saberá fazer alguidares grandes, pequenos» (Fernandes, 2012, Vol. I, p.295).

Compõe o maior grupo formal identificado, com 139 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 257 fragmentos. Na sua maioria, correspondendo a 118 indivíduos e 227 fragmentos, são peças de cozedura em ambiente oxidante (102 indivíduos, 162 fragmentos), os restantes (37 indivíduos, 95 fragmentos) desta forma apresentam pastas de cozedura em ambiente redutor oxidante.

Relativamente à decoração das suas superfícies internas verificou-se a predominância do uso combinado de alisamento, brunimento e engobes de cor vermelha

em 93 indivíduos (190 fragmentos), sendo de longe o maior grupo. Outro conjunto significativo composto por 31 indivíduos (46 fragmentos) apresenta uso de não só alisamento, mas também com revestimento de engobes de cor vermelha. As restantes peças possuem apenas alisamento, nomeadamente 14 indivíduos (20 fragmentos) e ainda um indivíduo (1 fragmento) não possui qualquer tipo de tratamento de superfície.

No caso da decoração das superfícies externas verificou-se o predomínio do uso de alisamento e de engobes de cor vermelha, compondo o maior grupo decorativo com 99 indivíduos (203 fragmentos), seguido pelo grupo de indivíduos decorados com apenas alisamento com 31 indivíduos (43 fragmentos). Os restantes indivíduos dividem-se por vários grupos incluindo 4 indivíduos (5 fragmentos) sem qualquer decoração externa, 2 indivíduos (2 fragmentos) decorados com alisamento e revestimento de engobe de cor cinzenta. Além destes, 2 indivíduos (3 fragmentos) apresentam na superfície externa decoração de apenas engobe vermelho, e apenas 1 indivíduo (1 fragmento) demonstrou ter superfície externa demasiado danificada para se averiguar a sua decoração.

Falando sobre as variantes detetadas no decorrer do estudo material importa referir as características comuns a todas as peças desta forma, nomeadamente o seu perfil troncocónico, assente em fundo plano e terminado em bordo extrovertido. Fatores diferenciadores destas peças incidem principalmente na variação do perfil do bordo e pontualmente na presença (ou falta de) decoração nas superfícies, podendo distinguir-se três variantes para este grupo de fabrico (Apêndice G, A-I).

A denominada variante A (LOL16SEISD11[1129] – 15) possui lábio em aba pendente e de secção semicircular biselada. Todos os indivíduos desta variante apresentam o uso de engobe de cor vermelha e brunimento na superfície interna. Altura: 11,5 cm. Ø bordo: 42 cm. Ø fundo: 27,3 cm.

A variante B (LOL16SEISD11 [1129] – 08), difere da anterior pelo seu lábio em aba de secção semicircular biselada, mas espessada para o exterior, terminando colada ao bojo da peça. A sua superfície interna recebeu engobe de cor vermelha e brunimento. Altura: 12,6 cm. Ø bordo: 28,4 cm. Ø fundo: 18 cm.

A variante C (LOL16SEISD11 [1129] – 61) apresenta um lábio terminado em secção semicircular, colado ao bojo da peça, tendo dimensões bastante reduzidas, comparativamente com as variantes anteriores. A sua superfície interna recebeu engobe de cor vermelha e brunimento. Altura: 9 cm. Ø bordo: 38 cm. Ø fundo: 13 cm.

A nível de paralelos, para a variante A detetou-se a existência de alguidares similares na coleção material exumada na intervenção arqueológica da Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa e de cronologia entre finais do século XV e início XVI (Marques *et al*, 2012, p.127). Para a variante B encontrou-se paralelo com indivíduos recolhidos na intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro n.ºs 36/44, novamente em Lisboa, dentro dos limites do bairro da mouraria, de cronologia de século XV (Diogo e Trindade, 1998, p.265). Ambas intervenções referidas possuem indivíduos semelhantes à variante C.

ii. Bilha

O termo bilha surge na documentação oficial apenas a partir do século XVIII (Fernandes, 2012, Vol. I, p.308), tendo Bluteau escrito sobre esta forma como sendo «...vaso de barro em que se deita vinho, leite, água, etc. Tem feitio de outro vaso de barro a que chama infusa, mas esta não tem bico» (Bluteau, 1712-1728, II, p.123). Caracteriza-se por ter uma forma bojuda, alta, dotada de colo alto e restrito, sendo a sua utilização geralmente associada ao armazenamento e serviço de líquidos, especificamente água (Fernandes, 2012, Vol. I, p.308).

Na coleção material estudada esta forma apresenta apenas 2 indivíduos em toda a coleção, mas um destes encontra-se quase completo. A nível dos fragmentos foram recuperados 51 correspondentes a esta forma, todos estes cozidos em ambiente oxidante e sendo que 50 destes fragmentos pertencem à mesma peça.

Relativamente à decoração das suas superfícies internas, estas peças apresentam, para o caso da peça completa, uma decoração interna de engobe de cor vermelha, correspondendo assim a 1 indivíduo (50 fragmentos). Apenas um indivíduo (1 fragmento) não possui decoração interna.

Quanto à decoração das superfícies externas, a peça reconstruída foi decorada com apenas recurso a alisamento, correspondendo a 1 indivíduo (50 fragmentos). O segundo indivíduo (1 fragmento) apresenta uso de engobe vermelho na sua superfície externa.

A única variante da bilha (LOL16SEISD11 [1108] – 01 / [1107] – 01), apresenta perfil piriforme, terminado em bordo destacado e estrangulado, de lábio extrovertido, de secção trapezoidal. Assente em fundo plano, a peça possuiria duas asas ovaladas, paralelas uma a outra, tendo sido recuperada uma destas de secção ovóide. Sem decoração externa exceto, uma linha incisa horizontal concêntrica, de perfil semicircular junto ao

arranque de asa. Possui ainda uma pequena linha em relevo/uma canelura junto ao bordo da peça e no fim do gargalo desta. A superfície interna desta peça apresenta um engobe de cor vermelho. Altura: 25,6 cm. Ø bordo: 4,8 cm. Ø fundo: 11 cm. Ø bojo: 18 cm.

Não foi possível encontrar paralelo formal específico para esta peça, mas importa referir a presença desta forma em escavações próximo da Mouraria, nomeadamente na intervenção arqueológica da Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa, de cronologia entre finais do século XV e início do século XVI (Marques *et al*, 2012, p.127), e na intervenção no Martim Moniz de cronologia do século XV (Silva e Guinote, 1998, p. 149). Para esta última um dos indivíduos assemelha-se à presente variante, com ligeiras diferenças a nível de gargalo e asas. Outro paralelo em Lisboa foi encontrado na intervenção arqueológica dos silos do Largo do Coreto, em Carnide, de cronologias entre século XVI e XVII (Boavida, 2017, p.1829) (Apêndice G, A-II).

iii. Caçoila

Surge referenciado no “Regimento dos Oleiros” para a cidade de Lisboa, (Lisboa, 1572) de loiça vermelha como «tacho», embora tenham sido encontradas variantes em liga de metal, cobre e ferro, que as produções em barro procuravam imitar (Fernandes, 2012, Vol. I, p.342). Ligada à preparação alimentar, de uso ao lume ou no forno, esta forma apresenta, tendencialmente, uma dimensão média, de forma aberta e corpo baixo. Habitualmente dotado de duas asas ou pegas e frequentemente associado ao uso de testos ou aos chamados “prato-tampa”, testos de grandes dimensões. Definida por Bluteau como sendo «panela para o fogo» (Bluteau, 1712-1728, I, p.210).

Esta forma surge representada por 85 indivíduos, correspondendo a 140 fragmentos. Detetou-se ao longo da análise material uma predominância clara de peças cozidas em ambiente oxidante, neste caso 75 indivíduos (123 fragmentos), um grupo reduzido de peças em ambiente redutor oxidante, 8 indivíduos (9 fragmentos), e ainda 1 indivíduo (1 fragmento) cozido em ambiente redutor.

Relativamente à decoração das suas superfícies internas predomina a utilização do alisamento e engobe vermelho, com 56 indivíduos (99 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento, brunimento e engobe vermelho, com 25 indivíduos (36 fragmentos). Os restantes 2 indivíduos (3 fragmentos) tem alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta, e verificou-se ainda a presença de 1 indivíduo (1 fragmento) sem decoração interna e outro indivíduo (1 fragmento) com superfície interna danificada.

Quanto à decoração das suas superfícies externas predomina o uso de alisamento e engobe vermelho, com 68 indivíduos (114 fragmentos), seguido pelo uso de apenas alisamento, com 13 indivíduos (20 fragmentos). Outros 3 indivíduos (5 fragmentos) têm alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta e um indivíduo (1 fragmento) foi encontrado com superfície externa danificada. Apenas 1 indivíduo (1 fragmento) foi encontrado sem qualquer tipo de decoração.

A nível de variantes, para a caçoila foi possível observar-se quatro variantes (Apêndice G, A-III), partilhando estas entre si a forma troncocónica, os lábios de secção semicircular, bem como dimensões medianas assentes em fundos planos baixos geralmente instáveis.

Assim, a variante A (LOL16SEISD11 [1128] – 132) apresenta um lábio de secção semicircular espessado interiormente, tendo a superfície interna sido decorada por brunido, juntamente com a aplicação de engobe vermelho em toda a peça. Possui duas asas triangulares paralelas uma a outra, coladas ao bordo da peça. Na superfície externa possui uma linha horizontal concêntrica em relevo, de secção semicircular, localizada junto ao lábio da peça, sendo pontualmente coberta pelas asas. Esta linha em relevo é enquadrada entre duas linhas incisas horizontais e concêntricas, de secção semicircular. Altura: 6,8 cm. Ø bordo: 14,4 cm. Ø fundo: 11,6 cm.

A variante B (LOL16SEISD11 [1127] – 6) apresenta semelhanças com a anterior incluindo o fundo convexo, este decorado internamente com brunido e engobe de cor vermelha, presente na sua superfície interna e externa. O fator marcante é a presença de uma linha incisa horizontal concêntrica e de secção semicircular na superfície externa da peça, ligeiramente abaixo do lábio externo, sendo à semelhança da variante A interrompida pelas asas, duas e também triangulares, estando “coladas” ao bordo da peça. Altura: variável. Ø bordo: 18,4 cm. Ø fundo: 10,9 cm.

A variante C (LOL16SEISD11 [1108] -109) apresenta uma variação no lábio, este de secção semicircular, mas de espessamento interno e externo, bem como decoração com base em duas linhas incisas, de secção semicircular e de orientação horizontal, em torno da superfície externa, localizadas abaixo do bordo. O indivíduo selecionado foi recuperado sem asas ou fundo e possui em ambas superfícies a aplicação de engobe vermelho. Ø bordo: 22 cm.

A variante D (LOL16SEISD11 [1107] - 905) termina em lábio biselado, espessado interiormente. Para esta variante não foi possível recuperar o seu fundo, mas é importante referir a semelhança decorativa na superfície externa da peça, nomeadamente a presença de uma linha incisa junto ao lábio da peça, de secção semicircular, com a variante B, tendo no entanto lábio diferente e ainda dimensões relativamente maiores que a variante referida. O indivíduo selecionado demonstra a aplicação de engobe vermelho na superfície externa. Ø bordo: 24 cm.

A variante E (LOL16SEISD11 [1129] – 28) diferencia-se pelo lábio boleado, este espessado interiormente e exteriormente. Apresenta uma linha incisa horizontal concêntrica, de perfil semicircular, junto ao bordo na superfície exterior da peça. Contrariamente ao que foi verificado nas restantes peças desta forma, a variante E não apresentou indícios observáveis de possuir asas. A peça selecionada possui em ambas superfícies a aplicação de engobe vermelho. Altura: 7 cm. Ø bordo: 15 cm. Ø fundo: 11,6 cm.

A nível de paralelos para a variante A, B e E encontraram-se na intervenção arqueológica da Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa, de cronologia associada entre finais do século XV e início do XVI (Marques *et al*, 2012, p.127). Para a variante A, foi ainda possível encontrar paralelos com espólio recolhido no poço Sudoeste do claustro NE do Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa, de cronologia entre os séculos XVI a XVII (Bargão, 2015, p.73 e p.236). Para a variante B e D detetaram-se paralelos nos silos do Largo do Coreto, em Carnide, de cronologias entre século XVI e XVII (Casimiro *et al*, 2017, p.113-114). A falta de perfil completo para a variante C dificultou a procura de paralelos viáveis, sendo, no entanto, provável que partilhe as afinidades das variantes A e B, dada a sua semelhança formal.

iv. Candeia

Definida por Bluteau como «vaso de metal para luz» (Bluteau, 1712-1728, I, p. 210), tem maior presença durante a época moderna em cerâmica fosca. Ligada à iluminação, com recurso a azeite ou outro óleo combustível, tem tendencialmente pequena dimensão e forma aberta, com um pequeno bico para o pavio, assente em base plana (Bugalhão e Coelho, 2017, p.116).

Esta forma encontra-se representada por 4 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 5 fragmentos. Na sua totalidade são peças de cozedura em ambiente

oxidante, e quanto à decoração das superfícies internas destas peças verificou-se o uso de alisamento em 3 indivíduos (3 fragmentos) e alisamento e engobe vermelho em 1 indivíduo (2 fragmentos). Já falando sobre a decoração das superfícies externas, verificou-se em 3 indivíduos (3 fragmentos) o uso de alisamento e 1 indivíduo (2 fragmentos) com alisamento e engobe vermelho.

Dentro do material estudado foi detetada uma variante desta forma (LOL16SEISD11 [1128] – 86), composta por peças de dimensões reduzidas e forma irregular. Recipientes de paredes baixas e de bordos disformes lobados, tendo parte do bordo sido afunilada em direção do centro da peça, formando um “bico” triangular. Parte da peça, mantém a forma troncocónica no lado oposto ao bico, de paredes côncavas. Altura: 2,9 cm. Ø bordo: 7,5 cm. Ø fundo: 2,9 cm.

A nível de paralelos, detetaram-se peças semelhantes na Rua das Portas de Santo Antão, em Lisboa, de cronologia dos séculos XV e XVI (Cardoso *et al*, 2017, p.1728), e ainda na Rua dos Correeiros, também em Lisboa, nos entulhos do terramoto de 1531 (Diogo e Trindade, 2008, p.227). Foi possível encontrar paralelos próximo dos limites de Lisboa, no Barreiro, em Santo António da Charneca, de cronologia de finais do século XV ao início do XVI (Barros *et al*, 2012, p.706), e na Mata da Machada, de cronologia de meados do século XV ao princípio do XVI (Torres, 1990, p.138) (Apêndice G, A-IV).

v. Cântaro

Associado ao armazenamento e transporte de líquidos, o cântaro é uma peça habitualmente de forma bojuda, colo alto, podendo ser dotado de uma ou duas asas, tendo ainda uma grande variedade a nível de dimensões. São peças associadas às produções em cerâmica fosca, embora variantes vidradas e brunidas tenham sido referenciadas para as cidades de Guimarães, de 1552 e Coimbra, em 1573 (Fernandes, 2012, Vol. I, p.313).

Detetaram-se 44 indivíduos desta forma em toda a coleção, correspondendo a 173 fragmentos. A nível de cozeduras predominam pastas de cozedura em ambiente oxidante, com 33 indivíduos (138 fragmentos) e ainda uma minoria de peças de cozedura em ambiente redutor oxidante, com 11 indivíduos (35 fragmentos). Quanto à decoração das superfícies internas destas peças verificou-se o uso de alisamento em 31 indivíduos (154 fragmentos) e alisamento e engobe vermelho, em 13 indivíduos (19 fragmentos). Já quanto à decoração das superfícies externas, verificou-se o uso de alisamento e engobe vermelho, com 42 indivíduos (171 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento e

superfície/engobe de cor cinzenta, com 1 indivíduo (1 fragmento). Apenas 1 indivíduo (1 fragmento) apresentava superfície externa sem qualquer tipo de decoração.

Nesta coleção foi possível observar a existência de pelo menos uma variante desta forma (LOL16SEISD11 [1107] – 02 / [1108] - 04/ [1103] – 01), tendo infelizmente sido apenas recuperados fragmentos de fundo e bojo, sem que tenha sido possível identificar um perfil completo. Do que foi possível recuperar, a variante desta forma apresenta um perfil piriforme, terminado em fundo plano, com tratamento da superfície externa com base no uso de alisamento e engobe vermelho. Altura: 23,6 cm. Ø fundo: 13,8 cm.

Dada à falta de perfil completo a procura de paralelos para estas peças é limitada, podendo apenas incluir toda e qualquer coleção material exumada onde esta forma esteja presente no vasto universo já publicado (Apêndice G, A-V).

vi. Especieiro

Objeto de pequenas dimensões e forma circular de paredes baixas, verticais ou sub-verticais. Podiam ser produzidos em cerâmica fosca, vidrada ou em faiança, sendo utilizados no serviço de condimentos e molhos à mesa. A sua presença é mais forte nas mesas mais ricas, especialmente para variantes em faiança, surgindo ainda em contextos conventuais (Fernandes, 2012, Vol. I, p.339). Surge na bibliografia também sob nome de “salseira” e “salsinha” (Fernandes, 2012, Vol. I, p.338-339).

Para a presente coleção, esta forma possui 7 indivíduos no total, correspondendo a 14 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se o predomínio de pastas cozidas em ambiente oxidante, com 5 indivíduos (11 fragmentos), com uma minoria em ambiente redutor oxidante, apenas 2 indivíduos (3 fragmentos). A nível de decoração de superfície interna, predomina o uso de alisamento e engobe vermelho, com 4 indivíduos (8 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento, com 3 indivíduos (6 fragmentos). A nível de decoração de superfície externa, grande parte das peças demonstram tratamento com base no uso de alisamento e engobe vermelho, com 4 indivíduos (8 fragmentos) e no uso de apenas alisamento, com 3 indivíduos (6 fragmentos).

Para a forma do especieiro (LOL16SEISD11 [1123] -151) identificou-se apenas uma variante, sendo esta peça de dimensões reduzidas, de corpo troncocónico, terminado em bordo baixo, ligeiramente exvertido e lábio de secção semicircular fina. Assenta em fundo plano, por vezes ligeiramente côncavo, dos indivíduos estudados, dois apresentam,

em ambas superfícies, a aplicação de uma camada de engobe vermelho. Altura: 3 cm. Ø bordo: 8,6 cm. Ø fundo: 3,2 cm.

Para o caso de especeiros em cerâmica fosca encontraram-se paralelos em Lisboa na intervenção arqueológica da Rua do Benfornoso 168/186, de finais do século XV e início do XVI (Marques *et al*, 2012, p.128), tendo outro paralelo sido encontrado no Hospital de Todos-os-Santos com cronologia do século XVI a XVII (Silva e Guinote, 1998, p.156) (Apêndice G, A-VI).

vii. Fogareiro

Fornos portáteis de dimensões reduzidas o suficiente para serem manejáveis, mas podendo assumir dimensões maiores. Estas formas são por hábito, associadas ao aquecimento doméstico ou enquanto utensílio de cozinha. Composto por dois corpos, um superior denominado braseiro e um inferior chamado cinzeiro. Como os nomes indicam o braseiro estaria associado à contenção das chamas, tendo um fundo com vários orifícios ligadas à expulsão de cinzas, estas que caíam no cinzeiro, que estaria dotado de uma abertura vertical, por onde seria possível extrair e limpar o seu interior (Fernandes, 2012, Vol. I, p.320). Habitualmente produzidos em cerâmica fosca, eram peças relativamente acessíveis, com presença marcada em todos estratos sociais. Nas cozinhas portuguesas de época moderna podiam ser utilizadas também como ferramenta de trabalho para determinadas profissões dependentes do acesso regular a fontes de calor.

Para esta forma, incluiu-se nesta contagem todas as peças pertencentes a um fogareiro, tendo no decorrer do estudo do material sido identificados fundos e grelhas de fogareiro. Deste modo contabilizaram-se 8 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 26 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a presença de pastas cozidas em ambientes oxidantes, com 5 indivíduos (12 fragmentos), e ainda de pastas cozidas em ambientes redutores oxidantes, com 3 indivíduos (14 fragmentos). Referindo a decoração de superfície interna, predomina nesta forma o uso de alisamento, com 6 indivíduos (18 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento e engobe vermelho, com 2 indivíduos (8 fragmentos). A nível de decoração de superfície externa, nesta forma verifica-se o uso de alisamento e engobe vermelho, com 2 indivíduos (8 fragmentos), e ainda o uso de alisamento, com 6 indivíduos (18 fragmentos).

Abordando mais especificamente, o fundo do fogareiro possui 2 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 2 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se apenas

a presença de peças cozidas em ambiente oxidante. Quanto à decoração das superfícies destas formas, para ambos indivíduos verificou-se que, tanto a superfície interna como externa foram tratadas com apenas recurso a um alisamento.

Já a grelha do fogareiro possui apenas 1 indivíduo em toda a coleção, correspondendo a 2 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se apenas a presença de peças cozidas em ambiente redutor oxidante. Quanto à decoração das superfícies desta forma, para o indivíduo identificado verificou-se que ambas as suas superfícies foram apenas tratadas com recurso a um alisamento.

O fogareiro (LOL16SEISD11 [1128] – 023), neste caso tratamos apenas do braseiro, é uma peça de perfil troncocónico, com estrangulamento do bojo a meio do perfil desta, terminando em bordo arredondado com espessamento interno. Possui pelo menos uma asa vertical ovalada, em fita e de corte aproximadamente trapezoidal arredondada. Ambas superfícies desta peça receberam uma cobertura de engobe vermelho. Altura: 17,8 cm. Ø bordo: 11 cm. Um paralelo potencial regista-se no Hospital Real de Todos-os-Santos, tendo sido descoberto num contexto de cronologia entre os séculos XVI a XVIII e no Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros, na vertente oeste da encosta da Mouraria de Lisboa e de cronologia indicada da segunda metade do século XVII (Bargão, Ferreira, 2013, p. 1050) (Apêndice G, A-VII).

viii. Forma

Forma associada à produção de pão, podendo ser empregue para amassar a massa ou então para a cozedura, sendo a forma assente no fogareiro. Também surge sob o nome placa de pão, associada à produção do chamado «bolo de pedra, bolo tijolo ou bolo do Pico», tradição culinária ligada aos Açores (Torres, 1990, p.137-138). Apresentam forma circular, de grande diâmetro e reduzida espessura, podendo ainda possuir bordos de pequena dimensão e espessura.

Dentro do espólio estudado, esta forma apresenta no total 26 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 29 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de peças em cozidas em ambiente oxidante, com 19 indivíduos (21 fragmentos), com a presença de peças de cozedura em ambiente redutor oxidante, com 7 indivíduos (8 fragmentos). Relativamente à decoração de superfícies internas destas formas, verificou-se a predominância do uso de alisamento e engobe vermelho, com 18 indivíduos (20 fragmentos), seguida pelo uso de alisamento, com 6 indivíduos (6

fragmentos). Surgem ainda peças com cobertura de superfície com base no alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta, com 1 indivíduo (2 fragmentos) e ainda no alisamento e decoração incisa, com 1 indivíduo (1 fragmento). Quanto à decoração de superfícies externas destas formas, verificou-se a predominância do uso de alisamento, com 14 indivíduos (15 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento e engobe vermelho, com 7 indivíduos (8 fragmentos). Algumas peças apresentam na superfície externa apenas o uso de engobe vermelho, 4 indivíduos (4 fragmentos) ou ainda alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta, 1 indivíduo (2 fragmentos).

Comum a todas as variantes desta forma é a reduzida altura das paredes da peça e a sua forma em “chapa”, diferenciando-se principalmente pela altura das paredes/existência de paredes e espessura de fundo (Apêndice G, A-VIII).

A variante A (LOL16SEISD11[1129] – 4) é uma “chapa” baixa, terminada em bordo ligeiramente exvertido, quase impercetível, de lábio arredondado ou aplanado, de pequena altura, assentando em fundo plano. Os indivíduos desta variante apresentam engobe de cor vermelha aplicado em pelo menos numa das suas superfícies, tendencialmente na interna. Altura: 2,4 cm. Ø bordo: 32,4 cm. Ø fundo: 31 cm.

A variante B (LOL16SEISD11[1129] – 2) surge apenas como uma peça cerâmica onde o bordo e fundo partilham a mesma dimensão, sendo pouco mais que uma “chapa” plana, de secção semicircular. Os indivíduos selecionados apresentam ter recebido a aplicação de engobe de cor vermelha na superfície interna. Altura: 1,4 cm. Ø bordo/fundo: 38 cm.

Estas peças possuem alguma dispersão a nível de paralelos, tanto na cronologia, como na localização geográfica, tendo sido exumados indivíduos da Variante A no forno cerâmico da Mata da Machada, no Barreiro de cronologia de século XV a XVI (Torres, 1990, p. 135) e ainda enquanto material de importação no Machico, na ilha da Madeira, em contextos do século XVI e XVII (Sousa, 2011, p.334-335). Também no forno da olaria da Rua das Portas de Santo Antão, em Lisboa, foram detetados exemplares com cronologias entre os séculos XV e XVI (Cardoso *et al*, 2017, p. 1720). Já a variante B surge em contextos dos séculos XII e XIII, no espólio da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês (Bugalhão *et al*, 2007, p.338-339), bem como na coleção material do já referido forno da Mata da Machada (Torres, 1990, p. 135).

ix. Infusa

Recipiente utilizado para servir líquidos à mesa, podendo ser de uso coletivo, e tendencialmente bojuda ou ovóide, de forma fechada e dimensões geralmente medianas. Tende a assentar em fundo plano com um colo estreito e alongado, podendo os seus bordos serem dotados de bico vertedor. Bluteau define como sendo «vaso de barro a modo de bilha, com bico», sendo estas peças produzidas numa variedade de material, nomeadamente cerâmica fosca, vidrada, ligas metálicas, ou vidro (Bluteau, 1712-1728, I, p.720).

Forma, que dentro do material estudado apresenta apenas um indivíduo em toda a coleção, correspondendo a 13 fragmentos. A nível de cozeduras verificou-se apenas a presença de peças cozidas em ambiente oxidante. Em termos de decoração verificou-se o uso de alisamento e engobe de cor vermelha em ambas as superfícies. Importa abordar a descoberta no decorrer do tratamento material de uma forma possivelmente relacionada, com apenas 1 indivíduo em toda a coleção. Esta peça foi recuperada por completo, sem indícios de fragmentação, com exceção a uma secção de bordo lascado. A peça demonstra, pelo que foi possível observar da referida lasca, cozedura em ambiente oxidante, tendo ambas as suas superfícies sido decoradas com alisamento e ainda um possível engobe negro, podendo, no entanto, tratar-se de superfície/engobe queimada/o.

A variante A da infusa (LOL16SEISD11 [1127] – 241 / [1125] – 152) possui corpo tendencialmente hemisférico, assente em fundo plano, com ligeira concavidade próximo do centro da peça. Foi encontrada com a presença de um arranque de asa num dos lados da peça, não tendo sido recuperada a asa em si. Para esta peça não se encontrou bordo, sendo notado um afunilamento ligeiro próximo do bordo, onde foi aplicada uma decoração com duas linhas em relevo concêntricas horizontais, enquadradas por três incisões, também de orientação horizontal, de perfil semicircular. Ambas superfícies encontram-se revestidas de engobe vermelho. Altura: 16,5 cm. Ø bojo: 22,8 cm. Ø fundo: 9,4 cm.

De dimensões reduzidas, a variante B de infusa foi no decorrer do estudo dos materiais denominada por vinagreira (LOL16SEISD11 [1128] – 01). Possui uma forma fechada ovóide, com carena, terminada em bordo estrangulado, ligeiramente extrovertido, com lábio de trilobado, e possuindo um bico vertedor. Assenta em fundo plano,

ligeiramente côncavo e possui ainda asa ovalada, do lado contrário ao bico, partindo do bojo e terminando abaixo do bordo. Possui uma linha incisa horizontal concêntrica no local de inflexão do bordo. As superfícies desta peça apresentam uma coloração escura, de cor negra/ acinzentada, potencialmente indicando uma peça queimada. Altura: 9. Ø bordo: 3,8 cm. Ø fundo: 4,6 cm.

Para a variante A um paralelo possível regista-se com indivíduos decorados com incisões similares, na intervenção arqueológica da Rua do Benfornoso 168/186 de cronologia apontada entre finais do século XV e início do século XVI (Marques *et al*, 2012, p.127). Já para a variante B não foi possível encontrar um paralelo específico, pelo menos não um que possuísse dimensões similares, mas encontrou-se potencialmente variantes de grandes dimensões. Sob a definição formal de infusa, surgem no espólio recolhido na intervenção no Martim Moniz, de superfícies vidradas e de cronologia indicada para século XVI (Silva e Guinote, 1998). Outro paralelo foi encontrado no Palácio do Governador, no Castelo de São Jorge em Lisboa, datado do século XV-XVI (Gaspar *et al*, 2009). Juntando estes exemplos com a dimensão reduzida da variante B, podemos supor estar perante um brinquedo, neste caso uma infusa em miniatura (Apêndice G, A-IX).

x. Jarra

À semelhança do alguidar, a origem do termo surge associado a raízes árabes, provindo de “*jarra / yarra*” (Fernandes, 2012, Vol. I, p.324). São peças de produção em cerâmica fosca, faiança ou até porcelana e poderiam ter uma, duas ou nenhuma asa, sendo associadas ao armazenamento e serviço de líquidos. Podendo ainda desempenhar um papel decorativo no domicílio, enquanto contentor de flores estas peças surgem também no “Inventário da Infanta D. Beatriz”, datado do ano 1507, ligadas à conservação de alimentos (Fernandes, 2012, Vol. I, p.324-325).

Para esta forma contabilizaram-se 4 indivíduos em toda a coleção, correspondendo 11 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de peças cozidas em ambiente oxidante, com 3 indivíduos (10 fragmentos), seguido por 1 indivíduo (1 fragmento) cozido em ambiente redutor oxidante. Relativamente à sua decoração predominam, tanto na superfície interna como na superfície externa, peças decoradas com alisamento e engobe vermelho, com 3 indivíduos (10 fragmentos) tendo apenas 1 indivíduo (1 fragmento) sido decorado com apenas alisamento.

xi. Mealheiro

Forma que surge associada ao armazenamento de numismas, com intuito de poupança. Tem forma fechada, com um “mamilo” destacado e separado do bojo da peça, este servindo de pega. Estas peças teriam uma ranhura por onde seriam inseridos os numismas e dada à falta de outros orifícios de maior dimensão, para se proceder ao acesso das poupanças era necessário partir a peça em si (Fernandes, 2012, Vol. I, p.325).

Forma com 3 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 9 fragmentos. A nível de decoração das superfícies destas formas verificou-se o uso de alisamento em todas as superfícies internas dos indivíduos e a aplicação de alisamento e engobe vermelho nas superfícies externas destes mesmos.

Os mealheiros, surgem com pouca representação no espólio analisado, sendo apenas uma variante identificada (LOL16SEISD11[1107] -726). Mesmo favorecendo a seleção das peças mais intactas, não foi possível obter um perfil completo, ficando assim identificado uma variante de dimensões reduzidas e corpo globular, assente em pé circular, destacado do corpo da peça. A parte inferior do bojo apresenta um pequeno buraco que atravessa a grossura da parede. Ø fundo: 4,3 cm.

Estas peças possuem paralelos formais, dentro do que foi possível recuperar, com os mealheiros encontrados no Largo do Coreto, em Carnide, de cronologia entre século XVI e XVII (Boavida, 2017, p.1829), e potencialmente com os indivíduos desta forma recolhidos na carga do Ria de Aveiro A, ligados a cronologias entre a segunda metade do século XV e a primeira metade do XVII (Alves *et al*, 1995; Carvalho e Bettencourt, 2012, p.742) (Apêndice G, A-X).

xii. Panela

Forma de uso comum em época moderna, habitualmente produzida em cerâmica fosca, podendo ainda ser vidrada ou em faiança, existindo variantes produzidas em ligas metálicas. Dotadas de uma ou duas asas, esta forma tinha dimensões muito variadas (Fernandes, 2012, Vol. I, p.326). As variantes em cerâmica fosca surgem mais frequentemente associadas à confeção alimentar, nomeadamente para o aquecimento dos alimentos sobre brasas, ao passo que as peças vidradas têm maior presença na preparação e conserva de alimentos (Fernandes, 2012, Vol. I, p.327).

Dentro do material estudado esta forma apresenta 38 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 105 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de pastas cozidas em ambiente oxidante, com 25 indivíduos (82 fragmentos), seguida pela presença de peças cozidas em ambiente redutor oxidante, com 12 indivíduos (22 fragmentos), e ainda 1 indivíduo (1 fragmento) cozido em ambiente redutor.

Relativamente à decoração das superfícies internas destas peças verificou-se a predominância do uso de apenas alisamento, com 19 indivíduos (59 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento e engobe vermelho, com 14 indivíduos (40 fragmentos). Foram ainda identificados 3 indivíduos (4 fragmentos) decorados com alisamento, brunimento e engobe vermelho e outros 2 indivíduos (2 fragmentos) com alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta.

Sobre a decoração das superfícies externas destas peças verificou-se a predominância do uso de alisamento e engobe vermelho, com 29 indivíduos (78 fragmentos), seguido pelo uso de apenas alisamento, com 5 indivíduos (23 fragmentos). Além destes foram identificados 3 indivíduos (3 fragmentos) com alisamento e superfície de cor cinzenta e ainda a presença de 1 indivíduo (1 fragmento) sem qualquer tipo de decoração.

No decorrer do estudo foram ainda identificadas duas variantes de panela de reduzidas dimensões, denominadas por panelinha, com 2 indivíduos encontrados completos, correspondendo assim a apenas 2 fragmentos individuais. A nível de cozedura verificou-se apenas a presença de pastas cozidas em ambiente oxidante e relativamente à decoração das superfícies internas verificou-se em ambos indivíduos o uso de alisamento e engobe vermelho. Nas suas superfícies externas verificou-se o uso de alisamento apenas em 1 indivíduo (1 fragmento) e ainda o uso de alisamento e engobe vermelho em 1 indivíduo (1 fragmento).

As panelas estudadas tendem a ter uma forma hemisférica, partilhando os bordos fechados de orientação sub-vertical e assentando em fundo plano, este frequentemente concavo junto ao centro da peça. Além destas, outra característica comum é a presença de duas asas, ou evidências da existência destas, principalmente de orientação vertical (Apêndice G, A-XI).

A variante A (LOL16SEISD11 [1107] – 012) termina em bordo ligeiramente invertido e secção trapezoidal. A sua superfície externa foi decorada com duas caneluras concêntricas de secção semicircular e orientação horizontal. Possuiria duas asas paralelas de orientação vertical, das quais apenas uma foi recuperada, esta de secção trapezoidal, partindo do bordo e terminando no bojo, próximo do fundo da peça. Altura: 6,8 cm. Ø bordo: 22,5 cm. Ø fundo: 14,5 cm.

A variante B (LOL16SEISD11 [1129] – 025) termina em bordo fechado, ligeiramente invertido e de lábio de secção retangular/plana. É decorada na superfície externa por uma linha incisa horizontal concêntrica, junto ao bordo, de secção semicircular. Possuiria duas asas paralelas de orientação vertical, das quais apenas uma foi recuperada parcialmente, esta de secção trapezoidal, partindo do bordo e terminando no bojo da peça. O indivíduo desta variante selecionado apresenta um engobe de cor vermelha na sua superfície externa. Altura: 22,5 cm. Ø bordo: 17 cm. Ø fundo: 14,5 cm.

A variante C (LOL16SEISD11 [1107] – 07 / [1108] – 05) termina em bordo fechado e lábio de secção retangular/plana. Apresenta uma fina linha incisa horizontal no bojo, de secção semicircular e possui duas asas ovaladas paralelas, tendo ambas sido recuperadas, estas partindo e terminando no bojo da peça a alturas diferentes, de orientação sub-vertical e estas de secção trapezoidal. Os indivíduos desta variante selecionados apresentam um engobe de cor vermelha em ambas superfícies. Altura: 22,5 cm. Ø bordo: 17 cm. Ø fundo: 14,5 cm.

A variante D (LOL16SEISD11 [1107] – 549) termina em bordo fechado e lábio de secção arredondada, espessado exteriormente e interiormente. Foi recuperada uma asa de pequenas dimensões, moldada a partir do bordo, de perfil triangular (arredondado). Não foi possível recuperar o fundo da peça. Quanto à decoração das suas superfícies observou-se em torno do bordo uma linha incisa de orientação horizontal e secção semicircular. Verificou-se o uso de um engobe de cor vermelha na superfície interna. Altura: 12 cm. Ø bordo: 11 cm.

A variante E, uma das panelinhas (LOL16SEISD11 [1127] – 02), de forma cilíndrica, termina em bordo fechado e lábio de secção semicircular. Assente em fundo plano regular, apresenta duas linhas incisadas horizontais, de secção semicircular, no bordo da peça. Possui duas asas paralelas de reduzidas dimensões, tendo sido recuperada apenas uma, esta vertical e de secção circular. A peça apresenta resíduo de vidro verde em

torno da superfície externa da peça e ainda um possível engobe de cor negro, podendo tratar-se de um engobe ou outra decoração de superfície queimada. Altura: 7,7 cm. Ø bordo: 4,6 cm. Ø fundo: 5,2 cm.

A variante F, uma das panelinhas (LOL16SEISD11 [1107] – 10), apresenta forma hemisférica terminada em bordo fechado e lábio de secção retangular, com espessamento para o exterior. Assenta em fundo baixo em bolacha, e possui duas asas ovaladas de dimensões reduzidas, ambas recuperadas, de corte semicircular. Detetou-se a presença de uma linha incisa horizontal na superfície externa da peça, junto do bordo da peça, de secção semicircular e grossura reduzida, e ainda o uso de engobe vermelho na superfície interna e externa. Altura: 7 cm. Ø bordo: 5,2 cm. Ø fundo: 4,2 cm.

A nível de paralelos, para as variantes A, B e C foram encontrados indivíduos similares na coleção recolhida na intervenção arqueológica da Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa, de cronologia entre finais do século XV e início do XVI (Marques *et al*, 2012, p.127). Para a variante A detetou-se ainda paralelos com material encontrado nos silos do Palácio de Santa Helena, Lisboa e de cronologia do século XVII (Batalha *et al*, 2017, p.1764), e no espólio do poço seiscentista no vale de Alcântara (Batalha e Cardoso, 2013). Para a variante B detetou-se paralelos com espólio recolhido na intervenção do poço Sudoeste do claustro NE do Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa, de cronologia entre século XVI e XVII (Bargão, 2015, p.243-244). Para a variante D encontrou-se paralelos com material exumado da olaria de século XV e XVI na Rua das Portas de Santo Antão, em Lisboa (Cardoso *et al*, 2017, 1728), e na intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro n.ºs 36/44, na Mouraria de Lisboa, de cronologia de século XV (Diogo e Trindade, 1998, p.264). Para as variantes E e F, as panelinhas, apenas foi possível encontrar paralelos para a variante F, nomeadamente, um indivíduo descoberto nos silos Largo do Coreto, em Carnide, identificado como brinquedo, de cronologias entre século XVI e XVII (Boavida, 2017, p.114).

xiii. Peso de Tear

Para esta dissertação a forma peso de tear refere-se ao grupo de peças de perfil irregular e dimensões variadas, produzidas, no caso desta intervenção arqueológica, exclusivamente em barro vermelho. Como o nome indica surge associado à tecelagem

podendo, no entanto, ser empregue enquanto contrapeso/ peso para as redes de pesca ou ainda enquanto peça de teste para averiguar a temperatura do forno.

Esta forma é pouco numerosa dentro da coleção material, com 9 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 9 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de pastas cozidas em ambiente oxidante, com 6 indivíduos (6 fragmentos), seguido por pastas cozidas em ambiente redutor, com 2 indivíduos (2 fragmentos) e terminando com pastas cozidas em ambiente redutor oxidante, com 1 indivíduo (1 fragmento).

Estas peças surgem em reduzido número na coleção aqui tratada, tendo apenas sido registada uma variante, de perfil ovalado irregular, com uma perfuração de secção circular, que atravessa a grossura de toda a peça, presente no ponto mais fino do indivíduo sendo ainda peças sem decoração. Peça pouco equilibrada quanto à distribuição da grossura e peso, sendo uma secção mais espessa e pesada do que o resto do corpo. Altura: 10,6 cm. Ø bojo: 7,2 cm.

A nível de paralelos para esta peça não foram encontrados paralelos específicos, dada a irregularidade da forma em si, admitindo no entanto, a existência em contextos produtivos semelhantes ao Largo das Olarias, por exemplo na Mata da Machada, de cronologia de meados do século XV ao princípio do XVI (Torres, 1990) ou em Santo António da Charneca, de cronologia de finais do século XV ao início do XVI (Barros *et al*, 2012), e em contextos de lixeira de idade moderna, como o Quarteirão dos Lagares, de cronologias dos séculos XVI e XVII (Nunes e Filipe, 2012) (Apêndice G, A-XII).

xiv. Pote

Surge referenciado por Bluteau como «... vaso de barro alto com asas, e com boca larga em que guarda água...» (BLUTEAU, 1712-1728, VI, p.652), tendo na realidade uma forma multifuncional, associada principalmente ao armazenamento de líquidos, como vinho, azeite e água, mas ainda para o armazenamento de outros elementos, como cal. Estas peças tinham dimensões bastante variadas, sendo frequente a existência de duas asas e um tratamento de superfície interior, nomeadamente brunimento, para uma melhor impermeabilização (Fernandes, 2012, Vol. I, p.331-332). Para o caso aqui apresentado, foi seleccionado este termo “pote” em vez de panela, dada as semelhanças com paralelos com esta nomenclatura em escavações de cronologias aproximadas.

Forma com 4 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 14 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de pastas cozidas em ambiente oxidante, com 3 indivíduos (13 fragmentos), seguido por pastas cozidas em ambiente redutor oxidante, com 1 indivíduo (1 fragmento).

Relativamente à decoração das superfícies internas destas peças verificou-se a predominância do uso de alisamento e engobe vermelho, com 3 indivíduos (13 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta, com 1 indivíduo (1 fragmento). Quanto às superfícies externas verificou-se a predominância do uso de alisamento e engobe vermelho, com 3 indivíduos (13 fragmentos) e apenas 1 indivíduo (1 fragmento) com alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta.

Foi identificada uma variante de pote (LOL16SEISD11[1107] – 556 / [1108] - 62) de perfil globular com arranque de pelo menos uma asa, terminando em bordo fechado, não tendo sido possível recuperá-lo na sua totalidade. Assenta em fundo plano, ligeiramente côncavo, tendo ainda na sua superfície externa uma linha incisa horizontal concêntrica e corte semicircular, ligeiramente desviada em direção do bordo, próximo do fundo da peça. Altura: 10,3 cm. Ø bojo: 14,2 cm. Ø fundo: 7,3 cm. Identificou-se um possível paralelo na intervenção do poço Sudoeste do claustro do Hospital de Todos-os-Santos, em contextos de cronologia entre os séculos XVI a XVII (Bargão, 2015, p.186) (Apêndice G, A-XIII).

xv. Prato

Forma que ganhou maior visibilidade na mesa portuguesa a partir do século XVII, sendo até a altura relativamente pouco empregue em território nacional. Existem, no entanto, referências desde pleno século XVI, no “Regimento dos Oleiros” de Lisboa, o único em Portugal que faz menção a «...pratos de toda a sorte...» e «...prato grande que se chama galinheiro, em louça branca de Talavera...», este em faiança (Fernandes, 2012, Vol.I, p.332; Lisboa, 1572). Embora mais associado ao consumo de porções individuais de alimentos à mesa, verifica-se na bibliografia uma forma frequentemente chamada de “prato-tampa”, testos de grande dimensão, que serviriam para cobrir caçoilas.

Forma, que no caso das peças de barro vermelho não vidradas possui 6 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 9 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de pastas cozidas em ambiente oxidante, com 5 indivíduos (8 fragmentos), seguido por 1 indivíduo (1 fragmento) cozido em ambiente redutor oxidante.

Quanto à decoração das superfícies internas destas peças verificou-se maioritariamente o uso de alisamento e engobe vermelho, com 3 indivíduos (5 fragmentos), seguido por 2 indivíduos (3 fragmentos) com apenas alisamento e terminando com 1 indivíduo (1 fragmento) com alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta.

Quanto à decoração das superfícies externas destas peças verificou-se maioritariamente o uso de alisamento e engobe vermelho, com 4 indivíduos (6 fragmentos), seguido por 1 indivíduo (1 fragmento) com apenas alisamento e ainda 1 indivíduo (1 fragmento) com alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta.

A única variante detetada para esta forma, de barro vermelho não vidrado (LOL16SEISD11 [1107] – 530) apresenta perfil troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio de orientação sub-vertical em aba bastante reduzido. Lábio este de secção semicircular, sendo que a peça assenta em pé anelar baixo e de diâmetro reduzido. Altura: 3 cm. Ø bordo: 14,6 cm. Ø fundo: 6,8 cm.

A nível de paralelos, esta forma possui semelhanças ao material exumado na intervenção na Rua de Buenos Aires nº10, em Lisboa, de cronologias entre o século XVII e primeiro quartel do século XVIII (Batalha *et al*, 2012, p. 958-960; Batalha *et al*, 2016, p. 9), bem como na coleção dos silos do Palácio de Santa Helena, em Lisboa, do século XVII (Batalha *et al*, 2017, p. 1763) (Apêndice G, A-XIV).

xvi. Púcaro

Peças de dimensões reduzidas, mas bastante variáveis, surgindo no “Regimento dos Oleiros” de 1572 como «...coisas miúdas...» (Lisboa, 1572). As produções lisboetas teriam algum renome dentro do reino, sendo que Júlio de Castilho refere que estas cerâmicas lisboetas do século XVI eram dotadas de «fisionomia especialíssima, que fere as vistas aos estrangeiros; e a nós, só por muito habituados nos não prende» (Castilho, 1935, p.264). Ainda na mesma obra, este autor fala sobre a valorização dos púcaros pela classe alta portuguesa, «Dois reinados depois, ainda os púcaros tinham foro grande, e lugar distinto à mesa de el Rei D. Sebastião» e «em 1571 e lá jantou, viu, à mesa onde el-Rei comia, um grade vaso de prata cheio de água, a qual se deitava para um púcaro de barro vermelho muito fino e luzidio» (Castilho, 1935, p.267).

A popularidade desta forma não se limitava apenas aos estratos sociais mais elevados da sociedade portuguesa, de uso prevalente em todo o Reino, quase que um

fenómeno cultural (Fernandes, 2012, Vol. I, p.335). Para além do seu uso no consumo de líquidos, surge no “Livro de Cozinha da Infanta D. Maria”, da primeira metade do século XVI, como medida empregue nas receitas da época (Fernandes, 2012, Vol. I, p.335).

Esta forma representa um dos maiores grupos de peças dentro do estudo material, com 98 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 210 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de pastas cozidas em ambiente oxidante, com 94 indivíduos (199 fragmentos), seguido por pastas cozidas em ambiente redutor oxidante, com 4 indivíduos (11 fragmentos).

Quanto à decoração das superfícies internas destas peças verificou-se maioritariamente o uso de alisamento e engobe vermelho, com 70 indivíduos (181 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento, brunimento e engobe vermelho, com 17 indivíduos (17 fragmentos). Parte do espólio desta forma apresentava superfície interna com apenas alisamento, 8 indivíduos (9 fragmentos), ou então uso de alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta, com 1 indivíduo (1 fragmento). Por fim é necessário referir a presença de 2 indivíduos (2 fragmentos) sem qualquer tipo de decoração.

Quanto à decoração das superfícies externas destas peças verificou-se maioritariamente o uso de alisamento e engobe vermelho, com 71 indivíduos (183 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento, brunimento e engobe vermelho, com 18 indivíduos (18 fragmentos). Dos restantes indivíduos, 6 destes (6 fragmentos) apresentavam apenas o uso de alisamento e 1 indivíduo (1 fragmento) com uso de alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta. Por fim foram contabilizados 2 indivíduos (2 fragmentos) sem qualquer tipo de decoração.

As variantes de púcaro detetadas no espólio do Largo das Olarias partilham entre si características, nomeadamente o corpo globular, com exceção de uma variante, e os bordos verticais terminados em lábios de secção semicircular. Além disso assentam todas em fundos planos, variando pontualmente a altura destes e são todas dotadas de uma asa ovalada vertical. Importa referir que todos os indivíduos tiveram um tratamento com engobe de cor vermelha, tanto nas suas superfícies internas e externas (Apêndice G, A-XV). Ao falar sobre as múltiplas variantes de púcaro encontradas no espólio do Largo das Olarias foi de modo a facilitar a compreensão do texto referente aos paralelos encontrados, e contrariamente ao que tem vindo a ser feito neste capítulo, feita referência aos paralelos juntamente à descrição das variantes e não posteriormente.

A variante A (LOL16SEISD11 [1123] - 147 / [1125] – 032) termina em bordo alto, de orientação vertical, com lábio de secção semicircular espessado exteriormente. Assenta em fundo plano espessado e ligeiramente côncavo, possuindo uma asa ovalada vertical e corte triangular, que parte do centro do bojo e termina no bordo da peça. Detetou-se a presença de uma linha em relevo concêntrica horizontal, de secção semicircular definida por duas incisões, também horizontais e de secção semicircular, em torno de todo o ponto de inflexão de bordo para bojo. Altura: 9,5 cm. Ø bordo: 8 cm. Ø fundo: 4,6 cm. A variante A possui um elevado número de paralelos, nomeadamente com espólio recolhido no poço Sudoeste do claustro NE do Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa, de cronologia entre os séculos XVI a XVII (Bargão, 2015, p. 236), na rua do Benfornoso, na Mouraria e de cronologia do final do século XV e princípio do XVI (Marques *et al*, 2012, p.128), no Largo do Terreiro do Trigo, também em Lisboa, em realidades estratigráficas do século XVI (Gonzalez, 2012, p.89). Surge ainda em material recuperado na Calçada de S. Lourenço, em Lisboa, embora fora de contexto (Diogo, Trindade, 2003, p.213), e nos silos do Palácio de Santa Helena, em Lisboa, de cronologia associada ao século XVII (Batalha *et al*, 2017, p. 1765).

A variante B (LOL16SEISD11 [1123] – 185) possui colo alto, terminado em bordo vertical curto, com lábio de secção semicircular. É dotada de uma asa ovalada vertical e corte semicircular, partindo do bojo e terminado no bordo. A decoração desta variante inclui uma linha incisa fina, horizontal e concêntrica, de secção semicircular próximo do colo da peça. Ø bordo: 6,8 cm. Para a variante B encontraram-se paralelos no Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais, em cronologia de finais do século XV a meados do século XVI (Cardoso e Rodrigues, 2002, p.281) e na intervenção no Martim Moniz de finais do século XVI a meados do século XVII (Silva e Guinote, 1998, p.167).

A variante C (LOL16SEISD11 [1123] – 148) apresenta forma ovalada, terminada em bordo reduzido em aba de orientação sub-vertical e de lábio de secção semicircular, ligeiramente espessado para o exterior. Possui uma asa ovalada vertical e de corte triangular, partindo do bojo e terminando no lábio da peça. Assenta ainda em fundo plano, ligeiramente côncavo. Detetou-se a presença de duas caneluras horizontais, em torno do bordo da peça, de secção semicircular. Altura Máxima: 9,6 cm. Ø bordo: 6,5 cm. Ø fundo: 5,4 cm. A variante C possui paralelos com espólio do Quarteirão dos Lagares, de cronologias dos séculos XVI e XVII (Nunes e Filipe, 2012, p. 146).

A variante D (LOL16SEISD11 [1127] – 001) apresenta forma globular terminada por bordo alto vertical terminado em lábio de secção semicircular, sem qualquer espessamento. Possui uma asa ovalada vertical e corte triangular, partindo do bojo e terminado no bordo, ligeiramente abaixo do lábio. Assenta em fundo plano, ligeiramente côncavo e possui uma linha horizontal em relevo na carena definida por duas incisões, também horizontais, em torno de todo o ponto de inflexão de bordo para bojo, de perfil semicircular. Altura: 9,5 cm. Ø bordo: 6,5 cm. Ø fundo: 4,7 cm. A variante D tem paralelo na escavação dos silos do Palácio de Santa Helena, em Lisboa, do século XVII (Batalha *et al*, 2017, p.1765), em espólio da intervenção no Martim Moniz, de finais do século XVI a meados do século XVII (Silva e Guinote, 1998, p.167), e na intervenção do poço Sudoeste do claustro NE do Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa, de cronologia entre os séculos XVI a XVII (Bargão, 2015, p. 266).

A variante E (LOL16SEISD11 [1128] - 070 / [1125] – 034 / [1123] – 154) apresenta forma ovalada, com bordo em aba reduzida, ligeiramente extrovertida e lábio de corte semicircular. Detetou-se a presença de um arranque de asa, sem que esta tenha sido recuperada. Assenta em fundo plano, ligeiramente espessado e convexo, como decoração apresenta uma canelura horizontal, de corte semicircular, junto ao bordo da peça. Altura: 10,1 cm. Ø bordo: 6,6 cm. Ø fundo: 4,4 cm. A nível de paralelos para a variante E encontraram-se peças similares na Junta de Freguesia de Machico, na ilha da Madeira, considerada como peça de importação das olarias da zona sul de Portugal e de cronologia do século XVI (Sousa, 2012, p.239-240).

xvii. Tampa

De uso semelhante ao testo, as tampas são tendencialmente produzidas em cerâmica modelada e pedrada, sendo peças de produção mais cuidada que os textos. Podiam acompanhar as peças de servir a mesa, nomeadamente bilhas e os cântaros. De forma cónica, com pega central e interior oco, possuíam aba exterior e feição triangular de modo a assentar ou cobrir os recipientes (Bugalhão e Coelho, 2017, p.131).

Forma com 5 indivíduos em toda a coleção, correspondendo 6 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de pastas cozidas em ambiente oxidante, com 5 indivíduos (6 fragmentos), seguido por 1 indivíduo (6 fragmentos), cozido em ambiente redutor oxidante.

Quanto à decoração das superfícies internas destas peças verificou-se maioritariamente o uso de alisamento e engobe vermelho, com 4 indivíduos (4 fragmentos), seguido por apenas 1 indivíduo (2 fragmentos) decorado só com alisamento. Já quanto à decoração das superfícies externas destas peças verificou-se na sua totalidade o uso de alisamento e engobe vermelho, com 5 indivíduos (6 fragmentos).

As tampas surgem no espólio do Largo das Olarias em reduzida quantidade, mas com alguma variedade, sendo possível identificar 3 variantes em cerâmica modelada, desta forma. Os elementos que diferenciam estas variantes prendem-se principalmente com decoração individual de cada variante, e com a altura e dimensão da peça e estilo de pega (onde aplicável). Partilham ainda entre si o fundo estribado alto, sob aba horizontal concêntrica, bem destacada e de secção semicircular e o arranque de parede de tendência campaniforme (Apêndice G, A-XVI).

A variante A (LOL16SEISD11 [1123] – 03) apresenta decoração na superfície externa composta por uma linha em relevo de perfil semicircular, e uma canelura, também de perfil semicircular, junto do arranque da pega, ambas horizontais e concêntricas. Possui uma pega superior de formato cónico/ triangular. Ø fundo: 8,9 cm.

A variante B (LOL16SEISD11 [1123] – 06) apresenta decoração na superfície externa de duas linhas incisas, de perfil semicircular, e orientação horizontal, bem como duas caneluras de orientação e corte igual, junto ao arranque da pega e junto à aba. A pega desta variante não foi encontrada, ficando assim sem ser identificada a sua forma. Ø fundo: 5,8 cm

A variante C (LOL16SEISD11 [1123] – 08) termina em pega alta e estreita, mais a meio do que no topo, assente em bojo decorado com quatro linhas incisas de orientação horizontal, concêntricas e de secção semicircular. Ø fundo: 8,4 cm.

A nível de paralelos, para as variantes B e C encontrou-se semelhanças no poço Sudoeste do claustro NE do Hospital Real de Todos-os-Santos, de cronologia entre os séculos XVI a XVII (Bargão,2015, p.260). A variante A não possui paralelos ditos “diretos”, mas na intervenção arqueológica do edifício do Aljube, em Lisboa foi possível encontrar peças extremamente semelhantes e de cronologia de séculos XVI e XVII (Santos, 2008, p.335). Sobre a variante B para além do já referido, encontrou-se paralelo na Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa, de cronologia entre finais do século XV e

início do XVI (Marques *et al*, 2012, p.128). A variante C possui paralelo com espólio fora de contexto, na Calçada de S. Lourenço, em Lisboa (Diogo, Trindade, 2003, p.213).

xviii. Testo

Forma associada à cobertura de peças, nomeadamente aquelas ligadas ao armazenamento de líquidos e à preparação alimentar. Podiam ou não ser dotadas de uma pega, normalmente colada ao fundo da peça, do lado da superfície externa. Produzidas em cerâmica fosca, de dimensões bastante variáveis, sempre menores que o “prato-tampa”. Peças troncocónicas, de forma aberta e paredes tendencialmente baixas, assentes em base plana, por vezes côncava ou convexa (Bugalhão e Coelho, 2017, p.132). Bluteau define estas peças como sendo «bocado de barro cozido, redondo, com bico no meio, serve de cobrir panelas, cântaros, quartas, etc» (Fernandes, 2012, Vol. I, p.346).

Forma bem representada com 89 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 184 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se a predominância de pastas cozidas em ambiente oxidante, com 73 indivíduos (151 fragmentos), seguido por pastas cozidas em ambiente redutor oxidante, com 12 indivíduos (27 fragmentos), e terminando com pastas cozidas em ambiente redutor, com 4 indivíduos (6 fragmentos).

Para a decoração das superfícies internas destas peças detetou-se maioritariamente o uso de alisamento e engobe vermelho, com 56 indivíduos (128 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento, com 18 indivíduos (32 fragmentos). Para além destas, 7 indivíduos (12 fragmentos) apresentam decoração com base no alisamento, brunimento e engobe vermelho, e outros 2 indivíduos (2 fragmentos) com alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta. Importa referir a presença de 6 indivíduos (10 fragmentos) com superfície interna bastante queimada, impossibilitando análise de decoração.

Quanto à decoração das superfícies externas destas peças verificou-se maioritariamente o uso de alisamento e engobe vermelho, com 55 indivíduos (115 fragmentos), seguido pelo uso de alisamento, com 24 indivíduos (54 fragmentos). Os restantes 3 indivíduos (3 fragmentos) apresentam decoração com base no alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta. À semelhança do verificado nas superfícies internas, 6 indivíduos (10 fragmentos) apresentam superfícies externas queimadas, impossibilitando análise de decoração, e ainda 1 indivíduo (2 fragmentos) demasiado danificado para se averiguar os possíveis revestimentos.

Os testos surgem com alguma representatividade no espólio em estudo. Partilham entre si a forma troncocónica, diferenciando-se uns dos outros pelas suas dimensões, bordos e lábios, decoração e ainda pela presença, ou ausência de pega central (Apêndice G, A-XVII).

A variante A (LOL16SEISD11 [1104] - 36) termina em bordo sub-vertical e lábio em secção biselada, assente em fundo plano. Esta variante não aparenta possuir pega central, tendo ainda uma dimensão bastante maior que os restantes testos. Altura: 4,3 cm. Ø bordo: 17,4 cm. Ø fundo: 6,7 cm.

A variante B (LOL16SEISD11[1127] – 37 / [1109] – 09 / [1122] – 01 / [1125] – 11) termina em bordo sub-vertical, com lábio de secção biselada e espessado para o exterior. Assente em fundo em bolacha de altura reduzida, não possuindo qualquer tipo de pega, tendo sido detetada a presença de engobe vermelho em ambas superfícies. Altura: 3 cm. Ø bordo: 14,3 cm. Ø fundo: 4,3 cm.

A variante C (LOL16SEISD11 [1123] – 05; LOL16SEISD11 [1127] -280 / [1123] -195) termina em bordo sub-vertical e lábio arredondado, assente em fundo plano. Possui uma pega central, em botão, de dimensões reduzidas, esta “colada” ao fundo na superfície externa, podendo variar o perfil destes entre forma semicircular ligeiramente achatado no topo ou terminada em cone. O corpo desta pega central varia ligeiramente entre a forma cilíndrica baixa ou cilíndrica estrangulada. Peças desta variante possuem um tratamento de superfície com base no engobe vermelho em ambas superfícies. Altura: 2 cm. Ø bordo: 10,3 cm. Ø fundo: 5,2 cm.

A variante D (LOL16SEISD11 [1123] – 04) termina em bordo de secção biselada de orientação sub-horizontal em aba e assenta em fundo em bolacha. Dotada de uma pega central em “botão” no centro da peça, na superfície externa desta, de secção semicircular. É decorada em ambas superfícies por um engobe vermelho, assemelhando-se à variante C mas sendo produzida em cerâmica modelada. Altura: 1,5 cm. Ø bordo: 8 cm. Ø fundo: 4,2 cm.

A variante E (LOL16SEISD11 [1129] - 22) corresponde às peças desta forma de maior dimensão, terminando em bordo sub-horizontal e lábio em aba de secção semicircular, espessada externamente. Assente em pé anelar elevado, em um destes exemplares foi aplicado engobe vermelho em ambas superfícies, em outro apenas na superfície interna, e ainda, em um terceiro exemplar, verificou-se brunimento da

superfície interna. A sua dimensão e tratamento de superfície leva a que esta variante seja denominada enquanto “prato testos” ou “prato tampa”. Altura: 5,3 cm. Ø bordo: 24,1 cm. Ø fundo: 7,7 cm.

A nível de paralelos foi possível encontrar indivíduos equivalentes para todas as variantes acima identificadas nos silos do Largo do Coreto, em Carnide, de cronologias entre século XVI e XVII (Casimiro *et al*, 2017, p.113 e 114). Para as variantes A, C e E encontraram-se paralelos no Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais, associado a cronologias entre finais do século XV e meados do século XVI, (Cardoso e Rodrigues, 2002, p.278). No poço Sudoeste do claustro NE do Hospital Real de Todos-santos foram encontrados paralelos às variantes A, C e E, de cronologia para os séculos XVI a XVII (Bargão, 2015, p. 195 e 259). Ainda neste mesmo hospital foram encontrados paralelos para a variante A, de cronologia apontada para finais do século XVII (Silva e Guinote, 1998, p.39). Para a variante C foi possível identificar paralelos nos silos do Palácio de Santa Helena, em Lisboa, de cronologia do século XVII (Batalha *et al*, 2017, p. 1764), e na Rua das Portas de Santo Antão, de cronologia entre séculos XV e XVI (Cardoso *et al*, 2017, p.1728). Para as variantes C e E encontraram-se paralelos com o espólio da intervenção arqueológica da Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa, de cronologia indicada entre finais do século XV e início do XVI (Marques *et al*, 2012, p.127 e 128).

xix. Tigela

Peças com alguma variabilidade formal, mas predominantemente hemisféricas, produzidas em barro fosco ou vidrado. Podiam ou não possuir pega, sendo mais comum não a terem (Fernandes, 2012, Vol. I, p.348). Forma versátil, bastante funcional, desempenhando papel na cozinha ligado à preparação e cozedura de alimentos, mas sendo também levada à mesa, para o consumo alimentar e de líquidos. As variações existentes sugerem estar adaptadas especificamente à sua utilização, facto que se verifica também nas suas dimensões, que podem ir da porção individual até às de grandes porções.

Dentro do material estudado esta forma encontra-se representada por 43 indivíduos de pasta vermelha, correspondendo a 76 fragmentos. A nível de cozeduras verificou-se apenas a presença de peças cozidas em ambiente oxidante.

Dos indivíduos identificados, 16 (24 fragmentos) apresentam superfície interna decorada com recurso a apenas alisamento, 15 indivíduos (20 fragmentos) decorados com alisamento e engobe vermelho seguido por 11 indivíduos (30 fragmentos) decorados com alisamento, brunimento e engobe vermelho. Apenas 1 indivíduo (2 fragmentos) apresenta superfície interna decorada com alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta.

Sobre a decoração das superfícies externas destas peças, 26 indivíduos (50 fragmentos) apresentam decoração com base no uso de alisamento e engobe vermelho, 15 indivíduos (23 fragmentos) com apenas alisamento. Os restantes indivíduos repartem-se em 1 indivíduo (1 fragmento) com uso de alisamento, brunimento e engobe vermelho e 1 indivíduo (2 fragmentos) com alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta.

Os indivíduos de todas as variantes analisadas partilham entre si a forma troncocónica, estando diferenciados pelos seus bordos, fundos e tratamento de superfícies e pontualmente na presença de asas (Apêndice G, A-XVIII).

A variante A (LOL16SEISD11 [1127] – 239 / [1128] – 69) termina em bordo boleado vertical, espessado ligeiramente para o interior e lábio de secção semicircular. Assenta em fundo plano em bolacha ligeiramente elevado. Possui duas incisões horizontais de perfil semicircular na superfície externa, uma localizada junto ao bordo e outra junto ao fundo. Para além desta decoração verificou-se a presença de engobe vermelho na superfície exterior e interior bem como de brunimento apenas na superfície interior. Altura: 5,5. Ø bordo: 17,2 cm. Ø fundo: 9 cm.

A variante B (LOL16SEISD11[1107] – 847) termina em bordo vertical e lábio biselado. Encontra-se profusamente decorada, com caneluras verticais na superfície interna e externa, múltiplas linhas incisas horizontais de corte semicircular próximo do bordo e dispersas pelo bojo e próximo do fundo da peça, e ainda com caneluras horizontais e de secção semicircular. Possui ainda arranque de asa horizontal, sem que tenha sido recuperada a asa em si, nem tendo sido encontrado fundo correspondente. Apresenta engobe vermelho na superfície interior e exterior. Altura: 6,6. Ø bordo: 8 cm.

A variante C (LOL16SEISD11[1123] – 155) termina em bordo vertical e lábio de perfil triangular. Assenta em fundo em bolacha espessado e plano. À semelhança da variante anterior apresenta um elevado número de decorações, com engobe vermelho em ambas superfícies, bem como múltiplas caneluras verticais na superfície interna e externa da peça, indo desde o fundo até ao bordo. Detetou-se a existência de três linhas incisas

horizontais, duas junto do bordo e uma próxima do fundo da peça, todas de secção semicircular. Importa referir a presença de arranque de uma asa horizontal, localizado a meio do bojo da peça, na superfície externa. Apresenta engobe vermelho na superfície interior e exterior. Altura: 6,8. Ø bordo: 14 cm. Ø fundo: 5,8 cm.

A variante D (LOL16SEISD11[1108] - 22 / [1107] – 533) termina em bordo vertical e lábio de perfil semicircular, espessado exteriormente e interiormente. Assenta em fundo plano e bastante convexo, não possuindo decorações nem revestimento das superfícies, tendo sido encontrado com restos de argamassa na sua superfície interna e externa. Altura: 9,2. Ø bordo: 17,2 cm. Ø fundo: 9,6 cm.

Para a variante E (LOL16SEISD11[1123] – 206) apenas foi recuperado o fundo desta, com princípio de bojo. Assenta em fundo plano destacado e ligeiramente espessado e ligeiramente côncavo. Detetou-se a presença de dois arranques de asa colados junto ao fundo, ambos de orientação se não vertical, pelo menos sub-vertical. A superfície externa encontra-se decorada com linhas incisas horizontais de secção semicircular, tendo pelo menos três na secção recuperada, duas destas junto ao fundo e uma no bojo. Além destas linhas, surgem pequenas caneluras na superfície interna, criando pequenos altos na superfície externa. Decorada com engobe vermelho em ambas superfícies. Ø fundo: 9,9 cm.

No caso da variante F (LOL16SEISD11 [1128] – 087) apenas foi recuperado o fundo. Este sugere uma forma troncocónica, assente em fundo em bolacha destacado e ligeiramente espessado, partilhando características com a variante anterior, mas de fundo significativamente mais baixo. Decorada com engobe vermelho em ambas superfícies. Ø fundo: 7,2 cm.

A nível de paralelos, a falta de perfis completos para as variantes de cerâmica modelada (C, E, F) e a variante B dificultaram a procura de coleções equivalentes, tendo, no entanto, sido encontrado para estas variantes contextos arqueológicos lisboetas com presença desta forma no espólio exumado. Falando em termos gerais, na intervenção arqueológica no edifício do Aljube, em Lisboa e de cronologia dos séculos XVI e XVII (Santos, 2008, p. 329-330); na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, em Cascais, de cronologias entre finais do século XVI até meados do século XVII (Rodrigues *et al*, 2012, p.869); no Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais, associado a cronologias do século XVII (Cardoso e Rodrigues, 2002, p.283); no Largo dos Trigueiros, de

cronologia apontada para a segunda metade do século XVII (Bargão e Ferreira, 2013, p.1055); nos silos do Largo do Coreto, em Carnide e de cronologias entre século XVI e XVII (Boavida, 2017, p.1829; Casimiro *et al*, 2017, p.113); terminando nos silos do Palácio de Santa Helena, em Lisboa, de cronologia associada ao século XVII (Batalha *et al*, 2017, p. 1765).

Para a variante A encontrou-se paralelos no poço sudoeste do claustro do Hospital de Todos-os-Santos, de cronologia entre os séculos XVI a XVII (Bargão, 2015, p. 249), e ainda noutra coleção do mesmo hospital e de cronologia semelhante (SILVA e GUINOTE, 1998, pp.160-163); na Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa, de cronologia entre finais do século XV e princípio do século XVI (Marques *et al*, 2012, p.127); e no Quarteirão dos Lagares, de cronologias dos séculos XVI e XVII (Nunes e Filipe, 2012, p.144). Além destas importa referir o Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais, associado a uma cronologia entre finais do século XV e meados do século XVI, (Cardoso e Rodrigues, 2002, p.279), e os silos do Palácio de Santa Helena, em Lisboa, de cronologia associada ao século XVII (Batalha *et al*, 2017, p. 1765). Para a variante D foi possível encontrar paralelos na Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa, de cronologia entre finais do século XV e início do XVI (Marques *et al*, 2012, p.127).

4.2.2 As cerâmicas de barro claro não vidradas

i. Boião

Esta forma surge referenciada no “Regimento dos Oleiros” de 1572, ligada à produção da chamada louça branca de Talavera, nominalmente produção de faiança, estando associado a uma listagem de peças que o oleiro deveria saber produzir «uma botica com suas redomas e boiões e panelas que levem até arroba» (Fernandes, 2012, Vol. I, p.308). Tipicamente de forma bojuda e colo baixo, poderiam dispor de duas pegas, junto ao bordo.

Relativamente às pastas brancas esta forma possui apenas 2 indivíduos, correspondendo a 3 fragmentos. Estes indivíduos apresentam cozedura em ambiente oxidante, sem qualquer tipo de decoração nas superfícies internas. Já na superfície externa uma das peças foi decorada com alisamento, e outro exemplar com o que aparenta ser um ligeiro brunido.

O grupo do boião tem pouca representatividade nesta coleção, tendo apenas uma variante (LOL16SEISD11 [1102] – 37) sido identificada. Partilha das mesmas

características referidas nomeadamente o perfil ovalado, de interior oco, sem que possa ser feita uma análise mais aprofundada, visto não ter sido possível reunir fragmentos suficientes para montagem de um perfil. Para esta forma não se verificou qualquer tipo de tratamento de superfície. Ø bojo: 4,6 cm. Encontrou-se paralelo para esta variante na Rua do Benfornoso 168/186, em Lisboa, de cronologia entre finais do século XV e início do século XVI (Marques *et al*, 2012, p.128) (Apêndice G, B-I).

ii. Caixa

Para o território português o termo caixa surge associado ao francesismo “*cassettes*”, “*casetas*” ou “*cazetes/gazetas*”. Utilizadas na produção de cerâmica vidrada, a sua função consistia na proteção do esmalte, das impurezas resultantes da combustão no processo de vitrificação (Sebastian, 2012, p.427). Deste modo, estas peças impediam que as cinzas presentes no interior da câmara de cozedura assentassem sob as produções cerâmicas e impediam o contato direto das peças com as chamas, que em ambas situações resultavam em alterações à cor e qualidade do vidrado (Sebastian, 2012, p.427). Produzidas a partir de barro refratário, capaz de resistir as temperaturas altas ocorrentes no processo de vitrificação, estas formas circulares podiam ser produzidas em molde ou em simples roda de oleiro, sendo as suas dimensões ajustadas às peças que deveriam proteger (Sebastian, 2012, p.428).

Forma que, relativamente à cerâmica de barro claro não vidrado, surge com 22 indivíduos, correspondendo a 32 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se apenas a presença de pastas cozidas em ambiente oxidante.

Tendencialmente estas peças apresentam superfícies internas com evidências de um alisamento, no total 15 indivíduos (23 fragmentos), sendo os restantes 7 indivíduos (9 fragmentos) peças sem qualquer decoração interna.

Já nas suas superfícies externas, a situação é inversa, tendo uma maioria, neste caso 13 indivíduos (22 fragmentos) superfícies externas sem qualquer decoração ou tratamento de superfície. Os restantes 9 indivíduos (10 fragmentos) apresentam superfícies externas com alisamento.

A nível de variantes desta forma, ambas partilham a forma troncocónica assente em fundo plano, diferenciando-se uma da outra pelos seus bordos, diâmetro de bordo e fundo, altura dos seus bojos e desvio do seu fundo (Apêndice G, B-II).

A variante A das caixas refratárias (LOL16SEISD11 [1104] – 37) termina em bordo vertical de secção semicircular, tratando-se de uma peça de bojo baixo e grande diâmetro. Apresenta caneluras horizontais em torno da superfície externa da peça, e assenta em fundo plano, ligeiramente convexa. Ø bordo: 24 cm. Ø fundo: 24 cm

A variante B (LOL16SEISD11 [1104] – 38), termina em bordo vertical plano, tendo bojo alto e diâmetro reduzido. Assenta, em fundo plano, ligeiramente concavo. Altura: 9,4. Ø bordo: 6,9 cm. Ø fundo: 7,1 cm.

Os paralelos encontrados são aplicáveis a ambas formas, dada à especificidade de contextos produtivos, como é o Largo das Olarias, ou em contextos de despejo de espólio oleiro, esta forma teria uma presença significativa, nomeadamente a locais ligados à produção de peças em vidro e em faiança (Castro *et al*, 2017, p.1739). Procurando dentro dos limites de Lisboa foi possível encontrar na Rua de Buenos Aires nº10, em Lisboa, de cronologias entre século XVII e século XVIII (Batalha *et al*, 2012, p. 951), na Rua das Madres, de cronologia entre século XVII e XVIII (Krus e Manso, 2016,p.19), e no Largo de Jesus, associado a cronologias de século XVII (Casimiro, 2010, p.491-492).

iii. **Copo**

Estas peças eram utilizadas no serviço e consumo de líquidos à mesa, de porções e uso individual. São peças frequentemente produzidas em cerâmica fosca, havendo, no entanto, variantes em madeira. Tendencialmente de corpo cilíndrico e base plana, são dotadas usualmente de uma só asa, tendo dimensões variadas. Algumas ocorrências de dimensões reduzidas, são denominadas como “copo medidor” (Bugalhão e Coelho, 2017, p.117).

Forma com apenas 2 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 2 fragmentos. Relativamente à decoração das suas superfícies, na superfície interna verifica-se o uso de alisamento em ambos indivíduos, repetindo-se o mesmo para as superfícies externas destas peças. Embora não tenham sido alvo de desenho ou estudo de variantes para esta dissertação, importa referir que estas peças aparentam ser os previamente referidos copos medidores, tendo sido observado no caso de ambos indivíduos bojões e uma asa de dimensões reduzidas.

iv. Prato

Para a cerâmica de barro claro não vidrado os pratos encontram-se representados por 77 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 131 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se apenas a presença de pastas cozidas em ambiente oxidante.

Para a decoração das superfícies internas e externas destas formas verificou-se que, para as peças recolhidas no forno [1131] do Largo das Olarias, todas apresentavam alisamento em ambas superfícies, sem exceção. Para o grupo dos pratos de cerâmica de barro claro não vidrada, este é totalmente composto por material em chacota. Partilham todos de forma troncocónica, bordos em aba, e lábio exvertido. Diferem principalmente na dimensão dos bordos e abas e na orientação destas mesmas, e ainda nas dimensões e características dos seus fundos (Apêndice G, B-III).

A variante A (LOL16SEISD11 [1104] – 06) é dotada de bordo em aba de pequena dimensão e lábio de orientação sub-horizontal, de secção semicircular e paredes obliquas com ressalto interior. Assente em pé anelar baixo, ligeiramente convexo. Altura: 3,5 cm. Ø bordo: 15 cm. Ø fundo: 6,8 cm.

A variante B (LOL16SEISD11 [1104] – 02) termina em bordo com lábio de sub-horizontal e de secção semicircular. Assenta em fundo com caldeira, ligeiramente côncavo. Peças desta variante surgem no espólio do Largo das Olarias frequentemente deformadas. Altura: 4,7 cm. Ø bordo: 21,4 cm. Ø fundo: 4,6 cm.

A variante C (LOL16SEISD11 [1104] – 07), termina em aba e lábio de orientação sub-horizontal, de secção semicircular. Assenta em fundo anelar raso de altura reduzida. Altura: 3,7 cm. Ø bordo: 20,2 cm. Ø fundo: 12 cm.

A variante D (LOL16SEISD11 [1103] – 02) termina em bordo e lábio de orientação sub-vertical em aba, de secção semicircular, assente em fundo anelar baixo, mas de grande diâmetro. Altura: 2,7 cm. Ø bordo: 22,8 cm. Ø fundo: 14,4 cm.

A variante E (LOL16SEISD11 [1112] – 001) termina em bordo vertical, ligeiramente exvertido e de lábio de secção semicircular, sem qualquer aba. Assente em pé anelar raso. Altura: 2,9 cm. Ø bordo: 14 cm. Ø fundo: 9,3 cm.

A variante F (LOL16SEISD11 [1123] -46 / [1109] - 24 / [1121] – 20) termina em bordo exvertido, com lábio de secção semicircular em aba larga e plana. Assenta em pé anelar baixo. Altura: 3,7 cm. Ø bordo: 22,6 cm. Ø fundo: 13,5 cm.

Tratando-se de um grupo de peças totalmente em chacota, no decorrer da procura de paralelos apropriados verificou-se uma equivalência formal para as variantes acima descritas com peças em faiança. Naturalmente, importa referir o aparecimento de peças em faiança e em chacota paralelas às variantes acima referidas, dentro dos restantes fornos do Largo das Olarias (Castro *et al*, 2017, p.1737-1739). Para as variantes A, C, D, E e F encontrou-se paralelos na Rua de Buenos Aires nº10, em Lisboa, de cronologias entre século XVII e século XVIII (Batalha *et al*, 2012, p.958-959; Batalha *et al*, 2016, p. 9). Para a variante B identificou-se paralelos com material já esmaltado no Largo de Jesus, em Lisboa e associado a cronologias de século XVII (Sebastian, 2012, p.937). Para as variantes B, C, D e F encontrou-se paralelos nos silos do Palácio de Santa Helena, em Lisboa, de cronologia associada ao século XVII (Batalha *et al*, 2017, p.1763-1764). Para as variantes B, D e F foram encontrados paralelos com peças já esmaltadas/vidradas, nomeadamente no Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais, associados a cronologia do século XVII (Cardoso e Rodrigues, 2002, p.287), e no Mosteiro de S. João de Tarouca, de cronologia da segunda metade do século XVII, nas olarias de Vila Nova (Sebastian, 2012, p.948).

v. Tigela

Relativamente às peças cerâmicas de barro claro não vidradas, esta forma apresenta 21 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 27 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se apenas a presença de pastas cozidas em ambiente oxidante.

A nível da decoração das superfícies internas e externas destas peças, verificou-se um panorama semelhante ao dos pratos de barro claro não vidrado, tendo 19 indivíduos (25 fragmentos) sendo contabilizados com alisamento em ambas superfícies. No entanto 1 indivíduo (1 fragmento) foi recuperado sem qualquer tratamento de superfície em ambas superfícies e ainda 1 indivíduo (1 fragmento) apresentava indícios de preparação de faiança.

Para o grupo das tigelas de barro claro não vidrado, verificou-se que todas as peças identificadas correspondem a peças em chacota, à semelhança do que se verificou para os pratos. Verificou-se a existência de duas variantes distintas para este grupo, diferenciadas principalmente pelo seu bojo e bordo (Apêndice G, B-IV).

As peças da variante A (LOL16SEISD11 [1123] -38 / [1127] – 63) possuem medidas semelhantes entre si, todas de forma troncocónica, terminadas em bordo

ligeiramente exvertido e lábio biselado. As paredes destas peças são relativamente finas, assentando em fundo anelar, ligeiramente convexo, coincidindo com a secção do fundo mais espessada. Todas as peças desta variante apresentam pequenas fendas dispersas em ambas superfícies e estruturas tortas e instáveis. Altura: 6,7 cm. Ø bordo: 14 cm. Ø fundo: 6,4 cm.

As peças da variante B (LOL16SEISD11[1104] – 08) apresentam semelhanças à variante A, sendo marcadamente mais abertas e mais baixas, terminando ainda em lábio de perfil semicircular, ligeiramente espessado na superfície interna. Assentam em fundo anelar baixo, sendo decoradas com uma linha incisa horizontal concêntrica, junto ao fundo, de perfil semicircular. Altura: 5,6 cm. Ø bordo: 18 cm. Ø fundo: 7 cm.

Para a variante A encontraram-se paralelos com espólio esmaltado, no Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais, associado a cronologia entre finais do século XV e meados do século XVI (Cardoso e Rodrigues, 2002, p.287), na Rua de Buenos Aires nº10, em Lisboa, de cronologias entre século XVII e século XVIII (Batalha *et al*, 2012, p. 959-960), e ainda nos silos do Palácio de Santa Helena, em Lisboa, de cronologia associada ao século XVII (Batalha *et al*, 2017, p. 1764). Para a variante B encontraram-se paralelos na Rua de Buenos Aires nº10, em Lisboa, de cronologias entre século XVII e século XVIII (Batalha *et al*, 2016, p.9), também sendo fragmentos de chacota. Em ambas as variantes, foi possível encontrar peças semelhantes, em faiança, dentro do espólio dos restantes fornos presentes no Largo das Olarias (Castro *et al*, 2017, p.1737-1739).

vi. Trempe

Associadas à produção de cerâmica vidrada, estas peças surgem no decorrer do cozimento de peças cerâmicas, servindo enquanto separadores, sendo relativamente frágeis, aguentando uma ou duas utilizações. Produzidas a partir de barro refratário enchacotado, em forma de estrela com três braços e de extremidades geralmente aguçadas, de modo a reduzir as zonas de contato com as superfícies cerâmicas a vidrar (Sebastian, 2012, p.433). O número de pontas por braço é variado, bem como a orientação destas pontas, tanto viradas para baixo como para cima, ou apenas para uma das direções. As peças identificadas nesta coleção apresentam tipicamente apenas duas pontas em cada braço, ligeiramente aguçadas.

Forma com 7 indivíduos de barro claro não vidrado, em toda a coleção, correspondendo a 7 fragmentos. A nível de cozeduras verificou-se apenas a presença de peças cozidas em ambiente oxidante.

As superfícies internas e externas destas peças não apresentam qualquer tipo de tratamento decorativo, sendo, no entanto, importante referir a presença de pequenos pingos de faiança em pelo menos 2 indivíduos (2 fragmentos).

4.2.3 As cerâmicas de barro vermelho vidradas

i. Alguidares

Forma que para o espólio de barro vermelho vidrado, possui 10 indivíduos, correspondendo a 21 fragmentos. A nível de cozeduras, verificou-se que a totalidade destes indivíduos apresentam pastas cozidas em ambiente oxidante.

Destes, 9 indivíduos (17 fragmentos) possuem superfícies internas decoradas com vidrado de cor verde, tendo 1 indivíduo (4 fragmentos) na sua superfície interna decoração com base no vidrado melado.

Para as superfícies externas destas peças verificou-se a predominância de peças com apenas alisamento, 7 indivíduos (14 fragmentos), seguido pelo uso de vidrado de cor verde com 2 indivíduos (3 fragmentos). A peça decorada internamente com vidrado melado, 1 indivíduo (4 fragmentos) apresenta uma decoração da superfície externa com base no alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta.

A variante A (LOL16SEISD11 [1129] – 45) termina em bordo em aba biselada, apresentando o uso de vidrado de cor verde na sua superfície interna, e ainda a presença de duas linhas incisivas horizontais concêntricas, de secção semicircular, próximo do bordo. Pela coloração das pastas e dos vidrados empregues na decoração das superfícies destas peças, aparenta tratar-se de cerâmicas de produção lisboeta. Altura: 10,4 cm. Ø bordo: 24 cm. Ø fundo: 14 cm.

A variante B (LOL16SEISD11 [1102] – 25 / [1127] – 327) termina em bordo de em aba boleada de secção circular. Foi decorada na superfície interna com vidrado castanho melado, e na superfície externa com engobe de cor negra/castanha escura. É dos poucos exemplares de alguidar, tanto vidrado como não vidrado de paredes relativamente baixas. À semelhança do que se verifica para a variante A, dada a pasta empregue na sua

produção, assume-se que se trate de produções lisboetas. Altura: 9,5 cm. Ø bordo: 39 cm. Ø fundo: 22 cm.

A nível de paralelos, as variantes A e B partilham semelhanças com o espólio do Quarteirão dos Lagares, de cronologia apontada para os séculos XVI e XVII (Nunes e Filipe, 2012, p. 145), no Beco das Barrelas, em Lisboa, de cronologia apontada pra o século XVI (Oliveira, 2012, p.54). Surge ainda paralelo no Hospital Real de Todos-Os-Santos, em Lisboa, de cronologia associada ao século XVI (Barradas e Silva, 2017, 1695) (Apêndice G, C-I).

ii. Bispote

Termo com origem na língua inglesa, *pisspot*, refere à peça cerâmica, neste caso um vaso, para necessidades menores, podendo ser substituído pelo termo vaso-da-noite (Bluteau, 1712-1728, I, p.183). Formas e dimensões variadas, mas frequentemente eram empregues peças vidradas.

Forma que, para o espólio vidrado de cor verde de barro vermelho, possui 19 indivíduos em toda a coleção, correspondendo a 39 fragmentos. Apresenta pastas apenas de cozedura em ambiente oxidante. Os vários indivíduos apresentam colagens entre si, mas sem constituir pelo menos um perfil.

A nível decorativo, todos os indivíduos e fragmentos desta forma apresenta em ambas superfícies internas e externas vidrado de cor verde.

iii. Caçoila

Forma que, para espólio vidrado melado, de barro vermelho, possui apenas 1 indivíduo, correspondendo a 1 fragmento. A nível de cozeduras verificou-se a presença de pasta cozida em ambiente reductor. A nível decorativo, a superfície interna desta única peça apresenta um vidrado de cor verde, tendo a sua superfície externa sido alvo de alisamento.

iv. Púcaro

Forma que para espólio vidrado de cor verde, de barro vermelho, possui 2 indivíduos, correspondendo a 2 fragmentos. A nível de cozeduras verificou-se a presença de pasta cozida em ambiente oxidante. A nível de decoração, o vidrado foi aplicado em ambas as superfícies.

v. Tigela

Forma que para espólio vidrado de cor verde, de barro vermelho, possui 2 indivíduos, correspondendo a 2 fragmentos. A nível de cozeduras verificou-se apenas a presença de pastas cozidas em ambiente oxidante. A nível de decoração, para ambos exemplares, o vidrado foi aplicado apenas na superfície interna de cada peça, tendo a superfície externa recebido apenas alisamento.

4.2.4 As cerâmicas de barro claro vidradas

i. Alguidares

As variantes de alguidar de vidrado de cor verde, produzidas em barro claro, possuem nesta coleção 6 indivíduos, correspondendo a 44 fragmentos. A nível de cozeduras verificou-se que, na sua totalidade são peças cozidas em ambiente oxidante.

A nível de decoração, para esta forma, todos os fragmentos possuem vidrado verde na superfície interna, sendo que na decoração da superfície externa predomina o uso de apenas alisamento, com 4 indivíduos (32 fragmentos), seguido pelo uso de vidrado verde, com 2 indivíduos (12 fragmentos).

A variante A (LOL16SEISD11 [1129] – 59) corresponde, potencialmente, a cerâmica de importação, devido à coloração de pasta e à tonalidade do vidrado verde, marcadamente diferente do que se verificou na variante A, para peças de barro vermelho. Termina em bordo em aba espessada e revirada para o exterior, de perfil semicircular. Possui vidrado de cor verde na superfície interna, de tonalidade significativamente mais clara que a verificada na variante A de alguidar de barro vermelho e de vidrado verde. Foi possível observar-se ainda algumas lascas do mesmo vidrado da superfície interior na sua superfície exterior, principalmente no bordo, não sendo suficientes para garantir que fosse igualmente coberto exteriormente. A presença de decoração em corda seca horizontal na superfície exterior do bordo, especificamente no exterior do lábio, ajuda a reforçar a ideia de se tratar de um exemplar importado e não produzido localmente. Altura: 13,5 cm. Ø bordo: 72 cm. Ø fundo: 54 cm.

Esta variante, enquanto possível peça de importação sugere uma origem nas oficinas sevilhanas, reforçado pela presença de paralelos no Beco das Barrelas, em Lisboa, de cronologia apontada pra o século XVI (Oliveira, 2012, p.54), bem como no

Largo do Terreiro do Trigo, de cronologia do século XVI, todos associados a produções sevilhanas (Gonzalez, 2012, p.88) (Apêndice G, D-I).

4.2.5 A cerâmica esmaltada/ as faianças

4.2.5.1 Faiança

Sobre as peças em faiança, de barro claro, consideramos todos os indivíduos em faiança ou com preparação para faiança. A nível de faiança, de pastas de barro claro, verificou-se a existência de 26 indivíduos, correspondendo a 28 fragmentos.

i. Prato

Forma que para o espólio em faiança, de barro claro, possui 28 indivíduos, correspondendo a 32 fragmentos. A nível de cozeduras verificou-se que na sua totalidade são peças cozidas em ambiente oxidante. A nível decorativo, em ambas superfícies foi aplicado o revestimento de vidrado estanífero.

ii. Tigela

Forma que para o espólio em faiança, de barro claro, possui 11 indivíduos, correspondendo a 12 fragmentos. A nível de cozeduras verificou-se que na sua totalidade são peças cozidas em ambiente oxidante. A nível decorativo, em ambas superfícies foi aplicado o revestimento de vidrado estanífero.

4.2.5.2. Azulejo

De origem árabe, o termo “azzelij / al zuleycha / alzulaiju”, refere-se a pequena pedra polida e a produção destas placas cerâmicas de superfície de esmalte estanífero já era comum em Lisboa de período moderno, nomeadamente para a segunda metade do século XVI. Importa referir, no entanto, a existência de uma certa ambiguidade quanto às referências deste material para a época moderna, pelo menos para Lisboa (Sebastian, 2012, p.72). As fontes contemporâneas, fazem referências a produção de ladrilhos e ao trabalho de ladrilhadores sendo, no entanto, aplicável à produção de azulejos e aos oleiros de azulejo, ou até mesmo a tijoleira ou laje de pedra (Sebastian, 2012, p.72). Já Bluteau emprega o mesmo termo ladrilho quando define azulejos, descrevendo-os como «ladrilho vidrado de cores, em geral azues, com pinturas, de que se fazem filhars às paredes, ou le forrão todas» (Bluteau, 1712-1728, I, p.156).

Forma com 2 indivíduos nesta coleção toda, correspondendo a 4 fragmentos, tendo sido recuperado por completo um indivíduo, composto por 3 fragmentos. A nível de cozedura verificou-se apenas a presença de pastas cozidas em ambiente oxidante.

Quanto à decoração das superfícies internas destas peças verificou-se apenas a presença de cobertura em faiança. Relativamente à decoração externa não foi observada qualquer tipo de decoração das superfícies externas destas peças.

4.2.6. Porcelana

Embora desenquadrada dentro desta coleção material, no decorrer do estudo do espólio foram analisados dois indivíduos, ambos fragmentos de reduzida dimensão, pertencendo à forma de prato, compostos por 2 fragmentos, de porcelana.

4.3. Contextualização do material cerâmico do forno [1131]

Fechando a análise do espólio material recolhido no forno [1131], importa abordar o relacionamento da estratigrafia com a dispersão do espólio. Assim, procedeu-se a uma análise da distribuição do material por unidade estratigráfica, primeiro por grupo de fabrico e depois por forma dentro de cada grupo (Apêndice E, Tabela 2).

Na unidade estratigráfica [1102] verificou-se a presença de 37 peças, correspondendo a 45 fragmentos, não tendo sido verificado a presença de colagens entre u.es. Deste total, 4 peças (5 fragmentos) correspondem ao grupo de fabrico de cerâmica de barro claro não vidrada, 3 peças (4 fragmentos) correspondem ao grupo de cerâmica de barro vermelho não vidrada e 2 peças (2 fragmentos) correspondem a cerâmica de barro vermelho vidrada. Além destas, foi identificada 1 peça (1 fragmento) correspondendo a porcelana e 27 peças e 33 fragmentos pertencem a formas não identificadas, não sendo classificadas quanto a grupos de fabrico. A nível da relação entre formas e grupos de fabricos, para esta u.e a cerâmica de barro claro não vidrada é composta por 2 boiões (3 fragmentos) e 2 pratos (2 fragmentos). No caso da cerâmica de barro claro vidrado é composto por 1 alguidar (1 fragmento). Já o grupo da cerâmica de barro vermelho não vidrada é composta por 1 púcaro (2 fragmentos) e 2 tigelas (2 fragmentos). Para a cerâmica de barro vermelho vidrada por sua vez é composta por 1 tigela (1 fragmento). Por fim, a porcelana é aqui representada por apenas 1 prato (1 fragmento).

Para a unidade estratigráfica [1103] foi possível verificar-se a presença de 248 peças, correspondendo a 277 fragmentos, tendo sido efetuada 1 colagem entre u.es. Deste total, 27 peças (35 fragmentos) correspondem a cerâmica de barro claro não vidrada e 22 peças (28 fragmentos) a cerâmica esmaltada/faiança. Para lá das anteriores, 15 peças (18 fragmentos) foram identificadas como cerâmica de barro vermelho não vidrada, 8 peças (12 fragmentos) enquanto cerâmica de barro vermelho vidrada. Contabilizaram-se ainda 176 peças (184 fragmentos) para a categoria de formas não identificadas. Sobre as formas presentes nestes grupos de fabricos, para esta u.e a cerâmica de barro claro não vidrada é composta por 15 pratos (21 fragmentos), 7 caixas refratárias (9 fragmentos), 4 tigelas (4 fragmentos) e 1 trempe (1 fragmento). Além das anteriores, a cerâmica esmaltada/faiança é composta por 1 azulejo (3 fragmentos), 17 pratos (20 fragmentos) e 4 tigelas (5 fragmentos). Para esta u.e a cerâmica de barro vermelho não vidrada é composta nesta unidade estratigráfica por uma grande variedade de peças, nomeadamente 5 púcaros (5 fragmentos), 2 alguidares (3 fragmentos), 2 cântaros (2 fragmentos) e 2 pratos (2 fragmentos). Além destas foi ainda possível identificar 1 testó (3 fragmentos), 1 caçoila (1 fragmento), 1 jarra (1 fragmento) e 1 tigela (1 fragmento). A cerâmica de barro vermelho vidrada é composta por 6 bispotes (9 fragmentos), 1 alguidar (2 fragmentos) e 1 caçoila (1 fragmento).

Na unidade estratigráfica [1104] contabilizaram-se 39 peças, correspondendo a 47 fragmentos, não tendo sido verificado a presença de colagens entre u.es. Destas, 12 peças (15 fragmentos) correspondem ao grupo de fabrico das cerâmicas de barro claro não vidradas, 4 peças (5 fragmentos) ao das cerâmicas de barro vermelho não vidradas e 2 peças (3 fragmentos) ao grupo da cerâmica esmaltada/faiança. Detetou-se ainda a presença de 1 peça (2 fragmentos) de cerâmica de barro vermelho vidrada e 20 peças (22 fragmentos) de formas não identificadas. A nível formal, a cerâmica de barro claro não vidrada é representada nesta u.e por 8 pratos (11 fragmentos), 2 tigelas (2 fragmentos) e 2 caixas refratárias (2 fragmentos). A faiança é composta por 1 prato (2 fragmentos) e 1 tigela (1 fragmento). Já a cerâmica de barro vermelho não vidrada é composta por 1 tigela (2 fragmentos), 1 cântaro (1 fragmento), 1 pote (1 fragmento) e 1 testó (1 fragmento). Terminando, o grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada é composta por 1 bispote (2 fragmentos).

Para unidade estratigráfica [1107] verificou-se a existência de 948 peças, correspondendo a 1119 fragmentos, tendo sido verificado a presença de 1 colagem entre u.es. Do total previamente referido, 106 peças (188 fragmentos) pertencem ao grupo da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 32 peças (65 fragmentos) ao grupo das cerâmicas de barro claro não vidrada e 9 peças (9 fragmentos) ao da faiança. Além destas, identificou-se 6 peças (7 fragmentos) do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada e ainda 795 peças (850 fragmentos) do grupo das formas não identificadas. Dentro das formas identificadas nos grupos de fabrico desta unidade estratigráfica, a cerâmica de barro claro não vidrada é composta por 24 pratos (50 fragmentos), 6 caixas refratárias (13 fragmentos), 1 copo (1 fragmento) e 1 trempe (1 fragmento). A faiança é composta por 5 tigelas (5 fragmentos) e 4 pratos (4 fragmentos). Já a cerâmica de barro vermelho não vidrada é composta por 22 púcaros (27 fragmentos), 22 caçoilas (24 fragmentos), 15 tigelas (18 fragmentos), 14 testos (22 fragmentos) e 13 cântaros (48 fragmentos). Ainda no grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, contabilizaram-se 8 panelas (35 fragmentos), 8 alguidares (10 fragmentos), 1 prato (1 fragmento), 1 mealheiro (1 fragmento), 1 forma (1 fragmento) e 1 especieiro (1 fragmento).

Dentro da unidade estratigráfica [1108] verificou-se a existência de 498 peças, correspondendo a 675 fragmentos, tendo sido contabilizado 17 colagens entre u.es. Deste valor, 67 peças (201 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 3 peças (3 fragmentos) pertencem ao da cerâmica de barro claro não vidrada e 2 peças (3 fragmentos) ao grupo das peças de barro vermelho vidrado. Além dos grupos de fabrico acima descritos, foram contabilizadas 426 peças (468 fragmentos) sem forma identificada. Nesta u.e o grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada é composta por 3 pratos (3 fragmentos). Já o grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada é composto por 22 alguidares (39 fragmentos), 11 caçoilas (13 fragmentos) 8 cântaros (35 fragmentos) e 6 panelas (16 fragmentos). Além das anteriores, contabilizaram-se 5 testos (14 fragmentos), 5 tigelas (12 fragmentos), 5 formas (6 fragmentos), 3 púcaros (5 fragmentos), 1 bilha (50 fragmentos) e 1 pote (11 fragmentos). Já no caso do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada, esta é composta por 1 alguidar (2 fragmentos) e 1 púcaro (1 fragmento).

Na unidade estratigráfica [1109], foram identificadas 173 peças, correspondendo a 219 fragmentos e tendo sido verificado a presença de 7 colagens entre u.es. Deste total, 47 peças (63 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 3 peças (12 fragmentos) ao da cerâmica de barro vermelho vidrada e 2 peças (2 fragmentos) ao da cerâmica de barro claro não vidrada. Foram ainda contabilizadas 121 peças (142 fragmentos) de formas não identificadas. A nível de formas dentro de grupos de fabrico, para a cerâmica de barro claro não vidrada verificou-se que esta é composta por 1 prato (1 fragmento) e 1 tigela (1 fragmento). Já o grupo da cerâmica de barro vermelho não vidrada é composta por 13 púcaros (13 fragmentos), 12 caçoilas (12 fragmentos), 7 alguidares (12 fragmentos), 5 cântaros (14 fragmentos) e 5 testos (7 fragmentos). Além destas, identificou-se ainda a presença de 1 bilha (1 fragmento), 1 panela (1 fragmento), 1 prato (1 fragmento), 1 forma (1 fragmento) e 1 tigela (1 fragmento). Quanto ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada, esta é composta por 2 alguidares (2 fragmentos) e 1 bispote (10 fragmentos), na presente unidade estratigráfica.

Para a unidade estratigráfica [1112] verificou-se a presença de 18 peças, correspondendo a 19 fragmentos, não tendo sido verificado a presença de colagens entre u.es. Do total para esta u.e, 6 peças (6 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico das peças de cerâmica de barro vermelho não vidrada, 4 peças (5 fragmentos) ao das cerâmicas de barro claro não vidrada e 8 peças (8 fragmentos) ao das formas não identificadas. O grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada é composta aqui por 2 alguidares (2 fragmentos), 2 púcaros (2 fragmentos) e 2 testos (2 fragmentos). Além destas, a cerâmica de barro claro não vidrada é composta nesta u.e por 2 pratos (3 fragmentos) e 2 tigelas (2 fragmentos).

Para a unidade estratigráfica [1115] contabilizaram-se 5 peças, correspondendo a 5 fragmentos, não tendo sido verificado a presença de colagens entre u.es. Destas 3 peças (3 fragmentos) correspondem ao grupo de fabrico da cerâmica esmaltada/faiança e para 2 peças (2 fragmentos) não foi possível identificar forma. Nesta unidade estratigráfica o grupo da cerâmica esmaltada é composto por 1 azulejo (1 fragmento) e 2 pratos (2 fragmentos).

Na unidade estratigráfica [1116] verificou-se a presença de 21 peças, correspondendo a 21 fragmentos, não tendo sido identificado qualquer colagem entre u.es. Destas, 5 peças (5 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da faiança, 2 peças (2 fragmentos) ao da cerâmica de barro claro não vidrada e 1 peça (1 fragmentos) ao da porcelana. Não foi possível identificar a forma de 13 peças (13 fragmentos) desta unidade estratigráfica. O grupo de fabrico da faiança é composto por 4 pratos (4 fragmentos) e 1 tigela (1 fragmento). Já o grupo da cerâmica de barro claro não vidrada desta u.e é composto por 1 tigela (1 fragmento) e 1 trempe (1 fragmento). O grupo da porcelana é composto por 1 prato (1 fragmento).

Dentro da unidade estratigráfica [1121] identificaram-se 150 peças, correspondendo a 218 fragmentos, tendo ainda sido verificada a presença de 14 colagens entre u.es. Do total referido, 26 peças (47 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 3 peças (6 fragmentos) ao da cerâmica de barro claro não vidrada e 2 peças (2 fragmentos) ao da cerâmica de barro vermelho vidrada. Para além destas, não foi possível identificar as formas de 119 peças (163 fragmentos). Dentro desta unidade estratigráfica, o grupo da cerâmica de barro claro não vidrada é composto por 3 pratos (6 fragmentos). Já o da cerâmica de barro vermelho não vidrada é composto por 6 alguidares (22 fragmentos), 6 caçoilas (7 fragmentos), 2 tigelas (3 fragmentos) e 2 formas (2 fragmentos). O grupo da cerâmica de barro vermelho não vidrada conta ainda com 1 mealheiro (4 fragmentos), 1 jarra (4 fragmentos), 1 testo (3 fragmentos), 1 especieiro (1 fragmento) e 1 panela (1 fragmento). O grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada é composto por 1 bispote (1 fragmento) e 1 púcaro (1 fragmento).

Na unidade estratigráfica [1122] foram identificadas 32 peças, correspondendo a 43 fragmentos, tendo ainda sido verificado a presença de 1 colagem entre u.es. Deste total, 3 peças (3 fragmentos) correspondem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada e 1 peça (6 fragmentos) ao da cerâmica de barro vermelho vidrada. Para 27 peças (29 fragmentos) não foi possível identificar formas. O grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada é composto por 2 caçoilas (2 fragmentos) e 1 cântaro (1 fragmento). Já o grupo da cerâmica de barro vermelho vidrada é composto por apenas 1 bispote (6 fragmentos).

Para a unidade estratigráfica [1123] identificaram-se 202 peças, correspondendo a 274 fragmentos, tendo ainda sido verificada a presença de 6 colagens entre u.es. Destas, 70 peças (139 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 19 peças (21 fragmentos) ao da cerâmica de barro claro não vidrada. Não foi possível identificar formas para 113 peças (114 fragmentos). A nível de formas, o grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada é composto por 9 pratos (10 fragmentos), 7 tigelas (8 fragmentos) e 3 trempes (3 fragmentos). No caso da cerâmica de barro vermelho não vidrada esta é composta por 21 púcaros (55 fragmentos), 12 alguidares (17 fragmentos), 6 tigelas (8 fragmentos), 5 testos (11 fragmentos) e 5 tampas (6 fragmentos). Inclui-se ainda neste grupo de fabrico, 4 painéis (4 fragmentos), 3 cântaros (15 fragmentos), 3 caçoilas (3 fragmentos), 3 pesos de tear (3 fragmentos), 2 especieiros (6 fragmentos) e 2 potes (2 fragmentos). Concluindo o grupo da cerâmica de barro vermelho não vidrada, este é composto também por 1 mealheiro (4 fragmentos), 1 prato (3 fragmentos), 1 forma (1 fragmento) e 1 fogareiro (1 fragmento).

Na unidade estratigráfica [1125] identificaram-se 50 peças, correspondendo a 77 fragmentos, tendo ainda sido verificada a presença de 6 colagens entre u.es. Do total, 28 peças (45 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 2 peças (3 fragmentos) ao da cerâmica de barro vermelho vidrada e 1 peça (1 fragmento) ao da cerâmica de barro claro não vidrada. No total, não foi possível identificar a forma de 19 peças (28 fragmentos). Em termos de composição formal, o grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada é composta por 1 caixa (1 fragmento). Já o grupo de cerâmica de barro vermelho não vidrada é composta por 12 alguidares (18 fragmentos), 5 cântaros (9 fragmentos), 4 púcaros (7 fragmentos), 3 caçoilas (3 fragmentos), 2 testos (4 fragmentos), 1 jarra (3 fragmentos) e 1 painél (1 fragmento). Por sua vez, o grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada é composta por 2 bispotes (3 fragmentos).

Para unidade estratigráfica [1127] contabilizaram-se 315 peças, correspondendo a 492 fragmentos, tendo sido verificada a presença de 27 colagens entre u.es. Das peças contabilizadas, 101 (231 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 21 peças (42 fragmentos) ao da cerâmica de barro claro não vidrada e 2 peças (5 fragmentos) ao da cerâmica de barro vermelho vidrada. Não foi possível identificar formas para 191 peças (214 fragmentos). Falando das formas presentes nesta u.e, o grupo da cerâmica de barro claro não vidrada é composta por 10

pratos (25 fragmentos), 6 caixas (7 fragmentos), 4 tigelas (9 fragmentos) e 1 trempe (1 fragmento). Já a cerâmica de barro vermelho não vidrada é composta por 30 alguidares (35 fragmentos), 24 testos (47 fragmentos), 12 caçoilas (43 fragmentos), 8 púcaros (30 fragmentos), 8 painéis (8 fragmentos) e 4 tigelas (17 fragmentos). Além destas, contabilizou-se para o mesmo grupo de fabrico 3 cântaros (9 fragmentos), 3 fogareiros (4 fragmentos), 3 candeias (3 fragmentos), 3 formas (3 fragmentos), 1 infusa (13 fragmentos), 1 jarra (3 fragmentos) e 1 peso de tear (1 fragmento). Para o grupo da cerâmica de barro vermelho vidrada, contabilizaram-se 2 alguidares (5 fragmentos).

Na unidade estratigráfica [1128] contabilizaram-se 146 peças, correspondendo a 314 fragmentos, tendo ainda sido verificada a presença de 15 colagens entre u.es. Do total, 91 peças (245 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 1 peça (1 fragmento) a cerâmica de barro vermelho vidrada e 54 peças (68 fragmentos) a formas não identificadas. Nesta u.e o grupo da cerâmica de barro vermelho não vidrada é composto por 24 testos (59 fragmentos), 19 púcaros (64 fragmentos), 12 alguidares (23 fragmentos), 11 caçoilas (23 fragmentos) e 6 tigelas (12 fragmentos). Além disso compõem ainda este grupo 5 pesos de tear (5 fragmentos), 4 formas (5 fragmentos), 3 especieiros (6 fragmentos), 2 fogareiros (9 fragmentos), 2 painéis (2 fragmentos), 1 cântaro (34 fragmentos), 1 candeia (2 fragmentos) e 1 vinagreira (1 fragmento). Já o grupo da cerâmica de barro vermelho vidrada é composto por apenas um bispote (1 fragmento).

Para unidade estratigráfica [1129] contabilizaram-se 104 peças, correspondendo a 257 fragmentos, sem existirem de colagens entre u.es. Do total referido, 48 peças (145 fragmentos) pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, 9 peças (53 fragmentos) ao da cerâmica de barro vermelho vidrada e 2 peças (2 fragmentos) ao da cerâmica de barro claro não vidrada. Não foi possível identificar as formas de 45 peças (57 fragmentos). Para esta u.e o grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada é composto por 1 copo (1 fragmento) e 1 prato (1 fragmento). Já o grupo da cerâmica de barro vermelho não vidrada é composto por 21 alguidares (76 fragmentos), 9 formas (10 fragmentos), 7 painéis (22 fragmentos), 5 testos (11 fragmentos), 2 fogareiros (12 fragmentos), 2 caçoilas (9 fragmentos) e 2 cântaros (5 fragmentos). No caso do grupo da cerâmica de barro vermelho vidrada, este é composto por 9 alguidares (53 fragmentos).

Procedendo a uma comparação geral entre unidades estratigráficas, é possível depreender uma série de dados sobre a realidade da dispersão material. Importa referir, que ao tratarmos inicialmente do material a nível global, isto é, quando analisamos a dispersão incluindo as formas indeterminadas, indeterminadas abertas e indeterminadas fechadas deu-se preeminência à organização das unidades estratigráficas de acordo com o seu número de fragmentos. Já na análise secundária, com base apenas no material com forma determinada e conseqüentemente espólio com fabrico identificado foi favorecida uma organização com base no número de peças, seguido pelos fragmentos.

No total a u.e [1107] contém o maior número de peças e fragmentos, contabilizando 948 peças e 1119 fragmentos. Percentualmente, estes valores correspondem a 31,7% de todas as peças e 27,3% de todos os fragmentos. Semelhante, a [1108] conta com 498 peças e 675 fragmentos ou 16,7% de todas as peças e 16,4% de todos os fragmentos. A [1127] surge aqui, com 315 peças e 492 fragmentos, ou 10,6% das peças e 12% dos fragmentos. A [1128] segue, com 146 peças e 314 fragmentos, 4,9% e 7,7% de todas as peças e fragmentos. A [1103] apresenta um maior número de peças que a [1128], com 248 peças, 8,3% do total destas, mas um menor número de fragmentos, com 277 destes, ou 6,8% de todos os fragmentos contabilizados. Segue-se a [1123] com 202 peças e 274 fragmentos, ou 6,8% e 6,7% de todas as peças e fragmentos. A [1129] apresenta 104 peças e 257 fragmentos, contabilizando 3,5% de todas as peças e 6,3% de todos os fragmentos. Segue-se a [1109] com 174 peças e 222 fragmentos, ou 5,8% de todas as peças e 5,4% de todos os fragmentos. De valores aproximados, a [1121] apresenta 150 peças e 218 fragmentos, correspondendo a 5% de todas as peças e 5,3% de todos os fragmentos. Com um terço das peças da anterior, a u.e [1125] conta com 50 peças e 77 fragmentos, equivalendo a 1,7% de todas as peças e 1,9% de todos os fragmentos. A [1104] possui 39 peças e 47 fragmentos, com 1,3% de todas as peças e 1,1% de todos os fragmentos. A [1102] apresenta 37 peças e 45 fragmentos, com 1,24% de todas as peças e 1,1% de todos os fragmentos. De valores semelhantes, a [1122] contém 32 peças e 43 fragmentos, no total 1,1% de todas as peças e 1,1% de todos os fragmentos. A [1116] apresenta 21 peças e 21 fragmentos, correspondendo a 0,7% de todas as peças e 0,5% de todos os fragmentos. A [1112] possui 18 peças e 19 fragmentos, correspondendo a 0,6% e 0,5% de todas as peças e fragmentos. Por fim, a u.e [1115] possui 5 peças e 5 fragmentos, a que corresponde a 0,2% e a 0,1% de todas as peças e fragmentos.

Por aqui o que se pode verificar é uma grande concentração de fragmentos e peças nas u.es [1107] e [1108], e juntas representam quase metade do número total de fragmentos contabilizados em toda a coleção material do Largo das Olarias, compondo 43,70% de todos os fragmentos e 48,41% de todas as peças. Estes dados ajudam a ilustrar o elevado nível de fragmentação presente nestas duas unidades estratigráficas, e como as realidades materiais verificadas na estratigrafia mais antiga, dentro do forno [1131] apresentam-se mais intactas. Este nível de fragmentação é também ligado à grande presença de material em biscoito de faiança. Grande parte destes fragmentos são de reduzidas dimensões, pouco maiores que dois ou 3 centímetros por vezes. No entanto importa referir o surgimento dos outros grandes núcleos de dispersão, nomeadamente a [1127] e [1128] unidades estratigráficas mais próximas do fundo do forno [1131], e que apresentam valores relativamente altos tanto de peças como de fragmentos, embora não chegando ao mesmo nível da [1107].

Passando agora a uma análise da dispersão das formas por unidade estratigráfica (Apêndice E, Tabela 3), em termos de alguidares, começando pelos do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, este conta com 139 peças e 257 fragmentos. A nível de u.es há uma clara dispersão de peças e fragmentos desta forma em boa parte das u.es do forno [1131], havendo uma maior concentração na unidade estratigráfica [1127], com 30 peças e 35 fragmentos, seguida pelas u.es [1108] e [1129] com 22 e 21 peças respetivamente, sendo possível notar num maior nível de fragmentação destas peças na u.e [1129] que na [1108]. Assim, a nível de fragmentos na u.e [1108] detetaram-se 39 fragmentos de alguidares deste grupo de fabrico e na [1129] 76 fragmentos. Curiosamente as unidades estratigráficas [1128], [1125] e [1123] possuem todas o mesmo número de peças de alguidar de cerâmica vermelha não vidrada, neste caso 12 peças, mas com variação no número de fragmentos, embora relativamente próximo, entre 23 a 17 fragmentos. De valores semelhantes a u.e [1107] possui 7 peças e 10 fragmentos. Fora destas u.es as restantes apresentam uma redução na frequência de alguidares de cerâmica de barro vermelho não vidrada, notoriamente nas u.es [1103] e [1112], com apenas 2 peças cada e entre 3 a 2 fragmentos. Deste modo, das 16 unidades estratigráficas do forno [1131], apenas 5 não possuem fragmentos de alguidares não vidrados, de barro vermelho.

Sobre os alguidares do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada, estes surgem com pouca representatividade na coleção, com apenas 10 peças e 21 fragmentos. A sua dispersão concentra-se principalmente na u.e [1129], na camada de

remodelação do forno [1131], que como previamente dito incorporava fragmentos deste material na sua composição. Assim, 5 peças e 11 fragmentos desta forma foram recuperados na u.e [1129]. O restante material foi recuperado nas u.es [1109], [1103], [1108] e [1127], com um número que varia entre 1 a 2 peças e entre os 2 a 4 fragmentos dentro destas unidades estratigráficas.

Para os alguidares do grupo de fabrico da cerâmica de barro claro vidrada o número de peças recuperadas é o menor dos três grupos de fabrico para esta forma, com apenas 6 peças e 44 fragmentos. Altamente fragmentadas, esta forma aparece com maior concentração, tanto a nível de peças como a nível de fragmentos na u.e [1129], com 4 peças e 42 fragmentos, à semelhança do que se verificou para o do grupo de fabrico anterior e novamente remetendo para a utilização destas peças na remodelação do forno. As outras duas peças contabilizadas repartem-se igualmente entre as u.es [1102] e [1127], cada uma com 1 peça e 1 fragmento.

O azulejo, categorizado na presente dissertação enquanto grupo de fabrico de cerâmica esmaltada, surge com pouca representatividade e dispersa em apenas duas unidades estratigráficas. A u.e [1103] e [1115], tendo ambas apenas 1 peça cada, e neste caso apenas a [1103] possui o único exemplar completo, com 3 fragmentos.

A bilha, com apenas dois possíveis exemplares descobertos surge no grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho não vidradas, com 2 peças e 51 fragmentos. Estas peças aparecem em apenas três u.es, a [1109], [1108] e [1107], havendo uma maior concentração de fragmentos na [1108], com 50 fragmentos contabilizados, mas importa referir uma colagem intra-u.e detetada nos fragmentos da u.e [1108] com fragmentos desta peça na u.e[1107].

O bispote, forma totalmente representada por peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada, surge com 19 peças e 39 fragmentos. Apresenta alguma dispersão por entre 8 unidades estratigráficas, com uma concentração notável nas u.es [1107] e [1103], ambas com 6 peças, mas a primeira com 7 fragmentos e a segunda com 9 fragmentos. As restantes peças e fragmentos encontram-se distribuídos nas u.es [1125], [1104], [1122], [1128], [1121] e [1109], com um número de peças variando entre 2, apenas na [1125], e 1 peça e com uma variação de fragmentos entre 1 a 10 fragmentos.

A forma do boião é limitada a peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada e sendo extremamente reduzida a nível de peças e fragmentos. Forma com apenas 2 peças e 3 fragmentos e surgindo apenas em uma u.e, a [1102].

A forma da caçoila encontra-se bem representada na coleção material do forno [1131], com 86 peças e 141 fragmentos, na sua esmagadora maioria (85 peças e 140 fragmentos) peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho na vidrada. Assim, à semelhança da forma dos alguidares, 11 unidades estratigráficas continham peças desta forma e fabrico. A u.e [1107] representa de longe a maior concentração destas peças, com 22 peças e 24 fragmentos, seguida das u.es [1109] e [1127] ambas com 12 peças, mas tendo a [1127] um maior número de fragmentos (43 neste caso). As u.es [1128] e [1108] representam concentrações secundárias desta forma, ambas com 11 peças e com 23 e 13 fragmentos, respetivamente. As restantes peças foram encontradas dispersas nas unidades estratigráficas [1121], [1125], [1123], [1129], [1122] e [1103], com um número variável de peças entre 6 a 1 peça e fragmentos variando entre 9 a 1. A única peça e fragmento desta forma do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada surge na u.e [1103].

Falando agora sobre as caixas refratárias, todas as peças encontradas desta forma pertencem ao grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada, no total 22 peças e 32 fragmentos. Surgem em 5 unidades estratigráficas, e com pouca variação nesta distribuição, tendo a u.e [1103] o maior número total de peças desta forma, com 7 peças e 9 fragmentos. As u.es [1127] e [1107] ambas possuem 6 peças, com 7 e 13 fragmentos respetivamente. O resto destas peças é repartido entre a u.e [1104] e [1125], com 2 e 1 peças e fragmentos respetivamente.

Todas as candeias recuperadas do forno [1131] correspondem a peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, no total 4 peças e 5 fragmentos. Estas encontram-se concentradas em duas unidades estratigráficas, a [1127], com 3 peças e 3 fragmentos e a [1128], com 1 peça e 2 fragmentos.

Os cântaros correspondem na sua totalidade a peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho, com 44 peças e 173 fragmentos. A nível de dispersão, à semelhança das caçoilas e dos alguidares encontram-se representadas em 11 unidades estratigráficas. Destas, a [1107] surge com o maior número de peças e fragmentos, com 13 peças e 48 fragmentos. A u.e [1108] apresenta o segundo maior número de peças e

fragmentos desta forma, com 8 peças e 35 fragmentos. As u.es [1125] e [1109] partilham do mesmo número de peças, com 5 peças em cada, tendo no entanto, a [1109] um maior número de fragmentos, com 14 fragmentos, que a [1125], esta com apenas 9 fragmentos. À semelhança das anteriores, as u.es [1127] e [1123] possuem o mesmo número de peças, neste caso 3, mas diferentes números de fragmentos, tendo a primeira 9 fragmentos e a segunda 15 fragmentos. As restantes 6 peças encontram-se dispersas pelas u.es [1103], [1129], [1104] e [1122], com número variante de peças por u.e entre 2 a 1 peça e número de fragmentos variando entre 5 e 1. Importa ressaltar a peça encontrada na u.e [1128], que embora tenha sido a única desta forma na unidade estratigráfica recuperou-se um total de 34 fragmentos nesta mesma u.e, o segundo maior número de fragmentos de peças desta forma.

O copo possui, nesta coleção material, números residuais, com apenas 2 peças e 2 fragmentos, ambos pertencentes ao grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada. Curiosamente, cada uma destas peças foi recuperada individualmente em duas u.es relativamente distantes uma da outra, nas u.es [1107] e [1129].

A forma do especeiro é relativamente reduzida a nível de número de peças na coleção material do forno [1131], com 7 peças e 14 fragmentos. A unidade estratigráfica [1128] apresenta a maior concentração desta forma, com 3 peças e 6 fragmentos, seguida pela unidade estratigráfica [1123], com 2 peças e 6 fragmentos. As restantes peças e fragmentos foram encontradas nas u.es [1107] e [1121].

O fogareiro, estando aqui incluído todas as componentes deste, tanto braseiro como cinzeiro, apresenta apenas 8 peças e 26 fragmentos. Produzida totalmente em cerâmica de barro vermelho não vidrada, a sua dispersão aparenta concentrar-se nas unidades estratigráficas mais profundas do forno [1131], nomeadamente entre a camada de remodelação [1129] e outra três u.es da camada de abandono. A maior concentração de peças desta forma é na u.e [1127], com 3 peças e 4 fragmentos, seguida pela u.e [1129] com 2 peças e 12 fragmentos e a u.e [1128], com 2 peças e 9 fragmentos. A u.e [1123] possui a restante peça e fragmento.

As formas apresentam um número significativo de peças, com 26 peças e 29 fragmentos, estando representada em metade das u.es do forno em estudo. Todas estas peças pertencem unicamente ao grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho não vidradas. A u.e [1129] apresenta o mais elevado número de peças e fragmentos desta

forma, 9 peças e 10 fragmentos. Segue-se a esta a u.e [1108] com 5 peças e 6 fragmentos e posteriormente a u.e [1128], com 4 peças e 5 fragmentos. A u.e [1127] apresenta valores menores à anterior, com 3 peças e 3 fragmentos, e à semelhança, a u.e [1121] apresenta 2 peças e 2 fragmentos desta forma. As restantes 3 peças e fragmentos encontram-se distribuídas nas u.es [1109], [1123] e [1107] com 1 peça e 1 fragmento cada.

A forma da infusa, aqui incluindo a variante de dimensões reduzidas denominada neste trabalho por “vinagreira”, possui nesta coleção 2 peças e 14 fragmentos, todos pertencentes ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada. A nível de u.es, estas peças concentram-se nas unidades estratigráficas mais profundas, tendo a [1127] o maior número de fragmentos, 13 neste caso. A outra peça e fragmento, correspondendo à “vinagreira”, foi recuperada na u.e [1128].

A jarra surge pouco representada enquanto forma na coleção do forno [1131], tendo apenas 4 peças e 11 fragmentos, todas pertencentes ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada. A sua dispersão é relativamente regular a nível de peças por u.e, estando dispersa por 4 unidades estratigráficas, neste caso as u.es [1127], [1125], [1121] e [1103]. Cada uma contém apenas uma peça, mas o número de fragmentos varia entre 4 fragmentos a apenas 1 fragmento.

A forma do mealheiro é nesta coleção material composta totalmente por peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada. Contabilizaram-se 3 peças e 9 fragmentos em toda a coleção, dispersas igualmente, a nível de peças, por 3 u.es diferentes, a [1107], [1123] e [1121]. Estas duas últimas detinham o mesmo número de fragmentos cada, neste caso 4 fragmentos.

Pertencendo na sua totalidade ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, as painelas surgem bem representadas nesta coleção, com 38 peças e 105 fragmentos. Dispersas por 9 unidades estratigráficas diferentes, estas peças concentram-se em quatro u.es específicas, a [1127], com 8 peças e 23 fragmentos, a [1107], com 8 peças e 35 fragmentos, a u.e [1129] com 7 peças e 22 fragmentos e a [1108], com 6 peças e 16 fragmentos. Excluindo estas quatro principais unidades estratigráficas, a u.e [1123] contém 4 peças e 4 fragmentos, seguida pela u.e [1128], com 2 peças e 2 fragmentos. As 3 peças restantes repartem-se igualmente nas três u.es restantes, a [1109], [1125] e [1121].

A forma do peso de tear é, para esta dissertação, totalmente composta por peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 9 peças e 9

fragmentos. A maior concentração destas peças é na u.e [1128], com 5 peças e 5 fragmentos, seguida pela u.e [1123], com 3 peças e 3 fragmentos e tendo a u.e [1127] uma única peça e fragmento.

Pouco representados nesta coleção, os potes recuperados no forno [1131] pertencem todos ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 4 peças e 14 fragmentos. A unidade estratigráfica [1123] contém o maior número de peças, com apenas 2 destas e 2 fragmentos, tendo a u.e [1108] apenas 1 peça, mas detendo 11 fragmentos ligados à colagens com a u.e [1107] que partilha dos mesmo valores. A u.e [1104] possui 1 peça e 1 fragmento.

A forma do prato é maioritariamente composta por peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada, com 77 peças e 131 fragmentos. Começando por este grupo de fabrico, há um elevado grau de dispersão, estando peças desta forma e grupo presentes em 11 unidades estratigráficas diferentes. A maior concentração, de longe é na u.e [1107], com 23 peças e 48 fragmentos, seguida pela u.e [1103], com 15 peças e 21 fragmentos e pela u.e [1127], com 10 peças e 25 fragmentos. Com valores aproximados à anterior, a u.e [1123] contém 9 peças e 10 fragmentos, verificando-se valores semelhantes na u.e [1104], com 8 peças e 11 fragmentos. As unidades estratigráficas [1121] e [1108] possuem o mesmo número de peças, nesta caso 3, mas tendo a primeira 6 fragmentos e a segunda apenas 3 fragmentos. A u.e [1112] detém apenas 2 peças e 3 fragmentos à semelhança da u.e [1102], com 2 peças, mas apenas 2 fragmentos. As restantes duas e dois fragmentos encontram repartem-se entre as u.es [1129] e [1109].

Falando agora sobre os pratos do grupo de fabrico da faiança, estes surgem com alguma representatividade, contando com 28 peças e 32 fragmentos. A sua dispersão concentra-se principalmente nas unidades estratigráficas superiores, correspondendo principalmente às do abatimento da grelha e abandono. Assim, a u.e [1103] contém o maior número destas peças, com 17 peças e 20 fragmentos, seguida pelas u.es [1116] e [1107], ambas com 4 peças e 4 fragmentos. A u.e [1115] possui 2 peças e 2 fragmentos, tendo por fim a u.e [1104] apenas 1 peça, mas 2 fragmentos.

Tratando ainda da forma dos pratos, agora do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, estes possuem 6 peças e 9 fragmentos. Dispersas por 4 u.es, as duas mais representativas, a u.e [1107] com 2 peças e 3 fragmentos seguida pela u.e

[1103] com 2 peças e 2 fragmentos. A u.e [1123] apresenta apenas 1 peça, mas 3 fragmentos e a [1109] apenas possui 1 peça e 1 fragmento.

As únicas evidências de porcelana presente nesta coleção correspondem a pratos, neste caso a apenas 2 peças e 2 fragmentos. Surgindo em camadas de abandono, nomeadamente nas u.es [1102] e [1116], cada uma com 1 peça e fragmento, estas peças corresponde a fragmentos de dimensões extremamente reduzidas.

Passando a outra das formas melhor representada na coleção material em estudo, os púcaros são maioritariamente peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 98 peças e 210 fragmentos. Para este grupo de fabrico encontram-se dispersas por 10 das 16 unidades estratigráficas contabilizadas. A u.e [1107] concentra o maior número de peças desta forma, com 22 peças e 27 fragmentos, seguida pela u.e [1123], com 21 peças e 55 fragmentos. Com valores semelhantes, a u.e [1128] possui 19 peças e 64 fragmentos, dando ideia de um elevado nível de fragmentação destas formas. A u.e [1109] possui 13 peças e 13 fragmentos, sendo seguida pela u.e [1127] com 8 peças e 30 fragmentos, que à semelhança da [1128] parece sugerir um elevado número de fragmentação. A u.e [1103] detém 5 peças e 5 fragmentos, tendo a u.e [1125] valores semelhantes, com 4 peças e 7 fragmentos. As restantes 6 peças e 9 fragmentos encontram-se distribuídas entre as u.es [1108], [1112] e [1102], variando entre estas o número de peças e fragmentos.

Para os púcaros do grupo de fabrico de cerâmica de barro vermelho vidrada, apenas foi possível verificar a existência de 2 peças e 2 fragmentos, distribuídas entre duas u.es a [1121] e [1108].

As tampas representam um grupo reduzido dentro desta coleção material, com apenas 5 peças e 6 fragmentos, todos do mesmo grupo de fabrico, o da cerâmica de barro vermelho não vidrada. No total, as peças desta forma foram recuperadas dentro da mesma unidade estratigráfica, a [1123].

Um dos grupos melhor representado no espólio do forno [1131], os testos aqui referidos são todas peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, no total 89 peças e 184 fragmentos. Formas bem dispersas pelas unidades estratigráficas, aparecendo em 12 das 16 u.es do forno [1131]. As duas maiores concentrações foram encontradas nas u.es [1127] e [1128], ambas com 24 peças, mas a primeira com 47 fragmentos e a segunda com 59 fragmentos. Excluindo estas anteriores, a u.e [1107]

representa outro foco significativo desta forma, com 14 peças e 22 fragmentos. As u.es [1123] e [1129] apresentam o mesmo número de peças e fragmentos, tendo 5 peças e 11 fragmentos. Já a u.e [1108] apresenta o mesmo número de peças que estas duas u.es anteriores, mas 14 fragmentos. O oposto do que se verificou na u.e [1108], a u.e [1109] possui 5 peças, mas 7 fragmentos. As restantes 7 peças e 13 fragmentos encontram-se dispersos por cinco u.es, a [1125], [1121], [1112], [1104] e [1103], variando o número de peças entre as 2 peças e 1 peça e o número de fragmentos variando entre os 4 fragmentos e 1 fragmento.

Outra das formas mais numerosas no espólio do forno [1131], as tigelas encontram-se maioritariamente no grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 43 peças e 76 fragmentos. Para esta formas do referido grupo de fabrico, encontram-se dispersas em 10 das 16 unidades estratigráficas do forno [1131], tendo a u.e [1107] a maior concentração destas formas, com 15 peças e 18 fragmentos. Excluindo esta, a u.e [1128] apresenta o segundo maior número destas formas, com 6 peças e 12 fragmentos, seguida pela u.e [1123], com 6 peças e 8 fragmentos. A u.e [1108] contém 5 peças e 12 fragmentos, sendo por sua vez seguida pela u.e [1127], com 4 peças e 17 fragmentos. As u.es [1121] e [1102] possuem o mesmo número de tigelas, 2 peças, mas tendo a primeira 3 fragmentos e a segunda apenas 2 fragmentos. As restantes 3 peças e 4 fragmentos encontram-se distribuídas entre as u.es [1109], [1104] e [1103], cada uma com 1 peça e 1 fragmento, exceto a [1104] que contém 2 fragmentos.

As tigelas do grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada encontram-se representadas por 21 peças e 27 fragmentos, estando dispersas por 7 unidades estratigráficas. Destas, a maior concentração é na u.e [1123], com 7 peças e 8 fragmentos, seguida pela u.e [1127] com 4 peças e 9 fragmentos e ainda pela u.e [1103] com 4 peças e 4 fragmentos. Tanto a u.e [1112] e [1104] apresentam o mesmo número de peças e fragmentos, neste caso 2. As restantes 2 peças e fragmentos encontram-se distribuídas entre as u.es [1116] e [1109].

Do grupo da cerâmica esmaltada/faiança, as tigelas encontram-se aqui representadas por 11 peças e 12 fragmentos. A u.e [1107] detém o maior número, com 5 peças e 5 fragmentos, seguida pela u.e [1103] com 4 peças e 5 fragmentos. As restantes 2 peças e 2 fragmentos encontram-se distribuídas pelas u.es [1116] e [1104].

Para o grupo das tigelas de cerâmica de barro vermelho vidrada foi apenas possível recolher 1 peça e 1 fragmento, estes na u.e [1102].

Concluindo, as trempes encontram-se pouco representadas na atual coleção, com apenas 7 peças e 7 fragmentos, todas do grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada. Encontram-se dispersos por 5 unidades estratigráficas, tendo a u.e [1123] o maior número de peças e fragmentos, com 3 peças e 3 fragmentos. As restantes 4 peças e fragmentos distribuem-se pelas restantes quatro u.es, a [1127], [1116], [1107] e [1103].

5. A produção oleira na Mouraria de Época Moderna

5.1. A produção do Forno [1131]

A coleção cerâmica exumada do forno [1131] surge em aparente contexto de abandono e reutilização de material rejeitado no decorrer da produção cerâmica para enchimento desta estrutura. Convém referir a presença acentuada de peças ligadas à produção de loiça de faiança, mas ainda assim com bastante inclusão de material em cerâmica de barro vermelho não vidrada, surgindo este enquanto grupo principal, e em segundo plano cerâmica de barro vermelho vidrada. Pontualmente verificou-se a inclusão de material importando, nomeadamente na camada de revestimento do forno, composta por múltiplos fragmentos de alguidares vidrados.

Começando então por expor a informação obtida do estudo material, de longe o grupo mais numeroso, tanto a nível de peças como a nível de fragmentos é o grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho não vidradas, contando este com 616 peças e 1342 fragmentos. A nível de percentagens este grupo contém 74% de todas as peças de forma identificada e 79% de todos os fragmentos de forma identificada. Em segundo lugar surge o grupo de fabrico das peças e barro claro não vidrado, com 131 peças e 202 fragmentos, a que corresponde 16% de todas as peças e 12% de todos os fragmentos com forma identificada. Com significativamente menos peças, o grupo da cerâmica de esmaltada/faiança apresenta 41 peças e 48 fragmentos, correspondendo a 5% de todas as peças de forma identificada e 3% de todos os fragmentos de forma identificada. O grupo de fabrico de cerâmica de barro vermelho vidrada apresenta valores aproximados ao anterior, com 33 peças e 64 fragmentos, correspondendo a 4% de todas as peças e fragmentos de forma identificada. A cerâmica de barro claro vidrada encontra-se representada na coleção por 6 peças e 44 fragmentos, a que corresponde a 1% de todas as peças de forma identificada e a 3% de todos os fragmentos de forma identificada. O

último grupo de fabrico e conseqüentemente o menos numeroso, o das porcelanas encontram-se representadas por apenas 2 peças e 2 fragmentos. Estas correspondem a pouco mais de 0,2% de todas as peças e a 0,1% de todos os fragmentos de forma identificada.

Começando pelo grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho não vidradas, este encontra-se disperso em 14 das 16 unidades estratigráficas e sendo em 11 destas o maior grupo de fabrico. A maior concentração de peças deste fabrico é na u.e [1107], com 107 peças e 190 fragmentos, seguida pela [1127] com 101 peças e 278 fragmentos, na [1128] com 91 peças e 245 fragmentos e por fim na [1123] com 70 peças e 139 fragmentos. Nestas quatro unidades estratigráficas este grupo de fabrico engloba aproximadamente 45% de todas as peças de forma identificada e 47% de todos os fragmentos de forma identificada. Já as cerâmicas de barro claro não vidradas, o segundo maior grupo de fabrico, encontra-se disperso em 13 das 16 unidades estratigráficas com espólio. Destas a sua maior concentração é na u.e [1107] com 31 peças e 63 fragmentos, seguida pela u.e [1103] com 27 peças e 35 fragmentos, pela u.e [1127] com 21 peças e 42 fragmentos e ainda pela u.e [1123] com 19 peças e 21 fragmentos. As peças deste grupo de fabrico nestas quatro unidades correspondem a 12% de todas as peças de forma identificada e a 10% de todos os fragmentos identificados. O grupo de fabrico de cerâmica esmaltada/faiança, o terceiro maior grupo de fabrico, encontra-se disperso em 5 das 16 u.es com espólio do forno [1131]. Destas o número mais elevado verificou-se na u.e [1103], com 22 peças e 28 fragmentos, seguida pela u.e [1107], com 9 peças e 9 fragmentos. Nestas duas u.es, as peças deste grupo correspondem a 4% de todas as peças e 2% de todos os fragmentos com forma determinada. Nas restantes três u.es em que este grupo de fabrico se encontra incluído, representa pouco mais que uma percentagem residual. Bastante disperso o grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho vidradas encontra-se presente em 12 das 16 u.es com espólio, do forno [131]. A maior concentração de peças deste grupo de fabrico é na u.e [1103], com 8 peças e 12 fragmentos, seguida pela u.e [1107] com 6 peças e 7 fragmentos e pela [1129] com 5 peças e 11 fragmentos. As restantes u.es apresentam valores bastante baixos deste grupo de fabrico. No total, estas três u.es contabilizam 2% de todas as peças e fragmentos de forma identificada. Grupo de fabrico pouco disperso nas u.es do forno [1131] mas bastante fragmento, as cerâmicas de barro claro vidradas encontram-se presentes em apenas 3 unidades estratigráficas, estas sendo [1129], com 4 peças e 42 fragmentos,

[1127] com 1 peça e 1 fragmento e [1102], também com apenas 1 peça e 1 fragmento. Estas peças correspondem a 1% de todas as peças de forma identificada e a 3% de todos os fragmentos identificados.

Passando agora a falar sobre as formas, como já foi anteriormente dito, o algaridar é para a coleção material do forno [1131] a maior categoria formal, dentro das peças de forma identificada. Contando com 155 peças e 322 fragmentos, equivalendo por sua vez a 19% de todas as peças e 19% de todos os fragmentos de forma identificada, esta forma é na sua esmagadora maioria do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 139 peças e 257 fragmentos, tendo ainda 10 peças e 21 fragmentos do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada e 6 peças e 44 fragmentos da cerâmica de barro claro vidrada.

O segundo maior grupo formal é o dos pratos, englobando 113 peças e 174 fragmentos, que por sua vez equivale a 14% de todas as peças de forma identificada e a 10% de todos os fragmentos de forma identificada. Este grupo é maioritariamente composto por peças do grupo de fabrico das cerâmicas de barro claro não vidrada, nomeadamente por peças em chacota, contando com 77 peças e 131 fragmentos. Outra parte significativa deste grupo pertence às cerâmicas esmaltadas/faiança, com 28 peças e 32 fragmentos. Uma parte reduzida desta formas pertence ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 6 peças e 9 fragmentos. Este grupo contém um número residual de 2 peças e 2 fragmentos de porcelana.

Os púcaros representam o terceiro maior grupo formal dentro do espólio do forno [1131], contabilizando 100 peças e 212 fragmentos, que equivalem a 12% de todas as peças de forma identificada e a 13% de todos os fragmentos de forma identificada. São peças maioritariamente produzidas em cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 98 peças e 210 fragmentos, tendo ainda uma pequena porção produzida em cerâmica de barro vermelho vidrada, com 2 peças e 2 fragmentos.

O grupo dos testos é o quarto grupo de maior dimensão, tendo 89 peças e 184 fragmentos, correspondendo a 11% de todas as peças e a 11% de todos os fragmentos de forma identificada. Estas peças são todas do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada.

Com valores semelhantes, a caçoila conta com 86 peças e 141 fragmentos, que equivalem a 10% de todas as peças de forma identificada e a 8% de todos os fragmentos

de forma identificada. São peças maioritariamente do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 85 peças e 140 fragmentos, existindo apenas 1 peça e 1 fragmento do grupo da cerâmica de barro vermelho vidrada.

As tigelas apresentam valores relativamente altos, e alguma variação quanto ao grupo produtivo. Contabilizaram-se 76 peças e 116 fragmentos desta forma, correspondendo a 9% de todas as peças e a 7% de todos os fragmentos. São peças maioritariamente do grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho não vidrada, com 43 peças e 76 fragmentos, seguido pelo grupo das cerâmicas de barro claro não vidrada, neste caso peças em chacota, com 21 peças e 27 fragmentos. Uma parte desta forma consiste em peças do grupo de fabrico da cerâmica esmaltada/faiança, com 12 peças e 12 fragmentos e apenas 1 peça, 1 fragmento pertence ao grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada.

A forma dos cântaros é no forno [1131] composto por 44 peças e 173 fragmentos, todos de cerâmica de barro vermelho não vidrada. Esta forma apresenta no total 44 peças e 173 fragmentos, equivalendo a 5% de todas as peças identificadas e 10% de todos os fragmentos identificados.

As painelas surgem nesta coleção representadas por peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada, com 38 peças e 105 fragmentos. Estes correspondem a 5% de todas as peças identificadas e a 6% de todos os fragmentos identificados.

Com ainda alguma presença nesta coleção, as formas contabilizam 26 peças e 29 fragmentos, equivalendo a 3% de todas as peças e 2% de todos os fragmentos identificados. Trata-se de peças todas do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada.

O grupo das caixas é composto por peças totalmente de cerâmica de barro claro não vidrada, contabilizando 22 peças e 32 fragmentos. Estes englobam 3% de todas as peças de forma identificada e 2% de todos os fragmentos identificados.

O bispote corresponde a um grupo pouco significativo, com 19 peças, mas altamente fragmentado, com 39 fragmentos. Estes valores correspondem a 2% de todas as peças identificadas e a 2% de todos os fragmentos identificados. Além disso são todas peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho vidrada.

Agrupando agora as formas com valores reduzidos, começamos pelas restantes peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro vermelho não vidrada. No total estas peças correspondem a 6% de todas as peças de forma identificada e a 9% de todos os fragmentos. São parte deste agrupamento os pesos de tear, com 9 peças e 9 fragmentos, o fogareiro com 8 peças e 26 fragmentos, o especeiro com 7 peças e 14 fragmentos e as tampas, com 5 peças e 6 fragmentos. Ainda nesta repartição faz parte o pote com 4 peças e 14 fragmentos, a candeia com 4 peças e 5 fragmentos, a jarra com 4 peças e 11 fragmentos, o mealheiro com 3 peças e 9 fragmentos. A bilha, com 2 peças e 51 fragmentos, faz também parte deste grupo, estando bastante fragmentada. Concluindo este agrupamento é a infusa, com 2 peças e 14 fragmentos, à semelhança da bilha bastante fragmentada.

Tratando agora das peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada, este agrupamento engloba no total 1% de todas as peças identificadas e 1% de todos os fragmentos identificados. Aqui inserem-se as trespes, com 7 peças e 7 fragmentos, os copos com 2 peças e 2 fragmentos e ainda os boiões com 2 peças e 3 fragmentos.

Do grupo de fabrico da cerâmica esmaltada/faiança, aqui apenas figura o azulejo, com 2 peças e 4 fragmentos, correspondendo a menos de 1% (0,24%) de todas as peças identificadas e a 1% de todos os fragmentos identificados.

Abordando agora a questão decorativa (Apêndice E, Gráfico 3 e Tabela 4), para o espólio recuperado do forno [1131] do grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho não vidrada, a maioria é decorada na superfície interna por alisamento e engobe vermelho, contabilizando 295 peças e 666 fragmentos, equivalendo a 36% de todas as peças e a 39% de todos os fragmentos. Ainda dentro do grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho não vidrada, seguem-se as peças decoradas com alisamento, brunimento e engobe vermelho, com 156 peças e 289 peças, correspondendo a 19% de todas as peças de forma identificada e a 17% de todos os fragmentos de forma identificada. O número de peças com decoração na superfície interna com apenas alisamento é de 136 peças e 351 fragmentos, correspondendo a 17% de todas as peças e 21% de todos os fragmentos de forma identificada. Apenas 11 peças e 14 fragmentos apresentam decoração interna com base no alisamento e em superfície/engobe de cor cinzenta, contabilizando 1% de todas as peças e 1% de todos os fragmentos identificados. De valores semelhantes à anterior, as peças sem qualquer tipo de decoração na superfície interna contabilizam 10

peças e 10 fragmentos, equivalendo a 1% de todas as peças e todos os fragmentos identificados. As restantes peças 8 peças e 12 fragmentos apresentam decoração de superfície interna ou demasiado danificada/queimada 7 peças e 11 fragmentos e com base no alisamento e decoração incisa, 1 peça e 1 fragmento.

Para a decoração interna das peças do grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada, a maior parte, neste caso 113 peças e 181 fragmentos, apresenta apenas alisamento na superfície interna. Correspondem estes valores a 14% de todas as peças identificadas e a 11% de todos os fragmentos identificados. Neste grupo de fabrico, 17 peças e 20 fragmentos não possuem qualquer tipo de decoração na superfície interna, correspondendo a 2% de todas as peças e a 1% de todos os fragmentos identificados. Uma extrema minoria, 1 peça e 1 fragmento, deste grupo de fabrico apresenta na superfície interna evidências de preparação de esmalte.

No caso do grupo de fabrico da cerâmica esmaltada/faiança, todas estas peças, neste caso 41 peças e 48 fragmentos, equivalendo a 5% de todas as peças e a 3% de todos os fragmentos, apresentam esmalte na superfície interna.

Para o grupo de cerâmica de barro vermelho vidrada, este com 33 peças e 64 fragmentos, correspondendo a 4% de todas as peças e a 3% de todos os fragmentos, a maioria é decorado na superfície interna por vidrado de cor verde. Este engloba 30 peças e 58 fragmentos, equivalendo a 4% de todas as peças e a 4% de todos os fragmentos identificados. O restante, composto por 3 peças e 6 fragmentos, corresponde a superfície internas decoradas com vidrado melado.

Para o grupo de fabrico da cerâmica de barro claro vidrada, a única decoração interna presente é a de vidrado de cor verde, contado com 6 peças e 44 fragmentos, equivalendo 1% de todas as peças identificadas e 3% de todos os fragmentos identificados.

Passando agora à decoração das superfícies externas (Apêndice E, Gráfico 4 e Tabela 5), retornamos ao grupo de fabrico das cerâmicas de barro vermelho não vidradas. À semelhança das superfícies internas, aqui predomina a decoração na superfície externa com base no alisamento e engobe vermelho, com 423 peças e 997 fragmentos, equivalendo a 51% de todas as peças e a 59% de todos os fragmentos identificados. Para peças só com alisamento na superfície externa foram contabilizadas 126 peças e 267 fragmentos, correspondendo a 15% de todas as peças e a 16% de todos os fragmentos.

Do total de peças deste fabrico, 19 peças e 19 fragmentos possuem decoração com alisamento, brunimento e engobe vermelho, equivalendo a 2% de todas as peças e 1% de todos os fragmentos. À semelhança do que se verificou para as superfícies internas, algumas peças apresentam decoração com recurso a alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta, neste caso contabilizando-se 17 peças e 21 fragmentos, correspondendo a 2% de todas as peças e 1% de todos os fragmentos. Para as peças sem qualquer tipo de decoração na superfície externa, aqui contabilizaram-se 15 peças e 16 fragmentos, correspondendo a 2% de todas as peças e a 1% de todos os fragmentos. As restantes 16 peças e 22 fragmentos, correspondendo a 2% de todas as peças e 1% de todos os fragmentos, englobam peças com superfície externa queimada, 6 peças e 10 fragmentos, peças com apenas engobe vermelho, 6 peças e 7 fragmentos, peças danificadas, com 3 peças e 4 fragmentos e ainda peças com alisamento e engobe vermelho para além de decoração ondulada incisa, com 1 peça e 1 fragmento.

O grupo de fabrico da cerâmica de barro claro não vidrada contém na sua grande maioria peças de decoração externa com recurso a apenas alisamento, englobando 109 peças e 171 fragmentos, que correspondem a 13% de todas as peças e 10% de todos os fragmentos. Além destas, 21 peças e 30 fragmentos não possuem qualquer tipo de decoração, correspondendo a 3% de todas as peças identificadas e 2% de todos os fragmentos identificados. Apenas 1 peça e 1 fragmento, menos de 1% em ambos os casos, apresenta preparação de esmalte.

Para o grupo de fabrico da cerâmica esmaltada/faiança, grande parte apresenta esmalte da superfície externa, com 39 peças e 44 fragmentos, correspondendo a 5% de todas as peças e 3% de todos os fragmentos. Foram identificadas 2 peças e 4 fragmentos deste grupo de fabrico que não apresentavam esmalte na superfície externa.

A decoração das superfícies externas das peças do grupo de fabrico de cerâmica de barro vermelho vidrada é maioritariamente de vidrado de cor verde, com 23 peças e 44 fragmentos. Correspondem estes valores a 3% de todas as peças identificadas e a 3% de todos os fragmentos identificados. Parte destas peças, neste caso 9 peças e 16 fragmentos, apresentam decoração externa com base em apenas alisamento, correspondendo a 1% de todas as peças e de todos os fragmentos identificados. Foi ainda detetada uma peça e 4 fragmentos com decoração externa de alisamento e superfície/engobe de cor cinzenta.

Concluindo, para o grupo de fabrico de cerâmica de barro claro vidrada, das 6 peças e 44 fragmentos identificados, 4 destas peças e 32 destes fragmentos apresentavam apenas alisamento na sua superfície externa. Estes valores correspondem a menos de 1% de todas as peças, mas a 2% de todos os fragmentos identificados. Apenas 2 peças e 12 fragmentos apresentavam vidrado de cor verde na superfície externa, correspondendo a menos de 1% das peças e fragmentos identificados.

A nível das formas estudadas, podemos considerar tratar-se de um microcosmo das principais formas da loiça empregue no dia a dia da vida em Lisboa de época moderna, com bastante material ligado ao período entre finais do século XVI e meados do século XVII. Verificamos que, através da pesquisa por paralelos tipológicos e a nível das variantes detetadas, se trata de uma coleção ligada às produções lisboetas comuns ao período o entre finais do século XVI e princípio do século XVII, como a própria cronologia previamente referida para a estrutura do forno e da oficina indica. Sobressai o elevado número de peças ligadas à preparação e consumo alimentar, que apresentam relativamente pouca decoração, ou a que possui é esporádica e associada a formas pontuais, havendo já uma forte característica do uso de loiça individual e do consumo de refeições em peças individuais, exemplificado pela forte presença de pratos, tigelas e púcaros, dando continuidade ao processo que se fazia sentir em território nacional desde o século XV e que agora, em pleno século XVI estaria presente nas varias produções locais (Guinote e Silva, 1998,p.75).

Os alguidares de cerâmica de barro vermelha presentes nesta coleção assemelham-se às produções dos finais do século XV e inícios do XVI, que têm vindo a surgir em intervenções dentro da Mouraria, notoriamente os alguidares brunidos e vidrados presentes no Quarteirão dos Lagares (Nunes e Filipe, 2012, p. 143) e na Rua do Benfornoso (Marques *et al*, 2012, p.126).

Trata-se assim de uma coleção variada, ligada principalmente ao mercado das loiças que, para o período, seriam as mais acessíveis à população em geral de Lisboa, embora importa referir a presença pontual nesta coleção de indivíduos ligados a hábitos de consumo mais frequentemente associados às camadas abastadas, pelo menos para o século XVI, como é o caso dos especieiros/salseiros e dos boiões.

Não obstante a presença de certas tipologias e variantes ligadas às produções de século XV, exemplo disto os alguidares não vidrados, caçoilas, as placas de Pão/ formas

de Pão, panelas, bilhas e púcaros, podemos justificar estes com uma tendência, já observada previamente na construção dos fornos, da produção tradicional destas peças, herdadas do período medieval. Já o espólio vidrado, nomeadamente os alguidares vidrados sugerem uma ligação às peças do século XVI a XVII, em especial as peças de importação, ligadas às produções da zona de Sevilha, tendo maior presença de material ligado estritamente a formas vigentes no século XVI.

Já a questão da produção de faiança, representada pela forte presença de pratos e tigelas, na sua maioria em biscoito, surge associada a tipologias ligadas às produções do século XVI e XVII. O prato, nomeadamente os de fundo de ônfalo (Prato Variante B de cerâmica de barro claro não vidrada), surgem geralmente associados a produções do século XVI, especialmente na segunda metade deste e frequentemente associadas a produções de origem sevilhana (Sebastian, 2010, p. 83). Além destas, a presença de peças ligadas à produção de loiça esmaltada, como é o caso das caixas, com cronologias indicadas para o século XVII e meados desta mesma centúria ajudam a reforçar a possibilidade de um processo deposicional no forno [1131] pelo menos até este período.

5.2 O forno [1131] e a produção cerâmica no Largo das Olarias n.ºs 19 a 23 e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15

Se previamente referimos um período de laboração para oficina no Largo das Olarias e Travessa do Jordão como sendo entre finais do século XVI até as primeiras décadas do século XVII, e especificando para a estrutura do forno uma cronologia associada a finais do século XVI, podemos considerar a sua desativação ainda nesse mesmo período, evidenciado pela unidade estratigráfica [1129], considerada a remodelação do forno não utilizada, prévia à desativação. O espólio retirado dessa u.e, nomeadamente os alguidares de cerâmica de barro claro vidrada, associados às produções sevilhanas e com cronologias de século XVI ajuda a reforçar essa ideia. Arriscamos, no entanto, apontar um limite máximo para princípio de enchimento desta estrutura para as primeiras décadas do século XVII, dada a presença de evidências materiais no enchimento do forno que surgem para meados do século XVII. Se terá sido um processo rápido ou demorado, não conseguimos vislumbrar com certeza, assumindo, no entanto, que dada a falta de evidências materiais ligadas a produções cerâmicas de início produtivo em cronologias posteriores ao século XVII no mais tardar e possivelmente com um enchimento, como já referido até meados do século XVII, feito com recurso ao material rejeitado da produção do forno [1162], que, de acordo com análise preliminar feita no

decorrer do trabalho de campo deveria ter laborado em conjunto com o [1167], posteriormente à desativação do [1131]. Uma cronologia mais acertada para este momento de abandono é por agora dependente de futuros estudos incidentes no espólio dos fornos [1162] e [1167], dada a possibilidade que, pelo menos o forno [1162] poderá ter funcionado durante o período antes da desativação do [1131].

Abordada a questão do período de laboração e enchimento, uma questão sugerida no decorrer do trabalho de campo, e posteriormente já em fase de estudo material, era a possibilidade de os fornos [1131] e [1162] terem laborado ao mesmo tempo, ligados à produção de loiça em faiança. Esta questão prende-se principalmente com a grande quantidade de biscoito encontrado no enchimento do forno [1131], sugerindo potencialmente que este não seria apenas empregue na produção de cerâmica vermelha fosca e vidrada, mas também tratar das cozeduras de enchacotagem. A descoberta de material em faiança fundida e deformada durante o processo de cozedura, tanto entre si como às caixas refratárias, no forno [1162], sugerem um foco produtivo deste forno diferente do [1131].

Esta questão prende-se à tradição de época moderna de utilizar dois fornos, um de menor dimensão e outro de maior dimensão, para tornar o processo de produção de loiça em faiança mais expedito, utilizando o forno de menor dimensão na primeira cozedura de enchacotagem, e o segundo, para a cozedura de vidragem.

No entanto esta teoria pode não ser obrigatoriamente aplicável a este sítio arqueológico, existindo referências historiográficas à utilização do mesmo forno para enchacotagem e para a segunda cozedura de vidragem, referenciada já por Cipriano Piccolpasso, em 1557-1559, sob menção de um forno para cozeduras de peças de majólica italiana (Sebastian, 2010, p.277). E procurando nas mesmas fontes, deparamo-nos com referências mais tardias, para a cidade de Lisboa, que indicam o uso desta prática em duas olarias de planta datadas de 1860 e 1861, na freguesia de Santos-o-Velho, nomeadamente a Olaria da Rua das Madres e a Olaria do Castelo Picão, ambas com dois fornos, tendo nesta última olaria sido detetada a diferença de dimensões destas fornos (Mangucci, 2007, p.427; Sebastian, 2010, p.277).

Ainda sobre este tema, o Dr. Luís Sebastian refere no entanto, que para o território português, o processo produtivo de loiça em faiança, durante os primeiros momentos, deveria ter recorrido ao uso do mesmo forno empregue na produção de faiança, para

ambas as cozeduras, e que apenas mais tardiamente, em momento ainda indeterminado, se tenha estabelecido a prática do uso de dois fornos diferentes neste processo, diferenciando-se por dimensões distintas (Sebastian, 2010, p.278). A presença destes fornos surge como facto confirmado para o século XIX, «... *uma certeza documentada para a centúria de oitocentos dentro do universo oleiros...*», sugerindo no entanto que a origem desta prática terá sido no século XVII/XVIII, «..., *sobrevivendo à evolução de diferentes soluções empregues em contextos industriais desde meados do séculos anterior, podemos apenas suspeitar que corresponda a uma prática já setecentista, senão mesmo anterior*» (Sebastian, 2010, p.278).

Este aponta que a diferenciação entre fornos seria por motivos práticos, ligados à redução dos custos no decorrer do processo produtivo, tendo em conta o espaço poupado, por fornada de enchacotagem, onde não seria necessário utilizar sistemas de separação ou encaixotamento, estes de uso obrigatório para a cozedura de vidragem. Assim, o espaço poupado neste sistema de dois fornos, permitiria na prática ao aumento produtivo para quase o dobro da capacidade do volume de um forno no decorrer da cozedura de enchacotagem (Sebastian, 2010, p.278).

Reconhece, no entanto, que esta leitura apresenta poucas certezas, sendo posta em causa nas descrições ligadas à produção de majólica italiana no século XVI, por Cipriano Piccolpasso (Piccolpasso, 2007, p.74 ;Sebastian, 2010, p.279), referindo que para as cozeduras e de enchacotagem seria empregue o mesmo sistema de encaixotamento e separação das peças que se verificava na cozedura de vidragem. Propõe no entanto, que «*Podia-se assim avançar a hipótese de à presença de dois fornos de dimensão diferenciada corresponder à prática de não encaixotar e separar as peças durante a cozedura de enchacotamento*» (Sebastian, 2010, p.279), que de certo modo ajuda a compreender o fenómeno presente no espólio exumado do forno [1131], que tomando como forno empregue nas cozeduras de enchacotagem, juntamente à produção de peças de cerâmica fosca, não apresenta um número significativo de trempes ou caixas refratárias, compondo estas perante o material identificado apenas um grupo residual.

Ainda nesta abordagem, o espólio retirado dos restantes fornos do Largo das Olarias, nomeadamente dos fornos [1162] e [1167] ajuda a reforçar este ponto de vista, visto tratar-se de elevadas quantidades de cerâmica esmaltada / faiança, pontuada pela frequente presença de material mal cozido ou com outros defeitos de fabrico (Castro *et al*, 2017, p.1737). Para este grupo de fabrico, predominam nestes fornos os pratos e as

tigelas, tendo cronologias desde o último quartel/finais do século XVI e inícios do século XVII (Castro *et al*, 2017, p.1738). Importa referir ainda a presença de quantidades significativas de peças em biscoito, à semelhança do que se verificou no [1131], e a fraca representação na coleção material destes fornos das cerâmicas de vidro plumbífero de coloração verde (Castro *et al*, 2017, p.1737). Contrariamente ao que se verificou para o forno [1131] as cerâmicas de barro vermelho não vidrada surge com pouca representatividade no espólio recolhido dos restantes fornos, que compõe não só a maior parte do espólio como englobam a maior variedade de formas.

5.3. A produção oleira na Mouraria em época Moderna

A Mouraria de Lisboa teve a sua ocupação inicial após a vitória portuguesa do cerco da cidade, em 1147. Os habitantes da fé muçulmana foram reencaminhados para um arrabalde a norte da cidade, mais especificamente o vale localizado entre as colinas do castelo da Graça e de S. Gens (Oliveira e Viana, 1993, p.191; Barros, 1998, p.141). Posteriormente em 1170, foi promulgada a carta de foral, responsável pela criação “oficial” da Mouraria enquanto espaço físico, reconhecido perante a Coroa portuguesa, onde habitavam os muçulmanos da cidade de Lisboa (Barros, 1990, p.86; Barros, 1998, p.20).

Avançado alguns anos, o estabelecimento da Mouraria no século XII permitiu o florescimento da população muçulmana que restava em Lisboa posteriormente à conquista (Barros, 1998, p.144). Não obstante as limitações impostas pelo foral, e naturalmente pelas limitações físicas, o arrabalde da Mouraria de Lisboa desenvolveu-se com alguma rapidez, surgindo na segunda metade do século XIII com dois edifícios construídos no arredor dos banhos e das casas da alcaidaria, para além das carniçarias dos mouros (Oliveira e Viana, 1993, p.192). Juntando à presença destes espaços de uso coletivo, comprovam-se referências historiográficas a quatro tendas junto aos banhos, sugerindo um já significativo número de habitantes deste bairro (Oliveira e Viana, 1993, p.192).

Esta população parecia cada vez mais influente, ultrapassando os limites estabelecidos em 1170, tendo no reinado de D. Pedro sido promulgada, em 1366, uma carta régia focada na limitação dos contatos entre muçulmanos e cristãos, nomeadamente proibindo o acesso à Mouraria de mulheres cristãs, estabelecendo ainda duas rotas a que

estas estariam limitadas caso necessitassem de percorrer o arrabalde (Oliveira e Viana, 1993, p.192).

Sabe-se que o bairro possuía no século XV pelo menos duas portas, uma situada no cruzamento da rua de Benfica com a rua Grande Direita, outra no extremo dessa mesma rua direita, próximo do ponto em que divergia para a Calçada de Santo André (Barros, 1998, p.142). A primeira surge em documentação de 1465, tendo a segunda sido referenciada pelo menos desde 1436. É, no entanto, possível que tenham existido pelo menos duas outras portas, uma situada na Rua da Amendoeira, ligada à inclusão parcial desta nos limites do bairro com evidência de coabitação de gentes de ambas fés, e ainda uma quarta, no início da rua Direita, ligada a referências de uma porta situada além do Poço dos Mouros, mas sem localização exata (Oliveira e Viana, 1993, p.192).

Importa referir que no decorrer do século XV, a Mouraria expandiu os seus limites, passando a ocupar um segundo bairro, conhecido por Arrabalde Novo e localizado entre o bairro central e o almocávar na encosta de Santa Maria da Graça (Barros, 1998, p.141), este sendo já local de habitação de uma população cristã, passando a servir agora de espaço comum a habitantes das duas fés. É no cerne deste novo espaço, entre a Rua das Olarias e Rua dos Lagares (Oliveira e Viana, 1993, p.199), que se enquadra o local em estudo, o Largo das Olarias, surgindo referências à presença de tendas ligadas à olaria nas vias acima referidas, pelo menos desde 1464, inclusive com menção de um oleiro cristão entre as tendas dos mestres muçulmanos.

Os dados disponíveis indicam-nos que a participação dos habitantes muçulmanos nas atividades artesanais rapidamente estabeleceu a importância dos seus contributos produtivos, em especial na olaria lisboeta (Oliveira e Viana, 1993, p.200). Atividade esta, que chegou a potencialmente ocupar até 30,5% dos mestres muçulmanos da mouraria lisboeta durante os finais do século XIV até finais do século XV, representando pouco menos de um terço dos muçulmanos lisboetas, não obstante a sua presença no cultivo das hortas, vinhas e pomares de Lisboa (Barros, 1998, p.90; Oliveira e Viana, 1993, p.200).

Em 1496 foi decretado o édito de expulsão dos mouros e dos judeus e, cerca de meio século depois, passamos a dispor de informação mais completa relativamente à Mouraria, exemplificado pela obra “Estatística de 1552” (Correia, 1919, p.135). Para o ano referido, existiriam 60 oficinas oleiras ligadas à produção de louça vermelha, ocupadas por 180 indivíduos e 10 oficinas de louça vidrada, ocupadas por 30 indivíduos.

Para a centúria seguinte, já no ano de 1621, o Padre António de Vasconcelos, na sua obra “Descrição de Portugal” deixou referenciada a existência em Lisboa, de 8 fornos de louça vidrada, 28 de louça de Veneza¹, 49 de barro vermelho e 13 de azulejos, não implicando necessariamente que cada forno estivesse ligado a uma oficina independente (Farinha, 1932, p.17). Por conseguinte, verifica-se uma ampla continuidade da importância desta atividade desde a Baixa Idade Média e durante a Idade Moderna.

Parte da preponderância da atividade oleira neste setor de Lisboa prende-se à proximidade de matéria-prima, neste caso acesso aos barreiros de Santa Clara (Apêndice A, Planta 4), mas por si só não justifica totalmente este fenómeno. Podemos admitir que, parte da herança deixada pelos oleiros muçulmanos, para além das técnicas produtivas, tenha sido o estabelecimento do comércio local, dentro dos limites da Mouraria, afetando este possivelmente, a própria expansão do bairro. Expansão esta que se desenvolveu tendencialmente em direção das principais artérias de circulação da cidade de Lisboa, nomeadamente a Rua de Benfica e a chamada Rua das Tendas, que atualmente faz parte da Rua Marquês Ponte de Lima, ajudando a reforçar a ideia da influência destas atividades económicas da Mouraria no desenvolvimento da malha urbana lisboeta em período moderno (Farinha, 1932, p.14).

Falando sobre a profissão de oleiro, esta surge em época moderna com uma crescente valorização face aos olhos da sociedade portuguesa da altura, acarretando alguma atenção por parte da administração real, atenção esta, já nascente durante a Idade Média. A Idade Moderna «pode considerar-se a época de ouro das olarias aquela em que os órgãos governativos mais se preocuparam com a sua regulamentação» (Fernandes, 2012, Vol. I, p.15). Entre os séculos XII e XVIII foram promulgados dezassete documentos ligados à organização da produção cerâmica e da profissão de oleiro em território português (Fernandes, 2012, Vol. I, p. 280), dos quais oito entre os séculos XVI e XVII.

Estes documentos oficializaram a existência, dentro da atividade oleira, de uma hierarquia clara, à semelhança do que se verificava noutras profissões. Passou a existir uma estratificação com base no nível de conhecimento técnico de cada oleiro, tendo estas diferenças efeito direto na forma como o oleiro poderia comercializar as suas produções

¹ Aqui assume-se que a referência é a fornos ligados à produção de faiança, à semelhança do que se verifica na obra de Luís Sebastian «... *pelo menos para Lisboa e durante as três primeiras décadas de século XVII, a designação mais corrente para a faiança seria a de “louça de Veneza” ...*» (Sebastian, 2010,p.72)

e até como desempenharia as suas funções: de aprendiz ou obreiro, a oficial e mestre de tenda. A subida pelos vários graus iniciava-se pelo momento em que um aprendiz se submetia a uma examinação, na qual seriam avaliadas as suas peças (Fernandes, 2012, Vol. I, p.19). Esta avaliação era encabeçada por juízes do ofício, cargos a que eram eleitos por um ano, que de acordo com o “Regimento dos Oleiros” de Lisboa (Lisboa, 1572). Estes juízes do ofício cobriam todo o espectro de produções cerâmicas, havendo dois juízes para a cerâmica vermelha, um para a cerâmica vidrada verde e um para cerâmica vidrada branca, a faiança. Haveria ainda um juiz ligado à produção de telha, eleito entre os telheiros. Terminada a examinação o requerente, caso tivesse demonstrado o conhecimento e a capacidade técnica necessária, receberia uma “carta de examinação”, podendo produzir e comercializar a sua própria mercadoria, na sua própria tenda (Fernandes, 2012, Vol. I, p.20).

O período que se inicia entre os séculos XV e XVI representa o princípio do refinar da profissão de oleiro, em pleno século XVI já se verifica, juntamente com a organização profissional, uma especialização produtiva, tornando-se comum, a partir deste período, oleiros especializarem-se na produção de cerâmica vermelha, vidrada ou em faiança, bem como especializarem-se no fabrico de material do foro construtivo como azulejos, ladrilhos, tijolos e telhas (Fernandes, 2012, Vol. I, p.20). Este processo de especialização surge refletido no século XVI, nos registos documentais, sendo exemplo o “Livro do Lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a el-rei nosso senhor o ano de 1565”, que no seu registo faz a distinção entre oleiro, obreiro, telheiro, malegueiro e ladrilhador, quando referindo à distribuição destes pela freguesias de Lisboa (Sebastian, 2010, p.94 - 95; Correia, 1919, p.6-7) (Apêndice D, Tabela 1).

Se nos finais do século XVI já existem evidências de uma maior especialização produtiva, na documentação de século XVII já se verifica o resultado desta, havendo uma maior especialização na produção e mesmo nos títulos hierárquicos dos oleiros, exemplificado pelos “Testamentos”, de Lisboa, referentes ao período de 1627 e 1719 (Sebastian, 2010, p.97) (Apêndice D, Tabela 2).

Entre as diferenciações encontramos referenciados os vários graus de oleiro, passando à menção destes: obreiro, oleiro, mestre oleiro e oficial de oleiro. É ainda feita uma separação pela especialização de cada oleiro juntamente com o seu grau, havendo referência a mestre oleiro de louça branca, mestre de louça pintada, mestre azulejador, mestre oleiro, oleiro de louça vermelha e oleiro de louça branca.

Esta especialização surge também nas referências aos fornos de cerâmica presentes em Lisboa durante os séculos XVI e XVII, exemplificado pelos dados estatísticos do ano de 1552 que conta para Lisboa da existência de «trabalhavam 180 operários na louça vermelha e 30 na branca, havendo 60 fornos, cuja produção era avaliada em dez mil cruzados e que coziavam anualmente cêrca de vinte vezes, cada um. Os fornos de teijolo eram apenas dez, cozendo 900 000 teijolos por ano, computados no mesmo valor da louça» (Farinha,1932, p.15). Já para o século seguinte, na obra “Descrição de Portugal”, do ano de 1621, é feita a referência aos fornos de Lisboa e ainda destes mesmo juntamente sendo feita a menção dos graus dos oleiros «havendo neste ano em Lisboa 8 fornos de louça vidrada, 28 de louça de Veneza, 49 de barro vermelho e 13 de azulejos, com 13 mestres examinados, além dos aprendizes e oficiais, que eram outros dois graus do ofício» (Farinha,1932, p.15).

Consequência da já referida atenção administrativa e consequente reconhecimento desta importância a partir dos séculos XVI, o mister de oleiro passa a ter uma maior valorização social perante os olhos de até as classes sociais altas. A presença de homens desta profissão na chamada “Irmandade do Senhor dos Passos da Graça”, onde já estaria inscrita a aristocracia lisboeta, passa a ideia de que, juntamente com outras profissões altamente valorizadas na época, como alfaiates, sapateiros e comerciantes, os oleiros no século XVII e XVIII passam a usufruir de benefícios dentro da sociedade portuguesa de época moderna (Farinha,1932, p.19).

No entanto, esta faceta do cariz social não surge tão frequentemente na análise da bibliografia publicada, sobre os espaços físicos de produção e de habitação destes oleiros. Deduz-se que as olarias da mouraria em época moderna, à semelhança do que se verificou até ao período de decadência da produção de cerâmica neste bairro, no século XIX, seriam oficinas de carácter familiar. A própria distribuição de tarefas, já estratificada, favorece o emprego de trabalho familiar para se processar as várias etapas produtivas, sendo o trabalho menos especializado e consequentemente de menor valor, deixado para os membros mais jovens da família e para os aprendizes.

Deste modo enquanto o proprietário da oficina, provavelmente o chefe de família, desempenhava o papel de oleiro e rodista, responsável pela modelagem do barro, a responsabilidade de transportar água e lenha, de esmagar e preparar a pasta e de a transportar para o forno recaía sobre as filhas, mães, filhos menores e aprendizes (Fernandes, 2011, Vol. I, p.21). Era ainda comum recair sobre os membros da família do

sexo feminino a responsabilidade de vender as produções finalizadas. Não quer isto dizer que não seria utilizada mão de obra contratada, quando necessário, apenas que uma oficina oleira de época moderna seria uma unidade produtiva reduzida, onde o espaço habitacional, de produção e de venda se sobrepunham. A preponderância da mão de obra familiar nesta atividade é comprovada pela abertura de exceções, por parte dos grupos de mestres, à progressão normal no ofício aos filhos de mestres de tenda, e a atribuição nos regimentos do papel de comercialização da loiça às mulheres e servidores dos oleiros, sendo ainda permitido às viúvas, por morte do marido, continuar à frente da produção da olaria (Fernandes, 2011, Vol. I, p.21).

O édito de expulsão de 1496 não aparenta ter afetado a atividade oleira que se verificava da Mouraria. A expansão do bairro acelerou no século XVI, continuando o processo iniciado no século anterior, levando à progressiva expansão dos seus limites pelas atuais ruas dos Lagares, das Olarias e do Benfornoso, na época conhecida por Rua de Benfica e até a Porta de São Vicente (Sebastian, 2010, p.110).

As olarias orientais de Lisboa surgem sob várias designações, incluindo olarias do «Monte de S. Gens» (Queirós, 1987, p.440), olarias da «Senhora do Monte» (Queirós, 1987, p.440; Farinha, 1932, p.4), «Anjos» (Sebastian, 2010, p.91), «arrabalde da Mouraria» ou da «Graça» (Sebastian, 2010, p.91). Importa referir que estas designações surgem para períodos prévios ao século XVII, a partir do qual passa a surgir na documentação a designação mais geral à área em estudo de “Bairro das Olarias” (Farinha, 1932, p.10), reforçado pelo uso variante dos termos «Às olarias», «Nas olarias» e «No bairro das olarias», referidos por José Queirós no decorrer da sua publicação referente à testamentos (Apêndice D, Tabela 2) entre o ano 1627 e 1719 (Sebastian, 2010,p.92).

Em 1501, o chamado «sítio das olarias» não estaria ligado à malha urbana de Lisboa, designado ainda pelo topónimo de arrabalde ou «...*arrealde nouo da Mouraria, homde estão os Olleiros...*» (Farinha,1932, p.6), passando no ano seguinte a existir já referências a Rua de Atrás dos Lagares, inicialmente conhecida por «a Carreirinha» (Farinha, 1932, p.7), sendo esta a primeira via de ligação com a zona baixa da cidade.

É apenas partir de 1551 que surgem as primeiras evidências das ruas com topónimos potencialmente associados ao do atual Largo das Olarias e Travessa do Jordão. Neste ano surgem referências à “Rua das Olarias de Baixo” e “Rua das Olarias de Cima”

(Farinha, 1932, p.7). Mais tarde, no século XVII, já nos deparamos perante duas ruas que parecem sugerir equivalência à posição na malha urbana de Lisboa das aqui abordadas: a “Rua Larga das Olarias”, começando na Calçada Agostinho de Carvalho até à Rua do Terreirinho, que já possuiria este nome desde 1660; e o “Beco do Jordão”, que começava na Rua Larga das Olarias e terminava na Rua da Oliveira (Farinha, 1932, p.9). Esta última teria ponto de partida na Rua do Terreirinho e iria até a Calçada do Passo do Benfornoso (Farinha, 1932, p.8; Sebastian, 2010, p.108). Tratando ainda do possível nome original do Largo das Olarias, este surge na documentação a partir de 1555, juntamente à referência de duas ruas de nome ligado às Olarias, uma denominada rua Larga das Olarias e outra por Rua das Olarias (Azevedo, 1899/1900, p.272). Na planta de 1650 de João Nunes Tinoco (Apêndice A, Planta 1), já se encontra identificado o «*Becco do Jordão*», com ligação à Rua da Oliveira. A planta de 1761 de Guilherme Menezes (Apêndice A, Planta 2) demonstra a continuidade das vias sofrendo poucas alterações até aos nossos dias.

Para o século XVI a informação que possuímos sobre as olarias orientais de Lisboa provém do estudo do “Livro do Lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a el-rei nosso senhor o ano de 1565” (Apêndice D, Tabela 1), onde é feita uma longa listagem das ruas onde existiriam as ditas oficinas oleiras de Lisboa Oriental (Correia, 1919, p.128-139). Na freguesia de Santa Justa, existiam então 40 a 41 oleiros, 15 obreiros e 1 telheiro (Correia, 1919, p.130-132). Importa referir que já na documentação da época havia a diferenciação entre o mestre oleiro, o proprietário da oficina e da tenda, e os obreiros, que trabalhariam por conta de outrem. De longe, a maior concentração de oleiros verifica-se nas «*Rua de Lombada ao pee de Nosa Snora do Monte*», com 16 a 17 oleiros e 6 obreiros, seguida pela «*Rua Direita dos Oleiros*», com 9 oleiros e 1 obreiro, a primeira correspondendo, à atual Rua da Bombarda (Farinha, 1932, p.15), a segunda à atual Rua do Benfornoso, designada em 1637 como «*Rua Direita-Boi Fornoso*» (Sebastian, 2010, p.102).

Já do século XVII temos informação mais específica às duas moradas de interesse para esta dissertação. A consulta dos róis de confessados da freguesia dos Anjos, referente aos anos de 1633 e 1637 (Apêndice D, Tabela 3) permite verificar um aumento significativo de oleiros presentes no “Bairro das Olarias”, quase duplicando os valores referidos em 1565 (Farinha, 1932, p.18); (Correia, 1918, p.534-536). Assim, para o ano de 1633 verificou-se a existência de 79 oleiros a laborar nas olarias orientais de Lisboa, dos quais 28 estariam instalados na chamada Rua Larga das Olarias, representando a

maior concentração de oleiros da freguesia. A Travessa do Jordão surge referenciada no documento como Beco do Jordão, com dois oleiros presentes. Para o ano de 1637, o número de oleiros ascende a 101 na freguesia dos Anjos, dos quais 39 se localizariam na Rua Larga das Olarias e 3 no Beco do Jordão (Sebastian, 2010, p.102 e 597-598).

Deste modo, e pelo prisma arqueológico, o trabalho desenvolvido no Largo das Olarias e Travessa do Jordão enquadra-se num panorama de continuidade das escavações efetuadas nas imediações dos limites da Mouraria, com intuito de redescobrir evidências estruturais e materiais das tão referidas olarias orientais de Lisboa. Exemplo deste esforço, são as escavações realizadas em 1999 e 2005 no Quarteirão dos Lagares, principalmente no contexto de despejos de material cerâmico de época moderna (Castro *et al*, 2017, p.1733), os trabalhos realizados na Rua do Benfornoso nº168-186 entre 2004 e 2006, estes ligados à descoberta de avultadas quantias de cerâmicas de cronologia entre os séculos XV e XVI em contexto de aterro. De caráter mais recente, a intervenção no antigo Palácio da Anunciada, na Rua das Portas de Santo Antão, incidente em três fornos oleiros do século XV e XVI (Cardoso *et al*, 2017, p.1715) (Apêndice E, Tabela 6).

Falando um pouco sobre as produções do Largo das Olarias, pelo menos para o forno [1131] podemos assumir um foco nas produções de cerâmica de barro vermelho não vidradas e vidradas, juntamente com a possibilidade de produções de cerâmica esmaltada/faiança, dada a elevada quantidade de material em chacota. A nível formal, há uma grande variedade, com foco nos alguidares de cerâmica de barro vermelho não vidrada e virada, nas caçoilas, nos púcaros e testos, nos pratos de cerâmica de barro vermelho não vidrada e de cerâmica de barro claro não vidrada, potencialmente cerâmica esmaltada, sendo o mesmo para os pratos. Inclui-se aqui o grupo das formas de pão, cântaros e ainda painéis. Naturalmente os alguidares serviam um papel importante fora da mesa e da cozinha, enquanto objetos ligados à higiene pessoal, mas a grande parte destas peças podem ser enquadradas enquanto formas ligadas à preparação e consumo alimentar e ao consumo de líquidos, e para os pratos, tigelas e púcaros. Assim o foco produtivo que podemos observar neste espólio, incide em primeiro lugar na satisfação das necessidades diárias da cidade de Lisboa, nomeadamente do fabrico de peças ligadas à preparação e consumo alimentar, bem como armazenamento e consumo de líquidos.

Deste modo, procurando comparar as produções do forno [1131] do Largo das Olarias, houve um foco nestes três locais vizinhos e respetivas coleções materiais. Para a olaria na Rua das Portas de Santo Antão assume-se também aqui um caráter típico lisboeta

nas produções desta olaria, exemplificado pelas malgas carenadas de vidro plumbífero melado e castanho (Cardoso *et al*, 2017, p.1717). Nas cerâmicas de barro vermelho não vidradas, inclui-se aqui as formas de pão de açúcar, juntamente aos alguidares de dimensões variadas, infusas, frigideiras, panelas, tachos e testos, bem como candeias e fogareiros (Cardoso *et al*, 2017, p.1716-1717). Não obstante destas produções, parte do espólio desta olaria engloba um número significativo de ladrilhos, mantendo, no entanto, uma produção, aparentemente, virada para as necessidades diárias (Cardoso *et al*, 2017, p.1720-1721).

Já as produções recuperadas na Rua do Benfornoso apresentam um elevado número de semelhanças ao espólio retirado do forno [1131]. O espólio deste sítio é bastante próximo a nível de variedade formal ao que se verifica no forno [1131] do Largo das Olarias reforçando a ideia de despejos de olarias locais (Marques *et al*, 2012, p.126). Conta com grandes quantidades de cerâmica de barro vermelho não vidrada e cerâmica de barro vermelha vidrada, nomeadamente alguidares, panelas, testos, caçoilas (denominadas por tachos), tigelas, cântaros e púcaros, para nomear alguns (Marques *et al*, 2012, p.127-128). É certo que estas produções coincidem a nível formal e mesmo no caso de variantes, às peças presentes no Largo das Olarias ajudando a ilustrar os hábitos de consumo e produção em vigor para Lisboa de época moderna.

Para o espólio do Quarteirão dos Lagares, a variedade formal que se verifica nas produções presentes indica um foco na produção de cerâmica de barro vermelho não vidrada e cerâmica vidrada (Nunes e Filipe, 2012, p. 143). O seu acervo material engloba produções com reflexo no forno [1131], sendo exemplo os testos, taças com e sem carena, alguidares brunidos e vidrados, tachos, panelas, púcaros, pratos e candeias (Nunes e Filipe, 2012, p. 143). Possui, no entanto, uma maior variedade de variantes de taças, não obstante semelhanças com variantes desta forma existentes no [1131] (Nunes e Filipe, 2012, p. 144). Alias, à semelhança do Largo das Olarias, e do espólio do forno [1131] apresenta alguma cerâmica esmaltada/faiança composta por pratos e taças, genericamente enquadrados no século XVII (Nunes e Filipe, 2012, p. 147).

6. Considerações finais

Um dos objetivos apontados no início da presente dissertação foi proceder ao estudo da coleção material exumada de um dos fornos no decorrer da intervenção arqueológica no Largo das Olarias n.ºs 19 a 23 e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15. Deste modo, resta indicar como primeiro contributo, o estudo integrado de um conjunto cerâmico composto por aproximadamente 4015 fragmentos, e do resultante catálogo de material selecionado, composto pelo estudo tipificado de 96 peças individuais, juntamente com o correspondente registo em desenho técnico, registo fotográfico e respetivas descrições.

A coleção material aqui apresentada provém, do referido sítio arqueológico do Largo das Olarias, local de implantação de uma olaria de época moderna, de funcionamento indicado, no decorrer do trabalho de campo, entre finais do século XVI e primeiras décadas do século XVII, sendo que as evidências materiais recolhidas neste forno, posterior ao estudo, sugerem um período de laboração até mais tarde, no máximo, até meados do século XVII. Mais concretamente, o espólio foi exumado de um forno, designado [1131], de planta circular, descoberto no decorrer de uma intervenção arqueológica situada dentro dos limites da olaria moderna (Castro *et al*, 2017, p.1742), juntamente com outros três fornos de cronologias semelhantes e ainda um poço desativado, sem cronologia ainda indicada.

Falando apenas do forno [1131], o resultado do estudo das evidências encontradas no decorrer do trabalho de campo, e agora com a conclusão do estudo dos materiais cerâmicos recolhidos do seu interior sugerem um período de desativação entre os finais do século XVI e mais tardar nas primeiras décadas do século XVII, tendo o período de enchimento possivelmente limites cronológicos até meados do século XVII (Castro *et al*, 2017, p.1731). Este momento de desativação surge posteriormente à remodelação das paredes internas câmara de combustão, não tendo o forno sido utilizado posteriormente a esta alteração, dada a falta de marcas de fogo nestas paredes, sugerindo assim uma utilização total desta estrutura. Importa referir que esta remodelação, por ser feita com recurso a material cerâmico vidrado, ajudou a determinar uma cronologia acertada para esta estrutura, tendo o forno em si um período de laboração máximo para os finais do século XVI.

Posteriormente a esta estrutura, entre o período que a restante olaria laborou e, não obstante as conclusões materiais retiradas desta dissertação sobre o espólio do presente forno, verificou-se um processo de deposição de várias camadas de material cerâmico, cuja proveniência assumimos pertencer aos restantes dois fornos presentes, de grande variedade formal e variedade decorativa. Falando deste conjunto de evidências materiais, acabou por ser composto por um microcosmo das várias tipologias de cerâmica de barro vermelho fosca, cerâmica vidrada e faiança portuguesa, de grande variedade formal, ligadas às produções mais comuns para o período de época moderna em que esta olaria estaria em funcionamento. Como referido, a cerâmica de barro vermelho fosca de longe representa o maior grupo material, ligado principalmente a tipologias associadas à preparação e consumo alimentar, com a presença destacada de peças já previamente identificadas em escavações de cronologias similares, como sendo endémicas ao período em estudo, especialmente para o século XVI. Não é possível, no entanto, em todo este universo material afirmar estar perante as fornadas finais desta olaria ou por exemplo ao uso da estrutura oleira enquanto local de despejo de material cerâmico rejeitado.

A presença desta coleção em contexto de produção permite continuar a traçar a evolução das produções cerâmicas em Lisboa, para a época Moderna, e dos hábitos de consumo para a população lisboeta em geral. Este consumo de época moderna estaria principalmente dependente da loiça de barro vermelha, e pontualmente de loiça de barro vermelha vidrada, para satisfazer as necessidades do dia a dia. Embora se tenha verificado a existência de evidências de produção de faiança portuguesa nesta olaria, para este forno apenas podemos indicar no máximo a possibilidade da sua utilização na produção de chacota/biscoito, limitando-se a ser feita a primeira cozedura, não podendo ser admitida a produção de peças de faiança completas. No entanto, pela análise destas formas em biscoito, foi possível retirar algumas relações que permitem identificar as formas e variantes formais presentes para o período de laboração desta olaria, e possivelmente até ao período de desativação e enchimento do forno [1131]. Evidências estas que, como previamente referido aparentam indicar para produções em faiança ligadas ao período entre meados e finais do século XVI até mais tardar meados do século XVII. Assim, este espólio em biscoito sugere alguma continuidade produtiva de certas variantes de faiança portuguesa, com grande foco nos pratos e tigelas a par de cronologias mais associadas a outras produções.

A falta de material com perfil completo, especificamente o caso da faiança portuguesa, e a presença residual nas camadas superiores de enchimento de peças em faiança com superfícies escamadas ou de fragmentos diminutos, ajuda a reforçar a hipótese de se não obstante a produção de faiança nesta olaria, o forno [1131] apenas figurava na produção de formas em biscoito. Aliás, se as referências mais antigas para a produção de faiança em Lisboa advêm desde pelo menos do ano 1561 (Torres, 2012, p.125), esta olaria teria, em teoria, laborado durante o período de transição entre as primeiras décadas de produção desta loiça esmaltada, passando pelo momento de consolidação produtiva em Lisboa e terminando no início do período ligado à maior democratização do seu consumo (Casimiro, 2013, p. 357).

A presença de material cerâmico de barro vermelho vidrado, principalmente de vidrado verde, mas pontualmente melado, nesta olaria, ajuda a contextualizar esta continuidade produtiva de formas que se enraizaram na olaria medieval lisboeta e que se mantiveram relativamente inalteradas desde o século XV. Aliás, ao longo do estudo bibliográfico, é passível propor que a inovação na produção cerâmica lisboeta passa a estar bastante ligada a transições geracionais, aludindo à organização da profissão de oleiro e das produções estabelecida oficialmente pelo Regimento dos Oleiros de Lisboa, de 1572.

Ainda que tudo isto seja baseado em conjectura, podemos tratar do surgimento de novas variantes formais como marcadores de períodos de maior substituição geracional na classe oleira, e não só pela entrada em território nacional de especialistas estrangeiros, visto tratar-se de um meio produtivo fortemente ligado ao uso da mão de obra familiar (Fernandes, 2011, Vol. I, p.21), onde a formação dos novos oleiros estaria ligada ao trabalho desenvolvido nas oficinas dos pais, estes já sendo oleiros experientes.

Falando da estrutura [1131], este forno apresenta uma forte herança construtiva de período medieval muçulmano, ligada aos fornos de planta circular, tendo, no entanto, esta a inclusão de adaptações construtivas mais modernas, que encontram paralelos com já publicados fornos de planta quadrangular, presentes em Portugal. Estes últimos apresentam cronologias pelo menos desde o século XV, com forte presença nas imediações da cidade de Lisboa, na zona do Barreiro, e em Setúbal, embora apresentando várias diferenças, nomeadamente as dimensões serem significativamente maiores que o [1131]. Houve, na procura de paralelos interesse em comparar a planta de esta estrutura

com outras evidências semelhantes, especialmente na zona das olarias ocidentais de Lisboa.

Implantado ao longo da zona ribeirinha, este novo centro produtor em Lisboa estabelece-se entre a freguesia de Santos-o-Velho e perlongando-se até ao Bairro Alto de S. Roque (Sebastian, 2012, p.942), partilhando de muitas das características geográficas que facilitaram a potencialização do bairro da Mouraria enquanto centro produtor cerâmico. Estabeleceu-se em local extramuros, mas próximo da cerca fernandina, com forte ligação ao meio rural, e em zona próxima de um dos principais acessos à cidade, tendo rápido acesso aos depósitos de matéria prima, neste caso margas calcárias, necessárias para a produção de loiça (Sebastian, 2010, p. 136). A ocupação destes bairros tem início no século XV, mas sofre uma expansão a partir do final do século XVI e durante a primeira metade do século XVII (Sebastian, 2010, p. 121), curiosamente, partilhando balizas cronológicas já referidas nesta dissertação, para o funcionamento da olaria do Largo das Olarias.

Deste modo, uma análise mais aprofundada sobre a distribuição de fornos modernos de plantas circulares por Lisboa encontra-se naturalmente dependente de eventuais intervenções arqueológicas na zona das olarias ocidentais de Lisboa.

Concluindo, o presente estudo procurou contribuir para o universo de estudos incidentes sobre a produção oleira de época moderna em Lisboa, com especial foco nas olarias orientais da cidade, localizadas na mouraria. Os resultados aqui apresentados, resultam do estudo de apenas um dos fornos descobertos em contexto oleiro de época moderna, não tencionando estabelecer novos conceitos ou ideias, mas sim dar continuidade à linha de investigação que se vem a desenvolver neste estudo, bem como reforçar conceitos já presentes no universo de estudo relevante.

Mantemos a opinião que apenas o estudo do espólio exumado dos restantes fornos poderá ajudar a escrever o resto do capítulo sobre as produções modernas da olaria do Largo das Olarias n.ºs 19 a 23 e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15, e por sua vez, ajudar na contextualização do espaço produtivo que foi a Mouraria de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Francisco; RODRIGUES, Paulo; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1995) – A Cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona da Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. *In Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela; C.M. de Tondela, pp. 185-210.
- ARAUJO, N. de (1839) – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Veja, pp. 59-81.
- AZEVEDO, Pedro A. de (1899/1900) – Do Areeiro à Mouraria. *In O Archeologo Português*. Lisboa: V, pp. 212-224 e 257-279.
- BARGÃO, André; FERREIRA, Sara (2013) – Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista. *In Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1049-1055.
- BARGÃO, A. (2015) – *Vivências do quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do claustro NE*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- BARROS, M. F. L. (1990) - As comunas muçulmanas em Portugal, subsídios para o seu estudo. *In Revista da Faculdade de Letras*. Vol. 7. Lisboa: Faculdade de Letras, pp. 85 – 100.
- BARROS, M. F. L. (1998) – *A comuna muçulmana de Lisboa* (séculos XIV e XV). Lisboa: Hugin.
- BARROS, M. F. L. de (1999) – Poder e Poderes nas comunas muçulmanas XV. *In Arqueologia Medieval*. Vol. 6. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 73-78.
- BARROS, M. F. L. de (2001) – A comuna muçulmana de Lisboa, paradigma institucional. *In Arqueologia Medieval*. Vol. 7. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 243-247.

- BARROS, L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G.; GONZALEZ, A.; (2012) – A olaria renascentista de Santo António da Charneca – Barreiro. In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç. Vol.2., pp.699-710.
- BARRADAS, A. I.; SILVA, R. B. da (2017) – Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1691-1702.
- BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2012) – Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII, dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires. N.º10, Lisboa, In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç, Vol.2., pp.951-962.
- BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme (2013) – Um poço Seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). In CANINAS, J.C (Coord.) *EMERITA Estudos de Arqueologia e Património Cultural*. Nrº. 1. Lisboa: EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia, pp. 113-140.
- BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel (2016) – Portuguese faience found at 10 Buenos Aires Street Pits – Lisbon (17th-18th centuries). In Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (eds), *Proceedings of the first International Conference of 1759 Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, pp. 27-38.
- BATALHA, L.; NETO, N.; PEÇA, P.; BRITO, S.; CARDOSO, G. (2017) – Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1751-1766.
- BLANCO, A. G.; SÉIQUER, G. M. (1992) – La tradicion en la tecnologia alfarera: problemas teóricos y consecuencias praticas de la comparacion entre dos hornos del mesmo tipo, uno romano (La Maja, Calahorra – La Rioja) y outro del siglo XVII (Plaza de San Agustin, Murcia). In CANO, J. M. G. (Coord) *Revista de Verdolay*. Múrcia: Formato, S.A., pp. 139-152.

• BLUTEAU, R. (1728) – *Vocabulario Portuguez & Latino*. Collegio das Artes da Companhia de Jesus: Coimbra.

• BOAVIDA, Carlos (2017) – Dos objetos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1821-1834.

• BOTELHO, P. (2012) – Produções sevilhanas – azul sobre branco e azul sobre azul: no contexto das relações económicas e comerciais entre o litoral algarvio e a Andaluzia (séculos XVI-XVII). In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç. Vol.2., pp. 855-864.

• BUGALHÃO, Jacinta; COELHO, Inês Pinto (2017) – Cerâmica moderna de Lisboa: proposta tipológica. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CARNEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da (Coord.), *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 106 – 145.

• BUGALHAO, J.; FOLGADO, D. (2001) – O arrabalde ocidental da Lisboa Islâmica, urbanismo e produção oleira. In *Arqueologia Medieval*. Vol. 7. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 111-146.

• BUGALHAO, J.; GOMES, A. S.; SOUSA, M. J. (2003) – Vestígios de produção oleira islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa in *Arqueologia Medieval*, Vol. 8. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 129-192.

• BUGALHAO, J.; GOMES, A. S.; SOUSA, M. J. (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chines). In FARIA, António M. de (Coord.) *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10: N°1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 317-343.

• BUGALHAO, J.; GOMES, A. S.; SOUSA, M. J.; FOLGADO, D. (2008) – Produção e consumo de cerâmica islâmica em Lisboa, conclusões de um projeto de investigação. In *Arqueologia Medieval*. Vol. 10. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 113-134.

- CARDOSO, G.; BARROS, L. e GONZALEZ, A. (1997) – Primeira notícia do forno de Santo António da Charneca – Barreiro. In ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela; C.M. de Tondela, pp. 295-307.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L.; REBELO, P.; ROCHA, M.; NETO, N.; BRITO, S. (2017) - Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI. In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1715-1730.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. In *Arqueologia Medieval*. Vol. 6. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 193-212.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (2002) – Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais. In *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 269-287.
- CARVALHO, Patrícia e BETTENCOURT, José (2012) – De Aveiro para as margens do atlântico. A carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na época moderna. In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç, Vol.2, pp. 733-746.
- CASTILHO, J. de (1935) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. Lisboa: Serviços Industriais da C. M. de Lisboa, pp. 260-312.
- CASTRO, A.; PAULA, N. A. de; TORRES, J. B. de; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) – Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1731-1750.
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2011) – Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa. In *O Arqueólogo Português*. Serie V: 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Pp. 689-726.

- CASIMIRO, Tânia Manuel (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono- estilística. *In Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 16, pp. 351- 367.
- CASIMIRO, T. M., Boavida, C., & Detry, C. (2017). Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650) Diz-me o que comes...A alimentação antes e depois da cidade. *In Fragmentos de arqueologia*. Nrº1. Lisboa, pp. 110-121.
- CATARINO, H. (1995) – Cerâmicas Tardo-Medievais/Modernas do Alto Alentejo, a escavação de um silo na vila do Crato. *In ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.M. (Coord.), Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela: C.M de Tondela, pp. 129-136.
- COELHO, A. B. (2001) – Lisboa nos dois primeiros séculos após a “Reconquista”. *In Arqueologia Medieval*. Vol. 7. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 235-242.
- COELHO, Inês Pinto; TEIXEIRA, André (2015) – Glazed pottery production from Mata da Machada, Barreiro (Portugal). *In Proceedings of the 11th Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics*. Ankara: Koç Üniversitesi.
- COLL CONESA, Jaume (2009) – La producción cerámica medieval: un balance entre el mundo islámico y el feudal. El caso del área valenciana. *In GARCÍA PORRAS, Alberto (ed.) – Arqueologia de la Produccion en Epoca Medieval*. Granada: Alhulia, pp. 211-257.
- CORREIA, V. (1919) - Oleiros quinhentistas de Lisboa. *In Águia XV*. 2º Serie. Vol. XV. Nº 89-90. Porto: Edições Águia, pp.128-139.
- COVANEIRO, J.; CAVACO, S. (2012) – Entre tachos e panelas, a evolução das formas de cozinha (Tavira). *In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTINEZ, S. (Coord Actas do X congresso internacional A cerâmica medieval no mediterrâneo*. Silves: C.M. de Silves e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 377-386.

- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. (1995) – Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados, Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo Terramoto de 1755. In ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*, Tondela: C.M de Tondela, pp. 163-170.
- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. (1998) – Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, n.ºs 36/44, na Mouraria, em Lisboa. In ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela; C.M. de Tondela, pp. 257-265.
- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. (2000) – Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros, Lisboa. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3: Nº2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 201-235.
- ETCHVARNE, Carlos; SARDINHA, Olinda (2007) – A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant’Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia. In *O Arqueólogo Português, Série IV: 25*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 345-372.
- FARINHA, A. L. (1932) - Notícia Histórica do Bairro das Olarias (Lisboa) in Vila de Cucujães. Cucujães: Escola Tipográfica do Colégio das Missões.
- FERNANDES, I. M. (1998) – Da necessidade de uniformizar a terminologia cerâmica. In ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *In Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela: C.M. de Tondela, pp. 479-480.
- FERNANDES, I.M. (2012) – Um gosto decorativo. Louça preta e vermelha polvilhada de branco (mica). In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç. Vol.2., pp.897-908.

- FERNANDES, I. M. (2012) – A cerâmica e seu uso em Portugal, a partir de posturas, taxas e regimentos oleiros (séc. XII a XVIII). In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTINEZ, S. (Coord.) *Actas do X congresso internacional A cerâmica medieval no mediterrâneo*. Silves: C.M. de Silves e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 188-202.
- FERNANDES, I.M. (2012) – *A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Idade Contemporânea, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.
- FERREIRA, L. F. V.; MACHADO, I. F.; CASIMIRO, T. M. (2017) – Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII. In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1863-1872.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2001) – Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de S. Jorge. In *Arqueologia Medieval*. Vol. 7. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 89-102.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2012) – Recipientes de medidas da cidade de Lisboa. In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTINEZ, S. (Coord.) *Actas do X congresso internacional A cerâmica medieval no mediterrâneo*. Silves: C.M. de Silves e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 229-235.
- GASPAR, A.; GOMES, A.; MENDES, H. C.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2009) - Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa. In ZOZAYA, J.; RETUERCE, M.; HERVÁS, M. Á.; JUAN, A. (eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real - Almagro del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006*, Tomo II, Ciudad Real, Asociación Española de Arqueología Medieval, pp.653-672.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1996) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves. In *Xelb*, 3, Silves: Museu Municipal de Arqueologia, Silves, pp.143-205.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CARDOSO, J. L. (1996) - Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV. In *Xelb*, 3. Silves: Museu Municipal de Arqueologia, -pp.33-77.

- GONZALEZ, C. (2012) – Os novos espaços da cidade moderna, uma aproximação à ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo. In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç. Vol.1., pp. 85-94.
- IZQUIERDO, Hortensia Larrén, GÓMEZ, Araceli Turina (1998) – Caracterización y Tipología de la Cerámica Medieval de la Provincia de Zamora, siglos XI-XIV. In ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.M. (Coord.), *In Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela: C.M. de Tondela, pp. 81-89.
- KRUS, Alexandra; MANSO, Cláudia (2016) – A faiança portuguesa: testemunhos de produção oleira na Rua das Madres (Santos-o-Velho, Lisboa). In GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia; GOMES, Mário Varela, ed. – *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: IAP, pp. 13-26.
- MACIAS, S.; TORRES, C. (1998) – Consumo Alimentar e Utensílios de Cozinha. In ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela; C.M. de Tondela, pp. 67-79.
- MANGUCCI, António Celso (1996) - Olarias de louça e azulejo de Santos-o-Velho (séculos XVI-XVII). In *Al-Madan*. II Série: Nrº. 5. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p.p. 155-168.
- MANGUCCI, Celso (2007) - Da louça ordinária e não tão ordinária que se fazia em Lisboa, no ano de 1767. In *Cenaculo-Boletim on line do Museu de Évora*. Évora: Museu de Évora. N.º 1, pp. 1-8.
- MATOS, J. L. de (2001) – Lisboa Islâmica. In *Arqueologia Medieval*. Vol. 7. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 79-88.
- MARQUES, A.; LEITÃO, E.; BOTELHO, P. (2012) – Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria/Intendente). Entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística. In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç. Vol.1, pp.123-134.

- MOITA, I. (1983) – *Lisboa Quinhentista: a imagem e a vida da cidade*. Lisboa: Museu da Cidade, pp. 9-22.
- NUNES, T.; FILIPE, I. (2012) – Quarteirão dos Lagares. Contributo para a história económica da Mouraria. In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç. Vol.1, pp.141-150.
- OLIVEIRA, F. A. S. (2012) – *Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- OLIVEIRA, L. F.; VIANA, M. (1993) - A mouraria de Lisboa no século XV. In *Arqueologia Medieval*. Vol. 2. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 191-209.
- PICCOLPASSO, Cipriano (fac-simile, tradução e apresentação de Jean-Marie Lhôte) - *Les trois livres de l'art du potier. Vendin-le-Veil: La Revue de la Céramique et du Verre*. 2007.
- QUEIRÓS, J. (1987) – *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*. Lisboa: Editorial Presença.
- RODRIGUES, J.A.S.; BOLILA, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J.P.; RIBEIRO, I.A.; SIMÕES, S.T. (2012) – As cerâmicas da Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais. In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.). *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç, Vol.2, pp.865-876.
- SANTANA, Francisco, ed. (1976) – *Lisboa na 2ª Metade do Século XVIII. Plantas e descrições das suas freguesias*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- SANTOS, M. J. A. (1992) – *O mais antigo livro de cozinha português: Receitas e sabores*. Coimbra: Revista Portuguesa de História, pp. 91-94.
- SANTOS, P. A. (2008) – Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 11: Nº2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 325-345.

- SEBASTIAN, L. (2010) – *A produção oleira de faiança em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História com especialidade de Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- SEBASTIAN, L. (2012) – Faiança Portuguesa, centros produtores, matérias, técnicas de fabrico e critérios de distinção. In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç, Vol.2. Lisboa, pp.937-950.
- SILVA, R.B.; GUINOTE, P. (1998) – O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos. In *Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SILVA, R.B., MIRANDA, P., VIEIRA, V.N., VICENTE, A.M., LOPES, G., NOZES, C. (2012) – Largo do Chafariz de Dentro, Alfama em Época Moderna. In TEIXEIRA, A., BETTENCOURT, J. (Coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç. Vol.1, pp. 71-84.
- SOUSA, Élvio (2012) – *Ilhas de arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História (História Regional e Local) apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- TORRES, C. (1990) – Um forno cerâmico dos séculos XV e XVI na cintura industrial de Lisboa. In *Fours de Potiers et 'Testares' Médiévaux en Méditerranée Occidentale, Méthodes et Résultats*. Madrid: Publications de la Casa de Velázquez. Série Archéologie XIII, pp.131-141.
- TORRES, C. (2001) – Lisboa Muçulmana, um espaço urbano e o seu território. In *Arqueologia Medieval*. Vol. 7. Porto: Edições Afrontamento e Campo Arqueológico de Mértola, pp. 73-78.
- TORRES, Joana Bento (2012) - *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (texto policopiado).

- TRINDADE, L.; DIOGO, A.M.D (1997) - Cerâmicas de Barro Vermelho de Entulhos do Terramoto de 1755 Provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correeiros, em Lisboa. In ABRAÇOS, H., DIOGO, J.M. (Coord.), *Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*, Tondela; C.M. de Tondela, pp. 285-293.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A.M.D. (1998) – Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, n^{os}36/44, na Mouraria, em Lisboa. H., DIOGO, J.M. (Coord). In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu estudo*. Tondela: C.M. de Tondela, pp. 257-265.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2003): Cerâmicas de barro vermelho da intervenção arqueológica na Calçada de S. Lourenço, n.º 17/19, em Lisboa. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.), *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Actas das 3^o. Jornadas*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 203-213.
- VIEIRA, A.I. (2011) - Cerâmicas dos séculos XIV a XVI do castelo de Sesimbra. In *Arqueólogo Português. Série 5. Vol.1*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 657-687.

ANEXOS

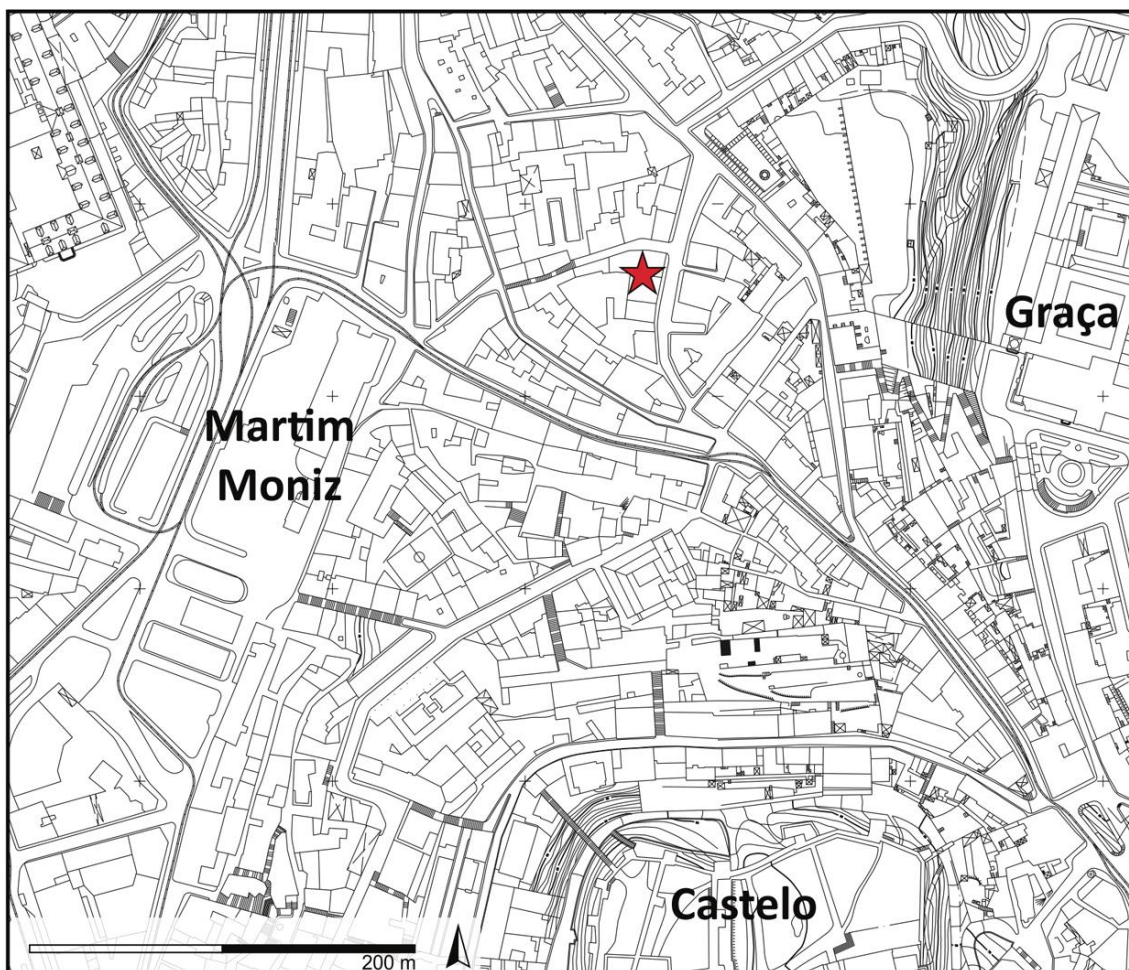
I. Apêndice A: Plantas de Lisboa

Planta 1 – Bairro da Mouraria com Rua Larga das Olarias, a azul (Largo das Olarias) e Beco do Jordão, a vermelho (Travessa do Jordão) na planta de Lisboa (Adaptada), de João Nunes Tinoco, 1650. Sítio do Largo das Olarias marcado a verde. Acedido online, dia 30/09/2018 no endereço:

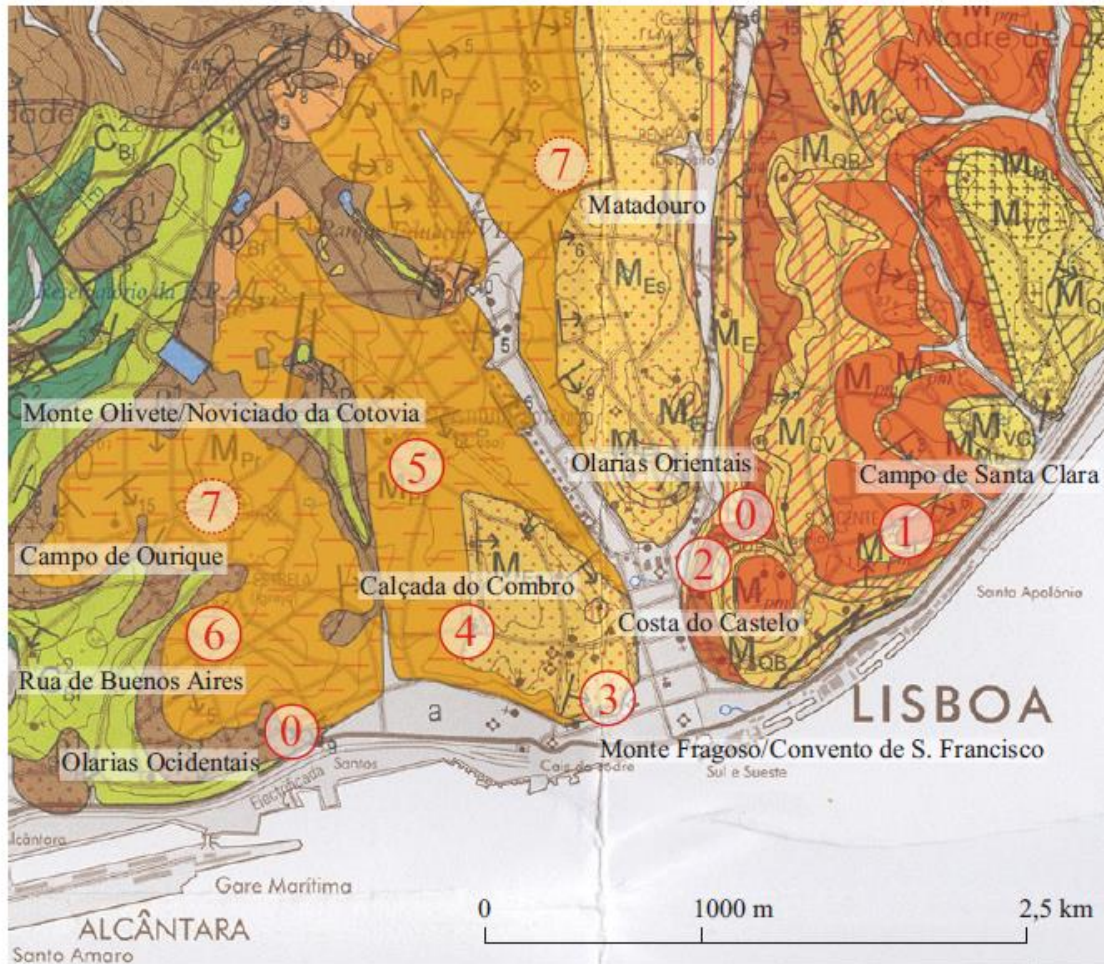
<https://cml.maps.arcgis.com/home/webmap/viewer.html?layers=f8736ac1cd71473c8ca8acb19f8419bc&useExisting=1>



Planta 3 – Planta do bairro da Mouraria, com o sítio arqueológico do Largo das Olarias marcado, *in* Castro *et al*, 2017, p.1745.



Planta 4– Barreiros de Lisboa identificados documentalmente e posicionados na Carta Geológica de Portugal, escala 1/50 000, Folha 34-D. Lisboa, edição do Departamento de Geologia do Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, 2ª edição, 2005. *In* Sebastian, 2010, p. 255



- Argilas de Forno do Tijolo.
- Argilas de Prazeres.
- Areias com Placuna miocénica (com intercalação de argilas arenosas).

II. Apêndice B: Plantas da intervenção arqueológica no Largo das Olarias

Figura 1 – Enquadramento da oficina oleira localizada no Largo das Olarias n.ºs 19 a 23, a azul e Travessa do Jordão n.ºs 1 a 15, a vermelho, face aos imóveis presentes no local, autoria de Victor Filipe.



Figura 3 – Corte do Forno [1131] in CASTRO, A.; PAULA, N. A. de; TORRES, J. B. de; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) – Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1731-1750.

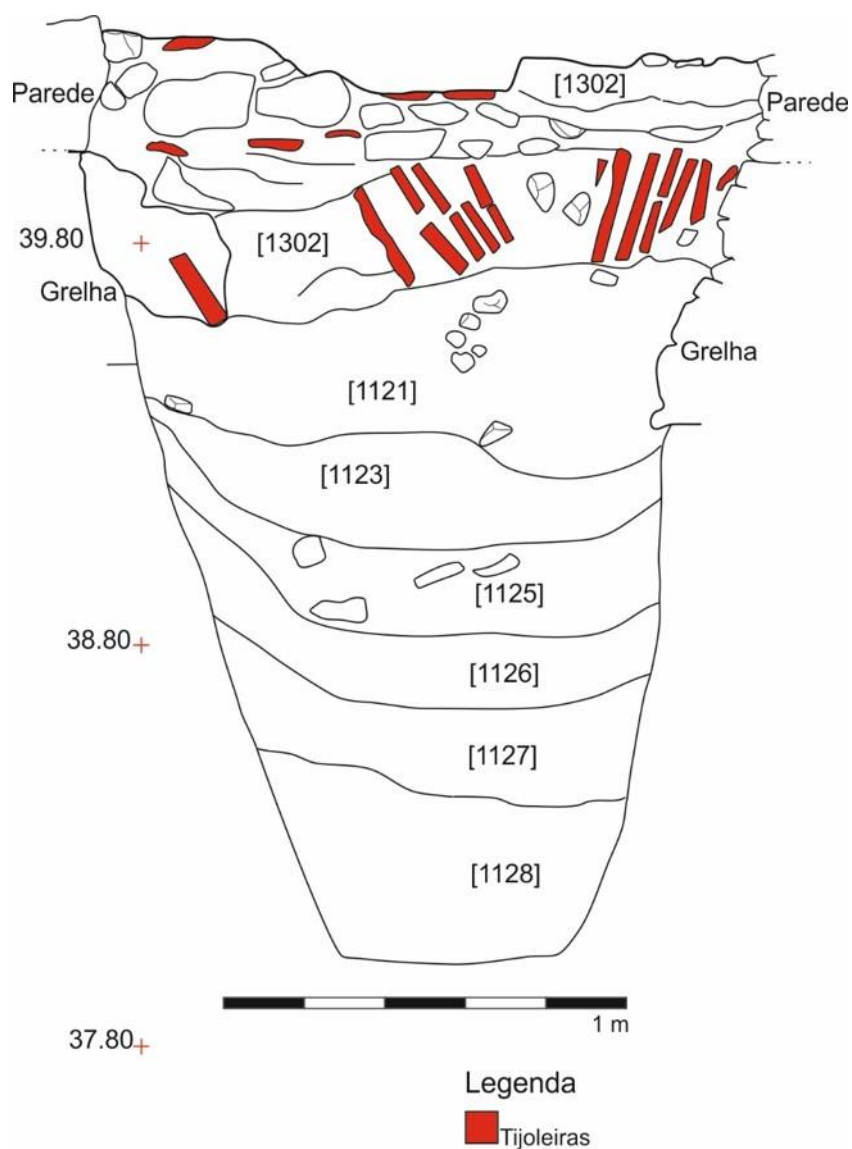
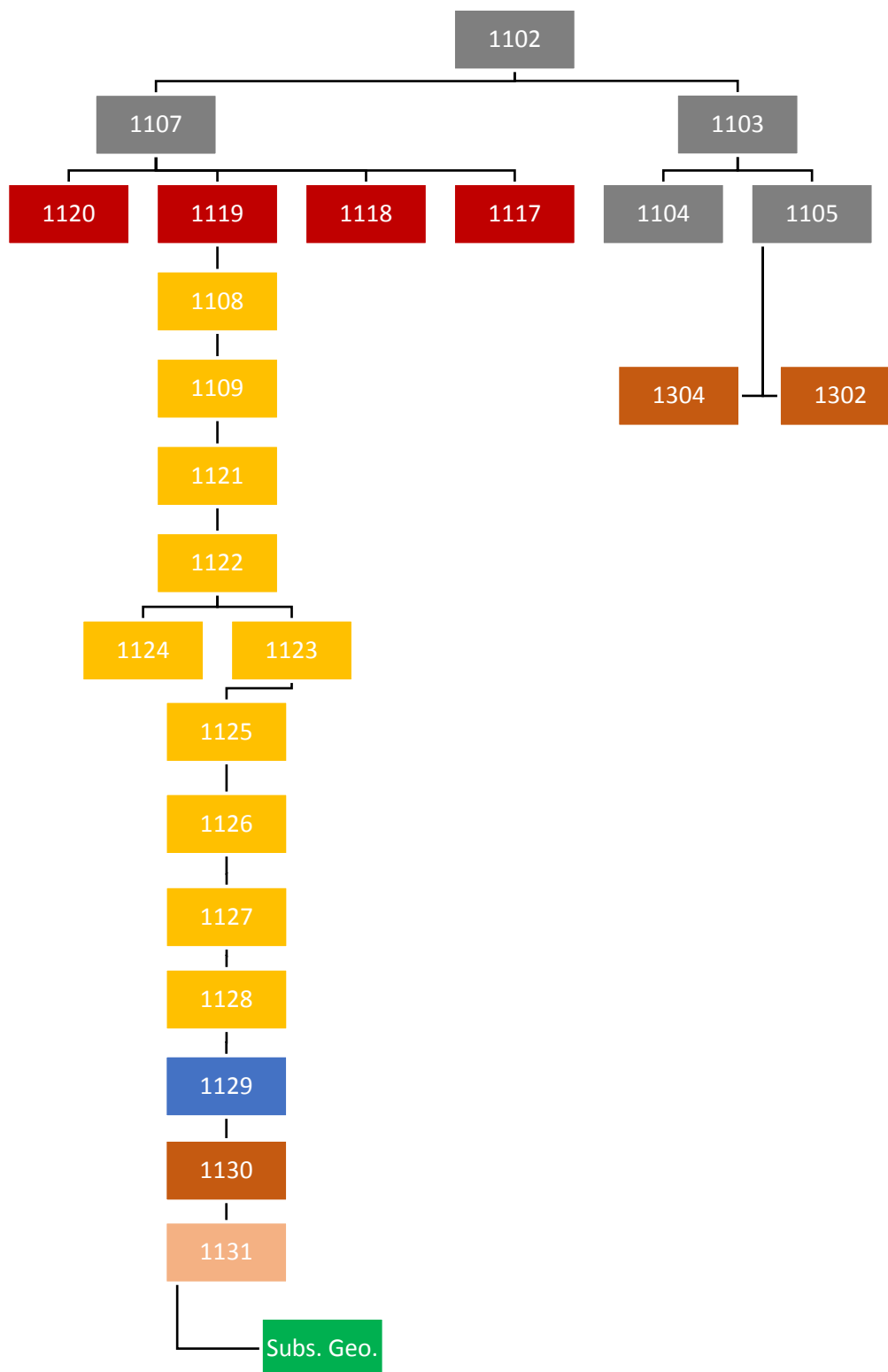


Figura 4 – Sequencia Estratigráfica do Forno [1131]



Legenda





-  Abandono
-  Abandono/ Abatimento da grelha
-  Abandono/ Colmatação da fornalha
-  Remodelação
-  Construção
-  Interface negativa
-  Substrato geológico

Figura 5 – Alçado Este – Entrada do Forno [1131] in CASTRO, A.; PAULA, N. A. de; TORRES, J. B. de; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) – Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1731-1750.

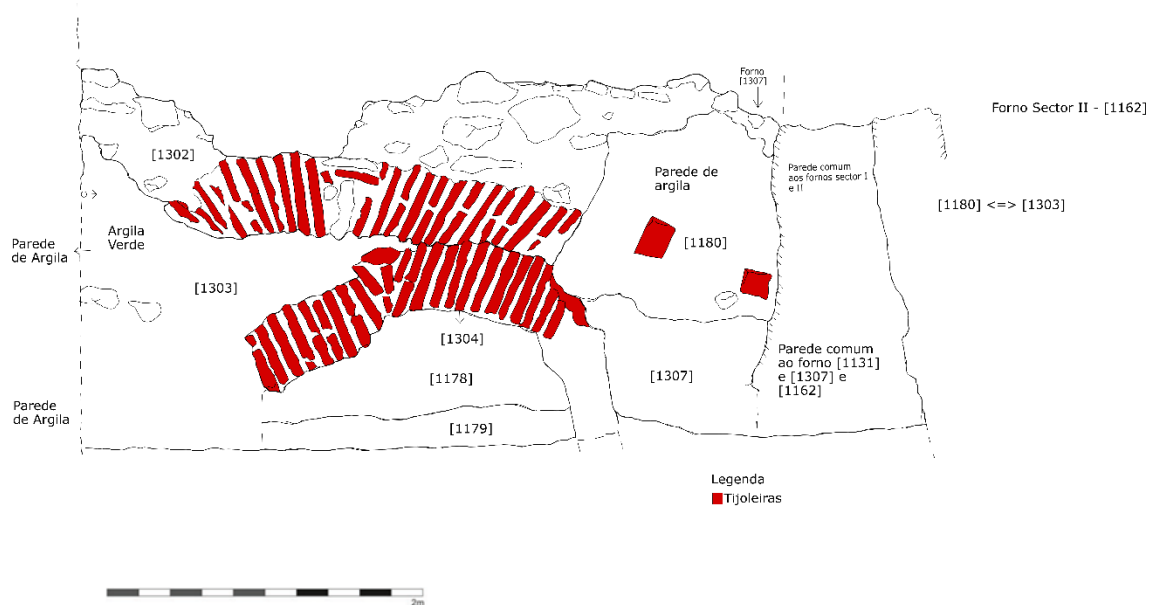


Figura 6 – Alçado Norte/ Perfil Sul [1131] in CASTRO, A.; PAULA, N. A. de; TORRES, J. B. de; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) – Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1731-1750.

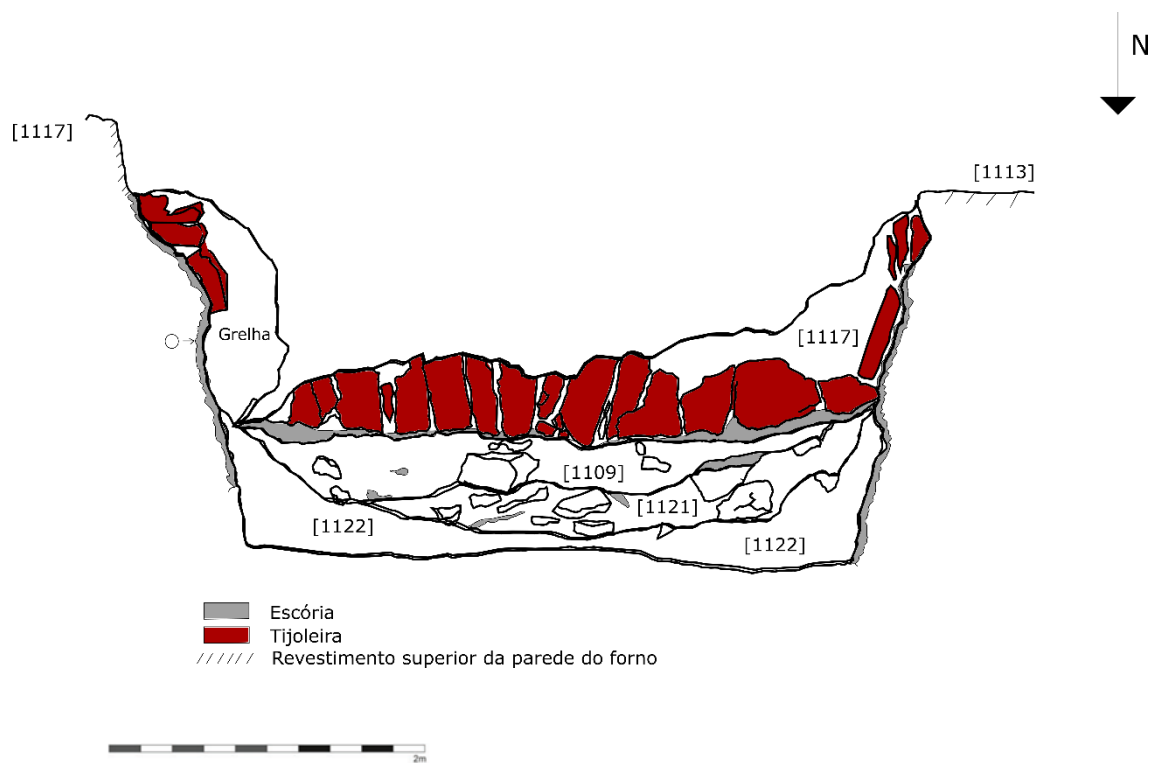
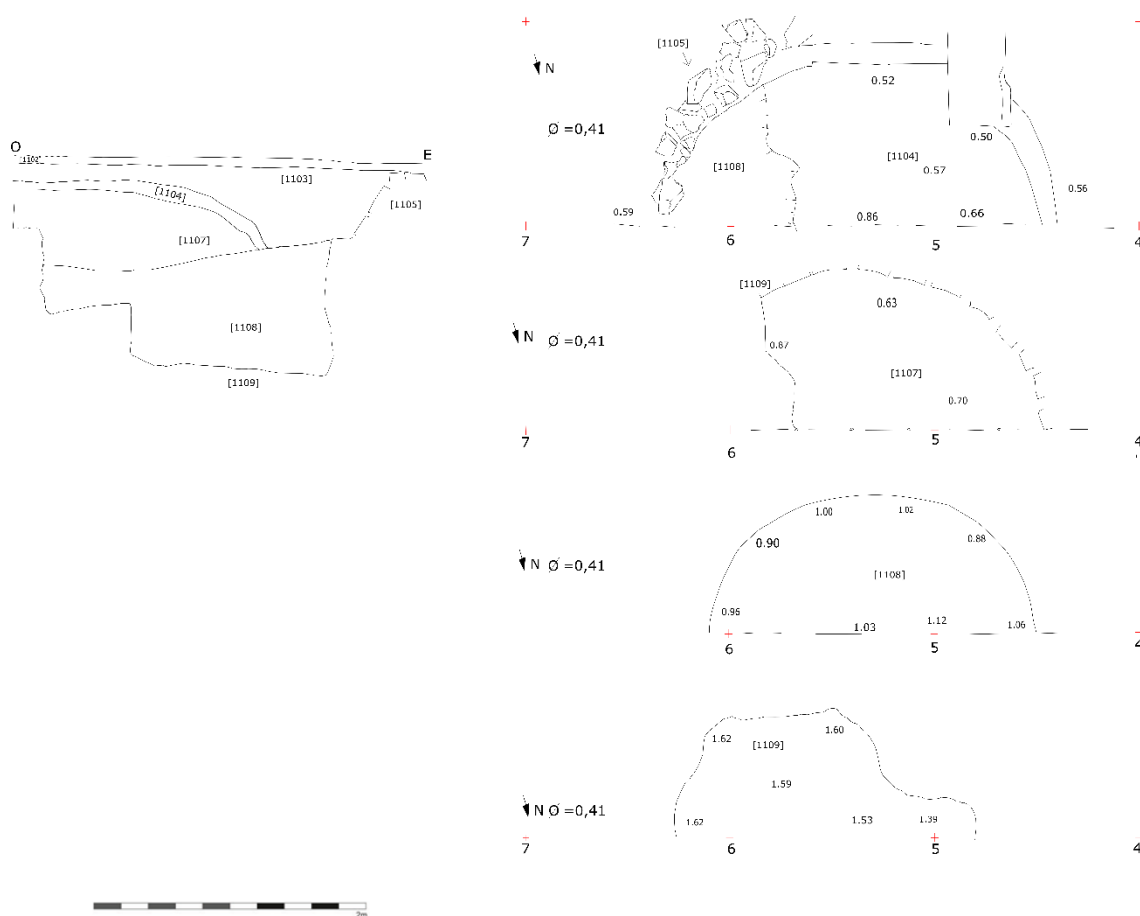


Figura 7 – Estrutura e enchimento do forno [1131] in CASTRO, A.; PAULA, N. A. de; TORRES, J. B. de; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) – Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1731-1750.



Figura 8 – Perfil Norte do Sector 1, com foco nas u.es [1102], [1103], [1104], [1105], [1107], [1108] e [1109] in CASTRO, A.; PAULA, N. A. de; TORRES, J. B. de; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) – Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1731-1750.



III. Apêndice C: Registo fotográfico da intervenção arqueológica do Largo das Olarias

Figura 1 – Registo fotográfico dos fornos [1131], [1162] e [1167], paredes de apoio e corredor de acesso à câmara de combustão [1304] no decorrer da intervenção arqueológica. Fotografia de Anabela Castro.



Figura 2 – Registo fotográfico da grelha do forno [1162]. Fotografia de Anabela Castro.



Figura 3 – Registo fotográfico da grelha do forno [1167]. Fotografia de Anabela Castro.



Figura 4 – Registo fotográfico do corredor de acesso aos fornos [1131] e [1162].
Fotografia de Anabela Castro.



Figura 5 – Registo fotográfico do aspeto da u.e [1129], do Forno [1131], posteriormente à remoção da camada de vidro. Fotografia de Anabela Castro.



Figura 6 – Registo fotográfico do aspeto da u.e [1129], do Forno [1131], préviamente à remoção da camada de vidro. Fotografia de Anabela Castro.



Figura 7 – Aspeto do corte do enchimento do Forno [1131]. Fotografia de Anabela Castro.



IV. Apêndice D: Tabelas

Tabela 1 – Livro do Lançamento e serviço que a cidade de Lisboa fez a el-rei nosso senhor o ano de 1565 (CORREIA, 1919, p.6-7; 1956, 100-103), in Sebastian,2010, p.94-

95

LISBOA ORIENTAL	Oleiro	Obreiro	Telheiro	Malegueiro	Ladrilhador
	40-41?	15	1	1	3
<i>fregisia de Santa Justa</i>	40-41?	15	1		
<i>rua da Porta de San Vicente para fora de San S. Bastião até as casas de Jorge Roiz Lançada</i>	2	-	-	-	
Johão Francisco, em casas de Dioguo Fernandes oleyro					
Johão Alvarez oleyro em casas de Estevao Mendes de Santos					
<i>A mesma rua pela banda de Santo Antão até as casas De Pero de Mendanha</i>	5	3	-	-	
Gaspar Alvarez, oleyro					
Bras Fernandes, oleyro, braçall					
Luis Guerra, oleyro, casas suas					
João Fernandes, obreiro de oleyro					
Lourenço Fernandes, oleyro, casas suas					
Bartolomeu Fernandes, oleyro, braçal					
Antonio Fernandes, oleyro, casas suas					
Simão Fernandes, oleyro, casas suas					
<i>Rua de Santa Barbara até Arroios</i>	3	2	-	-	
Francisco Breve, oleyro, em casas de Fernão da Serra, braçal					
Afonso Martins, oleyro, casas suas					
Francisco Anriques, oleyro, em casas de Bernardo Roiz, braçal					
Mateus de Faria, oleyro, casas suas					
Francisco Antunes, oleyro, casas suas					
<i>Travessa em que mora Fernão D'alvarez, merchante</i>	1	-	-	-	
Lourenço Dias, oleyro, casas suas					
<i>Rua detraz de Santa Ana</i>	-	1	-	-	
André Fernandes, obreiro de oleyro, braçal					
<i>rua das casas de Manuel Afonso até o postigo de Santo André</i>	1	-	-	-	
António Pires, oleyro, em casa de Alvaro Fernandes, oleyro					
<i>Rua de Lombada ao pee de Nosa Snora do Monte</i>	16-17?	6	-	-	
Cosmo Luis, oleyro, casas suas					
Marcos Antunes, oleyro, em casas de Roque Fernandes					
Felipe do Reguo, nas mesmas, braçal					
António Fernandes, oleyro, nas mesmas, braçal					
Bras Pires, oleyro, casas suas					
Marcos Gonçalves, oleyro, casas suas					
Rui Dias, oleyro, casas suas					
António Luis, oleyro, nas casas de Gill Pires, braçal					
Francisco Dias, nas mesmas					
Bartolomeu Luis, oleyro del Rey Noso Sôr, em casas suas					
Francisco Luis, oleyro, seu irmão					
Pedralvares, oleyro, braçal					
Francisco Gonçalves, oleyro, braçal					
António Fernandes, oleyro, casas suas					
Amador Jorge, oleyro, casas suas					
Bras Fernandes, oleyro, casas suas					
Baltasar Gonçalves, oleyro, braçal					
Duarte Alvares, oleyro, casas suas					
Fernão Daluares, oleyro, casas suas					
Silvestre Martins, oleyro, em casas de António Fernandes, moedeiro					
Alvaro Fernandes, oleyro, casas suas					
Bras Aluares, oleyro, casas suas					
Gaspar Fernandes, oleyro, casas suas					
<i>Beco de Dinis Fernandes</i>	-	1	-	-	
João Correia, obreiro de oleyro, braçal					
<i>Beco dos Cativos</i>	1	-	-	-	
António Gonçalves, oleyro, em casas de Bernaldo Roiz					
<i>Rua da Olaria começando da rua Direita dos Anjos até Nosa Snõra do Monte começando das casas de Dioguo Gonçalves escrivão dos órfãos</i>	2	1	-	-	
António Peres, oleyro, casas suas					
António Fernandes, oleyro, braçal					

Jorge Fernandes, oleyro, em casas de Roque Fernandes, pedreiro					
<i>Torna a Rua Direita dos Oleiros</i>	9	1	-	-	
Manuel Fernandes, oleyro, casas suas					
Pero Vaz, oleyro, casas suas					
Pedrafonso, oleyro, casas suas					
Pero Godins, oleyro, casas suas					
Francisco Anes, oleyro, casas suas					
Pero Roiz, oleyro, em casas de Jorgeafonso datougia, braçal					
Luis Lopes, oleyro, casas suas					
Diogo Luis, oleyro, em casa de Anrique Vaz fisico					
Francisco Soares, oleyro, casas suas					
Gaspar Alvares, oleyro, casas suas					
<i>Rua Dereita d'Anunciada até San José</i>	-	-	1	-	
Francisco Gonçalves, telheiro, braçal					
<i>Freguesia de Sé</i>	-	-	-	1	
<i>Porta do Mar da banda da Mya ate fonte da preguiça</i>	-	-	-	1	
Fernão Lopes, mercador de louça					
Simão Roiz, mercador de louça					
Johão fis, malageyro, nas mesmas (casas de P.º de Tovar)					
<i>freguesia de Santa Cruz d'Alcaçova</i>	-	-	-	-	1
<i>Começa no postiguo do Monis. Rua dos Penosinhos</i>	-	-	-	-	1
António Pires, ladrilhador, casas suas					
<i>freguesia de Santomee</i>	-	-	-	-	1
<i>Começa na Rua da Porta do Sol até Santo André</i>	-	-	-	-	1
Manuel Felipe, ladrilhador, braçal					
<i>freguesia de San Vicente de fora</i>	-	-	-	-	1
<i>Rua do Arco de S. Vicente</i>	-	-	-	-	1
António Pires, ladrilhador, em casas de António do Quintal					

Tabela 2 – 1627-1719, *Testamentos (Lisboa)*, in Sebastian, 2010, p.97-99. A vermelho rua Larga das Olarias.

LISBOA ORIENTAL	Oleiro	Mestre oleiro	Oficial de oleiro	Oleiro de louça vermelha	Mestre oleiro de louça branca	Mestre de louça pintada	Oleiro de louça branca	Obreiro	Criado	Pinor de louça (branca)	Ladrilhador	Mestre azulejador
	70	4	3	1	1	2	1	1	2	7	7	1
Freguesia do Socorro	-	-	-	1	-	-	-	1	2	-	-	-
Rua da Amoreira	-	-	-	1	-	-	-	1	2	-	-	-
Simão Nunes, oleiro de louça vermelha, 1603-1630												
Lionardo Mendes, oleiro obreiro do dito Simão Nunes, 1603-1630												
Diogo Dias, criado do dito Simão Nunes, oleiro, 1603-1630												
Silvestre Fernandes, outro sim seu criado, oleiro, 1603-1630												
Freguesia de São Miguel	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Rua Direita de S. Miguel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Domingos Martins, ladrilhador, 1663-1664												
Junto à igreja de S. Miguel	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Francisco da Costa, oleiro, 1703												
Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos	65	4	2	-	1	1	1	-	-	7	2	-
Travessa da Cruz	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Manoel Francisco, mestre de louça pintada, 1667												
André Gonsalves, oleiro, 1687-1689												
Rua da Oliveira, ao Boi Feroso	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pedro Pinheiro de Carvalho, oleiro, 1694-1695												
Travessa dos Curas (posteriormente Travessa do Forno)	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pedro Neto, oleiro, 1687-1689												
Manoel Machado, oleiro, 1687-1689												
Travessa do Forno (antiga Travessa dos Curas)	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Antonio Gonsalves, oleiro, 1718												
Calçada de Agostinho Carvalho	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Manoel Coelho, oleiro, 1701												
Bombarda	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Joseph da Costa, oleiro, 1718												
As Olarias/ às Olarias, aos Anjos	16	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Francisco Martins, mestre oleiro, 1659												
Antonio Borges, oleiro, 1659												
Antonio Braz, oleiro, 1659												
Francisco Monteiro, oleiro, 1659												
Manoel Luiz, oleiro, 1659												
Antonio Rodrigues, oleiro, 1659												
Jorge de Mattos, oleiro, 1659												
Antonio Rodrigues, oleiro, 1694-1695												
Pedro da Costa, oficial de oleiro, 1706												
Félix Francisco, oleiro, 1711												
Joseph Ribeiro, oleiro, 1711												
Francisco da Silva, oleiro, 1711												
Manoel Martins, oleiro, 1711												
Miguel de Azevedo, mestre oleiro de louça branca, 1711												
Manuel Martins, oleiro, 1718												
Domingues de Azevedo, oleiro, 1718												
Belchior de Sequeira, oleiro, 1718												
Francisco da Matta, oleiro, 1718												
Antonio da Matta, oleiro, 1718												

As Olarias do pé do Monte/ ao pé de Nossa Senhora do Monte das Olarias	4	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-
Antão Borges, mestre oleiro, 1680												
Visente de Freitas, oleiro, 1680												
Antonio Mattos, pintor de louça, 1680												
Bento de Mattos, pintor de louça, 1680												
Manoel da Silva, oleiro, 1680												
Joao de Crasto, oleiro, 1688												
Agostinho Martins, oleiro, 1688												
Bairro das Olarias	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Manoel Rodrigues, oleiro, 1714-1719												
Manoel Martins, oleiro, 1714-1719												
Manoel Francisco, oleiro, 1714-1719												
Manoel Pinheiro, oleiro, 1714-1719												
Joseph da Costa, oleiro, 1714-1719												
Olarias de Baixo	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sebastian Fernandes, oleiro, 1627												
Olarias de Cima	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
António Alveres, oleiro, 1627												
Olarias de Cima (?)	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Domingos Fernandes, oleiro, 1627												
Joam Corea, oleiro, 1627												
Sebastian Fernandes, oleiro, 1627												
Cosmo Domingues, oleiro, 1627												
Rua Larga das Olarias	1	1	1	-	-	-	1	-	-	2	-	-
Manoel Luiz, mestre oleiro, 1690												
Domingos Francisco, oficial de oleiro, 1703												
Manuel Dias de Oliveira, oleiro de louça branca, 1711												
Antonio de Souza, pintor de louça, 1711												
Joseph de Souza, pintor de louça, 1711												
Lviz Francisco, oleiro, 1711												
Rua das Olarias	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-
Antonio de Souza, pintor de louça, 1701												
Manoel Dias, oleiro, 1701												
Luiz de Araújo, oleiro, 1701												
Calçada de N. S. do Monte	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
João de Castro, mestre oleiro, 1701												
Calçada do Monte, às Olarias	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-
Manoel Martins, oleiro, 1703												
Joseph de Almeida, pintor de louça branca, 1703												
Joseph da Silva, pintor de louça branca, 1703												
Rua Direita dos Anjos para o Campo	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Manoel Correa, oleiro, 1665												
Rua Direita por cima da igreja dos Anjos	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Manoel Martins, oleiro, 1687-1689												
Joao Gonsalves, oleiro, 1687-1689												
Joseph Francisco, oleiro, 1687-1689												
Por cima da igreja dos Anjos	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lourenço João, oleiro, 1707												
Antonio Dias, oleiro, 1707												
Antonio Machado, oleiro, 1707												
Beco de João do Monte, às Olarias	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vicente Gonsalves, oleiro, 1714-1715												
Atraz dos Lagares das Olarias, freg. dos Anjos	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Manoel Borges, oleiro, 1705												
Manoel Rodrigues, oleiro, 1705												
Antonio da Silva, oleiro, 1705												
Domingos Rodrigues, oleiro, 1705												
Domingos Francisco, oleiro, 1705												
Manoel de Faria, oleiro, 1705												
Luiz Pereira, oleiro, 1705												
Antonio Martins, oleiro, 1705												
Travessa defronte da Bica dos Anjos/ defronte da bica dos Anjos	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Simão Gonsalves, oleiro, 1718														
Antonio Gonsalves, oleiro, 1719														
Ao pé do Caracol de N. S. da Graça/ Caracol da Graça	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Francisco da Cruz, oleiro, 1688														
Domingos Rodrigues, oleiro, 1688														
Antonio da Silva, oleiro, 1688														
Manoel Francisco, oleiro, 1702														
Pedro Cordeiro, oleiro, 1718														
Carreira dos Cavallos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-
Francisco Rodrigues, ladrilhador, 1649														
Domingos da Cruz, ladrilhador, 1693														
Freguesia de Santana (de Nossa Senhora da Pena em 1705)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Campo do Curral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Belchior Lopes, ladrilhador, 1649														
Freguesia de São José	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Rua Direita de Sima da Igreja de S. Joseph	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Manoel da Matia, ladrilhador, 1649														
Freguesia de Santo André	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Santo André	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
António Nunes, oficial de oleiro, 1673-1681														
João Antunes, mestre do officio de azolejador, 1701														
Freguesia de Santa Engrácia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Villa Gallega	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Miguel de Azevedo, ladrilhador, 1656														
Freguesia de São Salvador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Rua da Rigueira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
João Ferreira (em casa de Antonio Gonsalves, pescador), ladrilhador, 1673-1679														
Freguesia São Pedro de Alfama	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
São Pedro de Alfama	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Francisco da Costa, mestre de louça pintada, 1648														
Freguesia ?	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Travessa dos Veras	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Antonio Cruz, oleiro, 1687-1689														
Antonio Francisco, oleiro, 1687-1689														
Travessa do Corvo	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Amaro da Silva, oleiro, 1718														

Tabela 3 - Rol dos confessados da freguesia dos anjos, 1633 e 1637 in Sebastian,2010, p.102.

LISBOA ORIENTAL		Oleiros		Pintores	Obreros	Criados	Moco	Almocreve	Ladrilhador	Telheiro
1633, Rol dos confessados da freguesia dos Anjos										
1637, Rol de confessados da freguesia dos Anjos										
		79	101	8	27	81	1	11	1	2
<i>Calçada de Santo André</i>	<i>Calçada (de Santo André) abaixo</i>	2	1	-	-	-	-	-	-	-
<i>Terreirinho</i>	<i>Terreirinho</i>	2	1	-	-	-	-	-	-	-
<i>Rua da Oliveira</i>	<i>Rua da Oliveira</i>	5	3	-	-	-	-	1	-	-
<i>Rua dos Cativos</i>	<i>Beco dos Cativos</i>	2	3	-	-	-	-	-	-	-
<i>Rua dos Almocreves</i>	<i>Rua dos Almocreves</i>	6	3	3	-	-	-	-	-	-
<i>Rua Larga das Olarias</i>	<i>Rua Larga dos Oleiros</i>	28	39	1	8	28	-	4	-	-
<i>Beco das Amoreiras</i>	<i>Beco da Amoreira</i>	8	6	-	5	13	1	2	-	-
<i>Beco do Jordão</i>	<i>Beco do Jordão</i>	2	3	1	-	-	-	-	-	-
<i>Calçada do Monte</i>	<i>Calçada do Monte</i>	3	5	1	2	2	-	-	-	-
<i>Rua da Bombarda</i>	<i>Bombarda</i>	1	1	-	-	-	-	-	-	-
<i>Calçada de Agostinho Carvalho</i>	<i>Calçada de Agostinho Carvalho</i>	5	6	-	4	10	-	-	-	-
<i>Rua Direita das Olarias</i>	<i>Rua Direita-Boi Feroso</i>	6	12	-	2	8	-	-	-	-
<i>Travessa do Jordão</i>		2								
<i>Beco do Alegrete</i>		5								
<i>Pátio de Agostinho Carvalho</i>		1								
<i>Beco do Forno</i>		1								
	<i>Rua da Graça dos Oleiros</i>		4	2	4	3	-	2	-	-
	<i>Boi Feroso</i>		1	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Travessa da Cruz</i>		10	-	2	13	-	2	-	-
	<i>Telhal debaixo</i>		-	-	-	2	-	-	-	1
	<i>Telhal de Cima</i>		-	-	-	2	-	-	-	1
	<i>Travessa da Maia</i>		2	-	-	-	-	-	-	-
	<i>Carreira dos Cavalos</i>		1	-	-	-	-	-	1	-

V. Apêndice E: Gráficos e tabelas sobre o estudo material

Tabela 1 - Distribuição de fragmentos e indivíduos por grupos de fabrico e formas identificadas.

Grupos de Fabrico	Indivíduos	Fragmentos
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	616	1342
Alguidar	139	257
Púcaro	98	210
Testo	89	184
Caçoila	85	140
Cântaro	44	173
Tigela	43	76
Panela	38	105
Forma de Pão	26	29
Peso de Tear	9	9
Fogareiro	8	26
Especieiro	7	14
Prato	6	9
Tampa	5	6
Candeia	4	5
Pote	4	14
Jarra	4	11
Mealheiro	3	9
Bilha	2	51
Infusa	2	14
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	131	202
Prato	77	131
Caixa	22	32
Tigela	21	27
Trempe	7	7
Boião	2	3
Copo	2	2
Cerâmica esmaltada / Faiança	41	48
Prato	28	32
Tigela	11	12
Azulejo	2	4
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	33	64
Bispote	19	39
Alguidar	10	21
Púcaro	2	2
Tigela	1	1
Caçoila	1	1
Cerâmica de Barro Claro Vidrada	6	44
Alguidar	6	44
Porcelana	2	2

Prato	2	2
Total	829	1702

Tabela 2 - Distribuição de fragmentos e indivíduos por grupos unidades estratigráficas e grupos de fabrico.

Unidades estratigráficas e Grupos de Fabrico	Indivíduos	Fragmentos
[1102]	10	12
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	4	5
Cerâmica de Barro Claro Vidrada	1	1
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	3	4
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	1	1
Porcelana	1	1
[1103]	72	93
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	27	35
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	15	18
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	8	12
Cerâmica esmaltada / Faiança	22	28
[1104]	19	25
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	12	15
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	4	5
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	1	2
Cerâmica esmaltada / Faiança	2	3
[1107]	153	269
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	31	63
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	107	190
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	6	7
Cerâmica esmaltada / Faiança	9	9
[1108]	72	207
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	3	3
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	67	201
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	2	3
[1109]	52	77
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	2	2
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	47	63
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	3	12
[1112]	10	11
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	4	5
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	6	6
[1115]	3	3
Cerâmica esmaltada / Faiança	3	3
[1116]	8	8
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	2	2
Porcelana	1	1

Cerâmica esmaltada / Faiança	5	5
[1121]	31	55
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	3	6
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	26	47
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	2	2
[1122]	4	9
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	3	3
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	1	6
[1123]	89	160
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	19	21
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	70	139
[1125]	31	49
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	1	1
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	28	45
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	2	3
[1127]	124	278
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	21	42
Cerâmica de Barro Claro Vidrada	1	1
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	101	231
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	1	4
[1128]	92	246
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	91	245
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	1	1
[1129]	59	200
Cerâmica de Barro Claro Não Vidrada	2	2
Cerâmica de Barro Claro Vidrada	4	42
Cerâmica de Barro Vermelho Não Vidrada	48	145
Cerâmica de Barro Vermelho Vidrada	5	11
Total	829	1702

Tabela 3 - Distribuição de formas por unidades estratigráfica.

Unidades Estratigráficas e Formas	Indivíduos	Fragmentos
[1107]	153	269
Alguidar	8	10
Bispote	6	7
Caçoila	22	24
Caixa	6	13
Cântaro	13	48
Copo	1	1
Especieiro	1	1
Forma de Pão	1	1
Mealheiro	1	1
Panela	8	35
Prato	29	55
Púcaro	22	27
Testo	14	22
Tigela	20	23
Trempe	1	1
[1127]	124	278
Alguidar	32	40
Caçoila	12	43
Caixa	6	7
Candeia	3	3
Cântaro	3	9
Fogareiro	3	4
Forma de Pão	3	3
Infusa	1	13
Jarra	1	3
Panela	8	23
Peso de Tear	1	1
Prato	10	25
Púcaro	8	30
Testo	24	47
Tigela	8	26
Trempe	1	1
[1128]	92	246
Alguidar	12	23
Bispote	1	1
Caçoila	11	23
Candeia	1	2
Cântaro	1	34
Especieiro	3	6

Fogareiro	2	9
Forma de Pão	4	5
Infusa	1	1
Panela	2	2
Peso de Tear	5	5
Púcaro	19	64
Testo	24	59
Tigela	6	12
[1123]	89	160
Alguidar	12	17
Caçoila	3	3
Cântaro	3	15
Especieiro	2	6
Fogareiro	1	1
Forma de Pão	1	1
Mealheiro	1	4
Panela	4	4
Peso de Tear	3	3
Pote	2	2
Prato	10	13
Púcaro	21	55
Tampa	5	6
Testo	5	11
Tigela	13	16
Trempe	3	3
[1103]	72	93
Alguidar	3	5
Azulejo	1	3
Bispote	6	9
Caçoila	2	2
Caixa	7	9
Cântaro	2	2
Jarra	1	1
Prato	34	43
Púcaro	5	5
Testo	1	3
Tigela	9	10
Trempe	1	1
[1108]	72	207
Alguidar	23	41
Bilha	1	50
Caçoila	11	13
Cântaro	8	35
Forma de Pão	5	6
Panela	6	16
Pote	1	11

Prato	3	3
Púcaro	4	6
Testo	5	14
Tigela	5	12
[1129]	59	200
Alguidar	30	129
Caçoila	2	9
Cântaro	2	5
Copo	1	1
Fogareiro	2	12
Forma de Pão	9	10
Panela	7	22
Prato	1	1
Testo	5	11
[1109]	52	77
Alguidar	9	14
Bilha	1	1
Bispote	1	10
Caçoila	12	12
Cântaro	5	14
Forma de Pão	1	1
Panela	1	1
Prato	2	2
Púcaro	13	13
Testo	5	7
Tigela	2	2
[1125]	31	49
Alguidar	12	18
Bispote	2	3
Caçoila	3	3
Caixa	1	1
Cântaro	5	9
Jarra	1	3
Panela	1	1
Púcaro	4	7
Testo	2	4
[1121]	31	55
Alguidar	11	22
Bispote	1	1
Caçoila	6	7
Especieiro	1	1
Forma de Pão	2	2
Jarra	1	4
Mealheiro	1	4
Panela	1	1
Prato	3	6

Púcaro	1	1
Testo	1	3
Tigela	2	3
[1104]	19	25
Bispote	1	2
Caixa	2	2
Cântaro	1	1
Pote	1	1
Prato	9	13
Testo	1	1
Tigela	4	5
[1112]	10	11
Alguidar	2	2
Prato	2	3
Púcaro	2	2
Testo	2	2
Tigela	2	2
[1102]	10	12
Alguidar	1	1
Boião	2	3
Prato	3	3
Púcaro	1	2
Tigela	3	3
[1116]	8	8
Prato	5	5
Tigela	2	2
Trempe	1	1
[1122]	4	9
Bispote	1	6
Caçoila	2	2
Cântaro	1	1
[1115]	3	3
Azulejo	1	1
Prato	2	2
Total	829	1702

Gráfico 1 – Distribuição de cozedura de pastas por grupos de fabrico.

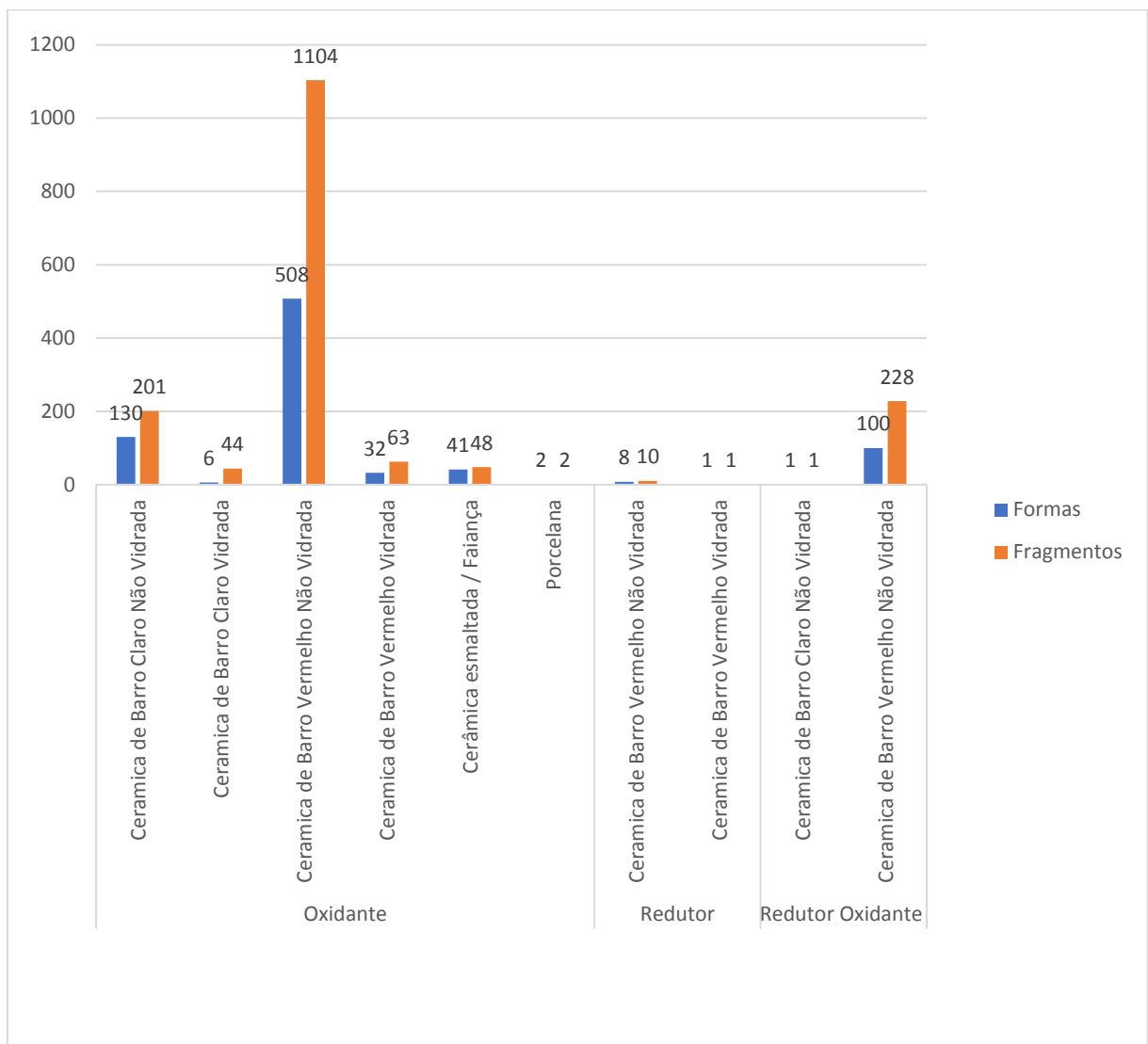


Gráfico 2 – Distribuição de fragmentos por forma

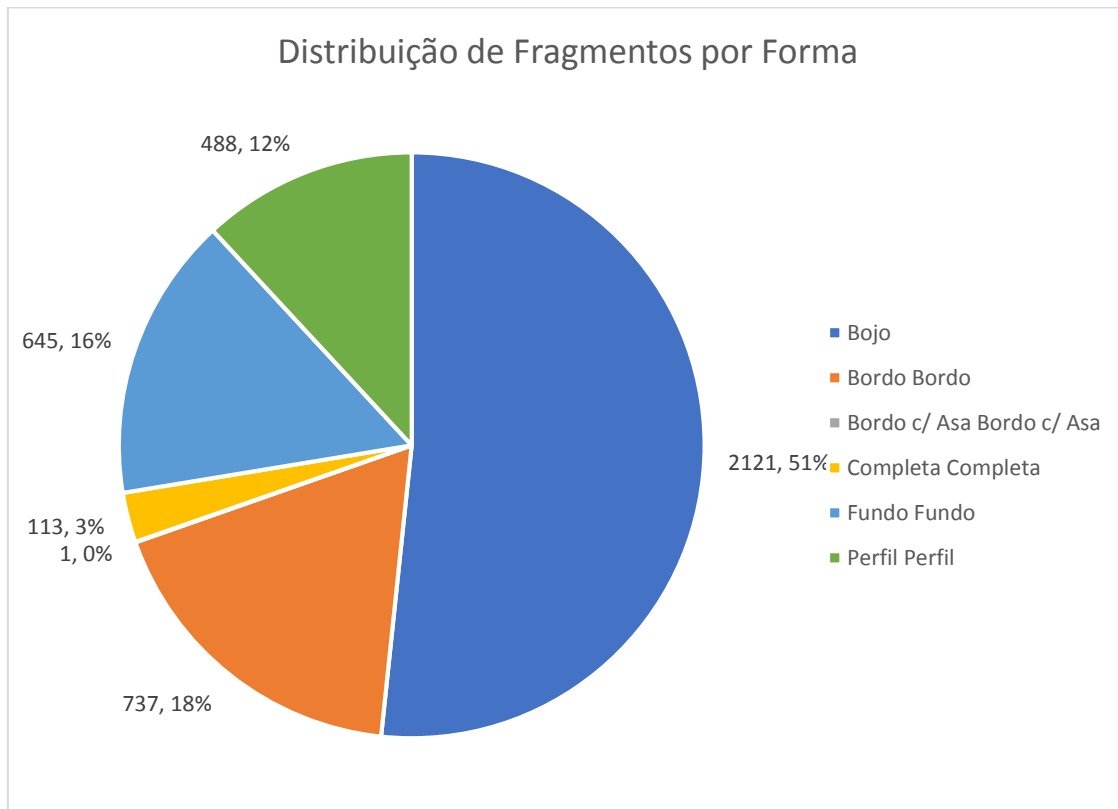
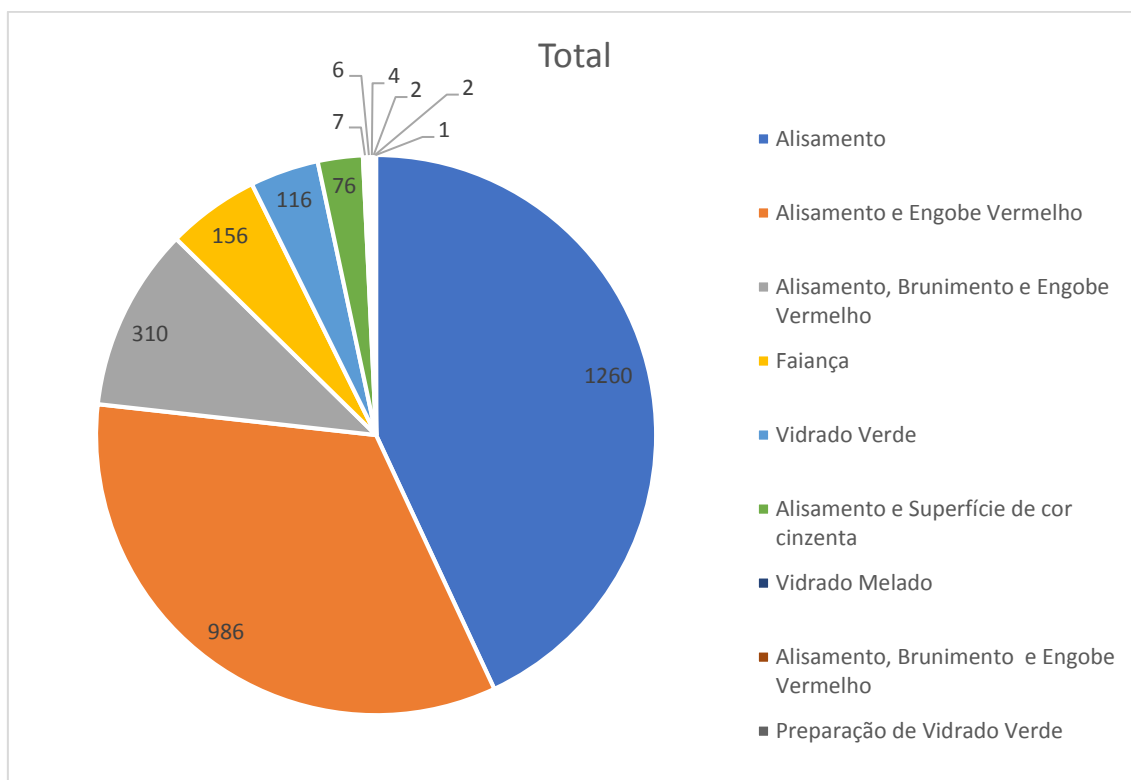
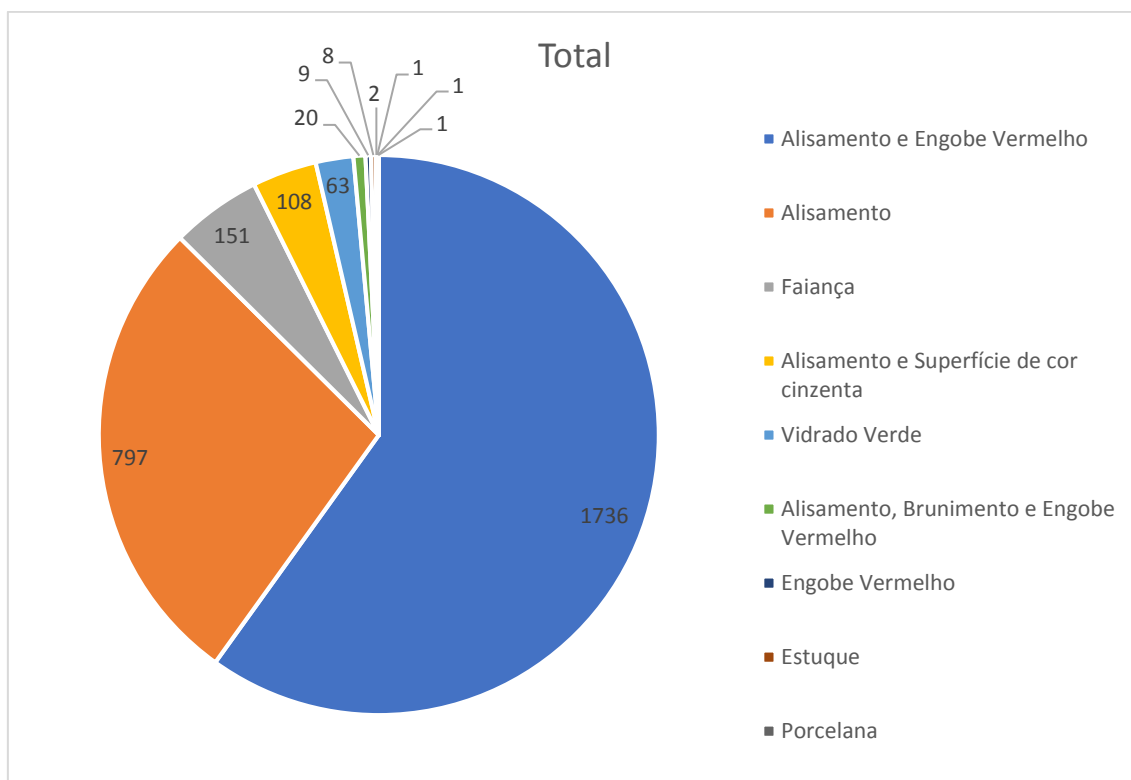


Gráfico 3 e Tabela 4 – Distribuição de tratamento de superfícies internas, por fragmentos com tratamento.



Tratamento de Superfícies Internas	Fragmentos
Alisamento	1260
Alisamento e Engobe Vermelho	986
Alisamento, Brunimento e Engobe Vermelho	310
Faiança	156
Vidrado Verde	116
Alisamento e Superfície de cor cinzenta	76
Vidrado Melado	7
Alisamento, Brunimento e Engobe Vermelho	6
Preparação de Vidrado Verde	4
Preparação de Faiança	2
Porcelana	2
Alisamento e Decoração Incisa	1
Total Geral	2926

Gráfico 4 e Tabela 5 – Distribuição de tratamento de superfícies externas, por fragmentos com tratamento.



Tratamento de Superfícies Externas	Fragmentos
Alisamento e Engobe Vermelho	1736
Alisamento	797
Faiança	151
Alisamento e Superfície de cor cinzenta	108
Vidrado Verde	63
Alisamento, Brunimento e Engobe Vermelho	20
Engobe Vermelho	9
Estuque	8
Porcelana	2
Preparação de Vidrado Verde	1
Alisamento e Engobe Vermelho, Decoração ondulada	1
Preparação de Faiança	1
Total Geral	2897

Tabela 6 – Paralelos por fabrico e forma

Fabricos	Formas	Variante	XV	Finais XV	Inícios XVI	XVI	XVII	Meados XVII	XVIII	
Cerâmica de barro vermelho não vidrada	Alguidar	A								
		B								
		C								
	Bilha	A								
		B								
		C								
		D								
		E								
	Caçoila	A								
		B								
		C								
		D								
		E								
	Candeia									
	Cântaro									
	Especieiro									
	Fogareiro									
	Forma de Pão	A								
		B								
	Infusa	A								
		B								
	Mealheiro									
	Panela	A								
B										
C										
D										
E										
F										
Peso de tear										
Pote										
Prato	A									
	B									
Púcaro	A									
	B									
	C									
	D									
	E									
Tampa	A									
	B									
	C									
Testo	A									
	B									
	C									
	D									
	E									
Tigela	A									
	B									
	C									
	D									
	E									
	F									
Cerâmica de barro claro não vidrada	Boião									
	Caixa Refratária	A								
		B								
	Prato	A								
		B								
		C								
		D								
E										
F										
Tigela	A									
	B									
Cerâmica de barro vermelho vidrada	Alguidar	A								
		B								
Cerâmica de barro claro vidrada	Alguidar	A								

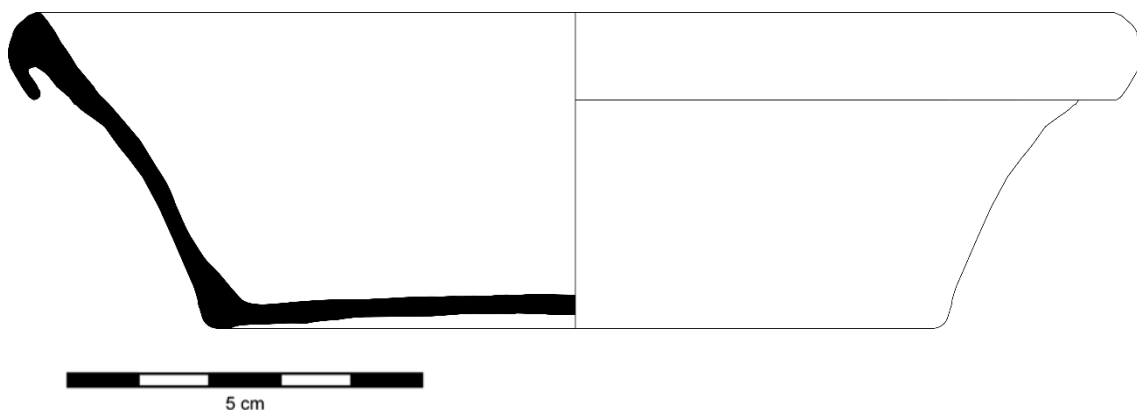
VI. Apêndice F: Catálogo Material

A) Cerâmicas de barro vermelho não vidradas

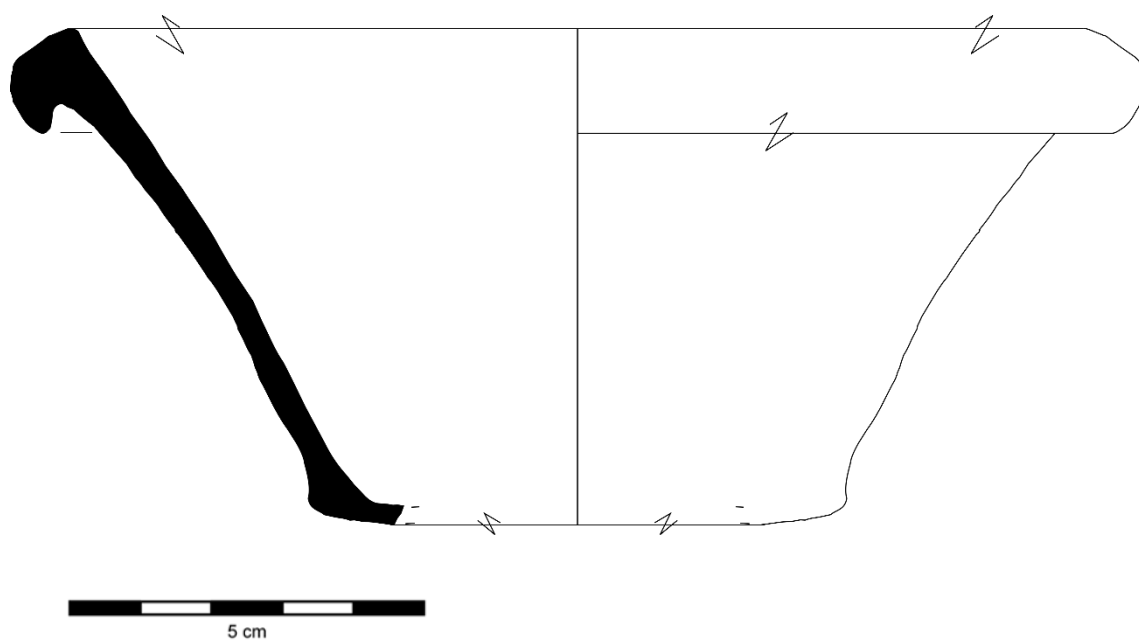
I. Alguidares

Variante A

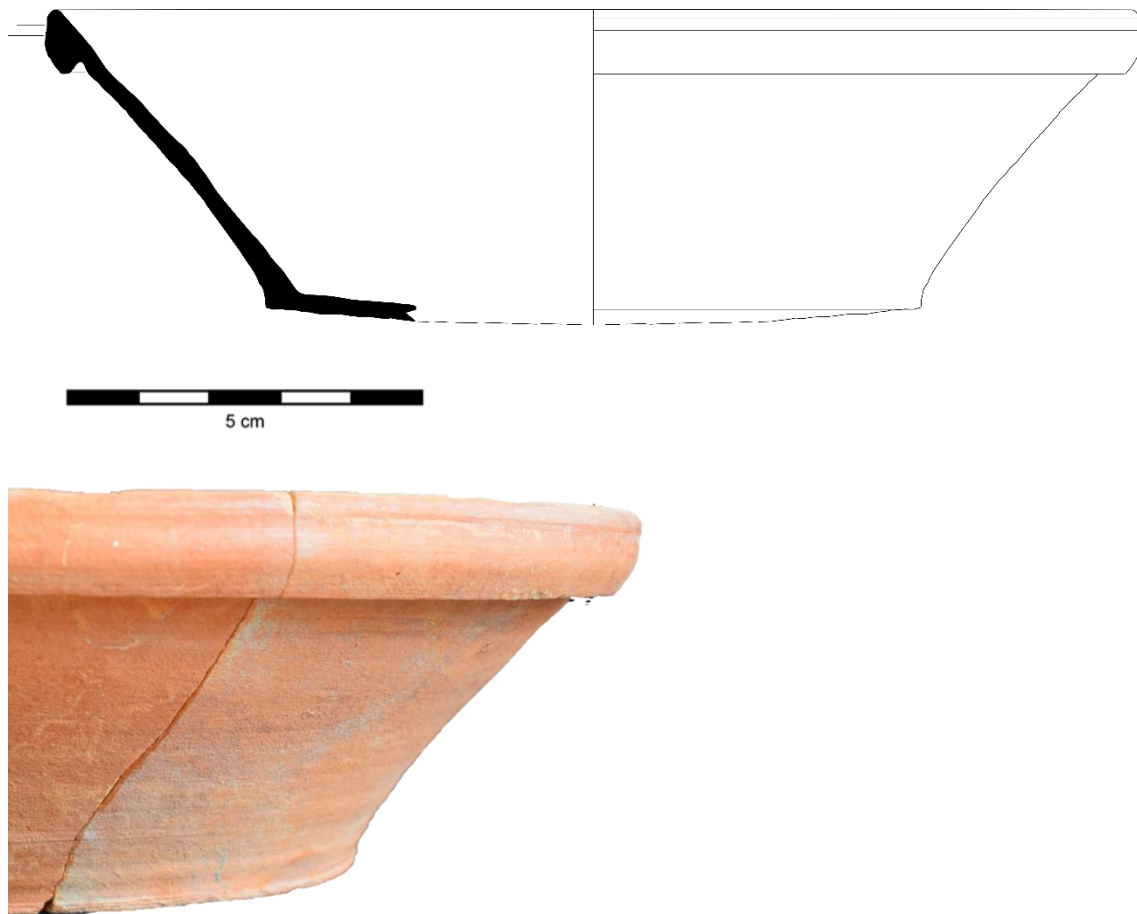
LOL16SEISD11[1129] – 15



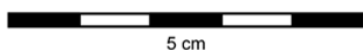
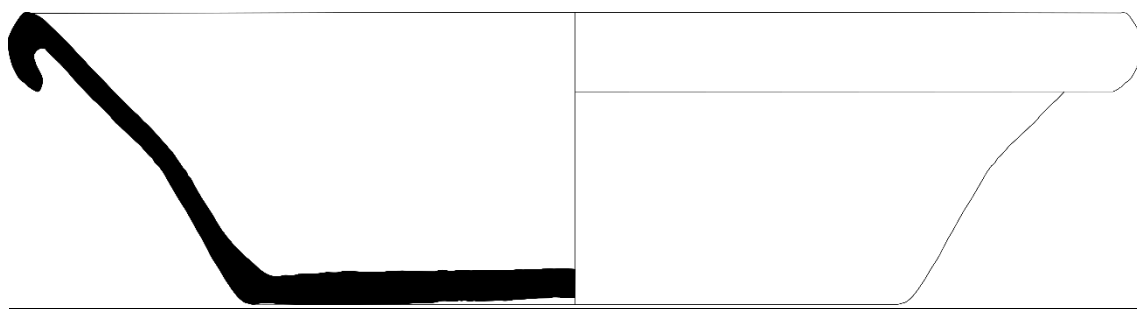
Descrição: Alguidar, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio em aba de secção semicircular. Assente em fundo plano. Presença de engobe vermelho na superfície interna e de brunimento. Pasta: Hue Cinzento 7.5 R 7/0. Altura: 11,5 cm. Ø bordo: 42 cm. Ø fundo: 27,3 cm.



Descrição: Alguidar, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio em aba de secção semicircular. Assente em fundo plano. Presença de engobe vermelho na superfície interna e de brunimento. Pasta: Hue Cinzento Claro 2.5 YR 7/0. Altura:10,8 cm. Ø bordo: 38,2 cm. Ø fundo: 26 cm.



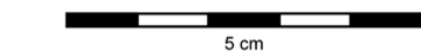
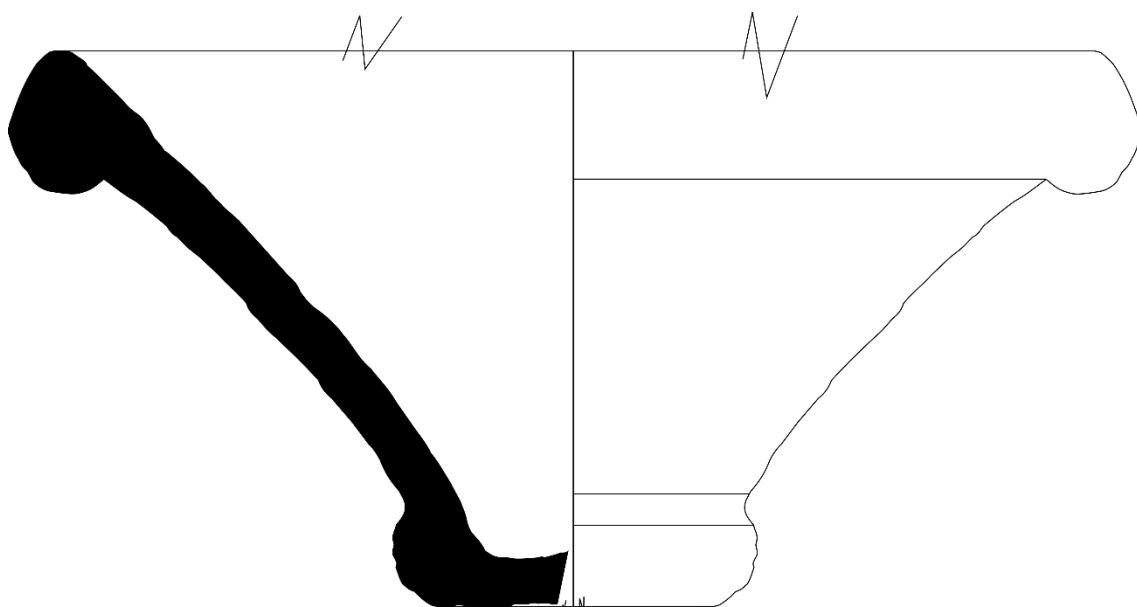
Descrição: Alguidar, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio em aba de secção semicircular. Assente em fundo plano. Presença de engobe vermelho na superfície interna e de brunimento. Pasta: Hue Cinzento Claro 7.5 YR 7/1. Altura: 12,5 cm. Ø bordo: 43,4 cm. Ø fundo: 26 cm.



Descrição: Alguidar, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio em aba de secção semicircular. Assente em fundo plano. Presença de engobe vermelho na superfície interna e de brunimento. Pasta: Hue Cinzento Claro 7.5 YR 7/1. Altura: 11 cm. Ø bordo: 42,8 cm. Ø fundo: 25,4 cm.

Variante B

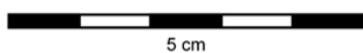
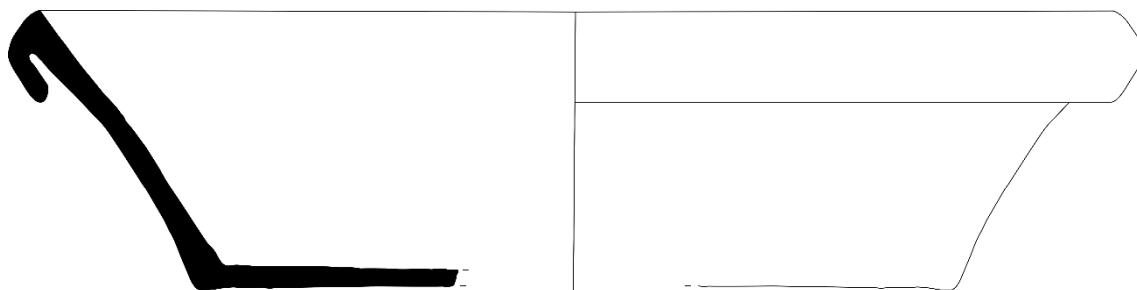
LOL16SEISD11 [1129] – 08



Descrição: Alguidar, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio em aba ovalada, espessado para o exterior. Assente em fundo plano, peça decorado na sua superfície interior com engobe vermelho e brunimento. Pasta: Hue Cinzento Claro 7.5 YR 7/1. Altura:12,6 cm. Ø bordo: 28,4 cm. Ø fundo: 18 cm.

Variante C

LOL16SEISD11 [1129] – 61



Descrição: Alguidar, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio dobrado / de secção semicircular. Assente em fundo plano, peça decorada com engobe vermelho na superfície interior e indícios de brunimento. Pasta: Hue Cinzento Claro 7.5 YR 7/0. Altura: 9 cm. Ø bordo: 38 cm. Ø fundo: 13 cm.

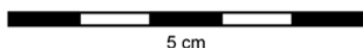
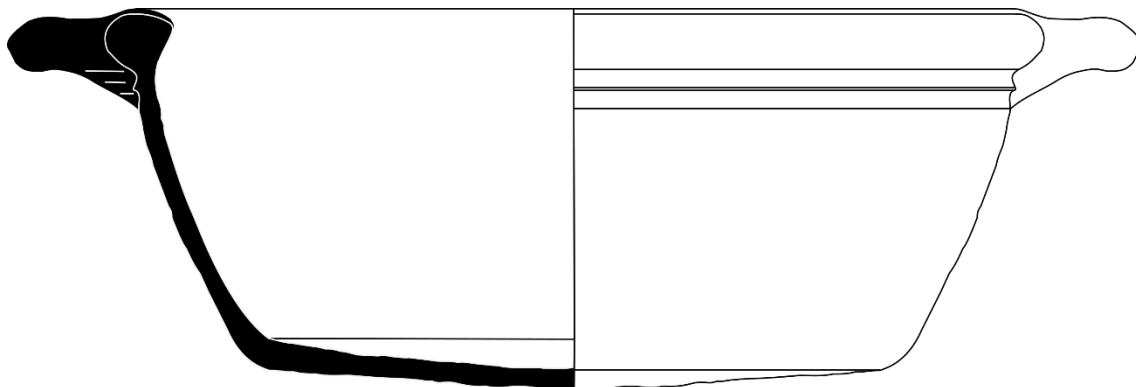
II. Bilha
LOL16SEISD11 [1108] – 01 / [1107] – 01



Descrição: Bilha, Perfil completo, piriforme, terminado em bordo destacado e estrangulado, de lábio extrovertido, de secção trapezoidal. Assente em fundo plano. Duas asas ovaladas, paralelas uma a outra, secção ovóide. Engobe vermelho na superfície externa Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 25,6 cm. Ø bordo: 4,8 cm. Ø fundo: 11 cm. Ø bojo: 18 cm.

III. Caçoila
Variante A

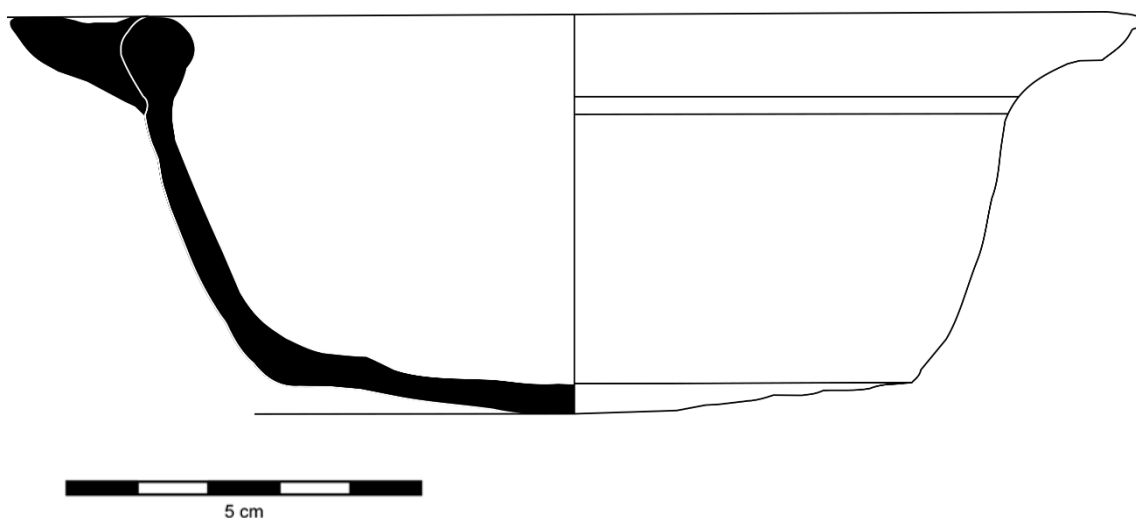
LOL16SEISD11 [1128] – 132



Descrição: Caçoila, Perfil completo, troncocónico, bordo exvertido de secção semicircular, espessado interiormente. Assente em fundo plano, ligeiramente convexo. Duas asas paralelas triangulares, de orientação vertical. Fundo decorado internamente com brunimento sob engobe de cor vermelha, este presente na sua superfície interna e externa. Pasta: Hue Amarelo Avermelhado 5 YR 6/6. Altura: 6,8 cm. Ø bordo: 14,4 cm. Ø fundo: 11,6 cm.

Variante B

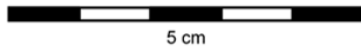
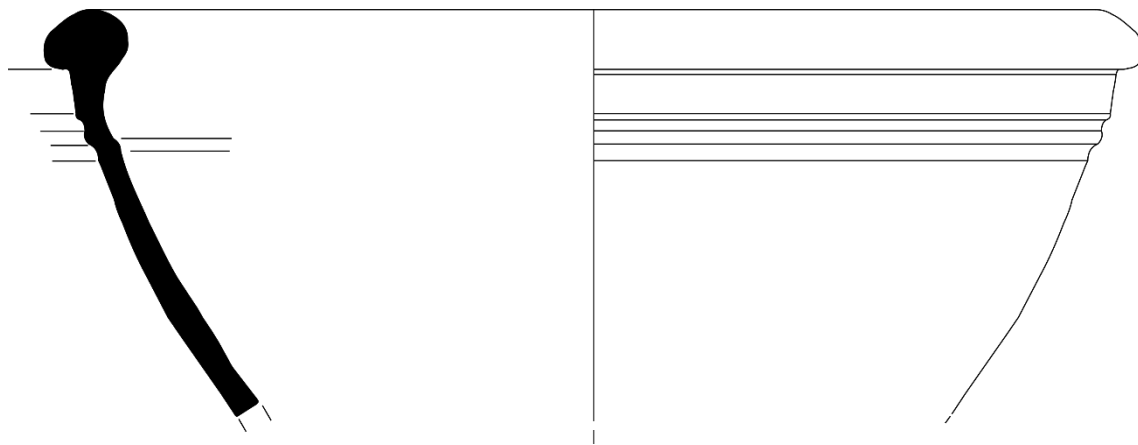
LOL16SEISD11 [1127] – 6



Descrição: Caçoila, Peça Completa. Perfil troncocónico, bordo de secção semicircular, exvertido e espessado interiormente. Assente em fundo plano, extremamente concavo. Duas asas paralelas triangulares, de orientação vertical. Fundo decorado internamente com brunimento sob engobe de cor vermelha, presente na sua superfície interna e externa. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: variável. Ø bordo: 18,4 cm. Ø fundo: 10,9 cm.

Variante C

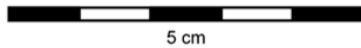
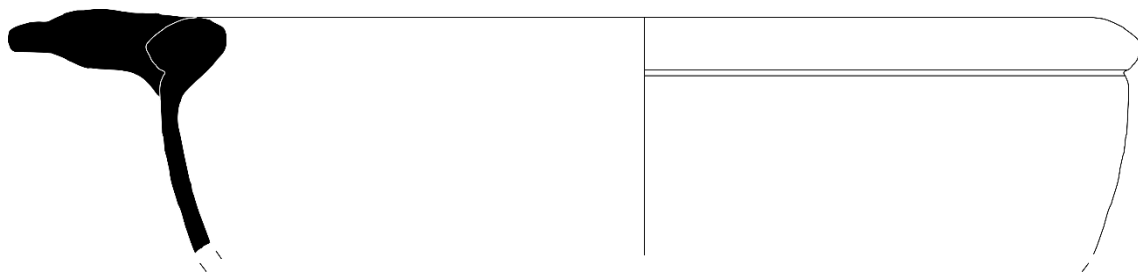
LOL16SEISD11 [1108] -109



Descrição: Caçoila, Fragmento de bordo, de secção semicircular, exvertido e terminado em lábio com espessamento interno e externo. Superfície interna e externa decoradas com engobe de cor vermelha. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø bordo: 22 cm.

Variante D

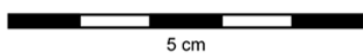
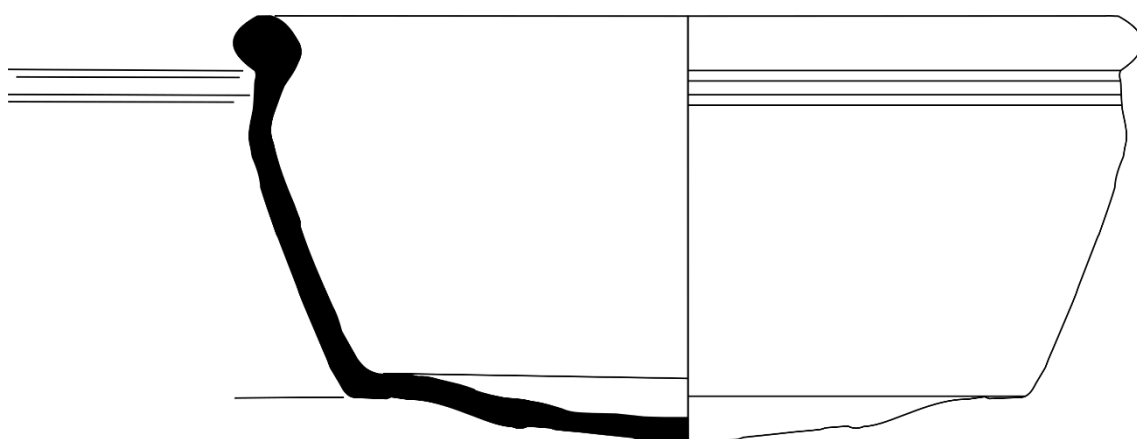
LOL16SEISD11 [1107] -905



Descrição: Caçoila, Fragmento de bordo, de secção semicircular e lábio biselado exvertido, espessado interiormente. Presença de uma asa colada ao bordo, de secção triangular. Superfície externa decorada com engobe de cor vermelha. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø bordo: 24 cm.

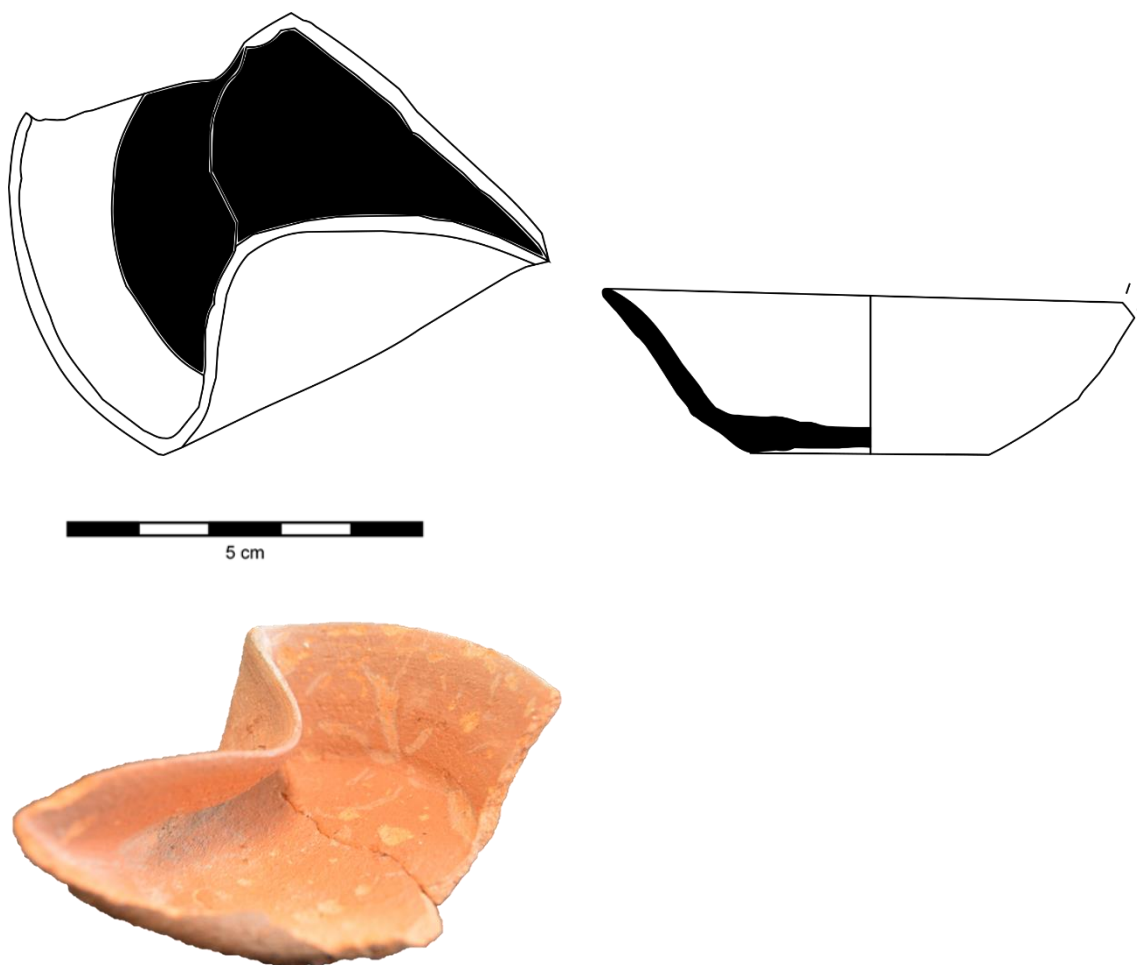
Variante E

LOL16SEISD11 [1129] – 28



Descrição: Caçoila, Perfil completo, troncocónico, bordo de secção semicircular, exvertido e de lábio boleado, espessado interiormente e exteriormente. Assente em fundo plano, instável. Não foram detetadas asas nesta peça. Fundo decorado internamente com brunimento sob engobe de cor vermelha, este presente na sua superfície interna e externa. Pasta: Hue Rosa 7.5 YR 8/4. Altura: 7 cm. Ø bordo: 15 cm. Ø fundo: 11,6 cm.

IV. Candeia
LOL16SEISD11 [1128] – 86



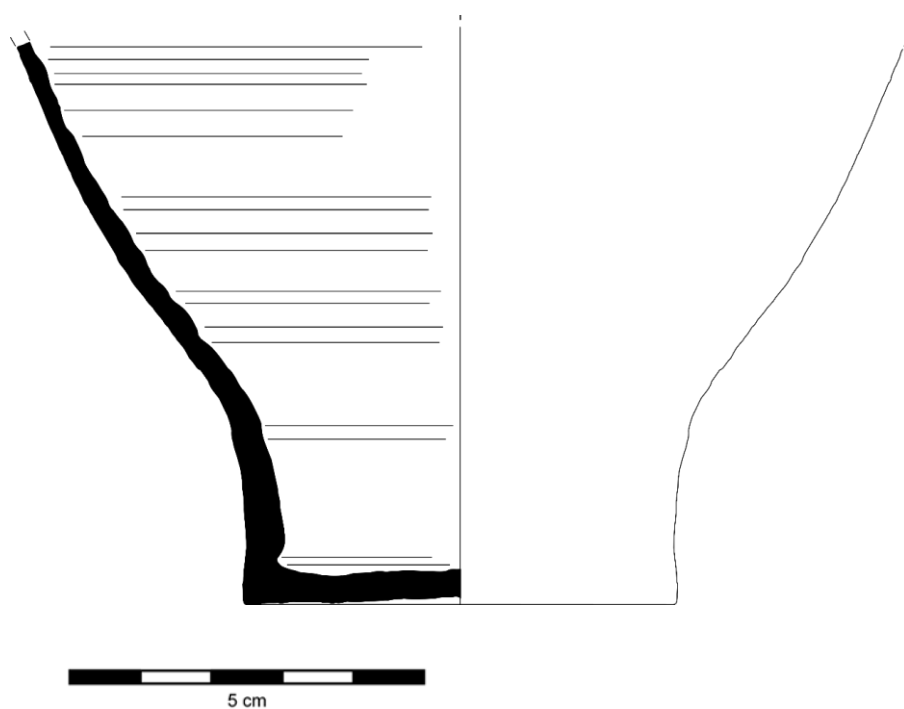
Descrição: Candeia, Perfil completo, troncocônico disforme, de paredes exvertidas baixas e bordos irregulares. Presença de “bico” triangular na peça. Lábio de secção semicircular. Assente em fundo plano. Pasta: Hue Amarelo Avermelhado 5 YR 7/6. Altura: 2,9 cm. Ø bordo: 7,5 cm. Ø fundo: 2,9 cm.

V. Cântaro

LOL16SEISD11 [1107] - 02 / [1108] - 04 / [1103] - 01



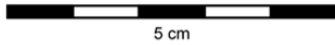
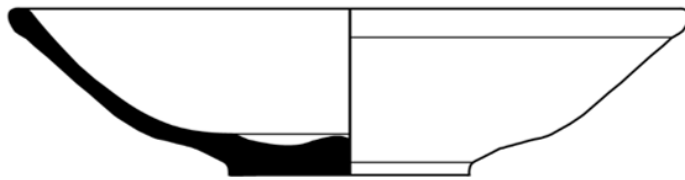
Descrição: Cântaro, Fragmento de Fundo, perfil piriforme, assente em fundo plano. Superfície externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 23,6 cm. Ø fundo: 13,8 cm.



Descrição: Cântaro, Fragmento de Fundo, perfil piriforme, assente em fundo plano. Superfície externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento 7.5 R 7/0.

VI. Especieiro

LOL16SEISD11 [1123] -151

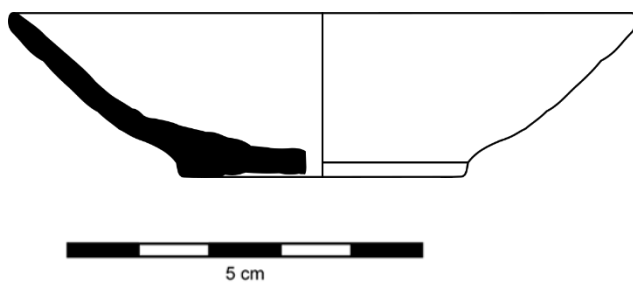


5 cm



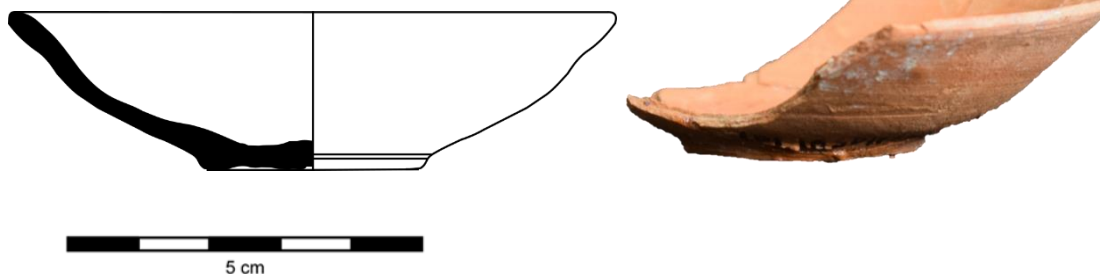
Descrição: Especieiro, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo ligeiramente exvertido, de orientação sub-vertical e de lábio arredondado fino. Assente em fundo plano. Peça sem tratamento de superfícies. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3 cm. Ø bordo: 8,6 cm. Ø fundo: 3,2 cm.

LOL16SEISD11 [1128] -72



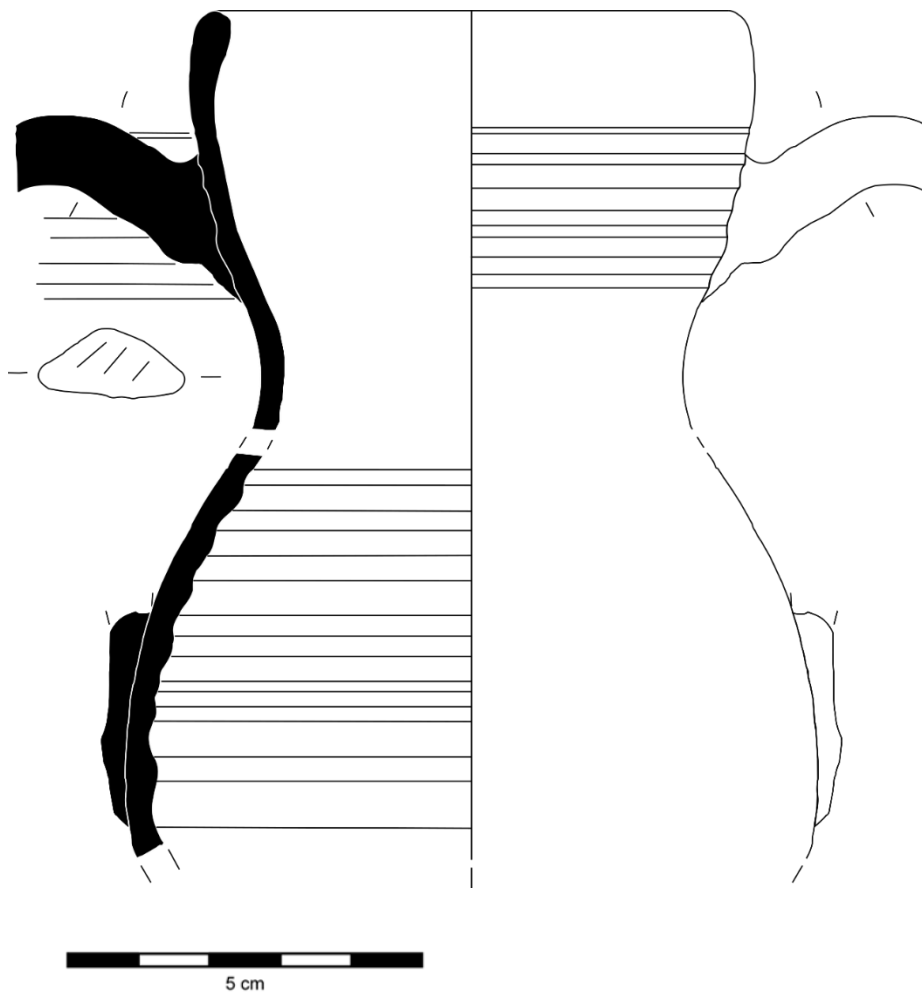
Descrição: Especieiro, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo ligeiramente exvertido, de orientação sub-vertical e de lábio arredondado fino. Assente em fundo plano. Superfície interna e externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Amarelo Avermelhado 5 YR 6/6. Altura: 2,1 cm. Ø bordo: 8,4 cm. Ø fundo: 3,8 cm.

LOL16SEISD11 [1128] -77



Descrição: Especieiro, Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo ligeiramente exvertido, de orientação sub-vertical e de lábio arredondado fino. Assente em fundo plano. Superfície interna e externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Amarelo Avermelhado 5 YR 6/6. Altura: 2 cm. Ø bordo: 8 cm. Ø fundo: 2,9 cm.

VII. Fogareiro
LOL16SEISD11 [1128] – 023





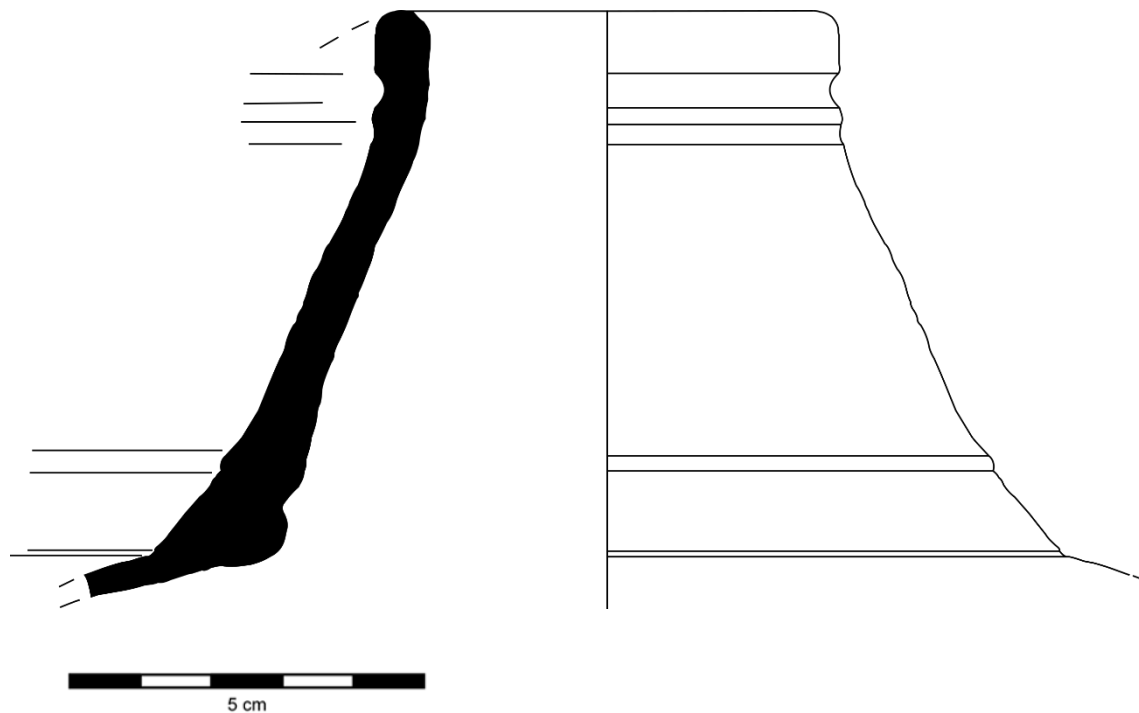
Descrição: Fogareiro, Fragmento de Bordo. Perfil troncocônico, com estrangulamento do bojo a meio do perfil, terminando em bordo arredondado e com espessamento interno. Presença de uma asa ovalada de orientação vertical, em fita de corte trapezoidal arredondada. Presença de arranque de grelha horizontal no interior. Superfície interna decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 6/6. Altura: 17,8 cm. Ø bordo: 11 cm.

VIII. Grelha de Fogareiro
LOL16SEISD11 [1127] – 98



Descrição: Grelha de Fogareiro, Fragmento de Bojo. Perfil paralelepípedo, semelhante a uma barra retangular de barro com três dos seus quatro lados limados. Superfície interna com 3 depressões sequenciais a níveis de altura diferente. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 6/6.

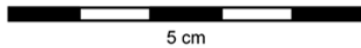
IX. Tapa de Fogareiro
LOL16SEISD11 [1123] – 79



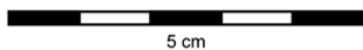
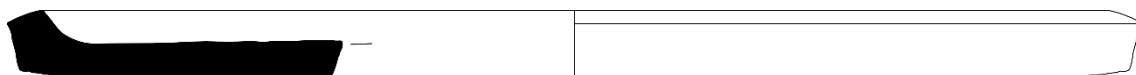
Descrição: Fogareiro, Perfil Completo, perfil cónico, terminando em lábio ligeiramente exvertido, de lábio arredondado. Assente em fundo reduzido, consistido em um fundo reduzido plano. Superfície externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 10 cm. Ø bordo: 7,6 cm. Ø fundo: 9,5 cm.

X. Formas de Pão
Variante A

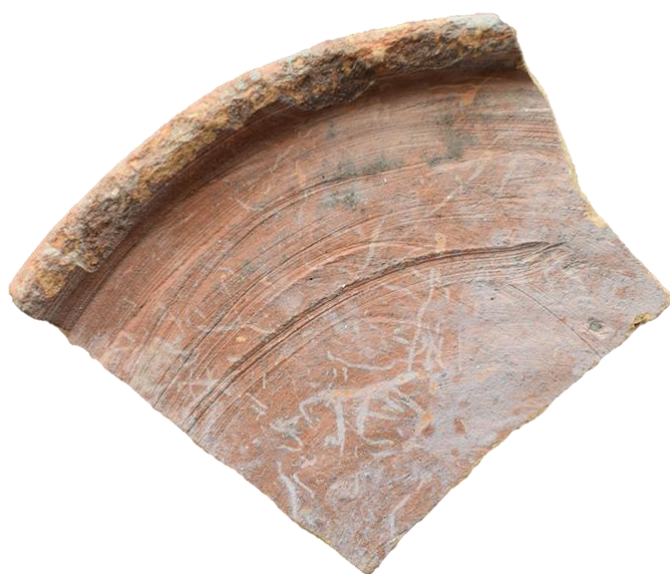
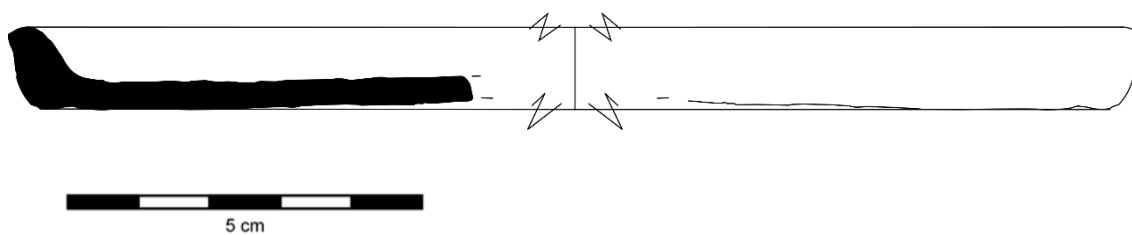
LOL16SEISD11[1129] – 4



Descrição: Forma de Pão, Perfil completo, troncocónica, terminado em bordo de altura reduzida e ligeiramente exvertido, de lábio reto, ligeiramente arredondado. Assente em fundo plano. Superfície interna decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento 7.5 R 7/0. Altura: 2,4 cm. Ø bordo: 32,4 cm. Ø fundo: 31 cm.

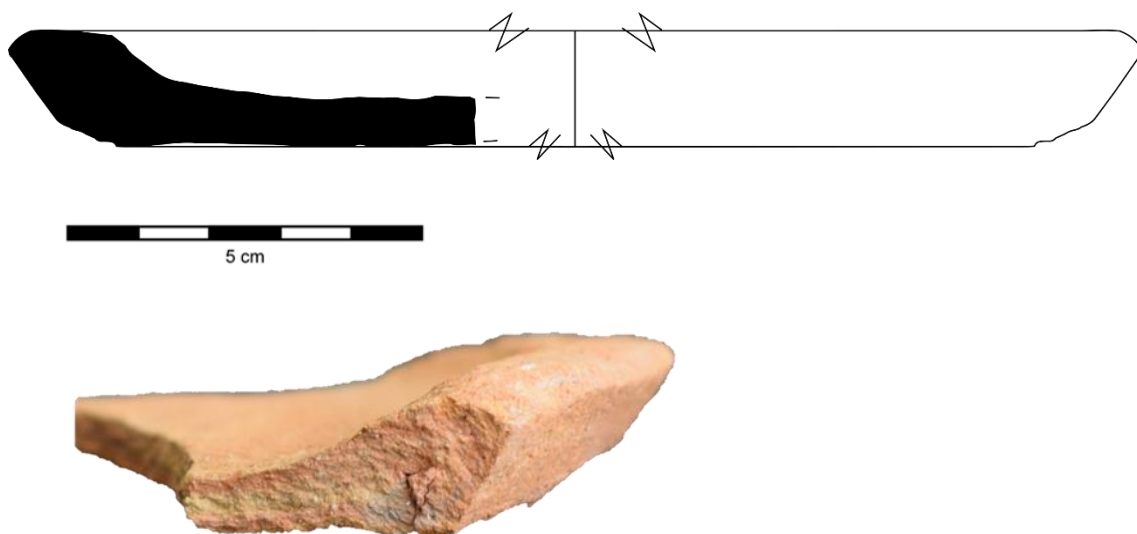


Descrição: Forma de Pão, Perfil completo, troncocónica, terminado em bordo de altura reduzida e ligeiramente exvertido, de lábio reto, ligeiramente arredondado. Assente em fundo plano. Superfície interna e externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento 7.5 R 7/0. Altura: 2 cm. Ø bordo: 31,6 cm. Ø fundo: 33 cm.



Descrição: Forma de Pão, Perfil completo, troncocónica, terminado em bordo de altura reduzida e ligeiramente exvertido, de lábio reto, ligeiramente arredondado. Assente em fundo plano. Superfície interna decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Rosa 7.5 YR 8/4. Altura: 1,9 cm. Ø bordo: 30,2 cm. Ø fundo: 29,2 cm.

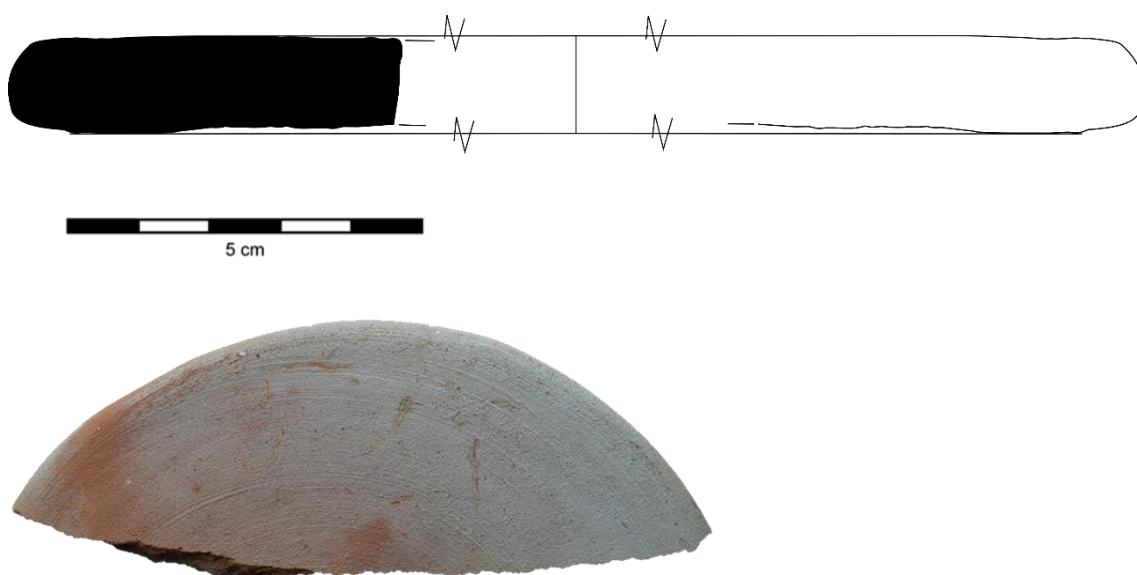
LOL16SEISD11[1128] – 103



Descrição: Forma de Pão, Perfil completo, troncocónica, terminado em bordo de altura reduzida e ligeiramente exvertido, de lábio reto, ligeiramente arredondado. Assente em fundo plano. Superfície interna danificada, superfície externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 6/8. Altura: 2,1 cm. Ø bordo: 37 cm. Ø fundo: 33,8 cm.

Variante B

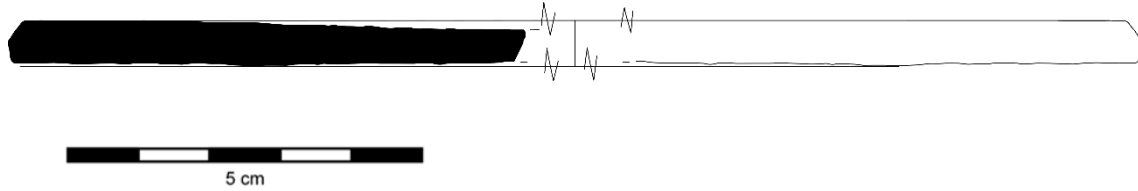
LOL16SEISD11[1129] – 2



Descrição: Forma de Pão, Perfil completo, semelhante a fundo de cone, sendo que o bordo equivale ao fundo, este arredondado. Assente em fundo plano. Superfície interna e

externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento 7.5 R 7/0. Altura: 1,4 cm.
Ø bordo/fundo: 38 cm.

LOL16SEISD11[1129] – 3



Descrição: Forma de Pão, Perfil completo, semelhante a fundo de cone, sendo que o bordo equivale ao fundo, este arredondado. Assente em fundo plano. Superfície interna decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Claro 7.5 YR 7/1. Altura: 2,3 cm.
Ø bordo/fundo: 30 cm.

XI. Infusa

Variante A

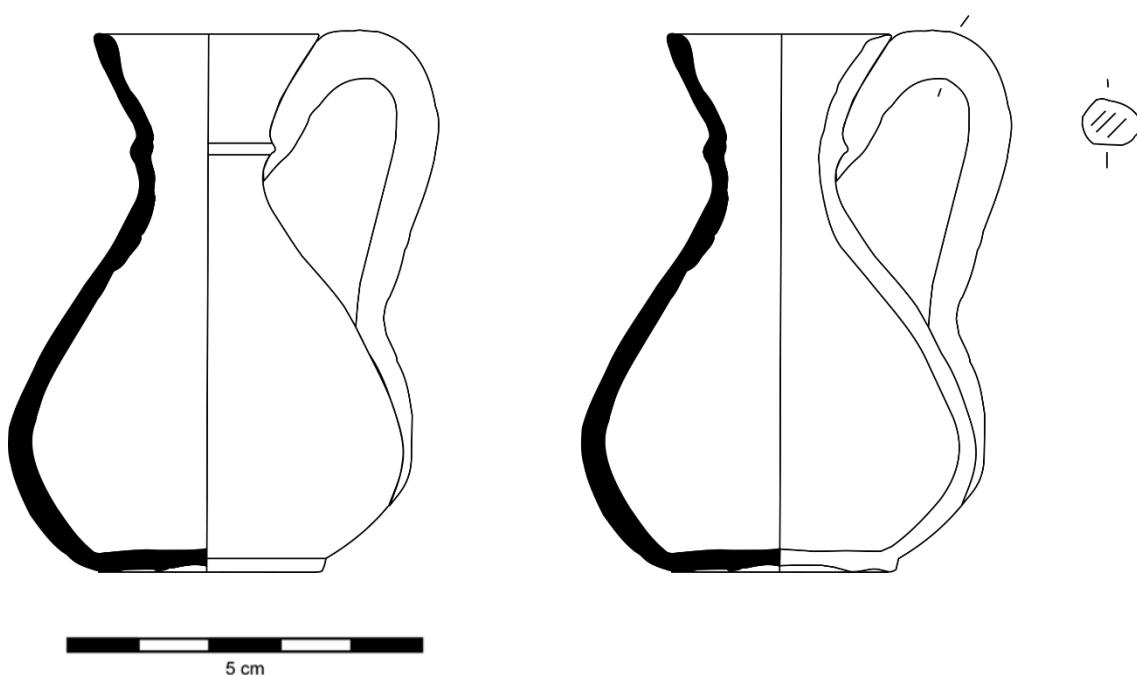
LOL16SEISD11 [1127] – 241 / [1125] – 152



Descrição: Infusa, Perfil incompleto, corpo tendencialmente hemisférico, assente em fundo plano, com ligeira concavidade próximo do centro da peça. Possui um arranque de asa em um dos lados. Bordo não foi recuperado, havendo estrangulamento ligeiro próximo deste. Superfície interna e externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Castanho Avermelhado Claro 2.5 YR 6/4. Altura: 16,5 cm. Ø bojo: 22,8 cm. Ø fundo: 9,4 cm.

Variante B

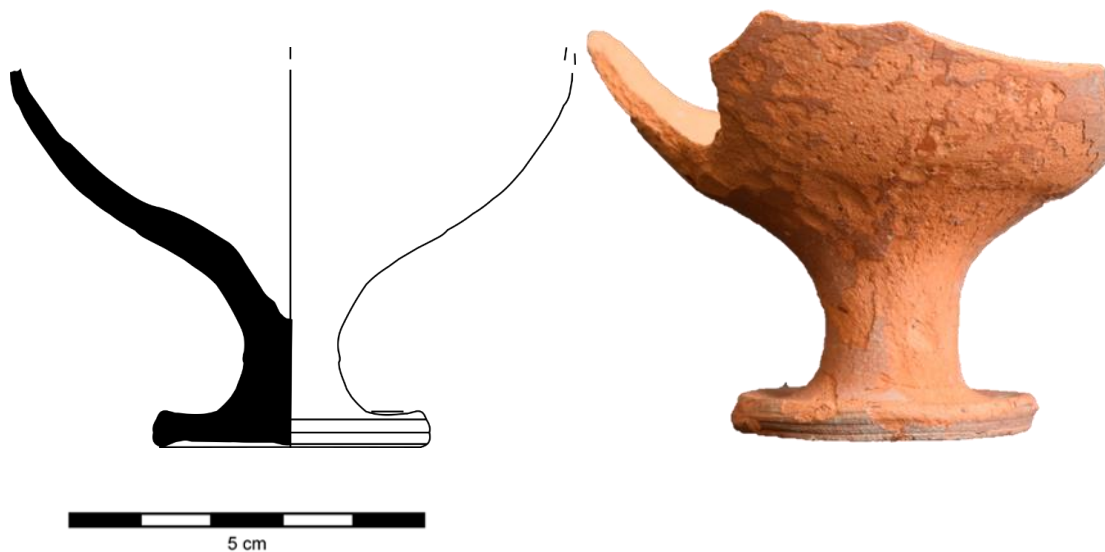
LOL16SEISD11 [1128] – 01



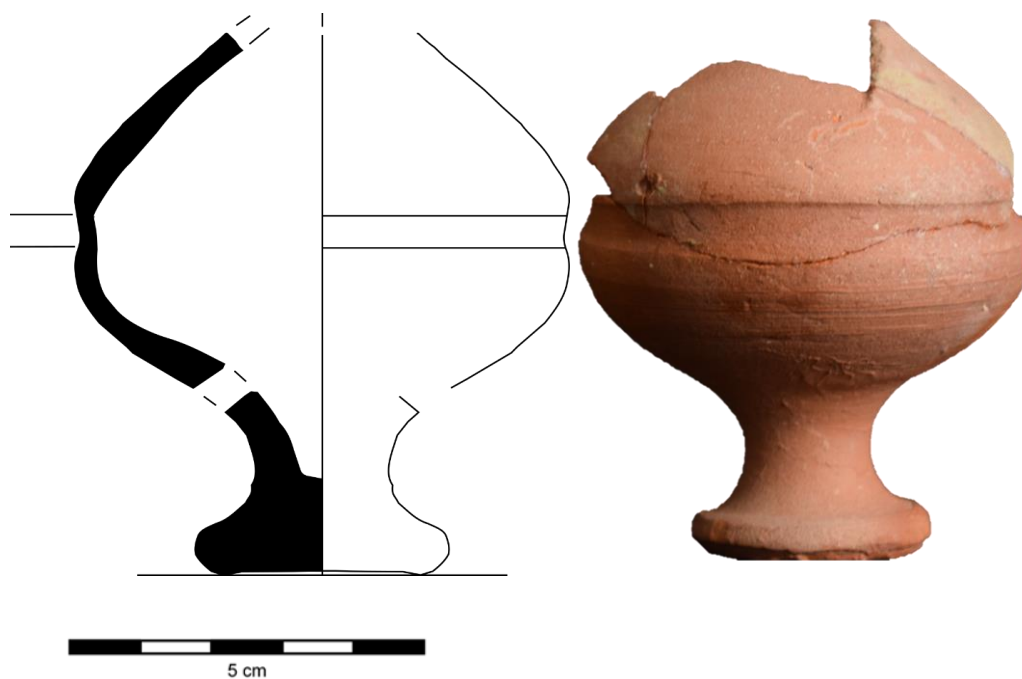
Descrição: Também referida por vinagreira, peça completa. Forma ovóide fechada, com carena, terminada em bordo estrangulado, ligeiramente extrovertido, com lábio de trilobado e bico vertedor. Assenta em fundo plano, ligeiramente concavo próximo do centro do fundo. Possui asa vertical ovalada, do lado oposto ao bico, partindo do bojo e terminando abaixo do bordo. Superfície interna e externa coberta por engobe de cor escura ou queimado. Cerâmica Modelada. Pasta: Hue Vermelho 2.5 YR 5/8. Altura: 9. Ø bordo: 3,8 cm. Ø fundo: 4,6 cm.

XII. Mealheiro

LOL16SEISD11[1107] -726



Descrição: Mealheiro, Fragmento de Fundo. Forma globular, assente em fundo em pé, de base circular, separado do corpo da peça. Presença de um pequeno buraco no bojo da peça, lado inferior virado para o pé. Superfície externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø fundo: 4,3 cm.

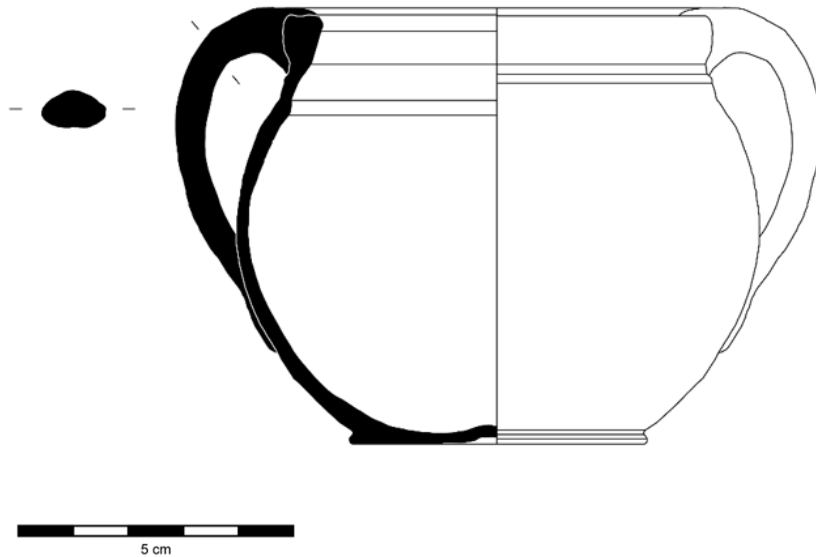


Descrição: Mealheiro, Fragmento de Fundo. Forma globular, assente em fundo em pé, de base circular, separado do corpo da peça. Presença de um pequeno buraco no bojo da peça, lado inferior virado para o pé. Superfície externa decorada com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø fundo: 4,1 cm.

XIII. Panela

Variante A

LOL16SEISD11 [1107] – 012

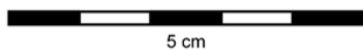
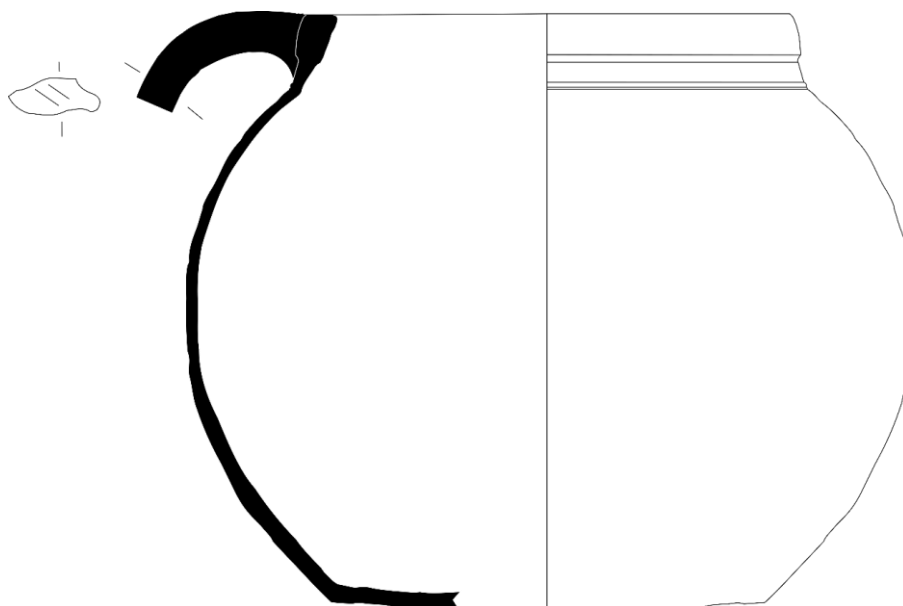


Descrição: Panela, variante A. Perfil completo, hemisférico/ovóide, terminado em bordo ligeiramente invertido, de orientação vertical e secção trapezoidal, e assente em fundo plano, com ligeira concavidade. Possui duas asas, de secção trapezoidal, partindo do

bordo e terminando no bojo, próximo do fundo da peça. Superfícies sem qualquer tratamento. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 6,8 cm. Ø bordo: 22,5 cm. Ø fundo: 14,5 cm.

Variante B

LOL16SEISD11 [1129] – 025



Descrição: Panela, variante B. Perfil completo, forma hemisférica, terminada em bordo fechado, de orientação vertical ligeiramente desviada para o interior e de lábio plano. Assente em fundo plano, convexo próximo do centro da peça. Possui duas asas ovaladas, paralelas de orientação vertical, das quais apenas uma foi recuperada parcialmente, esta de secção trapezoidal, partindo do bordo. Superfície externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Vermelho Amarelado 5 YR 5/8. Altura: 22,5 cm. Ø bordo: 17 cm. Ø fundo: 14,5 cm.

Variante C

LOL16SEISD11 [1107] – 07 / [1108] – 05



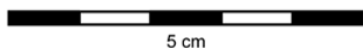
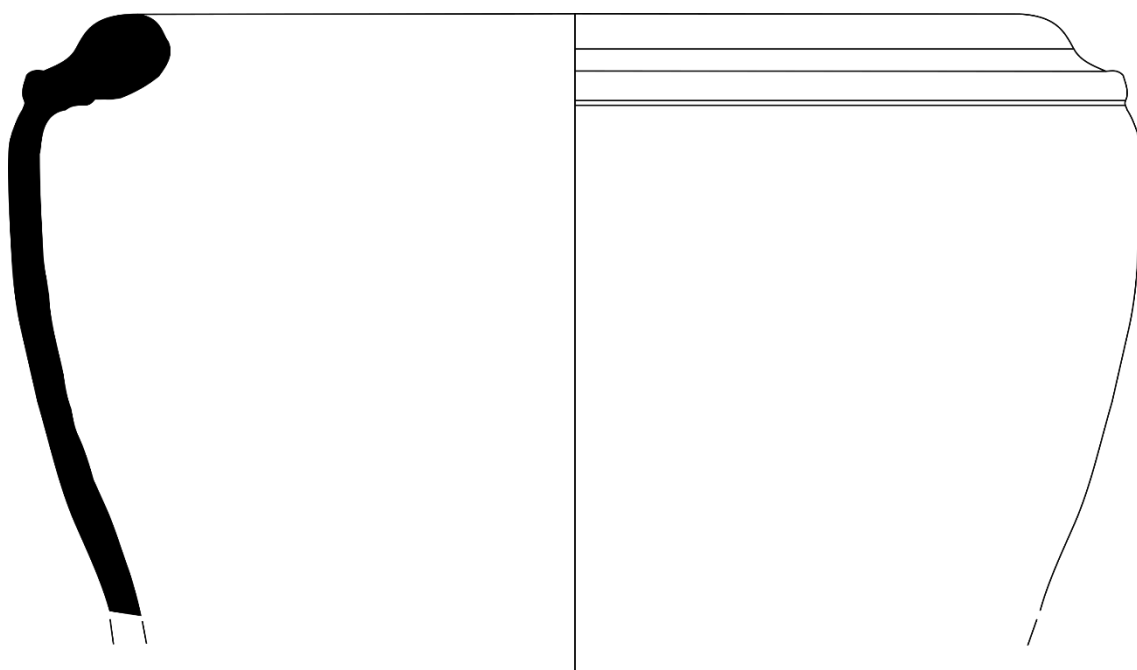
Descrição: Panela, variante C. Perfil completo, forma hemisférica, terminada em bordo fechado de orientação vertical e de lábio plano/ secção retangular. Assente em fundo plano, ligeiramente concavo junto ao centro da peça. Possui duas asas paralelas, partindo e terminando no bojo da peça, de orientação sub-vertical, estas de secção trapezoidal. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 22,5 cm. Ø bordo: 17 cm. Ø fundo: 14,5 cm.



Descrição: Panela, variante C. Perfil completo, forma hemisférica, terminada em bordo fechado de orientação vertical e de lábio plano/ secção retangular. Assente em fundo plano, ligeiramente concavo junto ao centro da peça. Possui duas asas paralelas, partindo e terminando no bojo da peça, de orientação sub-vertical, estas de secção trapezoidal. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 16,5 cm. Ø bordo: 18,4 cm. Ø fundo: 12 cm.

Variante D

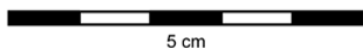
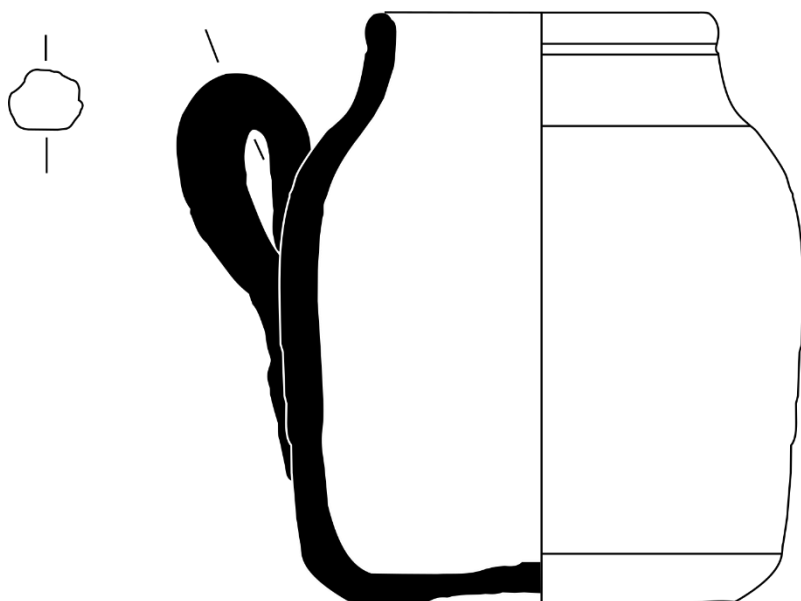
LOL16SEISD11 [1107] – 549



Descrição: Panela, variante C. Fragmento de Bordo, forma hemisférica, terminada em bordo fechado de orientação subvertical e lábio de secção arredondado, espessado exteriormente e interiormente. Presença de uma asa de pequenas dimensões, “puxada” do barro do bordo, de perfil triangular. Superfície externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 12 cm. Ø bordo: 11 cm.

Variante E

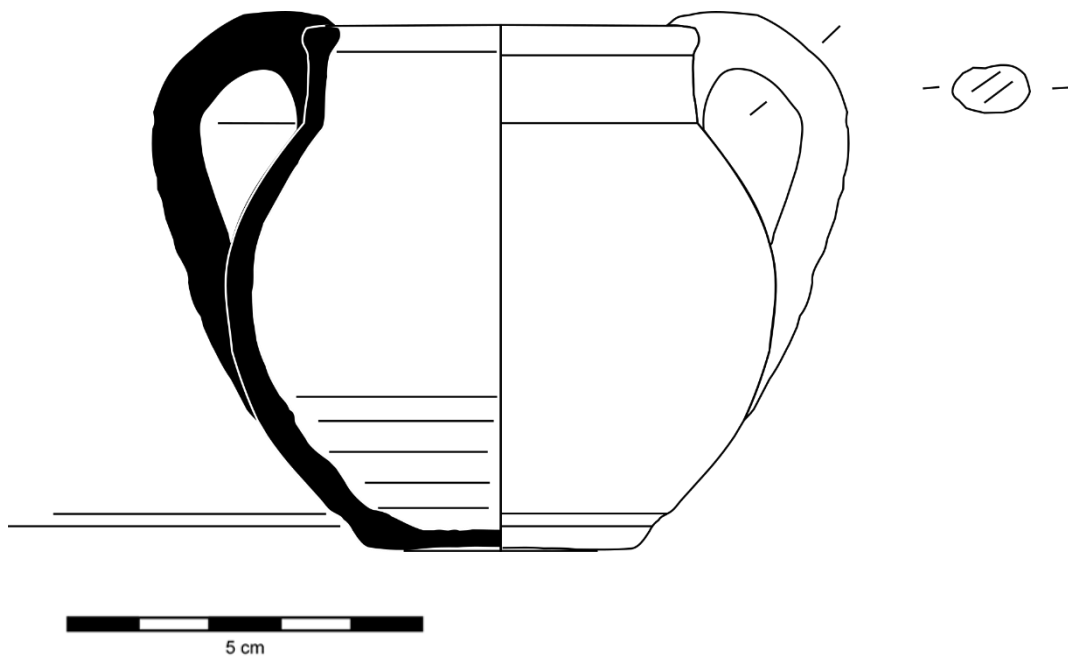
LOL16SEISD11 [1127] – 02



Descrição: Panelinha. Perfil completo, forma cilíndrica, terminada em bordo fechado e de lábio de secção semicircular introvertido. Assente em fundo plano regular, apresenta duas linhas incisadas horizontais, de secção semicircular, no bordo da peça. Possui duas asas paralelas de reduzidas dimensões, de orientação vertical e secção circular. A peça apresenta resíduo de vidro em torno da superfície externa da peça e ainda um engobe de cor negro. Pasta: Hue Vermelho 2.5 YR 6/6. Altura: 7,7 cm. Ø bordo: 4,6 cm. Ø fundo: 5,2 cm.

Variante F

LOL16SEISD11 [1107] – 10



Descrição: Panelinha. Perfil completo, forma globular, terminada em bordo fechado e lábio de secção retangular espessado para o exterior. Assente em fundo plano, possui duas asas verticais ovais, de secção semicircular. Superfície interna com engobe vermelho. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 7/8. Altura: 7 cm. Ø bordo: 5,2 cm. Ø fundo: 4,2 cm.

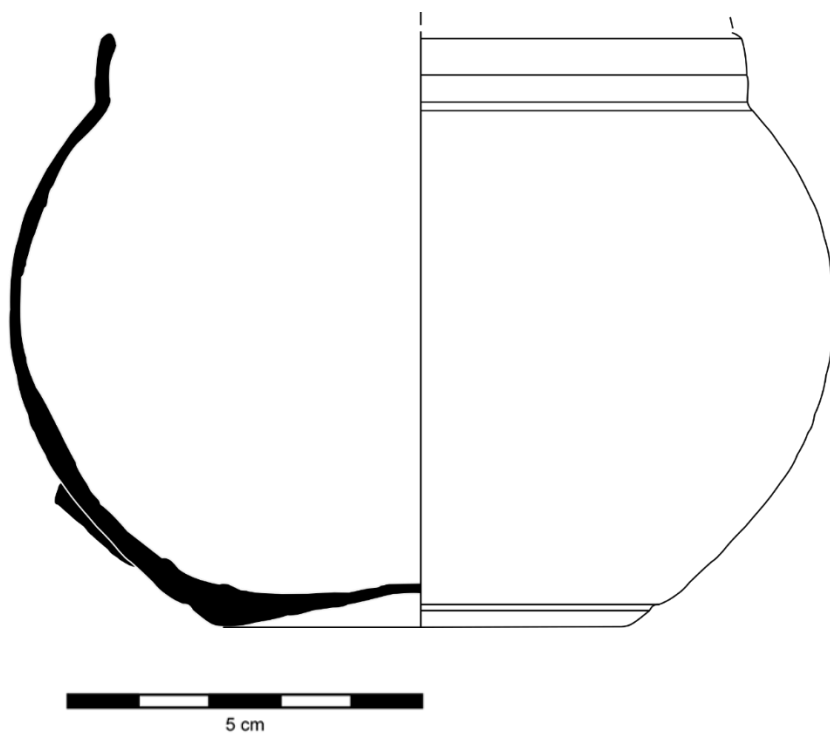
XIV. Peso de Tear
LOL16SEISD11 [1127] – 005



Descrição: Peso de Tear, perfil completo, piriforme, e de secção ovalada irregular, com uma perfuração de secção circular, que atravessa a grossura de toda a peça. Sem tratamento de superfícies. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 10,6 cm. Ø bojo: 7,2 cm.

XV. Pote

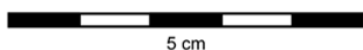
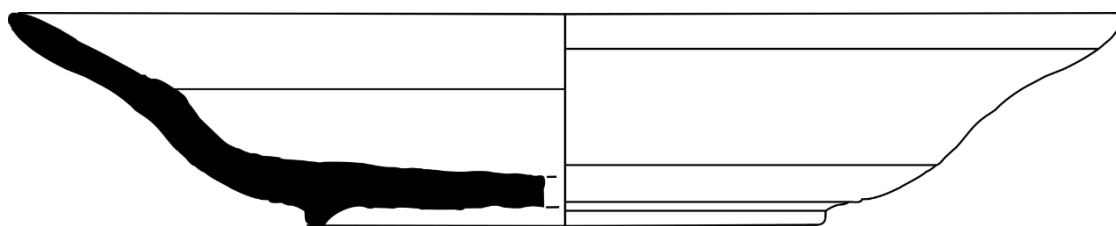
LOL16SEISD11[1107] – 556 / [1108] -62



Descrição: Pote, fragmento de fundo e bojo. Forma globular, terminada em princípio de bordo fechado. Assente em fundo plano, ligeiramente concavo próximo do centro da peça. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 7/8. Altura: 10,3 cm. Ø bojo: 14,2 cm. Ø fundo: 7,3 cm.

XVI. Pratos

LOL16SEISD11 [1107] – 530



Descrição: Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio de orientação sub-vertical em aba reduzida. Lábio de secção semicircular, sendo que a peça assenta em pé anelar baixo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3 cm. Ø bordo: 14,6 cm. Ø fundo: 6,8 cm.

XVII. Púcaros

Variante A

LOL16SEISD11 [1123] - 147 / [1125] - 032



Descrição: Púcaro, variante A. Peça Completa, de corpo globular e com carena, terminando em bordo alto, de orientação vertical, ligeiramente extrovertido e de lábio de secção semicircular, espessado exteriormente. Assenta em fundo plano, ligeiramente espessado e ligeiramente concavo próximo do centro do fundo. Asa ovalada de orientação vertical e corte triangular, que parte do centro do bojo e termina no bordo da peça. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 9,5 cm. Ø bordo: 8 cm. Ø fundo: 4,6 cm.



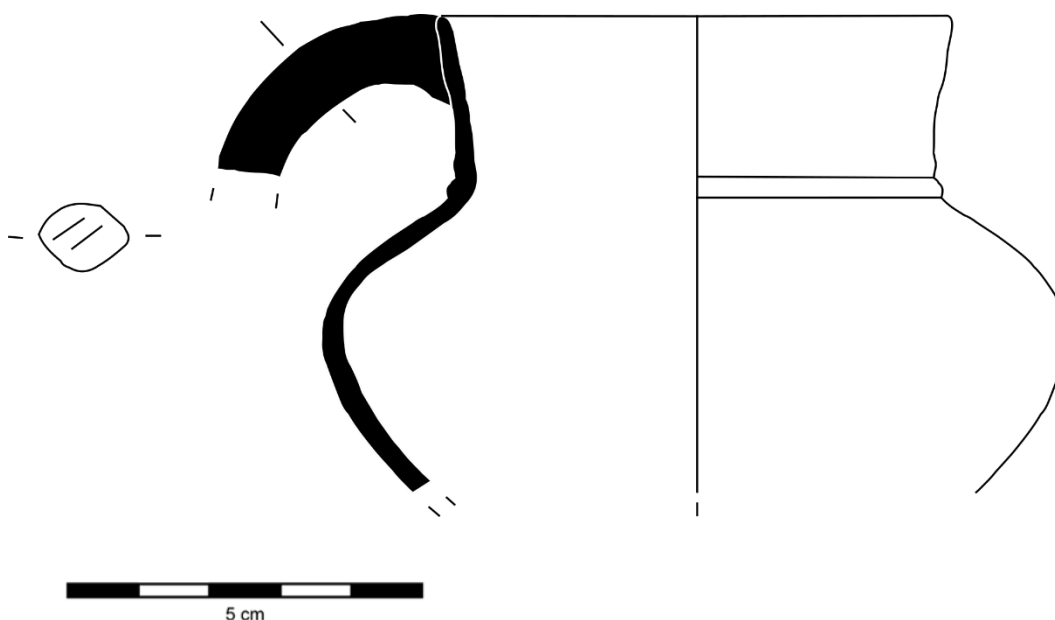
Descrição: Púcaro, variante A. Peça Completa, de corpo globular e com carena, terminando em bordo alto, de orientação vertical, ligeiramente extrovertido e de lábio de secção semicircular, espessado exteriormente. Assenta em fundo plano, ligeiramente espessado e ligeiramente concavo próximo do centro do fundo. Asa ovalada de orientação vertical e corte triangular, que parte do centro do bojo e termina no bordo da peça. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 7/8. Altura: 9,6 cm. Ø bordo: 7,2 cm. Ø fundo: 4,8 cm.

LOL16SEISD11 [1128] - 089 / [1123] – 180

Descrição: Púcaro, variante A. Peça Completa, de corpo globular e com carena, terminando em bordo alto, de orientação vertical, ligeiramente extrovertido e de lábio de secção semicircular, espessado exteriormente. Assenta em fundo plano, ligeiramente espessado e ligeiramente concavo próximo do centro do fundo. Asa ovalada de orientação vertical e corte triangular, que parte do centro do bojo e termina no bordo da peça. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Amarelo Avermelhado 5 YR 6/6. Altura: 10,1 cm. Ø bordo: 7,5 cm. Ø fundo: 4 cm.

Variante B

LOL16SEISD11 [1123] – 185



Descrição: Púcaro, variante B. Fragmento de bordo, de corpo globular e colo alto, terminado em bordo vertical curto, ligeiramente exvertido e com lábio de secção semicircular. Asa ovalada de orientação vertical, e secção semicircular, partindo do bojo e terminado no bordo. Fundo não foi recuperado. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø bordo: 6,8 cm.

Variante C

LOL16SEISD11 [1123] – 148



Descrição: Púcaro, variante C. Peça Completa, de forma hemisférica/ oval, terminada em bordo reduzido ligeiramente exvertido, em aba de orientação subvertical, e de lábio de secção semicircular, ligeiramente espessado para o exterior. Asa de orientação vertical, de secção triangular esta partindo do bojo e terminando no lábio da peça. Assente em fundo raso, ligeiramente concavo próximo do centro da peça. Peça torta. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura Máxima: 9,6 cm. Ø bordo: 6,5 cm. Ø fundo: 5,4 cm.

Variante D

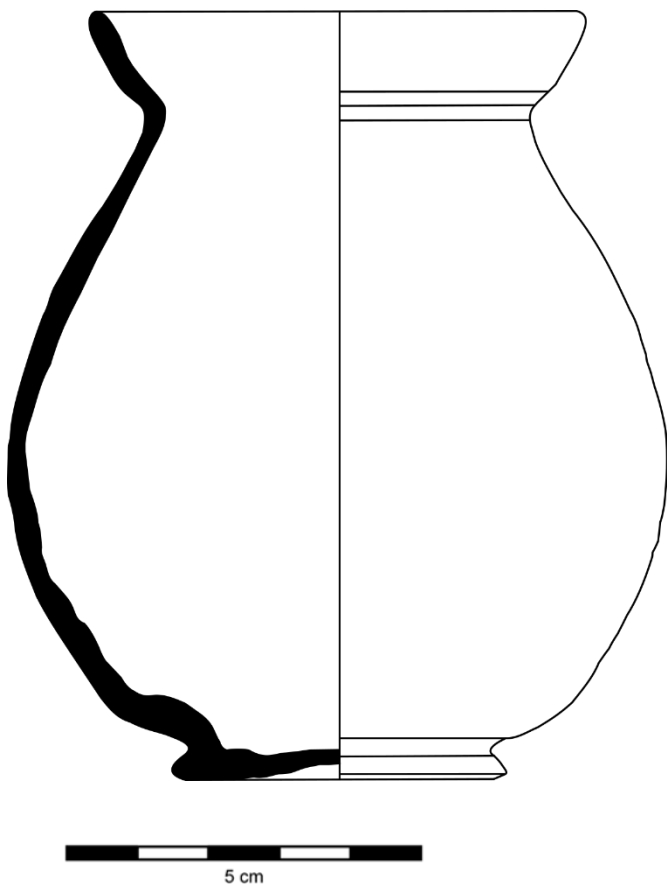
LOL16SEISD11 [1127] – 001



Descrição: Púcaro, variante D. Peça Completa, de corpo globular e com carena, terminando em bordo alto, de orientação vertical e ligeiramente extrovertido terminado em lábio de secção semicircular, sem qualquer espessamento. Asa de orientação vertical e secção triangular, partindo do bojo e terminado no bordo, ligeiramente abaixo do lábio. Assente em fundo raso, ligeiramente concavo próximo do centro da peça. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Vermelho 2.5 YR 5/6. Altura: 9,5 cm. Ø bordo: 6,5 cm. Ø fundo: 4,7 cm.

Variante E

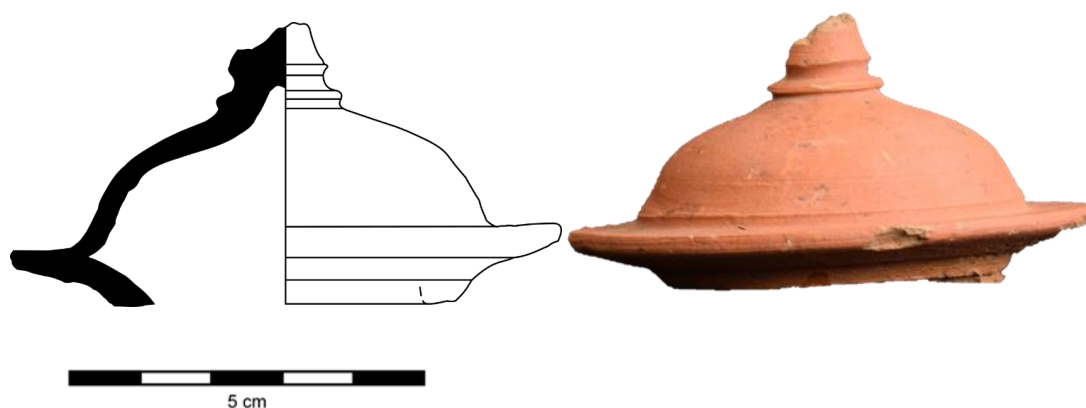
LOL16SEISD11 [1128] - 070 / [1125] – 034 / [1123] – 154



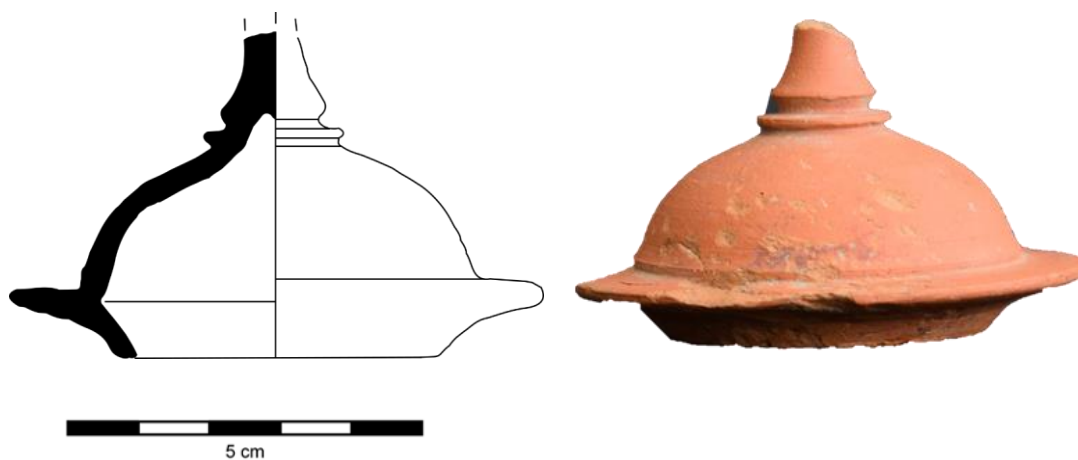
Descrição: Púcaro, variante E. Perfil completo, de hemisférico/oval fechado, terminada em bordo em aba reduzida, ligeiramente exvertido e de orientação sub-vertical, de lábio de secção arredondada. Presença de arranque de asa, sem que esta tenha sido recuperada. Assente em fundo plano, ligeiramente espessado e convexo próximo do centro. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Castanho Avermelhado Claro 5 YR 6/4. Altura: 10,1 cm. Ø bordo: 6,6 cm. Ø fundo: 4,4 cm.

XVIII. Tampa
Variante A

LOL16SEISD11 [1123] – 03



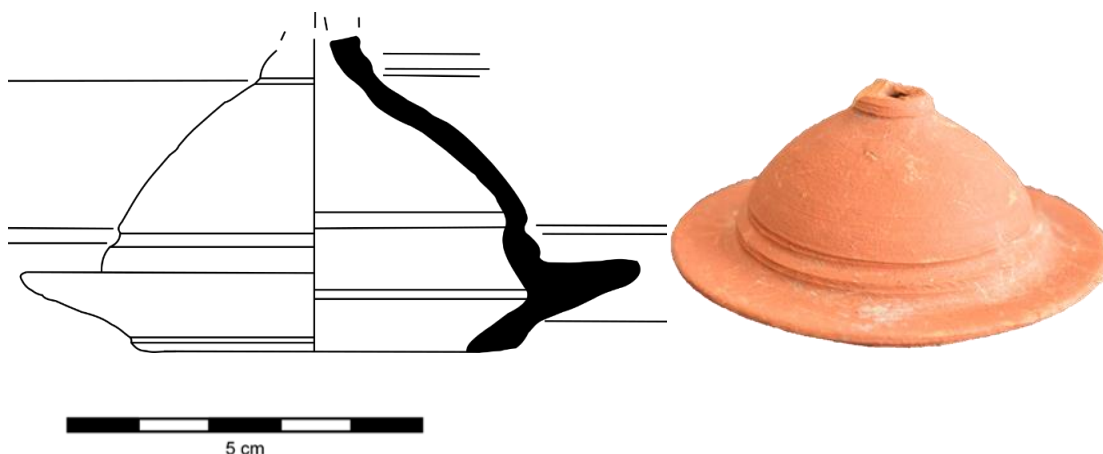
Descrição: Tampa, variante A. Perfil completo, de fundo estribado, alto, sob uma aba horizontal concêntrica bem destacada e de secção semicircular. Arranque de parede tendencialmente campaniforme, tendo a peça decoração na superfície externa por uma linha incisa/ em relevo de perfil semicircular, e uma canelura, também de perfil semicircular, junto do arranque da pega. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø fundo: 8,9 cm.



Descrição: Tampa, variante A. Perfil completo, de fundo estribado, alto, sob uma aba horizontal concêntrica bem destacada e de secção semicircular. Arranque de parede tendencialmente campaniforme, tendo a peça decoração na superfície externa por uma linha incisa/ em relevo de perfil semicircular, e uma canelura, também de perfil semicircular, junto do arranque da pega. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø fundo: 6 cm.

Variante B

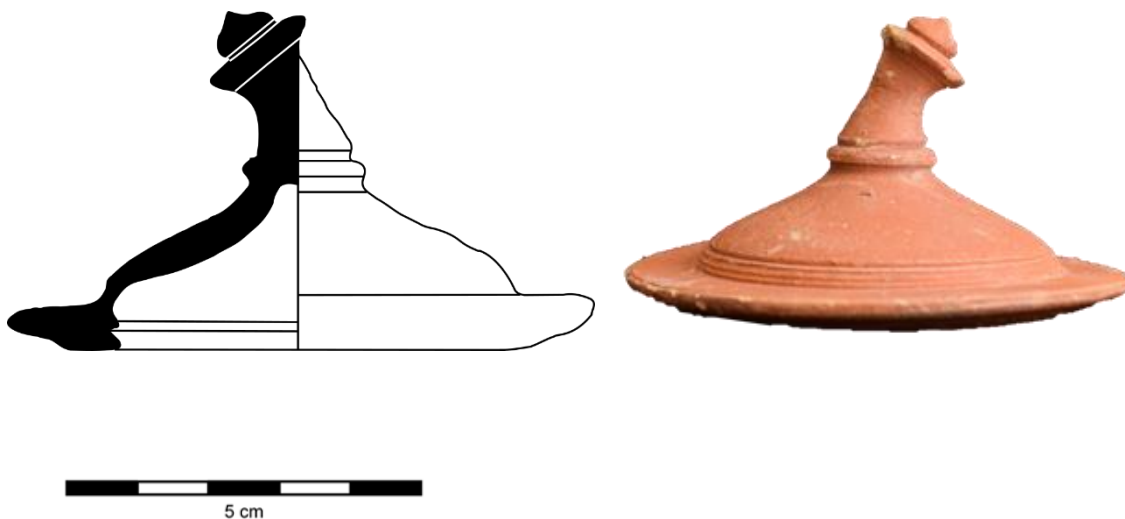
LOL16SEISD11 [1123] – 06



Descrição: Tampa, variante B. Perfil completo, de fundo estribado alto, sob aba horizontal concêntrica, bem destacada e de secção semicircular. Arranque de parede de tendência campaniforme, com decoração na superfície exterior de duas linhas incisadas, de perfil semicircular, e orientação horizontal, bem como duas caneluras de orientação e secção igual, junto ao arranque da pega. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø fundo: 5,8 cm.

Variante C

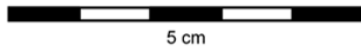
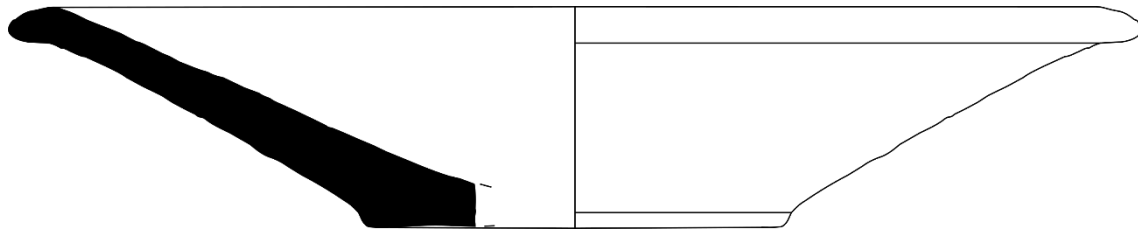
LOL16SEISD11 [1123] – 08



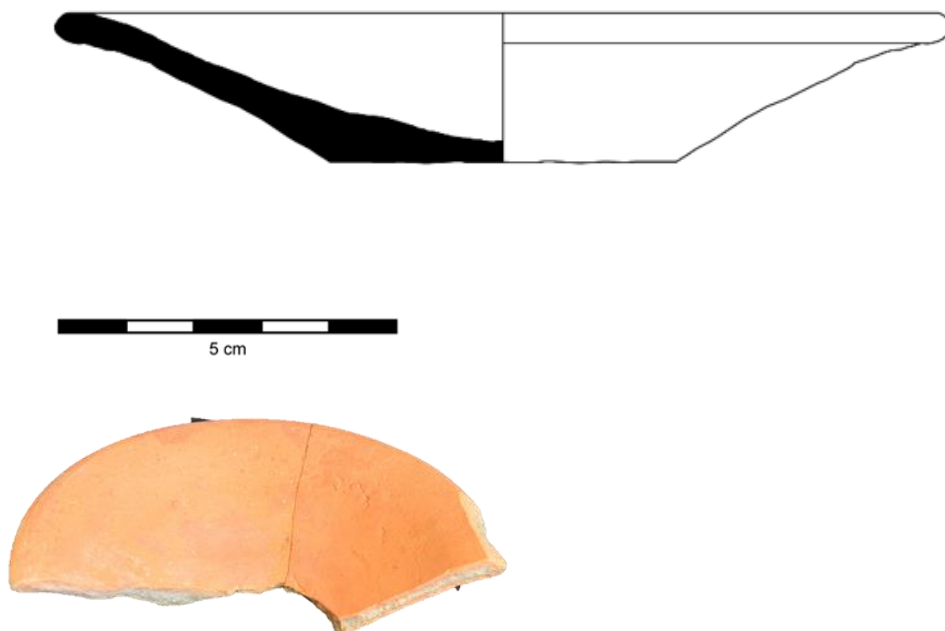
Descrição: Tampa, variante C. Perfil completo, de fundo estribado, sob aba horizontal concêntrica e de secção semicircular. Arranque de parede campaniforme, terminado em pega alta e estreita, mais a meio desta do que no topo, assente em bojo decorado com quatro linhas incisas de orientação horizontal, concêntricas e de secção semicircular. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 4,4 cm. Ø bordo: 22 cm. Ø fundo: 8,4 cm.

XIX. Testo
Variante A

LOL16SEISD11 [1104] -36



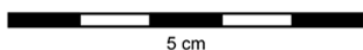
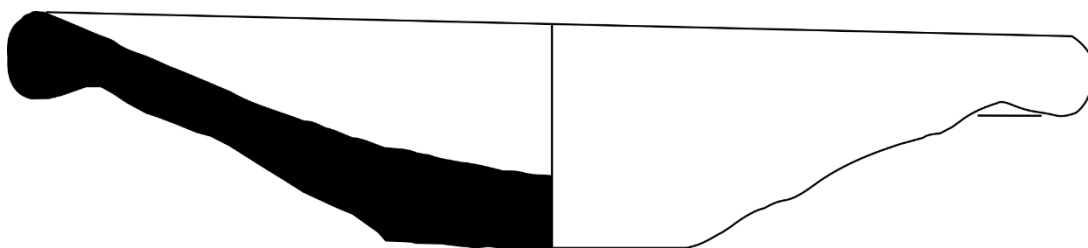
Descrição: Testo, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido de secção biselada, assente em fundo plano. Superfícies sem qualquer tratamento. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 4,3 cm. Ø bordo: 17,4 cm. Ø fundo: 6,7 cm.



Descrição: Testo, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido de secção biselada, assente em fundo plano. Superfícies sem qualquer tratamento. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3,5 cm. Ø bordo: 17,4 cm. Ø fundo: 6,7 cm.

Variante B

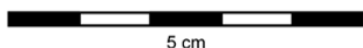
LOL16SEISD11[1127] – 37 / [1109] – 09 / [1122] – 01 / [1125] – 11



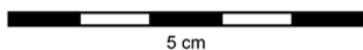
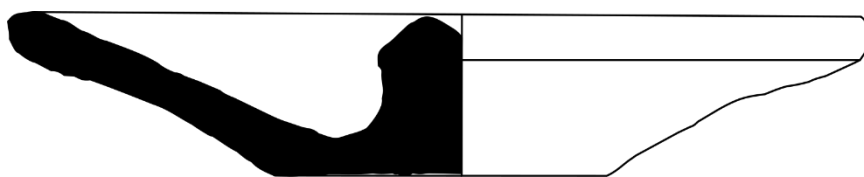
Descrição: Testo, variante B. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo sub-vertical de secção biselada, espessado para o exterior, formando secção semicircular. Assente em fundo em bolacha de altura reduzida, não possui qualquer tipo de pega. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Claro 7.5 YR 7/1. Altura: 3 cm. Ø bordo: 14,3 cm. Ø fundo: 4,3 cm.

Variante C

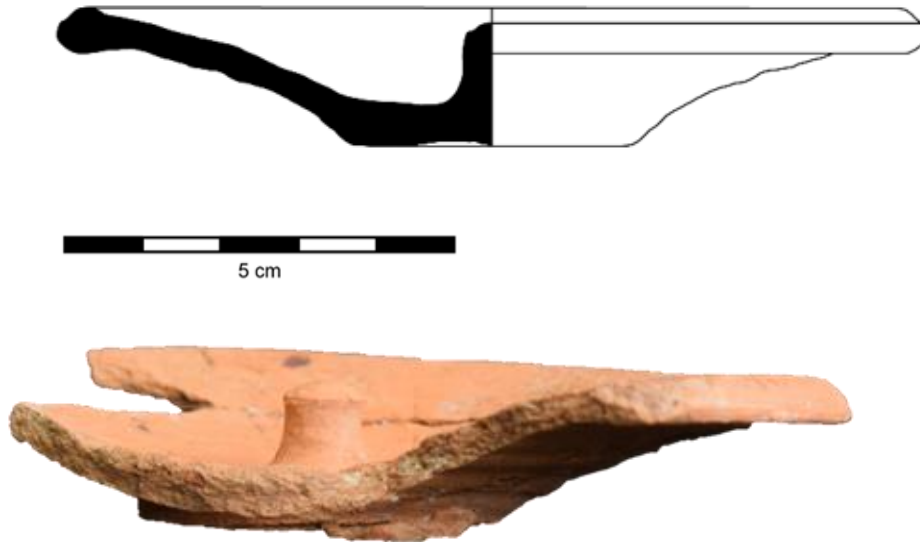
LOL16SEISD11 [1123] – 05



Descrição: Testo, variante C. Perfil completo, forma de troncocónica, terminada em bordo exvertido de lábio biselado e assente em fundos plano raso. Possui pega em botão, de dimensões reduzidas, e de forma cilíndrica achatada no topo, localizada ao centro da peça. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 2 cm. Ø bordo: 10,3 cm. Ø fundo: 5,2 cm.



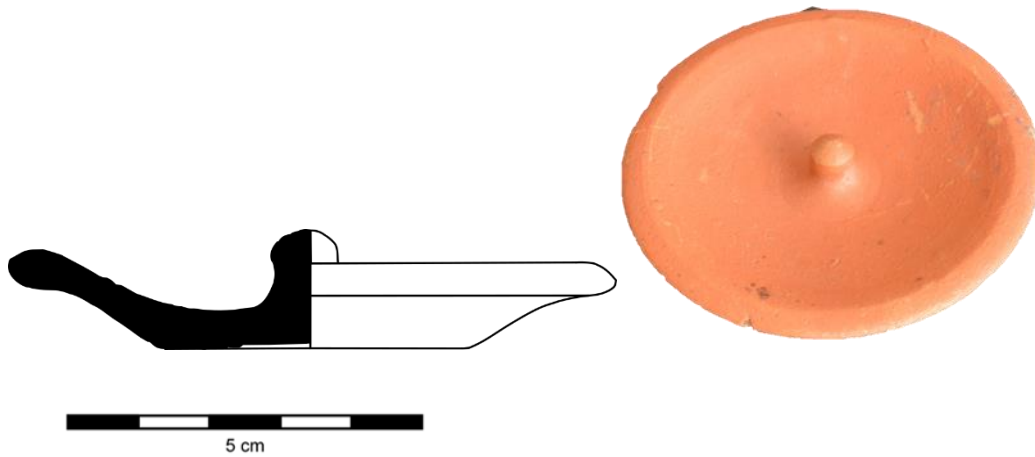
Descrição: Testo, variante C. Perfil completo, forma de troncocónica, terminada em bordo exvertido de lábio biselado e assente em fundos plano raso. Possui pega em botão, de dimensões reduzidas, de forma cilíndrica estrangulada a meio e cónica no topo, localizada ao centro da peça. Superfícies sem qualquer tratamento. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 2,3. Ø bordo: 12 cm. Ø fundo: 4,4 cm.



Descrição: Testo, variante C. Perfil completo, forma de troncocónica, terminada em bordo exvertido de lábio biselado e assente em fundos plano raso. Possui pega em botão, de dimensões reduzidas, de forma cilíndrica e semicircular no topo, localizada ao centro da peça. Peça torta. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Pasta: Hue Castanho Avermelhado 5 YR 4/3. Altura: variável. Ø bordo: 16,5 cm. Ø fundo: 5,6 cm.

Variante D

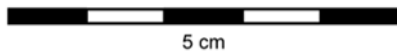
LOL16SEISD11 [1123] – 04



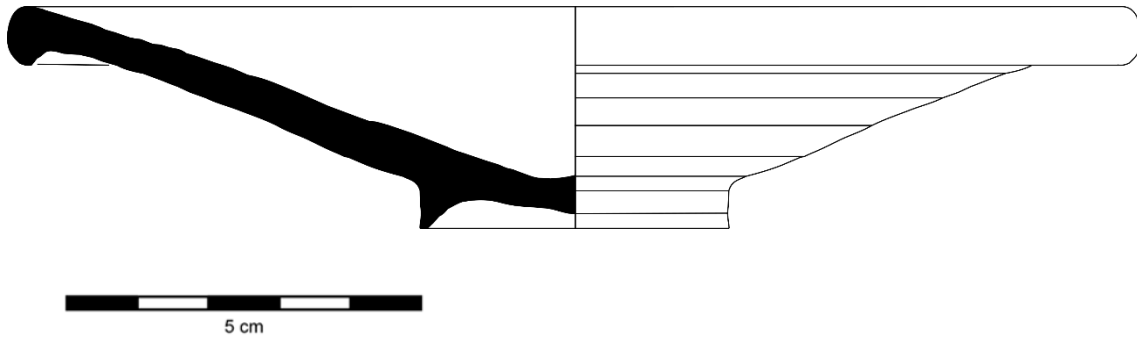
Descrição: Testo, variante D. Peça completa, de forma troncocónica, terminada em bordo de secção biselada de orientação sub-horizontal em aba. Assente em fundo plano, dotada de uma pega em “botão” no centro da peça, na superfície interior desta, de secção semicircular. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Cerâmica fina. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 1,5 cm. Ø bordo: 8 cm. Ø fundo: 4,2 cm.

Variante E

LOL16SEISD11 [1129] -22



Descrição: Testo, variante E. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido, de lábio em aba e secção semicircular, espessada externamente. Assenta em pé anelar elevado. Superfície interna com engobe vermelho e brunimento. Pasta: Hue Cinzento Claro 7.5 YR 7/1. Altura: 5,3 cm. Ø bordo: 24,1 cm. Ø fundo: 7,7 cm.

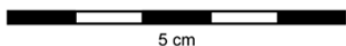
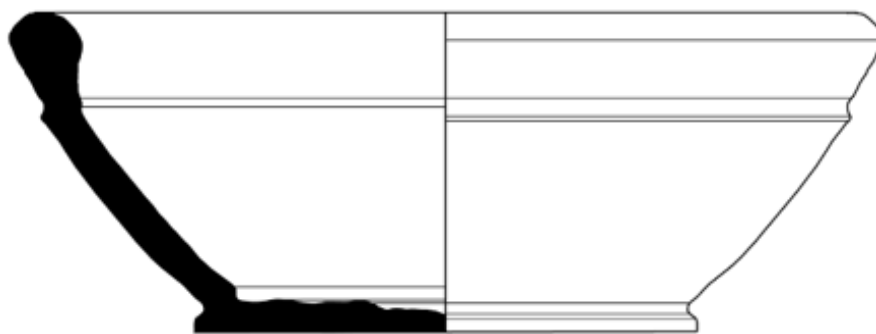


Descrição: Testo, variante E. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido, de lábio em aba e secção semicircular, espessada externamente. Assenta em pé anelar elevado. Superfície interna com engobe vermelho e brunimento. Pasta: Hue Amarelo Avermelhado 5 YR 6/8. Altura: 5,1 cm. Ø bordo: 22,3 cm. Ø fundo: 6,9 cm.

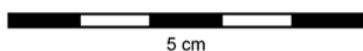
XX. Tigela

Variante A

LOL16SEISD11 [1127] – 239 / [1128] – 69



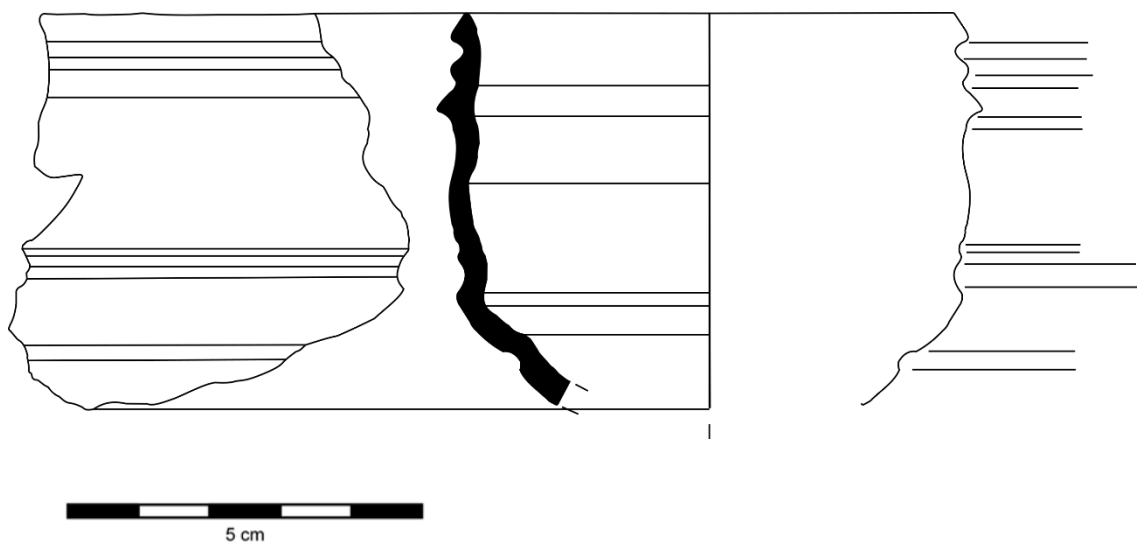
Descrição: Tigela, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo boleado, espessado ligeiramente para a superfície interior, e de lábio de secção semicircular. Assente em fundo plano, em bolacha, ligeiramente elevado. Superfície interna decorada com engobe vermelho e brunimento. Peça Instável. Pasta: Hue Castanho Avermelhado 2.5 YR 5/4. Altura: 5,5. Ø bordo: 17,2 cm. Ø fundo: 9 cm.



Descrição: Tigela, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo boleado, espessado ligeiramente para a superfície interior, e de lábio de secção semicircular. Assente em fundo plano, em bolacha, ligeiramente elevado. Superfície interna decorada com engobe vermelho e brunimento. Peça Instável. Pasta: Hue Castanho Avermelhado Claro 2.5 YR 6/4. Altura Máxima: 5,9. Ø bordo: 16 cm. Ø fundo: 8,2 cm.

Variante B

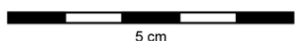
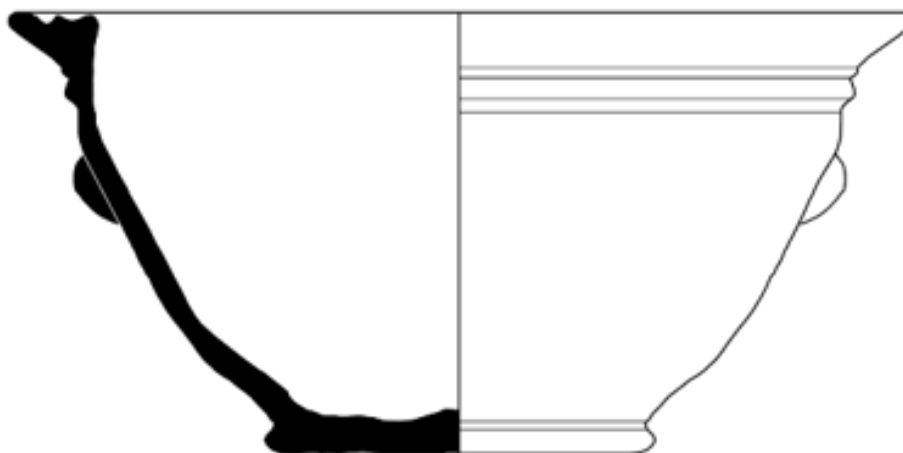
LOL16SEISD11[1107] – 847



Descrição: Tigela, variante B. Fragmento de bordo, de forma troncocónica, terminada em bordo de orientação vertical e lábio biselado. Bastante decorada, com caneluras verticais na superfície interna e externa, múltiplas linhas incisadas de orientação horizontal próximo do bordo e dispersas pelo bojo e próximo do fundo da peça. Presença de arranque de asa de orientação horizontal. Superfície interna decorada com engobe vermelho. Cerâmica Modelada. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 6,6. Ø bordo: 8 cm.

Variante C

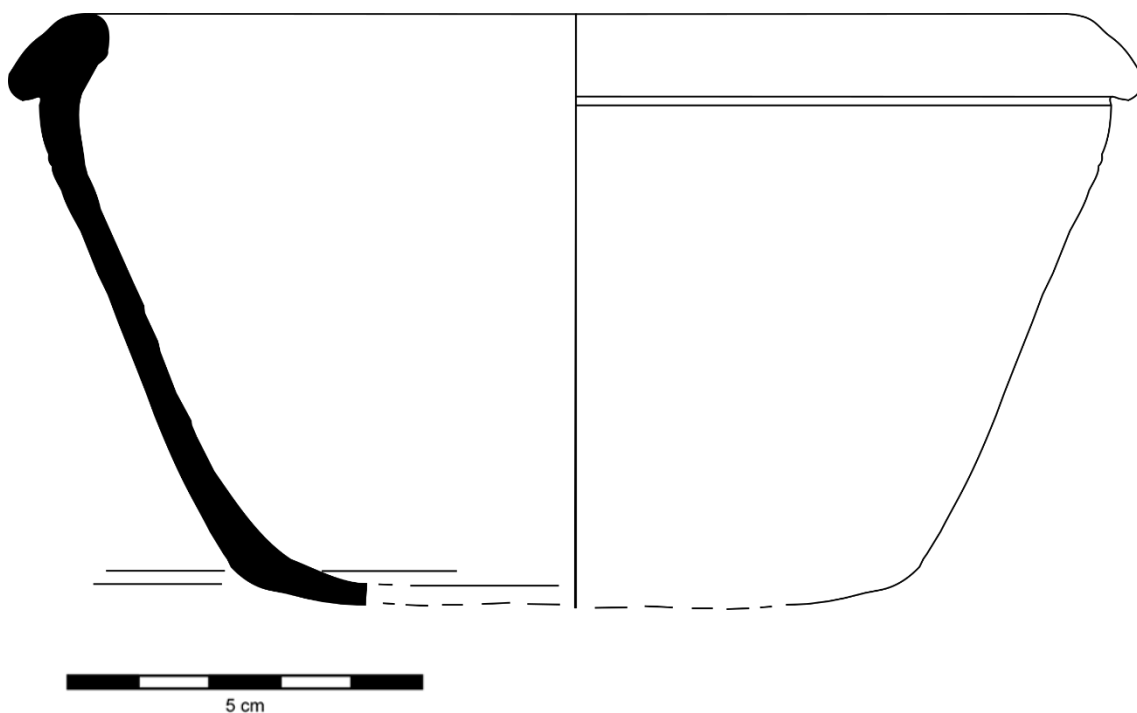
LOL16SEISD11[1123] – 155



Descrição: Tigela, variante C. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido e de lábio de perfil triangular. Assente em fundo plano, em bolacha. Profusamente decorada, com engobe vermelho, múltiplas caneluras/ondulações de orientação vertical na superfície interna e externa da peça, três linhas incisas de orientação horizontal, duas junto do bordo e uma junto do fundo da peça. Arranque de uma asa, de orientação horizontal, localizado a meio do bojo da peça, na superfície externa. Cerâmica Modelada Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 6,8. Ø bordo: 14 cm. Ø fundo: 5,8 cm.

Variante D

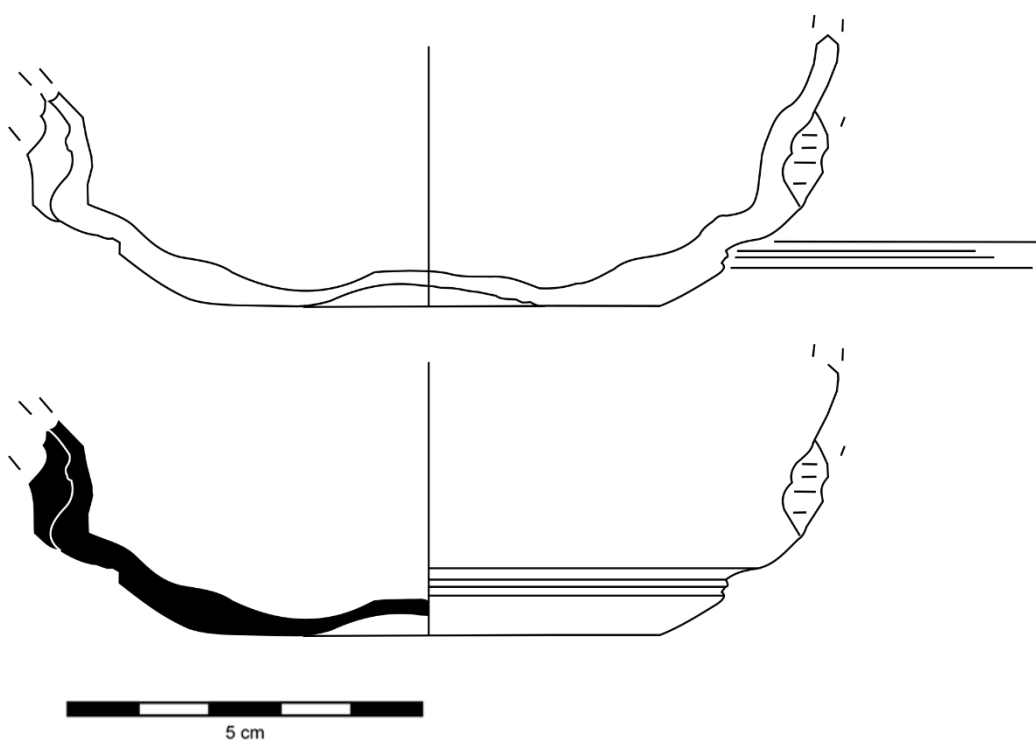
LOL16SEISD11[1108] 22 / [1107] – 533



Descrição: Tigela, variante D. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido e de lábio de perfil semicircular, espessado exteriormente e interiormente. Assente em fundo plano instável, sendo este bastante convexo. Superfícies sem tratamento. Cerâmica Modelada. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 9,2. Ø bordo: 17,2 cm. Ø fundo: 9,6 cm.

Variante E

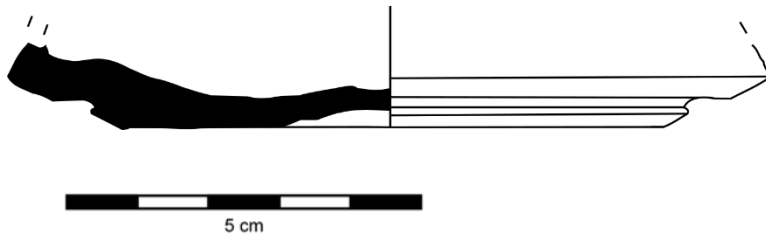
LOL16SEISD11[1123] – 206



Descrição: Tigela, variante E. Fragmento de fundo, de forma troncocónica, assente em fundo plano destacado e ligeiramente espessado, mais reduzido que o diâmetro do bojo da peça, ligeiramente concavo próximo do centro da peça. Dois arranques de asa colados junto ao fundo, sugerindo que as asas seriam orientadas verticalmente. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Cerâmica Modelada. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Ø fundo: 9,9 cm.

Variante F

LOL16SEISD11 [1128] – 087



Descrição: Tigela, variante F. Fragmento de fundo, sugerindo forma troncocónica, assente em fundo em bolacha destacado e ligeiramente espessado, de diâmetro mais reduzido que o diâmetro de bordo. Superfície interna e externa com engobe vermelho. Cerâmica Modelada. Pasta: Hue Amarelo Avermelhado 5 YR 6/6. Ø fundo: 7,2 cm.

B) Cerâmica de barro claro não vidrado

I. Boião

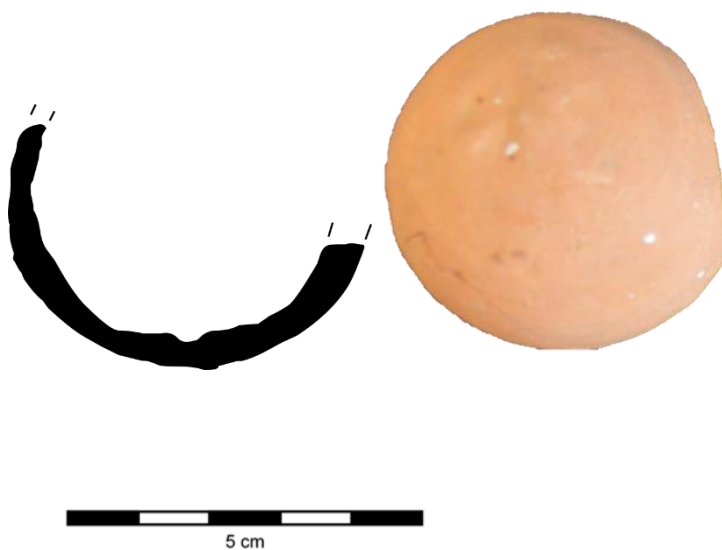
LOL16SEISD11 [1102] – 37



Descrição: Boião, Fragmento de Bojo, perfil globular e de interior oco. Peça em biscoito.

Pasta: Hue Amarelo Pálido 2.5 Y 8/2. Ø bojo: 4,6 cm.

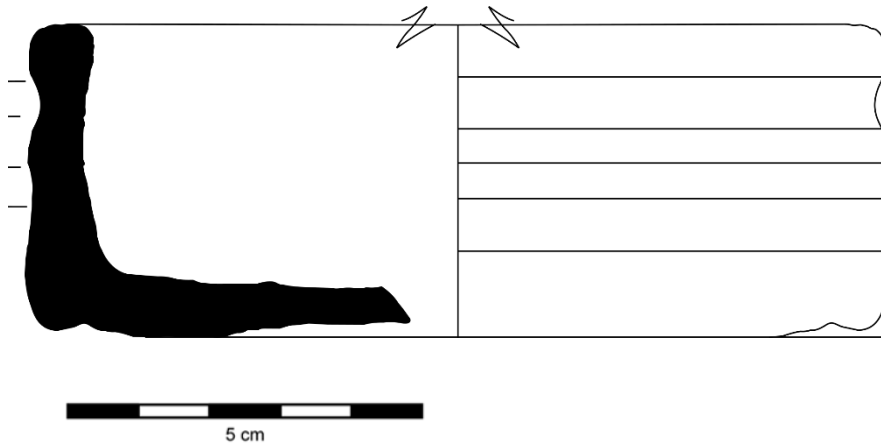
LOL16SEISD11 [1102] – 38



Descrição: Boião, Fragmento de Bojo, perfil globular e de interior oco. Indícios de alisamento da superfície externa. Pasta: Hue Vermelho Amarelado 2.5 YR 5/6. Altura: 4 cm. Ø bojo: 4,8 cm.

II. Caixa Refratária Variante A

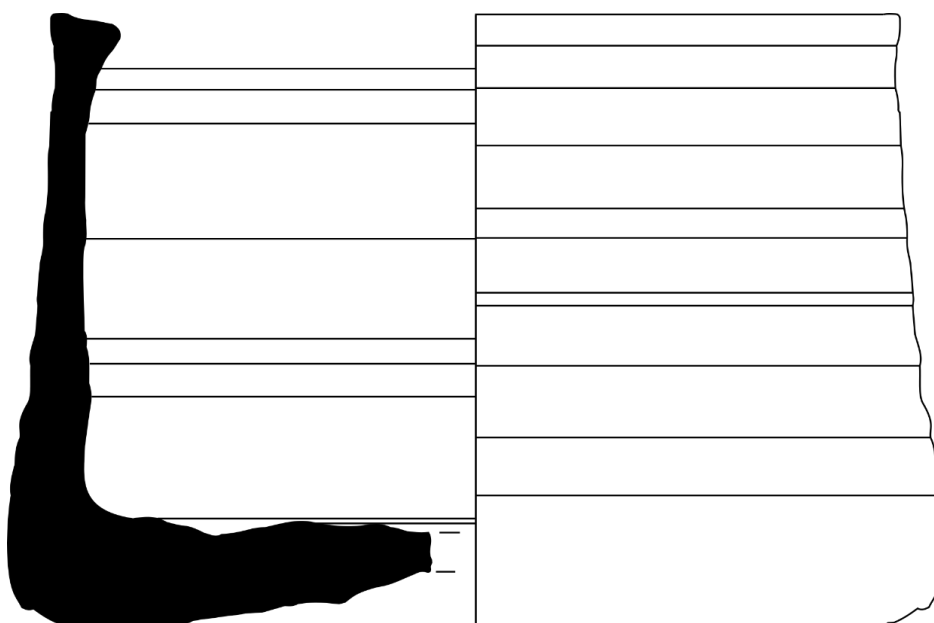
LOL16SEISD11 [1104] – 37



Descrição: Caixa Refratária, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminando em bordo de secção semicircular, de orientação vertical. De paredes baixas, apresenta caneluras horizontais em torno da superfície externa, assentando em fundo plano. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3. Ø bordo: 24 cm. Ø fundo: 24 cm.

Variante B

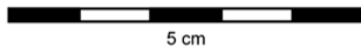
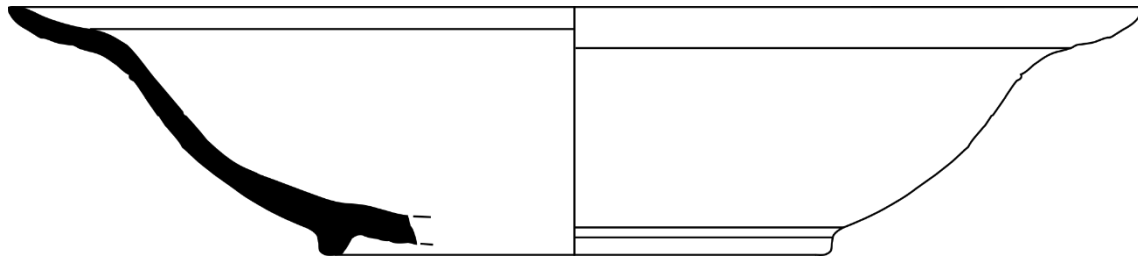
LOL16SEISD11 [1104] – 38



Descrição: Caixa Refratária, variante B. Perfil completo, de forma troncocónica, terminando em bordo plano, de orientação vertical. Peça de paredes altas e diâmetro reduzido, assenta em fundo plano, com ligeiro desvio concavo próximo do centro do fundo. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 9,4. Ø bordo: 6,9 cm. Ø fundo: 7,1 cm.

III. Prato
Variante A

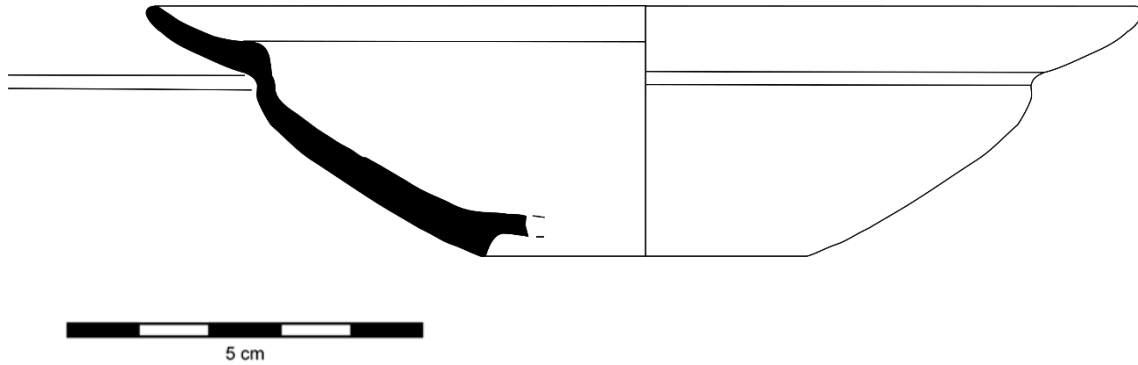
LOL16SEISD11 [1104] – 06



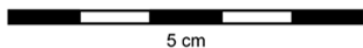
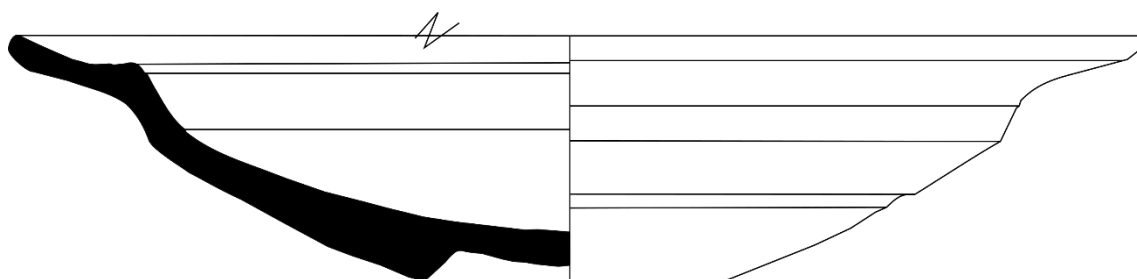
Descrição: Prato, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo em aba, sendo esta de pequena dimensão e de lábio de orientação sub horizontal, de secção semicircular, paredes obliquas e ressalto no interior. Assente em pé anelar baixo, ligeiramente convexo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3,5 cm. Ø bordo: 15 cm. Ø fundo: 6,8 cm.

Variante B

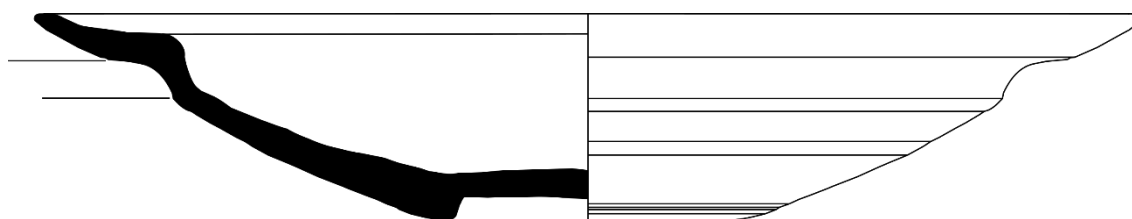
LOL16SEISD11 [1104] – 1



Descrição: Prato, variante B. Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio de orientação sub-horizontal em aba côncava, de secção semicircular. Assente em fundo com caldeira externa/ fundo em ônfalo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3,9 cm. Ø bordo: 21 cm. Ø fundo: 5,1 cm.



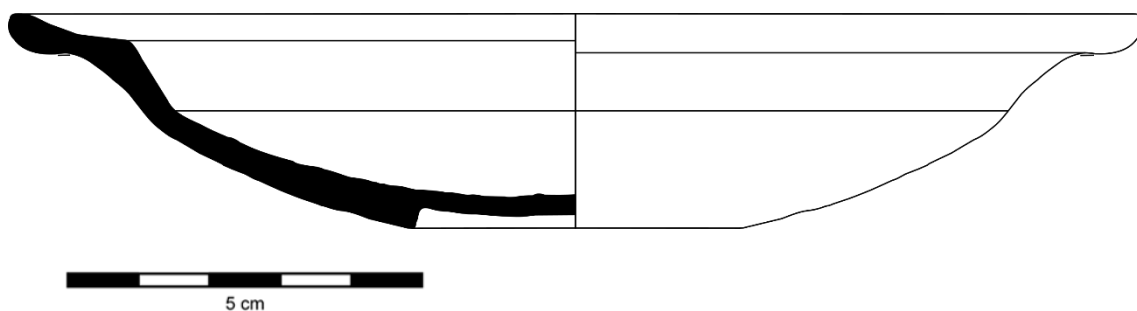
Descrição: Prato, variante B. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo em aba, de pequena dimensão. De lábio de orientação sub horizontal, de secção semicircular, paredes obliquas e ressalto no interior. Assente em pé anelar baixo, ligeiramente convexo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 4,7 cm. Ø bordo: 21,4 cm. Ø fundo: 4,6 cm.



Descrição: Prato, variante B. Peça completa, de perfil troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio de orientação sub-horizontal em aba côncava, de secção semicircular. Assente em fundo com caldeira externa/ fundo em ônfalo. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 4,7 cm. Ø bordo: 20,4 cm. Ø fundo: 6,8 cm.



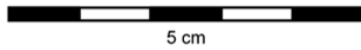
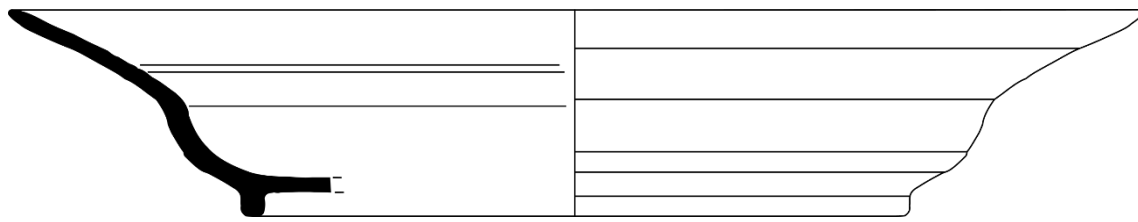
Descrição: Prato, variante B. Peça completa, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido, em aba, de lábio de orientação sub horizontal, de secção semicircular. Assente em fundo com caldeira, ligeiramente concavo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Amarelo Pálido 2.5 Y 8/2. Altura: 4,8 cm. Ø bordo: 22 cm. Ø fundo: 4,9 cm.



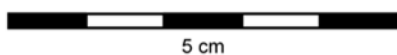
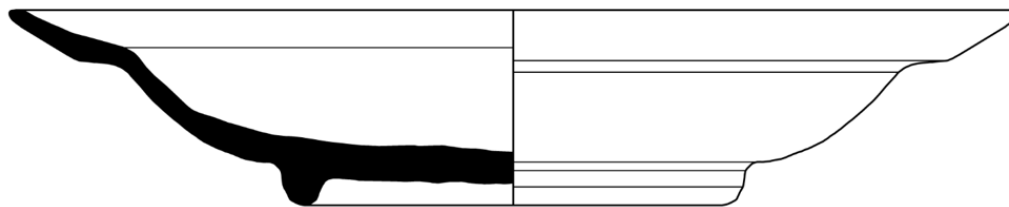
Descrição: Prato, variante B. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido, em aba, de lábio de orientação sub horizontal, de secção semicircular. Assente em fundo com caldeira, ligeiramente concavo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Rosa 7.5 YR 8/4. Altura: 4,2 cm. Ø bordo: 21 cm. Ø fundo: 5,9 cm.

Variante C

LOL16SEISD11 [1104] – 07



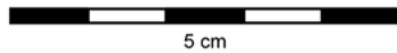
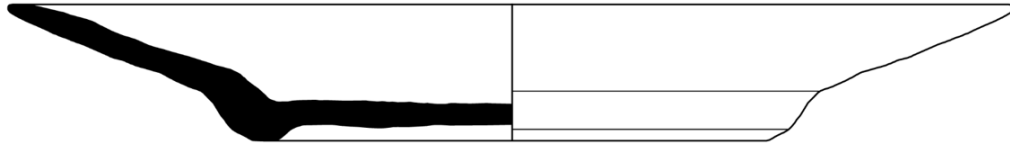
Descrição: Prato, variante C. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido, em aba, de lábio de orientação sub-horizontal e secção semicircular. Assente em fundo anelar baixo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3,7 cm. Ø bordo: 20,2 cm. Ø fundo: 12 cm.



Descrição: Prato, variante C. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo exvertido, em aba, de lábio de orientação sub-horizontal e secção semicircular. Assente em fundo anelar baixo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3,1 cm. Ø bordo: 15,1 cm. Ø fundo: 6,8 cm.

Variante D

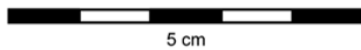
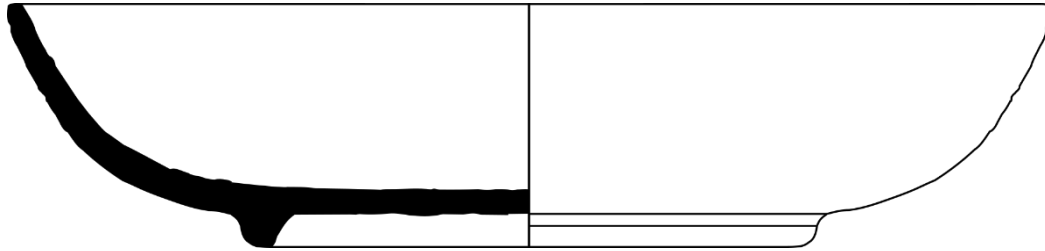
LOL16SEISD11 [1103] – 02



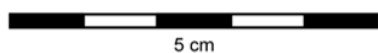
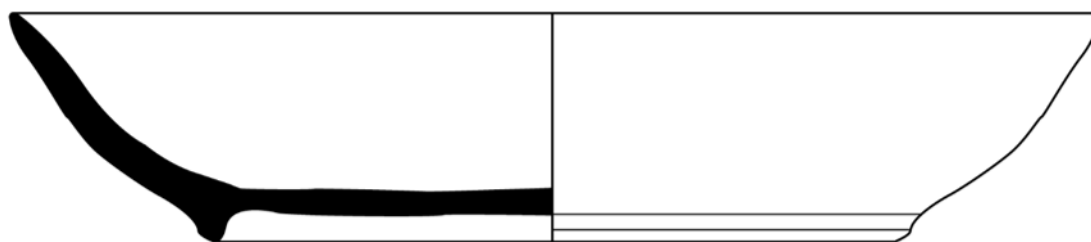
Descrição: Prato, variante D. Perfil completo, de perfil troncocónico, terminado em bordo exvertido. De lábio de orientação sub-vertical em aba e secção semicircular. Assente em fundo anelar baixo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Rosa 5 YR 7/4. Altura: 2,7 cm. Ø bordo: 22,8 cm. Ø fundo: 14,4 cm.

Variante E

LOL16SEISD11 [1104] – 005



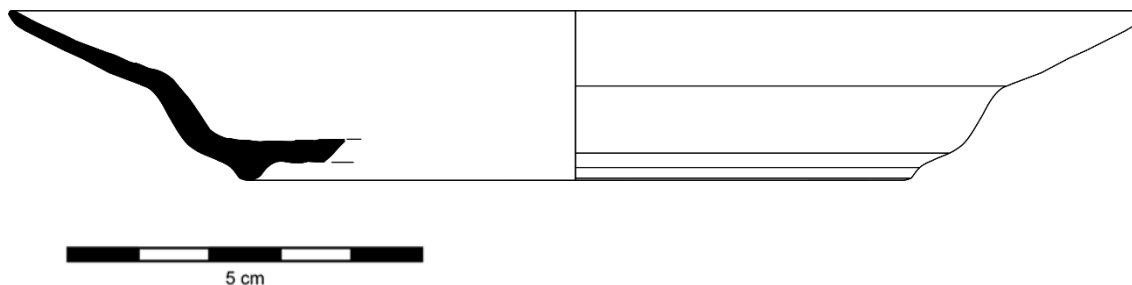
Descrição: Prato, variante E. Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio de orientação sub-vertical em aba larga. Lábio de secção semicircular, sendo que a peça assenta em pé anelar baixo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3,4 cm. Ø bordo: 13,6 cm. Ø fundo: 7,1 cm.



Descrição: Prato, variante E. Peça completa, de perfil troncocónico, terminado em bordo vertical, ligeiramente exvertido e de lábio de secção semicircular. Assente em pé anelar raso. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 2,9 cm. Ø bordo: 14 cm. Ø fundo: 9,3 cm.

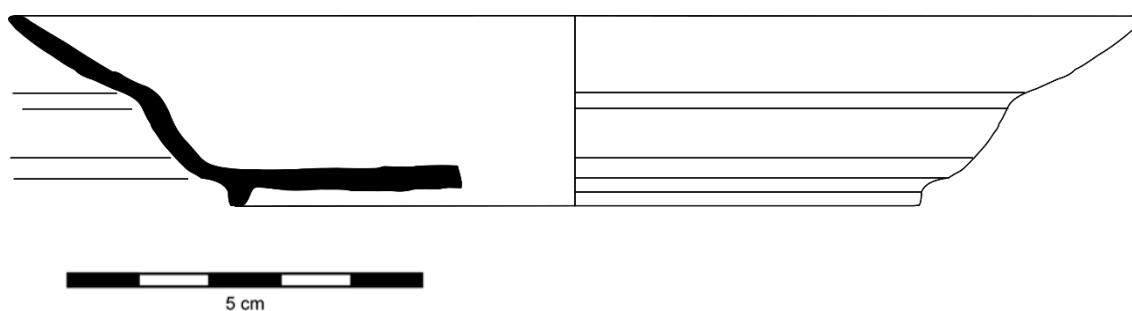
Variante F

LOL16SEISD11 [1123] -46 / [1109] - 24 / [1121] - 20



Descrição: Prato, variante F. Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio de orientação sub-vertical em aba larga. Lábio de secção semicircular, sendo que a peça assenta em pé anelar baixo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 3,7 cm. Ø bordo: 22,6 cm. Ø fundo: 13,5 cm.

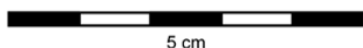
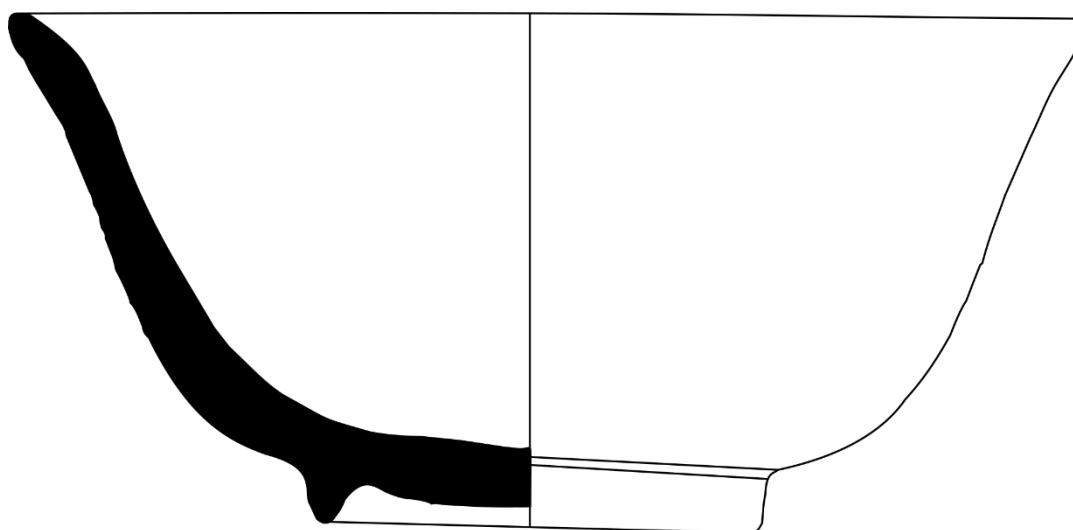
LOL16SEISD11 [1127] - 38 / [1108] - 24 / [1104] - 9 / [1103] - 83



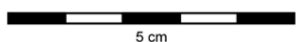
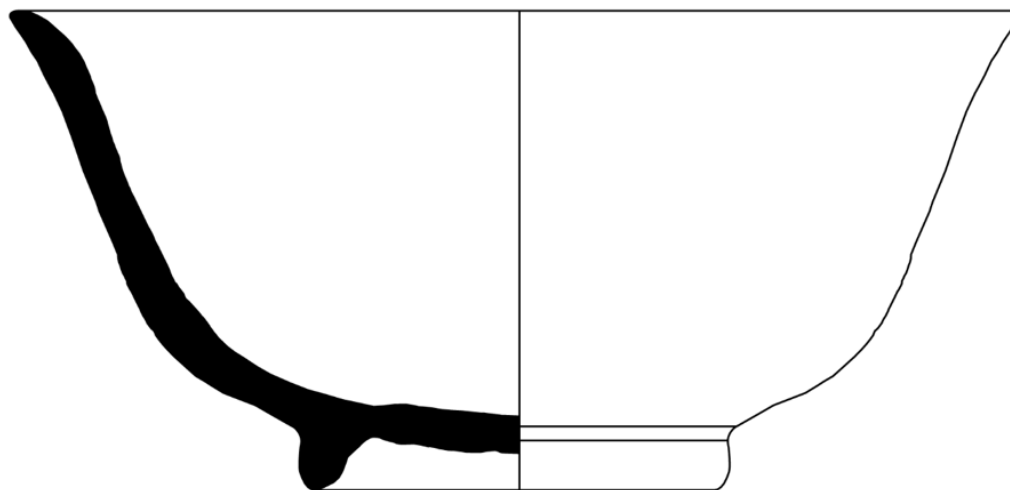
Descrição: Prato, variante F. Perfil completo, troncocónico, terminado em bordo exvertido, de lábio de orientação sub-vertical em aba larga. Lábio de secção semicircular, sendo que a peça assenta em pé anelar baixo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Vermelho 2.5 YR 4/6. Altura: 3,5 cm. Ø bordo: 10,6 cm. Ø fundo: 13 cm.

IV. Tigela
Variante A

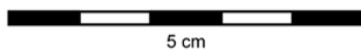
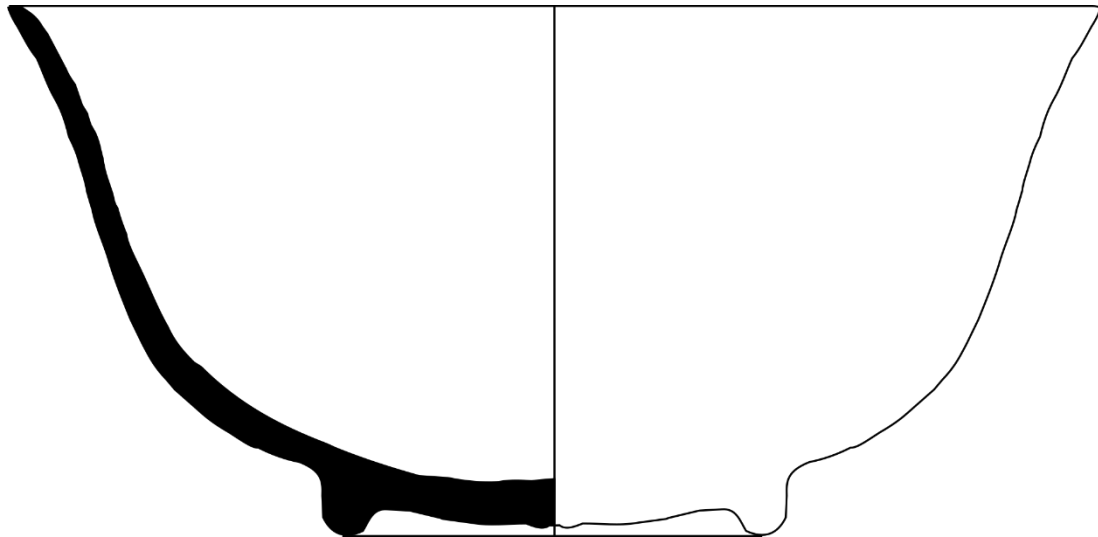
LOL16SEISD11 [1123] - 35 / [1127] - 65



Descrição: Tigela, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo ligeiramente exvertido, lábio biselado, também ligeiramente exvertido. Paredes relativamente finas, assente em fundo anelar, ligeiramente convexo ao centro do fundo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 6/6. Altura: 7 cm. Ø bordo: 14,2 cm. Ø fundo: 6,1 cm.



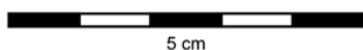
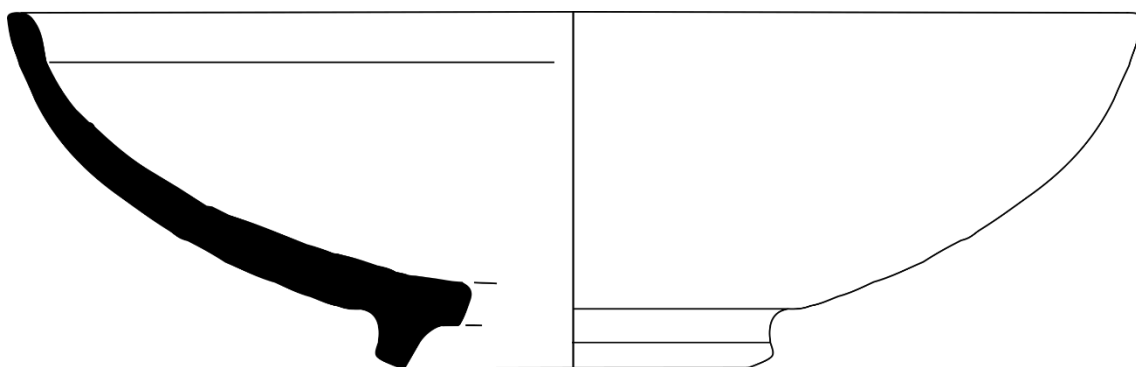
Descrição: Tigela, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo ligeiramente exvertido, lábio biselado, também ligeiramente exvertido. Paredes relativamente finas, assente em fundo anelar, ligeiramente convexo ao centro do fundo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 6/6. Altura: 6,7 cm. Ø bordo: 14 cm. Ø fundo: 6,4 cm.



Descrição: Tigela, variante A. Perfil completo, de forma troncocónica, terminada em bordo ligeiramente exvertido, lábio biselado, também ligeiramente exvertido. Paredes relativamente finas, assente em fundo anelar, ligeiramente convexo ao centro do fundo. Peça em biscoito. Pasta: Hue Vermelho Claro 2.5 YR 6/6. Altura: 6,8 cm. Ø bordo: 14,4 cm. Ø fundo: 6,1 cm.

Variante B

LOL16SEISD11[1104] – 08



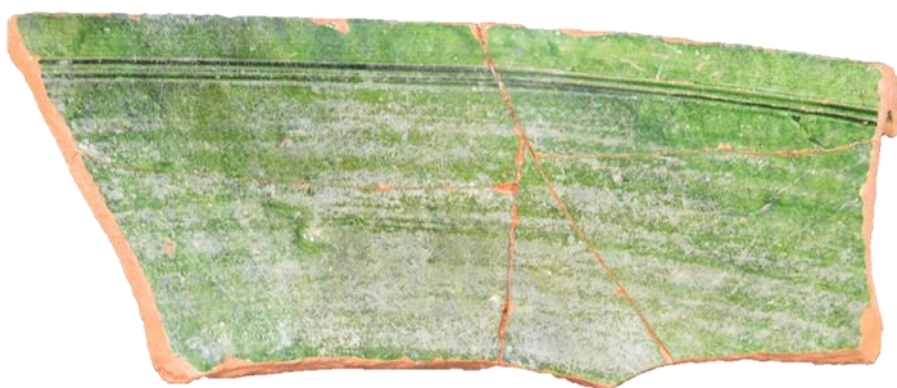
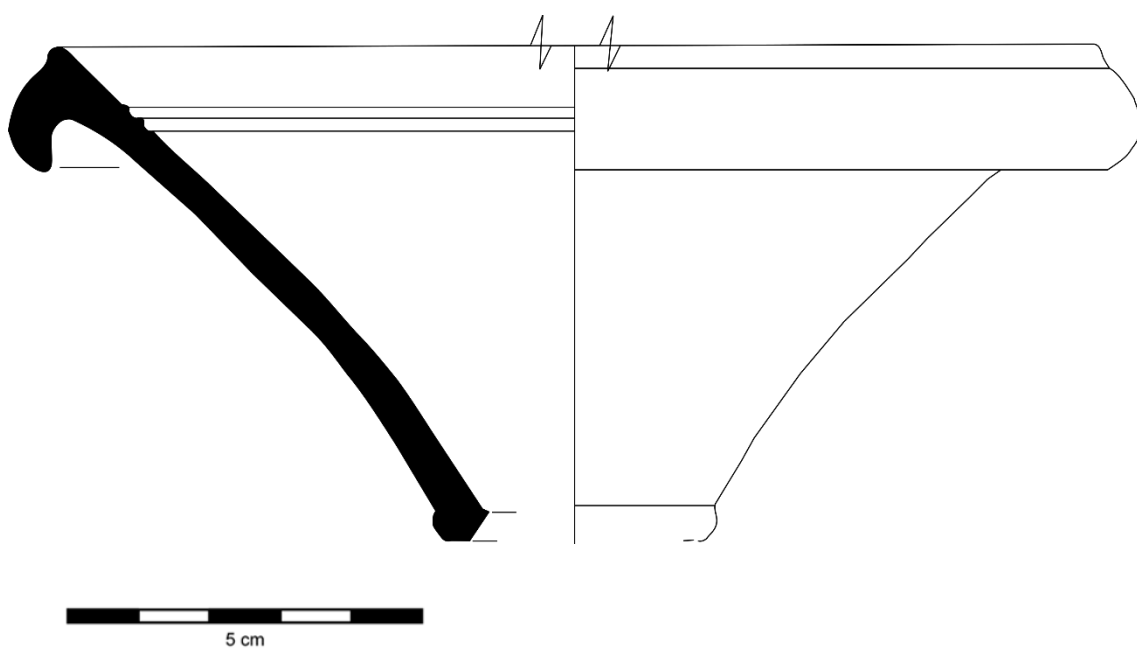
Descrição: Tigela, variante B. Perfil completo, de forma troncocónica, semelhante à variante A, marcadamente mais aberta e mais baixa, terminando em lábio de perfil semicircular, ligeiramente espessado para o interior. Assente em fundo anelar. Peça em biscoito. Pasta: Hue Cinzento Rosado 7.5 YR 7/2. Altura: 5,6 cm. Ø bordo: 18 cm. Ø fundo: 7 cm.

C) As cerâmicas de barro vermelho vidradas

I. Alguidares

Variante A

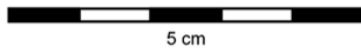
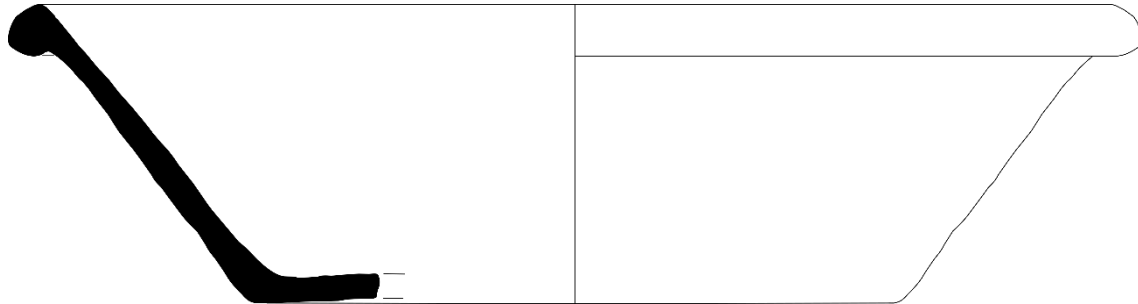
LOL16SEISD11 [1129] – 45



Descrição: Alguidar vidrado, variante A. Perfil completo, de perfil troncocónico, terminado em bordo exvertido, de aba biselada. Assente em fundo plano. Superfície interna com vidrado de cor verde Pasta: Hue Vermelho 2.5 YR 5/8. Altura: 10,4 cm. Ø bordo: 24 cm. Ø fundo: 14 cm.

Variante B

LOL16SEISD11 [1102] – 25 / [1127] – 327

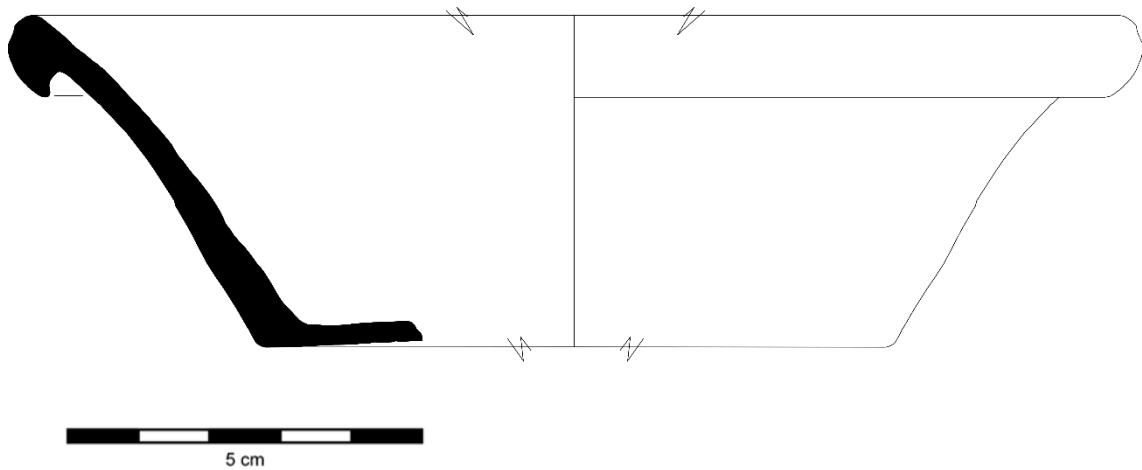


Descrição: Alguidar vidrado, variante B. Perfil completo, de perfil troncocónico, terminado em bordo exvertido, de aba boleada e de secção circular. Assente em fundo plano. Decoração na superfície interna de vidrado melado, e na superfície externa engobe de cor negra/castanha escura. Pasta: Hue Vermelho 2.5 YR 5/8. Altura: 9,5 cm. Ø bordo: 39 cm. Ø fundo: 22 cm.

D) As cerâmicas de barro claro vidradas

I. Alguidares

LOL16SEISD11 [1129] – 59

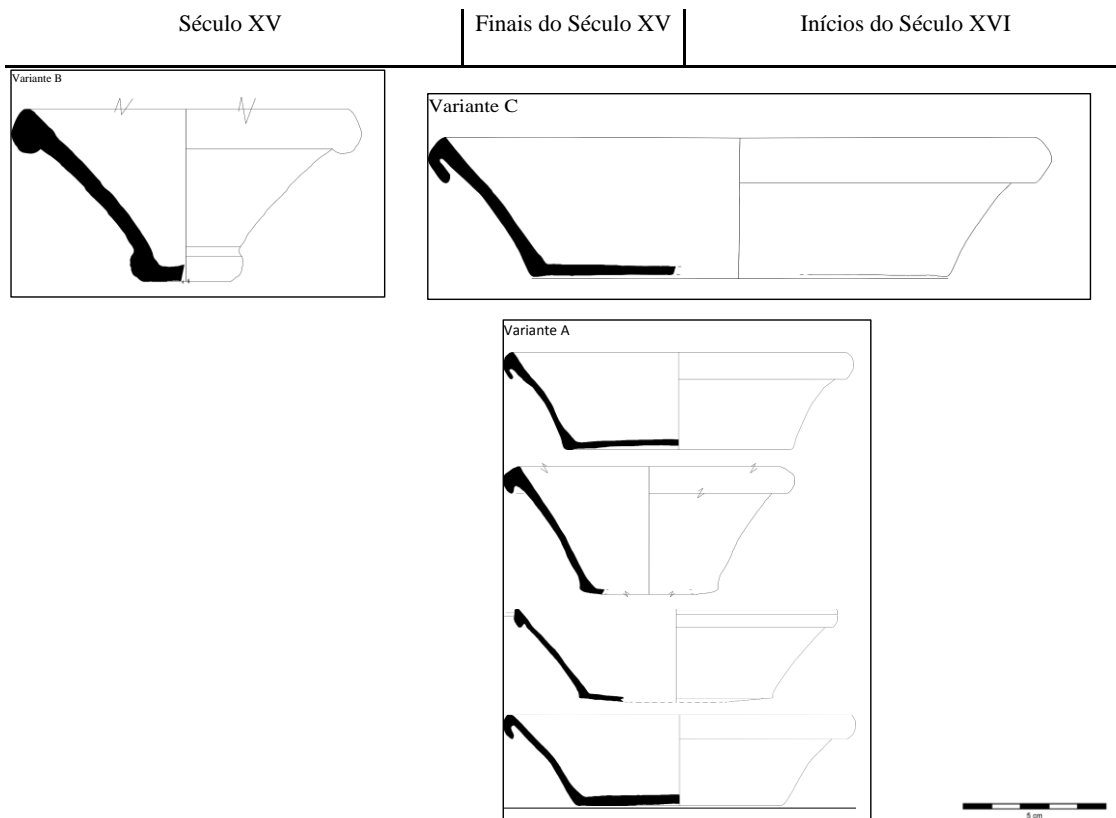


Descrição: Perfil completo, de perfil troncocónico, terminado em bordo exvertido em aba, espessado e revirado para o exterior, de perfil semicircular. Assente em fundo plano, vidrado de cor verde, na superfície interna, e pequenas evidências do mesmo vidrado na superfície exterior. Decoração em corda seca na superfície exterior do bordo. Cerâmica de Importação, Sevilhana. Pasta: Hue Rosa 5 YR 8/4. Altura: 13,5 cm. Ø bordo: 72 cm. Ø fundo: 54 cm.

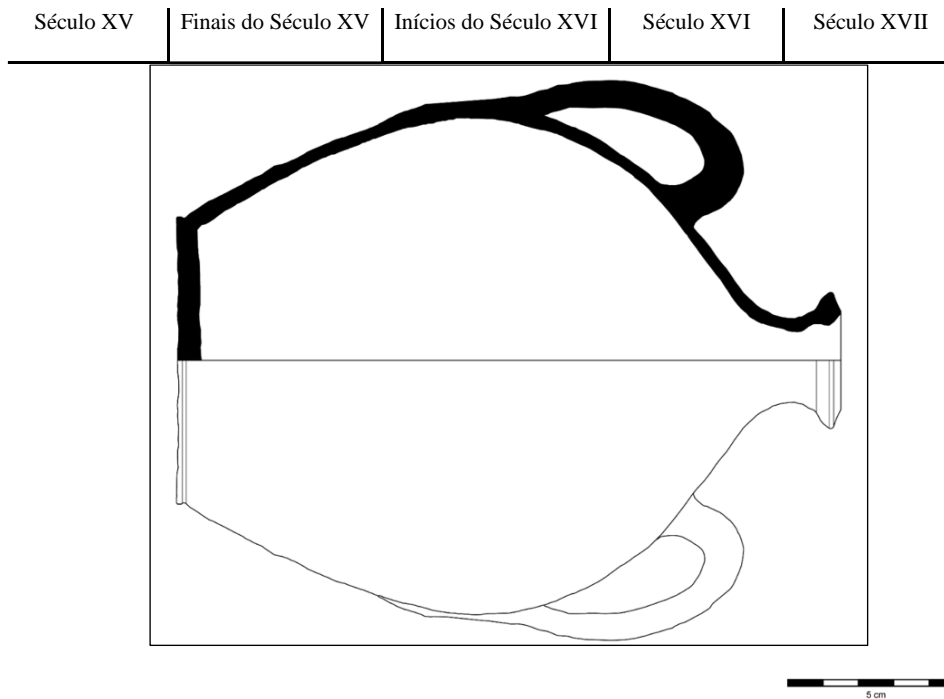
VII. Apêndice G : Tabelas das variantes e paralelos cronológicos detetados

A) Cerâmica de barro vermelho não vidrada

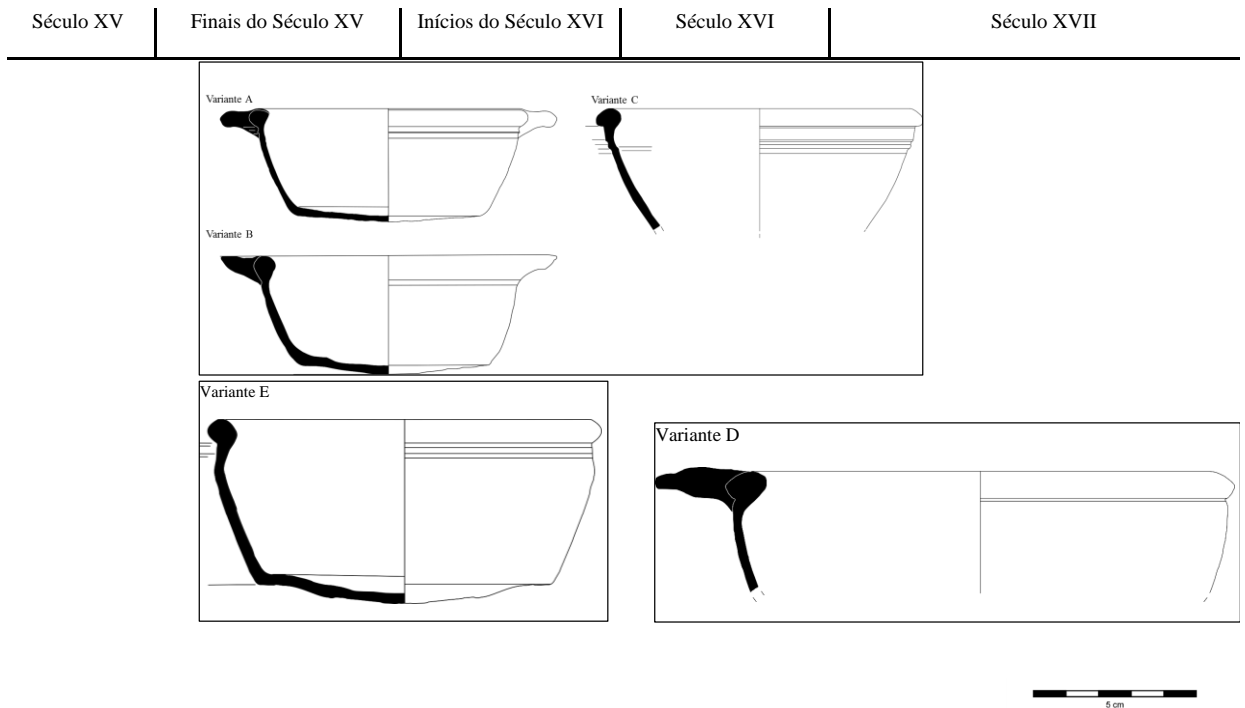
I. Alguidares



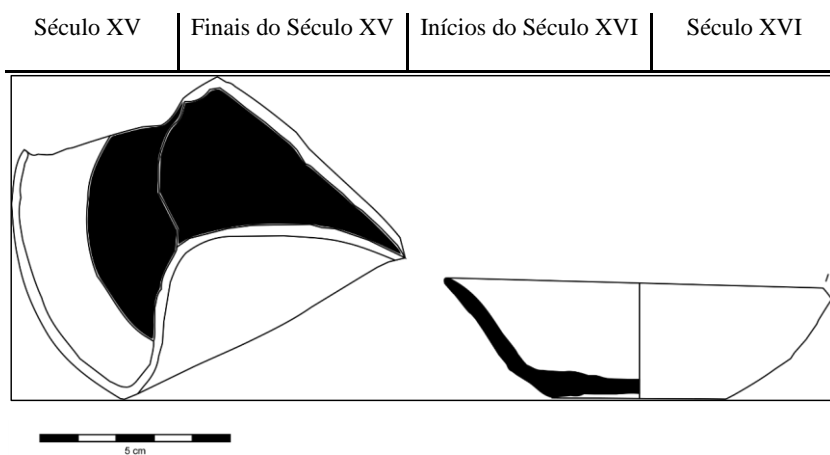
II. Bilha



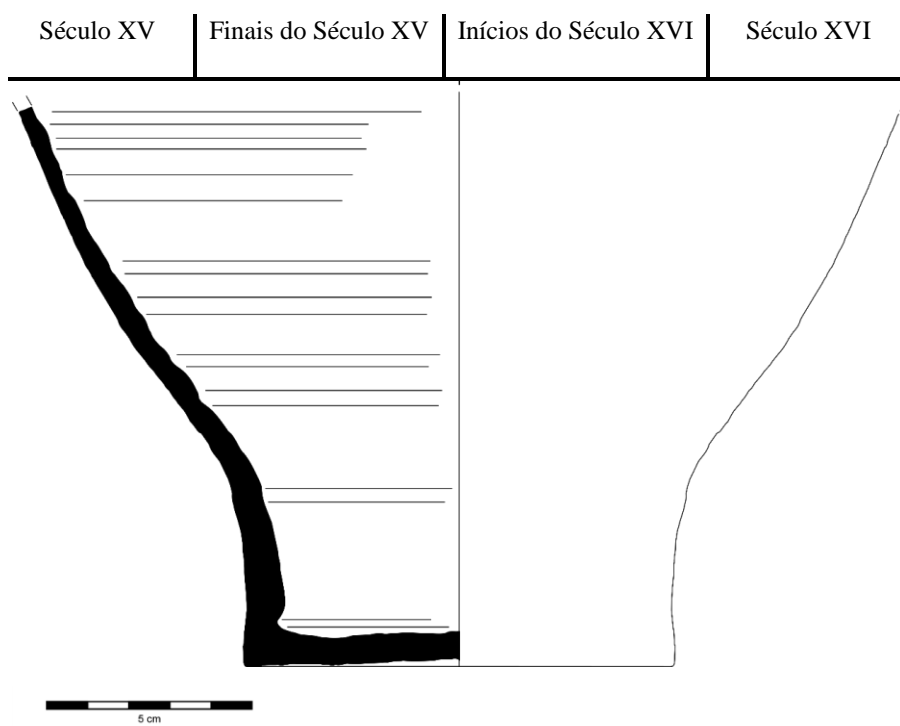
III. Caçoilas



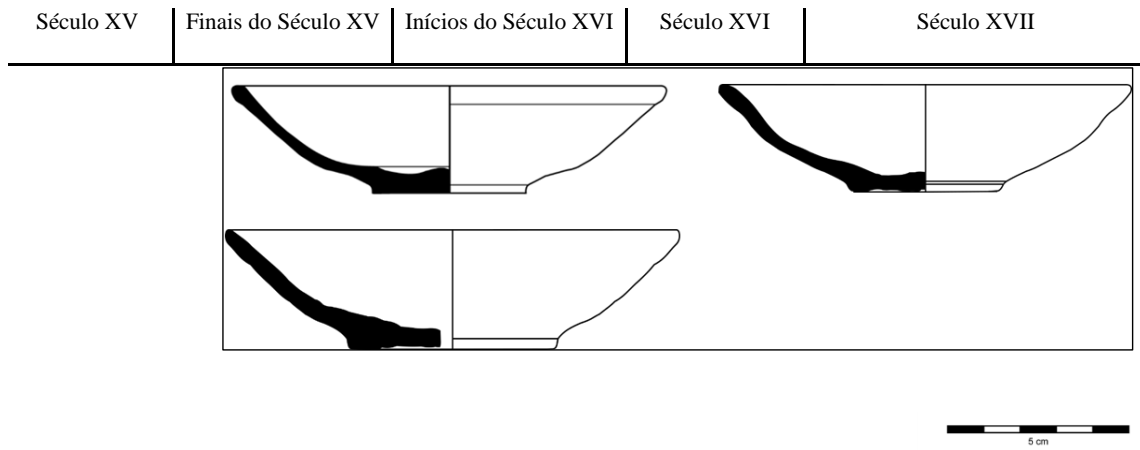
IV. Candeias



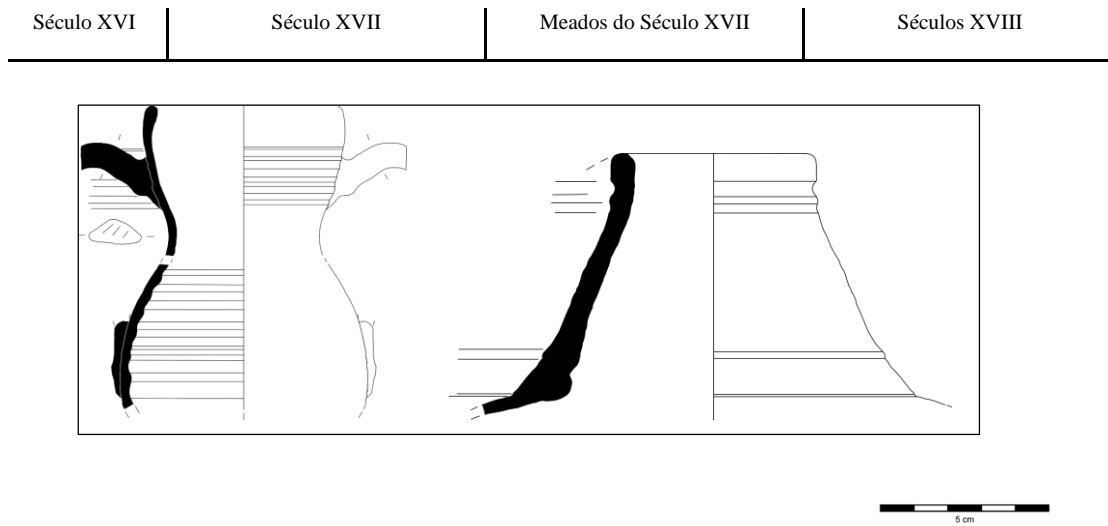
V. Cântaros



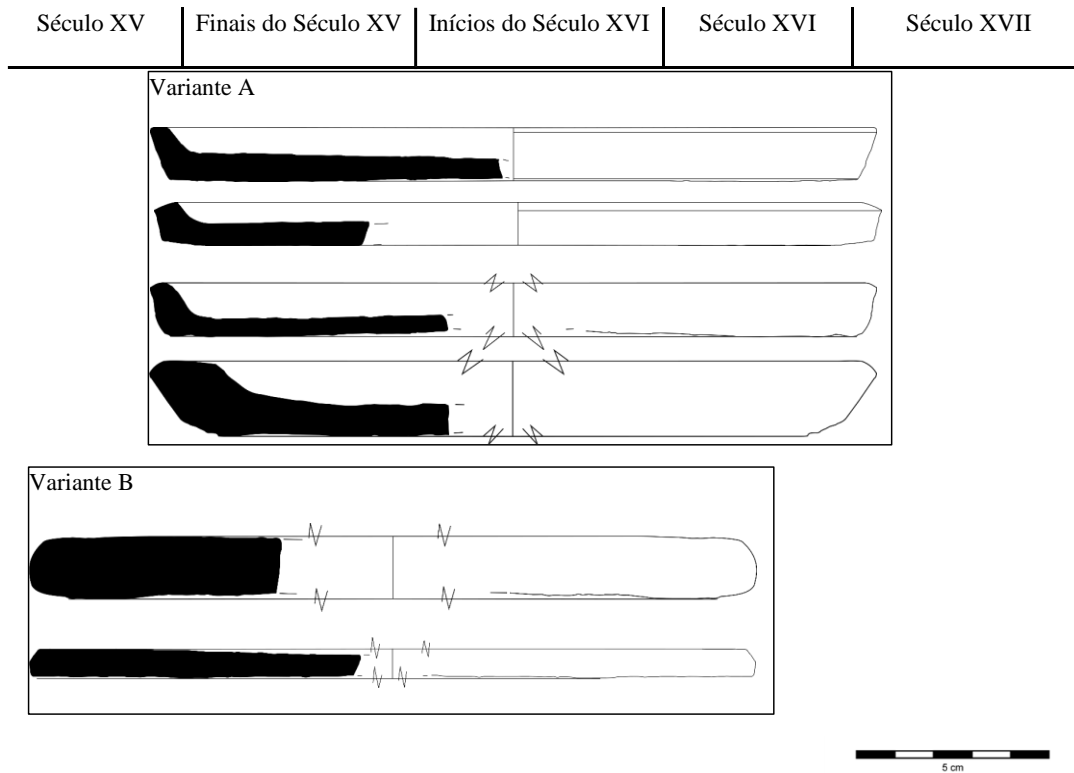
VI. Especieiros



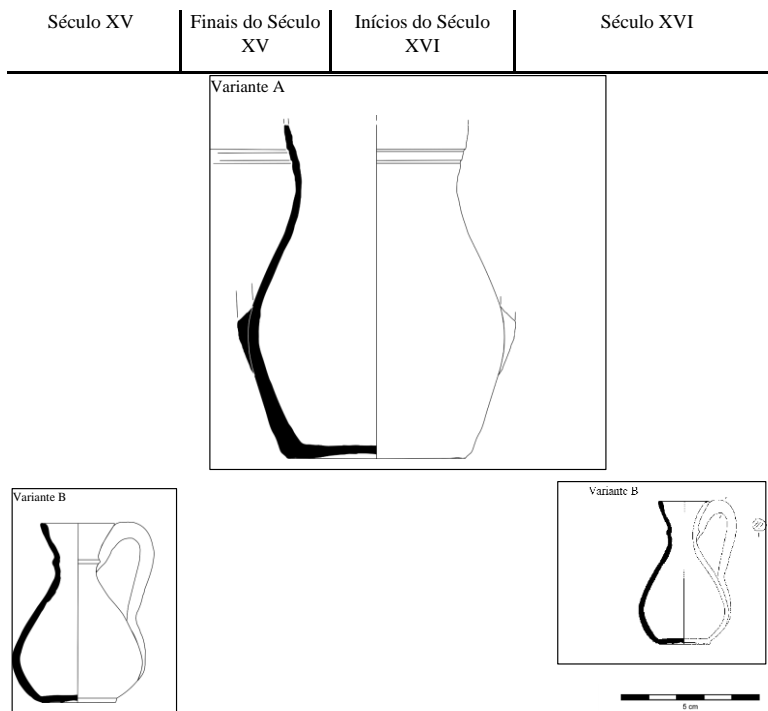
VII. Fogareiro



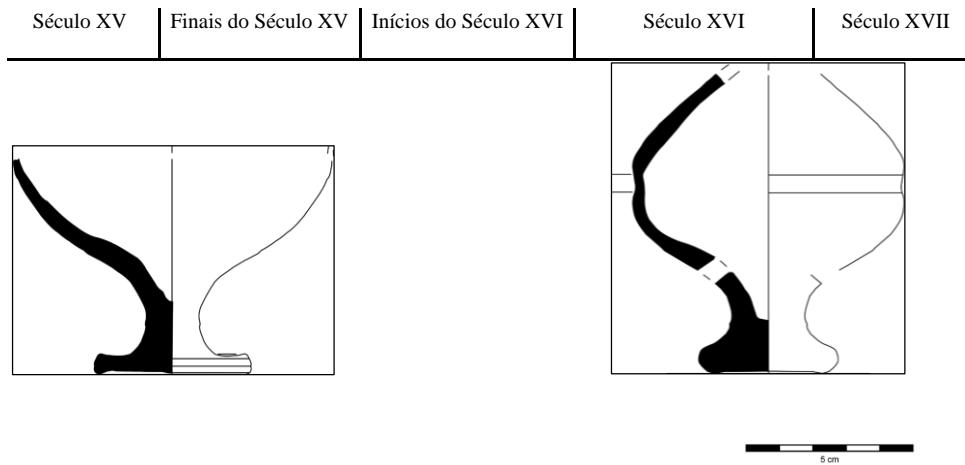
VIII. Formas



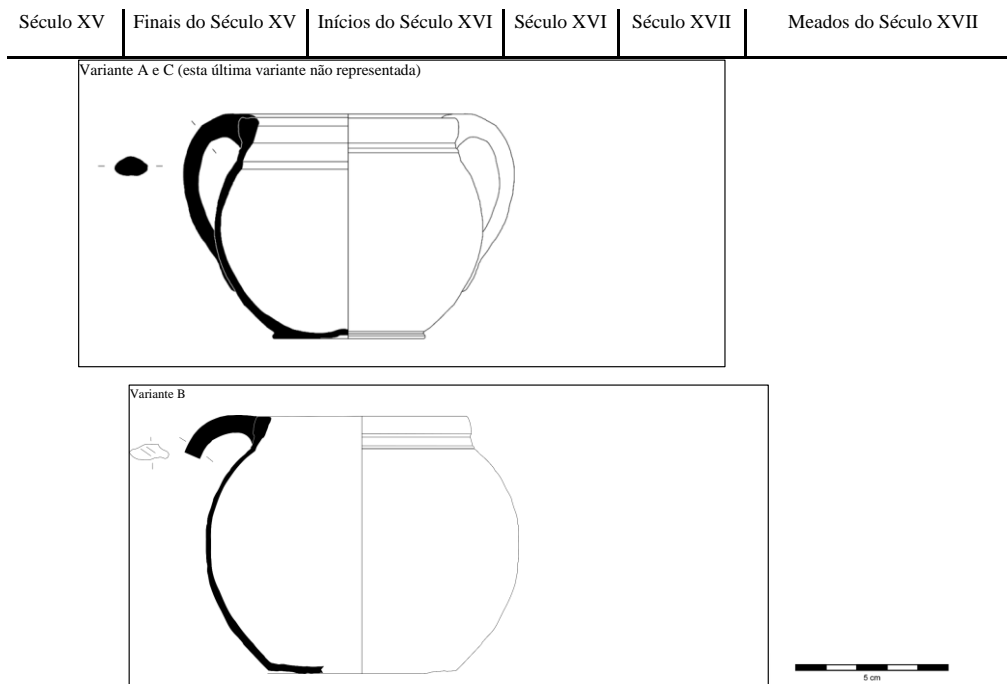
IX. Infusa



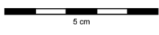
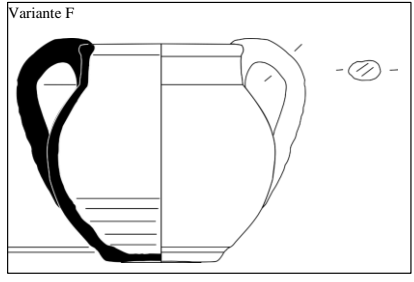
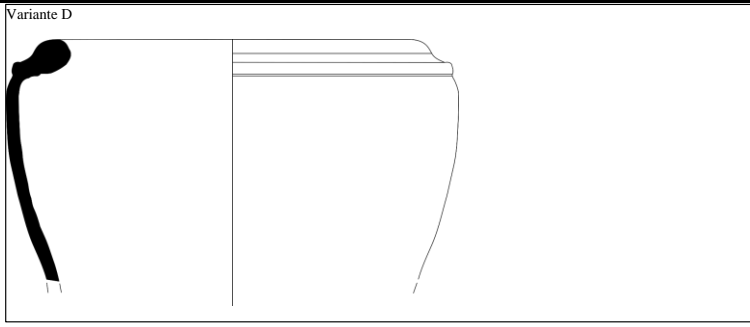
X. Mealheiro



XI. Panelas

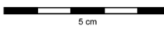
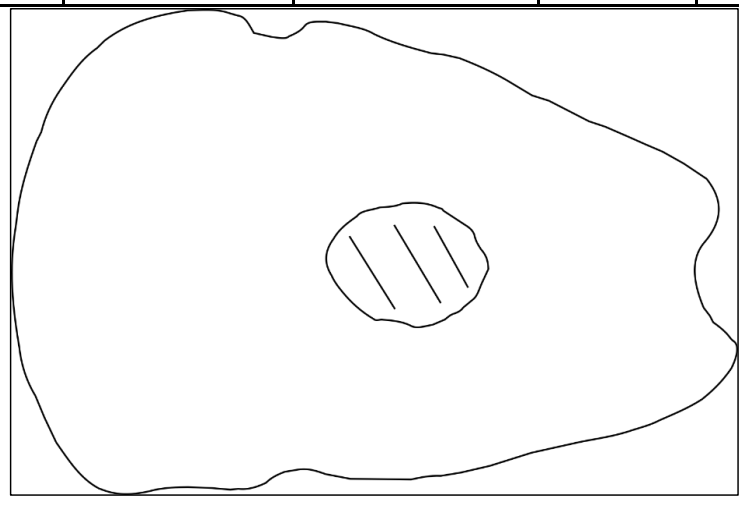


Século XV	Finais do Século XV	Inícios do Século XVI	Século XVI	Século XVII
-----------	---------------------	-----------------------	------------	-------------



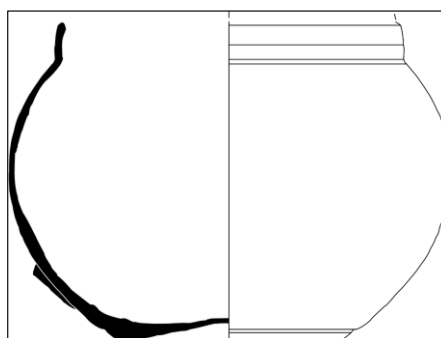
XII. Peso de Tear

Século XV	Finais do Século XV	Inícios do Século XVI	Século XVI	Século XVII
-----------	---------------------	-----------------------	------------	-------------



XIII. Potes

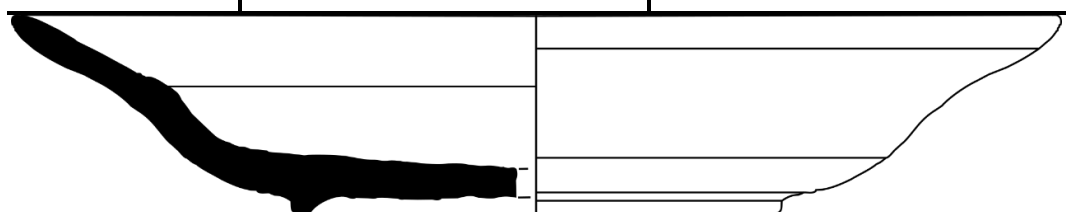
Século XV	Finais do Século XV	Inícios do Século XVI	Século XVI	Século XVII
-----------	---------------------	-----------------------	------------	-------------



5 cm

XIV. Pratos

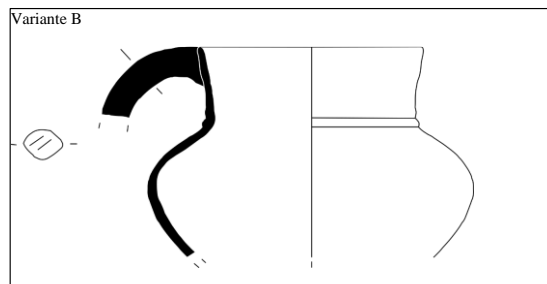
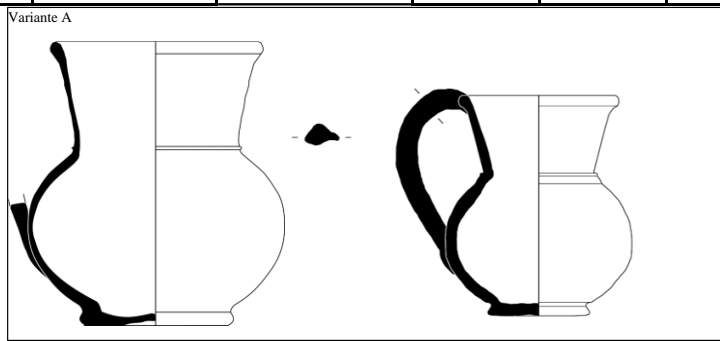
Século XVII	Meados do Século XVII	Século XVIII
-------------	-----------------------	--------------



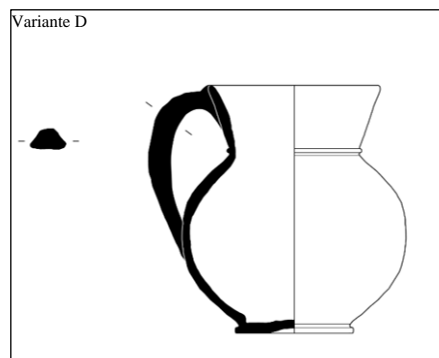
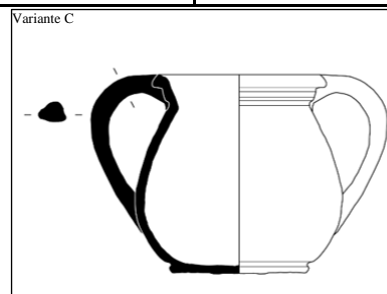
5 cm

XV. Púcaros

Século XV | Finais do Século XV | Inícios do Século XVI | Século XVI | Século XVII | Meados do Século XVII

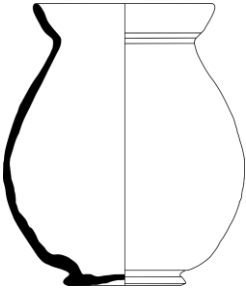


Século XV | Finais do Século XV | Inícios do Século XVI | Século XVI | Século XVII | Meados do Século XVII



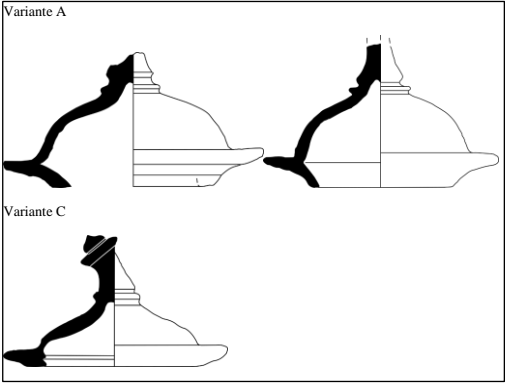
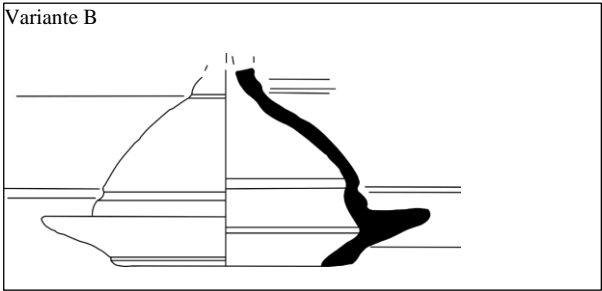
Século XV	Finais do Século XV	Inícios do Século XVI	Século XVI
-----------	---------------------	-----------------------	------------

Variante E

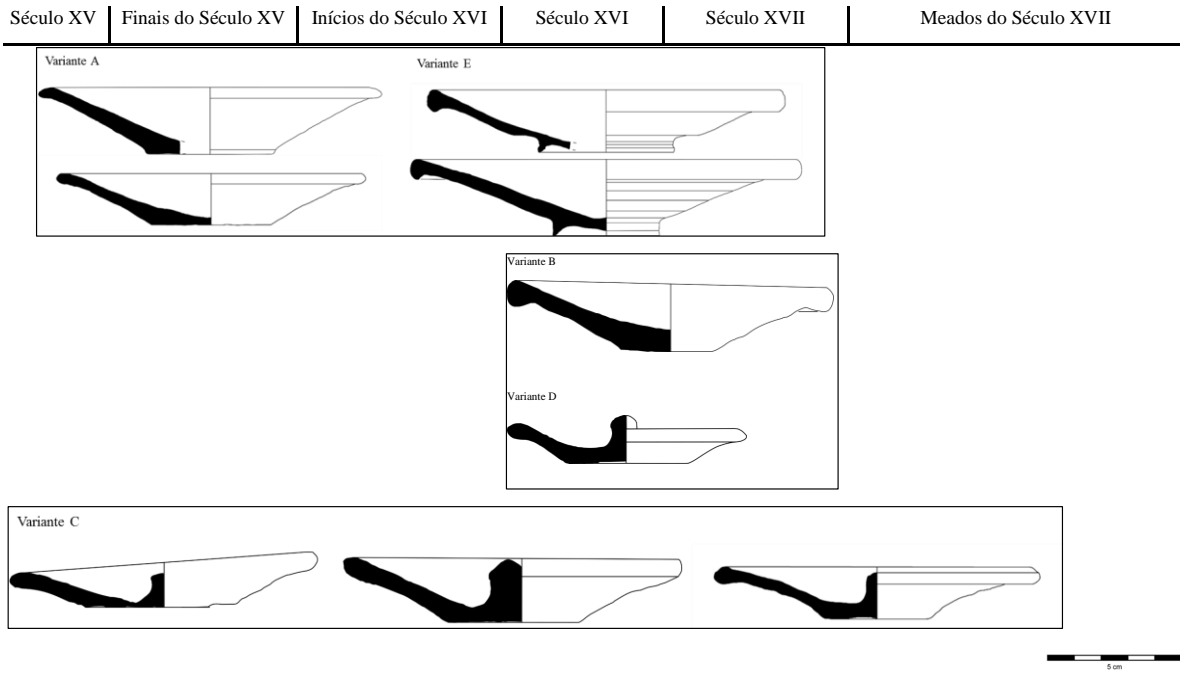


XVI. Tampas

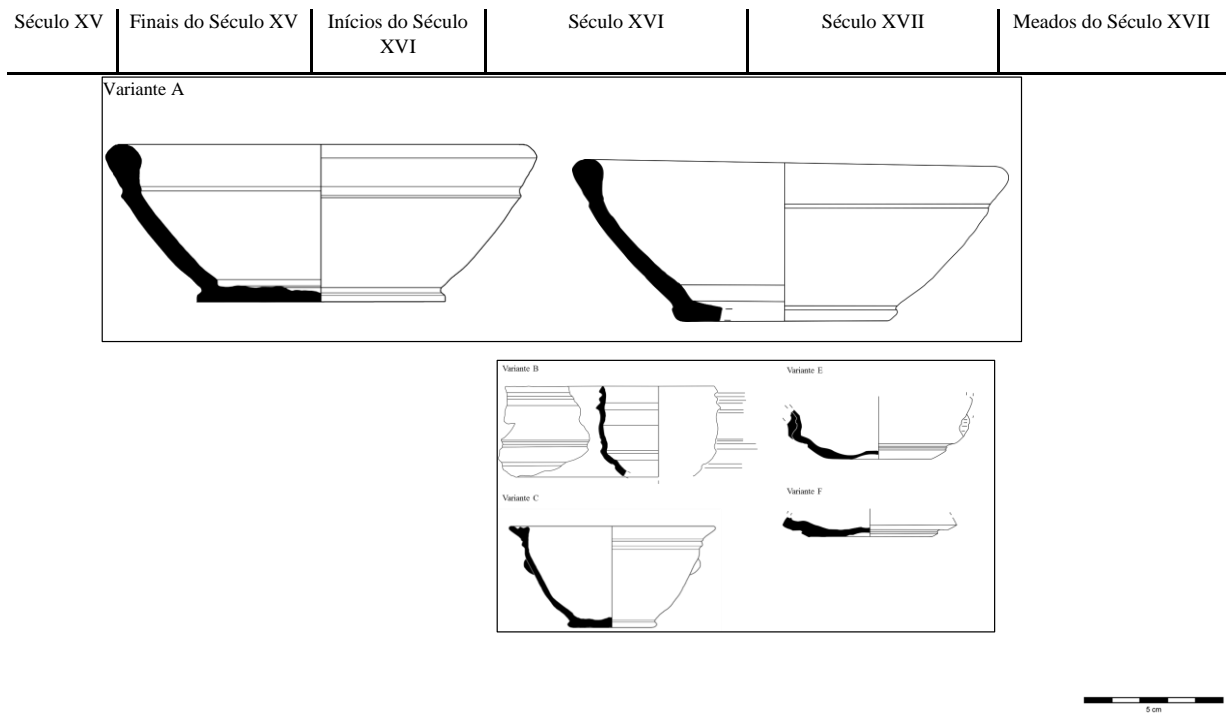
Finais do Século XV	Inícios do Século XVI	Século XVI	Século XVII
---------------------	-----------------------	------------	-------------



XVII. Testos

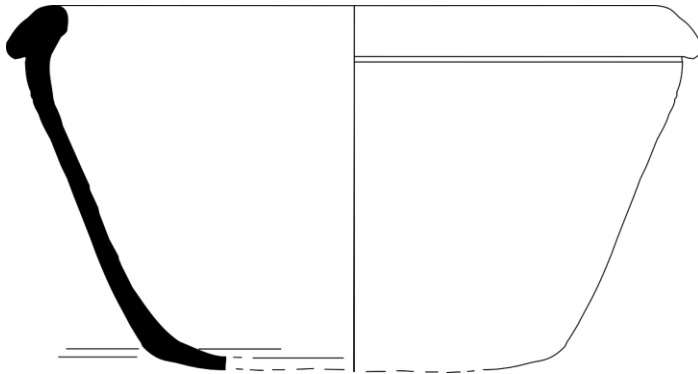


XVIII. Tigelas



Século XV	Finais do Século XV	Inícios do Século XVI	Século XVI	Século XVII	Meados do Século XVII
-----------	---------------------	-----------------------	------------	-------------	-----------------------

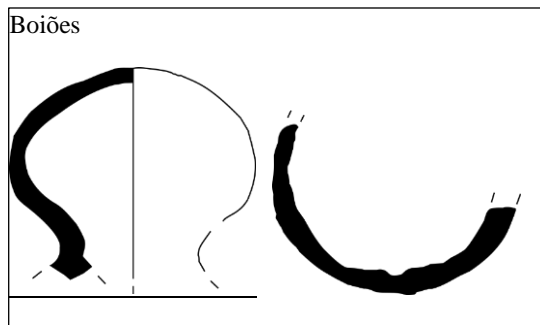
Variante D



B) Cerâmica de barro claro não vidrado

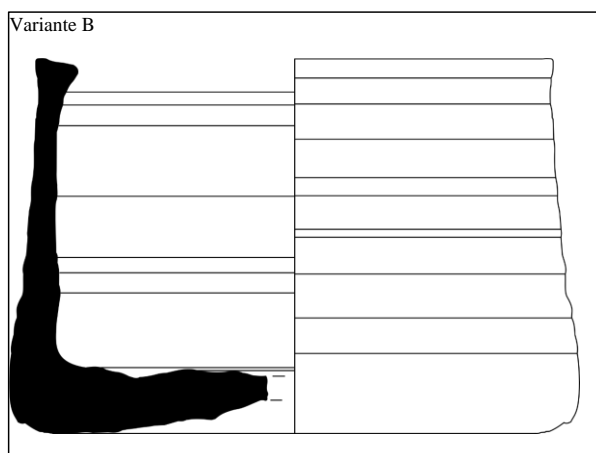
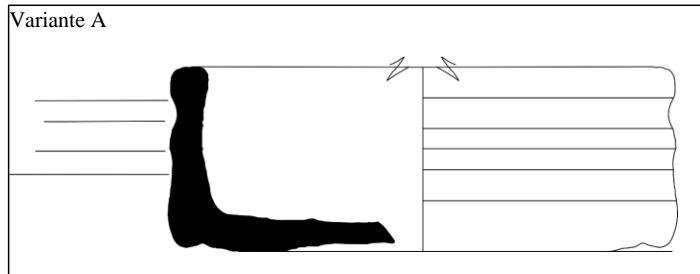
I. Boiões

Finais do Século XV	Inícios do Século XVI	Século XVI	Século XVII	Meados do Século XVII
---------------------	-----------------------	------------	-------------	-----------------------



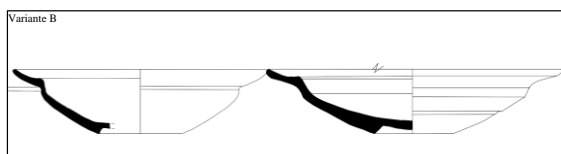
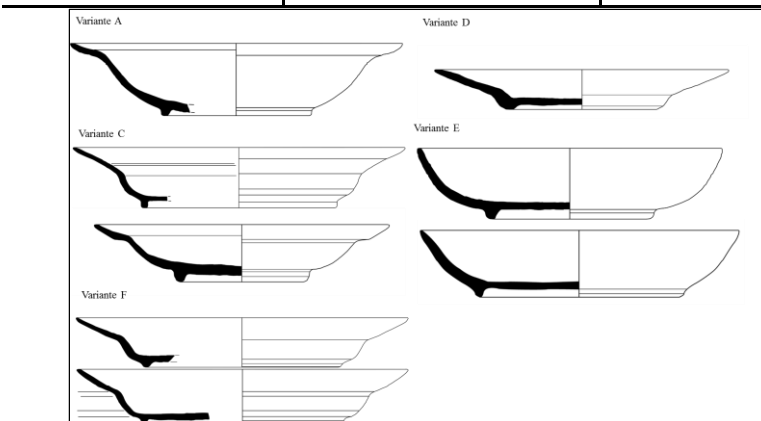
II. Caixas Refratárias

Século XVI	Século XVII	Meados do Século XVII	Século XVIII
------------	-------------	-----------------------	--------------



III. Pratos

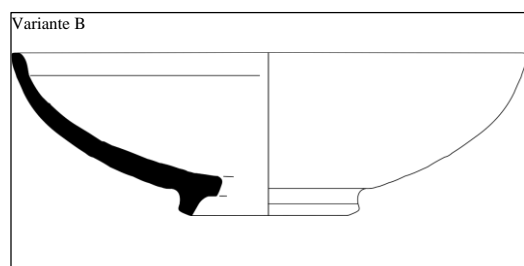
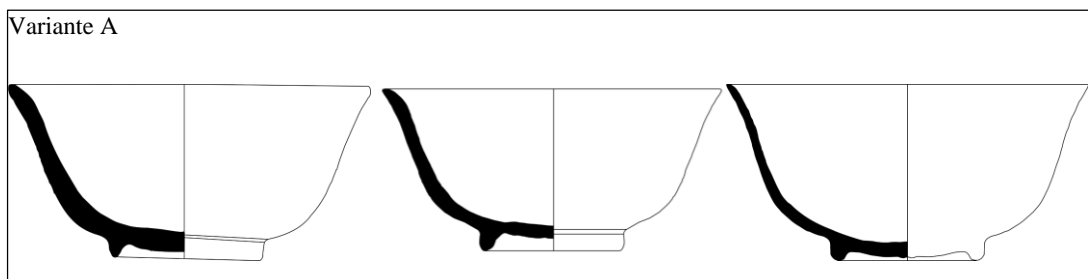
Século XVII	Meados do Século XVII	Século XVIII
-------------	-----------------------	--------------



5 cm

IV. Tigelas

Finais do Século XV | Inícios do Século XVI | Século XVI | Século XVII | Meados do Século XVII | Século XVIII



5 cm

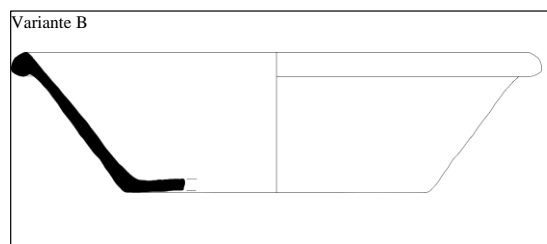
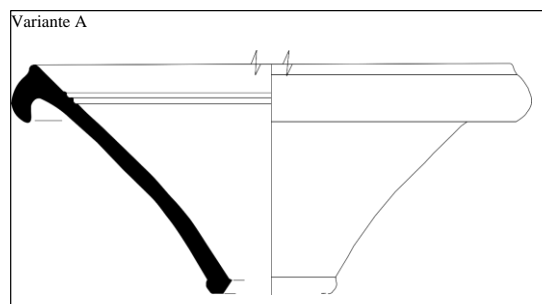
C) Cerâmica de barro vermelho vidrada

I. Alguidares

Inícios do Século XVI

Século XVI

Século XVII



5 cm

D) Cerâmica de barro claro vidrada

I. Alguidares

